DANIEL FRANÇO STANCHI

A MATERIALIDADE COMO EVENTO POÉTICO:

UM ESTUDO HERMENÊUTICO A PARTIR DO
CASO *PIGGLE* DE D. W. WINNICOTT

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

IP-USP – SÃO PAULO

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DANIEL FRANÇO STANCHI

**A MATERIALIDADE COMO EVENTO POÉTICO:
UM ESTUDO HERMENÊUTICO A PARTIR DO
CASO *PIGGLE* DE D. W. WINNICOTT**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safra

SÃO PAULO

2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto Safra (Orientador)

Profª Drª Tania Maria José Aiello Vaisberg

Prof. Dr. Kleber Duarte Barretto

Aos meus Pais, Carlos e Eunice.

À Carolina.

AGRADECIMENTOS

A atenção é a mais rara e a mais pura forma de generosidade.

Simone Weil

Aos meus pais, **Carlos e Eunice**, pelo Amor que sustenta cada gesto de vocês na minha direção. Por terem me fundado em meio ao carinho, em meio à atenção. Por terem me ofertado tempo, lugar, silêncio.

À **Carolina**, companheira de todas as horas desde que te conheci. Por ter me convidado para uma vida compartilhada. Por nossas risadas, choros, silêncios e viagens. Por todo Amor.

À **Joanna** e à **Laura**, também minhas sobrinhas, meninas doces (e terríveis) que souberam me tirar da escrita deste trabalho quando eu mais precisava, convidando-me para brincar com elas.

À **Família Soares Manfio**, por abrirem os braços de si mesmos e de seu lar para que eu pudesse *estar*. E, a partir do contato com um mundo diferente do que eu conhecia até então, poder *fundar o meu mundo pessoal* de um modo mais firme e seguro.

Ao **Gilberto Safra**, pelo Abraço a cada encontro que me acolhe para além de tudo que expressa em suas aulas e cursos, pelo Lugar que me ofertou, enxergando em mim o que é mais valioso, antes mesmo de eu poder enxergar.

À **Tania Aiello Vaisberg**, pelo acolhimento e leitura dos primeiros rabiscos deste trabalho e pela interlocução valiosa em meu Exame de Qualificação. O entusiasmo rigoroso que sustenta o seu trabalho tem sido para mim um incentivo fecundo para mim.

Ao **Kleber Duarte Barretto**, pelo sorriso e pelas risadas, pelo reconhecimento da importância do meu diálogo com os poetas, pela leitura atenta do meu texto no Exame de Qualificação e fundamentalmente pelas experiências de guerra de lama após uma bela decida de *rafting* pelo rio.

Ao **Roberto Rodrigo Guerreiro**, amigo e parceiro de trabalho, que tem me ajudado com sua presença atenta e cuidadosa, ofertando-me a interlocução e a sustentação necessária para que eu possa tentar sustentar o lugar fundamental de terapeuta, para além de toda e qualquer teoria.

Ao **Arialdo Germano Junior**, o **Ari**, professor e supervisor querido desde a graduação, hoje um pouco mais distante em Minas, mas sempre por perto na saudade e na vontade de reencontrá-lo e na sabedoria que compartilhou a cada encontro.

À **Francirosy Campos**, a **Franci**, professora de antropologia na graduação, que com sua presença vivíssima e entusiasmada nos contamina com alegria e perseverança.

Aos **meus pacientes**, pessoas que têm me dado o privilégio de tentar acompanhá-las e que, a cada encontro, disponibilizam de sua sabedoria e experiências de vida a fim de me ensinarem.

À minha **tia Cleide**, pelos sucos de uva e pelo queijo minas delicioso que são fontes de cuidado amoroso, pelo descanso e acolhimento que me oferta, desde que nasci, em sua casa.

À **Raquel Rodrigues Soares** pela leitura atenciosa do texto, pelas sugestões e em especial pela interlocução e entusiasmo pelo fazer clínico e pelo Humano.

Ao pessoal do nosso Grupo de Estudos da obra de Winnicott, **Evandro, Valéria, Raquel e Célia**, pela disponibilidade e disposição vital para estarmos juntos quinzenalmente.

Ao meu **primo Vitor**, que esteve comigo em muitos momentos, ensinando-me o valor do companheirismo e da amizade para além de qualquer parentesco sanguíneo.

Aos **meus tios** pela participação em minha vida em momentos chaves, de comemorações, de conquistas e de dificuldades. Pelos inúmeros cafés da tarde, nas férias ou aos domingos.

À **Lea Waidergorn**, pelo carinho em me receber, pelo “chá”. Por estar me acompanhado há quatro anos, com quem posso estar e não-estar como possibilidade humana.

À **Ilana Novinsky**, amiga muito especial que desde que nos conhecemos sempre me acolhe com sua presença divertida, seu sorriso e abraço carinhosos.

À **Sonia Novinsky**, por apostar carinhosamente em meu trabalho, facilitando-o com a oferta de materiais que me enriquecem como pessoa e como pesquisador.

Aos **alunos e colegas da UNIP** – Universidade Paulista, pela confiança em meu trabalho e pela troca mútua que tem possibilitado a mim inúmeras descobertas.

Aos **funcionários da Universidade de São Paulo**, em especial aos do Instituto de Psicologia, que com seu trabalho por vezes atento comigo, facilitaram as minhas pesquisas e me acolheram nas dependências do campus.

Aos **amigos e colegas** que me ajudam com suas presenças dedicada e interessada nos grupos de estudos, encontros e conversas no Projeto Ethos e Polifonia, dando-lhe corpo e acontecimento.

Aos amigos do grupo **Habitat**, **Marcelo Soares**, **Tania Possania** e **Alexande de Souza Piné**, pelo lugar que me ofertaram e pela experiência no grupo.

Ao **Douglas**, amigo que encontrei durante o Mestrado, pelas caronas onde logo cedo podíamos conversar.

Aos **alunos e funcionários da Universidade São Marcos**, por me receberem de modo carinho e apostando em meu trabalho para além das questões acadêmicas.

À **FAPESP**, pela bolsa concedida.

Ao Gênio Poético, sopro sagrado que mantém vivo e incapturável o mistério na materialidade do mundo.

Tudo o que vive é Sagrado.

William Blake

A Beleza salvará o mundo.

Dostoiévski

RESUMO

O presente trabalho consistiu em investigar os fenômenos da materialidade pelo vértice poético da experiência humana em diálogo com o caso *Piggle* do pediatra e psicanalista Donald Winnicott a partir de um ponto de vista hermenêutico. Antes de realizarmos a investigação do caso a partir do vértice da materialidade, foram apresentados alguns aspectos de como a materialidade comparece como um elemento importante no cotidiano pessoal de Winnicott assim como também na clínica psicanalítica que Winnicott realizou. Em seguida, foi apresentado e discutido o vértice poético da experiência humana em diálogo com alguns psicanalistas, entre eles Winnicott, Milner e Safra e com alguns artistas, dos quais, William Blake, Adélia Prado e Manoel de Barros foram autores relevantes. Finalmente, foi realizada a investigação da materialidade como evento poético em cada uma das consultas do caso *Piggle* de Winnicott. Com este percurso realizado, chegamos a alguns pontos fundamentais: 1) a materialidade não é um conceito que pode ser abordado por abstrações, pois ela emerge como experiência poética no espaço do “entre” o homem e o mundo; 2) a disponibilidade poética do terapeuta é fundamental como condição para que seja possível acolher a materialidade do mundo como evento poético que eclode no cotidiano e no encontro clínico como experiência que revela a condição humana; 3) a compreensão dos fenômenos da materialidade é fundamental na clínica psicanalítica, em uma perspectiva ética, para que o clínico nesta abordagem possa ofertar um trabalho encarnado ao seu paciente e que seu ofício possa ser uma ação resistente e alerta ao esfacelamento da experiência humana no mundo.

Palavra-chave: Materialidade, Vértice Poético, Winnicott, Clínica Psicanalítica

ABSTRACT

This paper aims to investigate the phenomena of the materiality by the poetical view of human experience in dialog with case *Piggle* by the pediatric and psychoanalyst Donald Winnicott through a point of view of the hermeneutics. Before investigating the case through the question of the materiality, we introduced some aspects of how this theme appears in Winnicott's personal way of life and also in the contributions he did in his theories. After that, we discussed and presented the poetical interpretation of the human experience in dialog with relevant authors, some of who were the psychoanalysts Winnicott, Milner and Safra and also with some artists as William Blake, Adélia Prado and Manoel de Barros. Finally, we investigated the materiality as poetical event in all the consultations of the case *Piggle* by Winnicott. After all, we reached some key points: 1) the materiality is not a concept which could be studied through abstractions, because it emerges as a poetical experience in the space "between" the human being and the world. 2) the therapist's poetical openness is a fundamental condition in order to welcome the materiality of the world as a poetical event which appears in daily life and in the clinical situation as an experience which reveals the human condition; 3) the understanding of these phenomena is crucial to psychoanalytical situation, in an ethical perspective offering to the therapist in his/her work a possibility of working with body presence and an action of resistance to the vanishing experience of the human being in the world.

Key words: Materiality, Poetical Vertex, Winnicott, Psychoanalytical Therapy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
 CAPÍTULO I	
PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS.....	26
 CAPÍTULO II	
ASPECTOS DA MATERIALIDADE EM WINNICOTT.....	34
 CAPÍTULO III	
O VÉRTICE POÉTICO DE ABORDAGEM DA MATERIALIDADE NA SITUAÇÃO CLÍNICA.....	50
3.1 – O vértice poético e a situação clínica: diálogos com Marion Milner.....	50
3.2 – O Paradoxo em Winnicott.....	58
3.3 – O paradoxo da condição humana e o registro poético.....	64
3.4 – O vértice poético de abordagem da materialidade.....	67
 CAPÍTULO IV	
A MATERIALIDADE COMO EVENTO POÉTICO: UM ESTUDO HERMENÊUTICO A PARTIR DO CASO <i>PIGGLE</i> DE DONALD WINNICOTT.....	72
4.1 – A Primeira Consulta.....	77
4.2 – A Segunda Consulta.....	83
4.3 – A Terceira Consulta.....	93
4.4 – A Quarta Consulta.....	102
4.5 – A Quinta Consulta.....	107
4.6 – A Sexta Consulta.....	115
4.7 – A Sétima Consulta.....	123
4.8 – A Oitava Consulta.....	131
4.9 – A Nona Consulta.....	135
4.10 – A Décima Consulta.....	147
4.11 – A Décima Primeira Consulta.....	157

4.12 – A Décima Segunda Consulta.....	165
4.13 – A Décima Terceira Consulta.....	174
4.14 – A Décima Quarta Consulta.....	180
4.15 – A Décima Quinta Consulta.....	184
4.16 – A Décima Sexta Consulta.....	192
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 196
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 200

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Um dos cartões de Natal que Winnicott e Clare rabiscavam.

Figura 2. Um dos rabiscos de Winnicott.

Figura 3. O consultório de Winnicott.

Figura 4. As jarras, de Marion Milner.

Figura 5. A Sra. A. – desenho de uma paciente de Marion Milner

Figura 6. “Continuo achando que é terça-feira”

Figura 7. O estabelecimento da fronteira *me-not-me*

INTRODUÇÃO

*A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada cousa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.*

Alberto Caeiro/Fernando Pessoa

Em meu percurso pessoal, o tema da materialidade revelou-se importantíssimo. Vivi experiências que até hoje despertam minha sensibilidade à importância das coisas como guardiãs da passagem humana pelo mundo. Não apenas como testemunhas da árdua tarefa de sermos ou de nos tornarmos humanos, processo nunca totalmente terminado, a materialidade do mundo nos possibilita a ação que transforma e que abre possibilidades.

Este trabalho que ora ofereço ao leitor, além de ser uma pesquisa que procura investigar o fenômeno da materialidade como evento poético, é também uma tentativa minha de ser grato às pessoas significativas que muito me ensinaram até aqui e aos meus pacientes que têm confiado em mim dando-me o privilégio de tentar acompanhá-los.

Ao longo do texto utilizarei algumas de minhas experiências pessoais para tecer o diálogo com os autores que encontrei. Considero fundamental que a aproximação que fazemos com as teorias possa estar enraizada nas experiências vivas que pudemos colher em nosso percurso. Esta é uma posição que defendo na tentativa de escrever um trabalho que possua autoria, apesar de ser sempre e ao mesmo tempo um diálogo com muitos.

Muito cedo, no silêncio de casa, aprendi com meu pai o valor do brincar e do uso criativo das coisas. Por vezes, enquanto minha mãe cozinhava, passávamos horas criando coisas, brinquedos, com pedaços de madeira e inúmeros objetos que logo se transformavam em alguma coisa *viva*. Depois de horas inventando, surgia um caminhão ou um avião com pedaços de madeira e meu pai dizia “Esse ficou incrementado!”. Até hoje meu pai eventualmente constrói coisas com pedaços de madeira que ele encontra. Essa experiência foi muito fecunda em meu percurso, o que mais tarde possibilitaria o reconhecimento de questões importantes como o lugar do jogo e do estar com o outro no cotidiano e na situação clínica, que aos poucos tenho podido nomear e acolher como perspectiva de trabalho na clínica.

Outra experiência fundamental ocorreu-me quando tinha por volta de dez anos e estava de férias na chácara de meu tio. Aproximava-se o dia de voltarmos para casa e outro tio meu decidiu caminhar comigo e com meu primo pela trilha que havia nos arredores do lugar. Em certo momento do caminho, meu tio retirou uma sacola do bolso e começou a coletar algumas pedras que ele encontrava pela estrada. Meu tio, um homem silencioso, escolhia as pedras com cuidado, tomava-as às mãos e observava atento. Escolheu algumas pela textura ou desenho que julgava interessantes. Enquanto isso, dizia: *Levarei essas pedras como memória do lugar!* Sem conseguir nomear o que se passava, senti uma mistura de encanto e estranhamento. Recebi de presente uma dessas pedras que guardo até hoje. *Memória de encontros, memória silenciosa do lugar e da terra.*

Experiências como essas ficaram guardadas em mim e, mais tarde, impulsionaram-me a escrever meu trabalho final de curso de graduação em 2010, cujo título foi *A importância ontológica das coisas: diálogos poéticos com a clínica contemporânea*. Neste trabalho procurei iniciar uma investigação sobre o lugar das coisas na vida humana em uma perspectiva ontológica. Nesta empreitada foi fundamental para mim o diálogo com alguns autores da filosofia, psicanálise, poetas e artistas.

Foi uma etapa importante onde iniciei minha pesquisa sobre o tema. O interesse que gerou a escrita de meu trabalho de conclusão se deu principalmente a partir do encontro com a obra do psicanalista brasileiro Gilberto Safra.

Safra desenvolve em seus livros e aulas uma perspectiva clínica que dedica grande respeito ao lugar ontológico das coisas no cotidiano. Ao se falar em lugar ontológico das coisas estamos em companhia também de inúmeras pessoas, em especial poetas e filósofos, e também pacientes que assinalam que as coisas não são apenas meros objetos importantes por sua funcionalidade ou valor econômico, mas as coisas são abordadas como *mensageiras*¹ que portam a *memória do humano*.

Meu objetivo no presente trabalho será o de investigar o fenômeno da materialidade como evento poético. Para alcançar meu objetivo apresentarei o que denomino de vértice poético de abordagem da materialidade e em seguida tomarei um texto do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971) como interlocutor privilegiado. O método utilizado será o hermenêutico a partir das contribuições de Hans Georg Gadamer e será explicitado em um capítulo específico mais adiante.

¹ Ver Safra (2004).

O texto que tomarei como interlocutor privilegiado é a narrativa das sessões de psicanálise segundo a demanda (*on demand analysis*)² da paciente *Gabrielle*, cujo apelido era *Piggle*, atendida por Winnicott entre os anos de 1964 e 1966 e que foram publicadas posteriormente no livro *The Piggle: an account of the psychoanalytic treatment of a little girl* em 1977.

Este caso clínico de Winnicott foi escolhido por alguns motivos. Trata-se de uma oportunidade única de acompanharmos as intervenções e manejos clínicos do autor. Inúmeros conceitos que podemos encontrar em seus textos teóricos são desvelados no modo como o psicanalista conduz as consultas com a paciente e também no diálogo que estabelece com os pais da menina, incluindo-os no processo. O caso *Piggle* nos oferece inúmeras situações onde a materialidade abre eventos poéticos que facilitam o atravessamento das questões que a paciente apresenta ao seu analista.

Consideramos que a obra de Winnicott abre um novo campo de investigação da materialidade no campo da psicanálise e da psicologia clínica quando o autor ressalta o valor da sensorialidade das coisas, que ele denominou de *objetos e fenômenos transicionais* que inauguram *pontes* entre a realidade interna e externa da pessoa humana.

Hoje considero que algumas experiências que vivi no encontro com pessoas, situações e obras ofertou-me um certo saber que, no meu encontro com o campo acadêmico da Psicologia e da Psicanálise gerou em mim um sentimento de estranhamento quando me deparava com abordagens clínicas e antropológicas excessivamente discursivas e enraizadas em abstrações teóricas. Este tipo de estranhamento levou-me a buscar outras referências que me possibilitassem a construção de um percurso enraizado.

Nesta busca por referências mais “encarnadas” na experiência, para mim foi fundamental o encontro com o Grupo Escuta e Memória no curso de graduação. Este grupo era coordenado pelo Professor Arialdo Germano Junior, o Ari, professor que tinha me dado aula no primeiro semestre do curso e suas aulas já haviam me encantado pelo menos como ele abordava os fenômenos humanos. Fui farejando pela universidade, procurando conhecer os trabalhos que estavam sendo realizados e ouvi falar do grupo Escuta e Memória, do qual alguns colegas e amigos meus também fizeram parte. Este grupo tinha por objetivo oferecer atendimentos semanais de forma voluntária em um asilo para senhoras na cidade de São Paulo. Havia dois momentos fundamentais que compunham o grupo. O primeiro deles estava relacionado à leitura e discussão de textos que orientavam o fazer do grupo. Comecei a

² Algumas características que constituem a *Psicanálise segundo a demanda* serão apresentadas no capítulo onde o caso *Piggle* será discutido.

participar destes encontros, onde alguns textos e autores nos eram apresentados. Nós líamos e discutíamos. Havia espaço para o uso pessoal dos textos, o que era fundamental. Foi neste grupo que ouvi falar pela primeira vez do trabalho de Gilberto Safra e de outros autores, entre eles Simone Weil, Walter Benjamin e a “velha raposa”: Donald Winnicott. A leitura destes autores passou a me acompanhar desde então e aos poucos foi se tornando uma referência em minha vida. Participei destas discussões por mais ou menos seis meses e, em seguida, comecei a trabalhar junto de meus colegas e supervisores no árduo trabalho de atendimentos no asilo. Nesses encontros ofertávamos uma roda de conversa às senhoras que moravam neste asilo. Eventualmente, alguns de nós também acompanhávamos individualmente as senhoras que solicitavam e que preferiam não participar da roda de conversa. Ouvíamos suas histórias de vida. Acompanhávamos um pouco do dia-a-dia de algumas delas no local onde moravam. Esta foi uma experiência intensa, densa e bastante profunda para mim que marcou meu percurso de vida e meu início como estudante de Psicologia. O curioso foi que esta experiência apontava em uma direção. Algo que começou a chamar minha atenção foi o fato de que ao acompanhar algumas dessas senhoras e ao poder me aproximar de suas histórias, de onde brotava seus sofrimentos e sabedoria, comecei a me dar conta de que havia um distanciamento entre o que elas me contavam e o modo como o ser humano era apresentado no campo da Psicologia em boa parte das aulas na Universidade. Comecei a reconhecer que aquelas senhoras conversavam conosco a partir da experiência vivida, era uma fala encarnada! Já nas aulas comecei a reconhecer que havia um distanciamento da experiência vivida e um discurso excessivamente abstraído da experiência. Muitas vezes, para mim pareciam falas desencarnadas, com a tentativa de apresentar o ser humano de um modo total a partir de conceitos. Em outras palavras, fui reconhecendo aos poucos uma espécie de dissociação entre o que acontecia no encontro vivo com as pacientes e o modo por vezes excessivamente abstrato que a Psicologia era apresentada nas aulas.

Este trabalho no grupo ofertou-me muitas preciosidades e conquistas. Ofertou-me um início a partir da experiência. Ofertou-me o encontro com pessoas significativas que me apresentaram um referencial teórico que parecia abordar o ser humano de um modo poroso e ético, o que implicava em não reduzir o acontecimento humano ao excesso de explicações. Encontrei neste grupo a experiência de lugar, que me deu a possibilidade de realizar um trabalho sem perder a pessoalidade. Pude então acolher as minhas próprias experiências como algo fundamental no tipo de percurso e no trabalho que eu queria realizar em Psicologia. Entre estas experiências, chamou-me a atenção a relação do homem com as coisas. Foi a

partir deste percurso que realizei meu trabalho final de curso. É a partir deste interesse em investigar mais profundamente os fenômenos da materialidade que ofereço esta dissertação.

Neste caminhar, também meu interesse pela Psicanálise foi crescendo. Eu já havia lido alguns textos durante o colegial sobre autores da Psicanálise. Na época, encontrei uma coleção de revistas intitulada Memória da Psicanálise e comecei a ler artigos sobre Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan e Winnicott de um modo bastante “livre”. Este encontro encantou-me e despertou meu interesse pelo curso de Psicologia. Todavia, a partir da minha experiência no grupo Escuta e Memória, comecei a ter grande interesse pela obra de Donald Winnicott e, encontrei nos textos de Gilberto Safra a possibilidade de estudar a obra do psicanalista inglês e inúmeros outros autores em diálogo com dois grupos fundamentais de experiências: 1) A partir dos encontros e desencontros que tive em minha história. 2) A partir da experiência clínica que eu comecei a ter no grupo Escuta e Memória e na Universidade. Quando essas experiências foram ganhando raízes, senti que havia um caminho que eu poderia percorrer.

Encontrei grande interlocução com a obra de Winnicott e aos poucos comecei a reconhecer que havia na obra deste autor inúmeras sementes que poderiam brotar se fossem regadas.

Aos poucos o tema da materialidade começou a emergir para mim, despertando meu interesse. Encontrei primeiramente os estudos de Winnicott sobre os fenômenos e objetos transicionais, o que parecia apontar em uma direção fecunda para a realização de uma investigação.

Algo que eu já apreciava nesta época era a leitura de textos de poetas e artistas e comecei a perceber que havia nestes autores um tipo de apresentação mais porosa do acontecer humano e que a relação do homem com a materialidade do mundo era para eles algo muito valioso. Foi muito importante quando descobri que havia muito em comum entre o modo de Winnicott abordar o ser humano e o fazer clínico e o que alguns poetas e artistas procuram apresentar. Tanto o psicanalista como alguns artistas e poetas que utilizarei neste trabalho compreendem o ser humano sempre a partir do **vértice do paradoxo**. Neste tipo de abordagem, temos que o ser humano não pode ser abordado por teorias ou abstrações, fenômeno que leva à redução dos fenômenos humanos e ao estilhecimento do mistério inerente ao rosto humano.

Ao abordar a condição humana pelo paradoxo, Winnicott abre um campo de investigação bastante fecundo e que possibilita novas pesquisas em inúmeros campos do fazer humano. Ao discutir os fenômenos e objetos transicionais, por exemplo, ele assinala que se

trata de fenômenos que emergem no que ele denomina de terceira área da experiência (Winnicott, 1951).

Este tipo de vértice possibilita também uma investigação sobre os fenômenos da materialidade em que esta também não pode ser reduzida, pois revela aspectos fundamentais do destino humano. Com suas contribuições a respeito da terceira área da experiência humana, que nem ocorre no campo das experiências internas nem na área das experiências tidas como “objetivas”, Winnicott possibilita a investigação da materialidade a partir do vértice do paradoxo ou a partir do que denomino neste trabalho de **vértice poético da experiência humana**. Neste tipo de compreensão, temos que a materialidade do mundo eclode para o ser humano **no entre da experiência**, ou seja, nem dentro nem fora, mas no encontro da corporeidade humano com o mundo, com os outros e com as coisas.

Winnicott foi um autor que nos deixou um legado não-sistemático de teorização, posição que implica em um modo de abordar o ser humano que é avesso ao excesso de teorizações. Com seu trabalho, Winnicott construiu, como pediatria e psicanalista, uma perspectiva rigorosa de abordagem dos fenômenos humanos sem, no entanto, abrir mão da sensibilidade do clínico ou do investigador tanto no processo de teorização como também no encontro com aquele que nos procura na situação clínica. Trata-se de uma abordagem que surge a partir da experiência clínica, ou seja, do encontro inter-humano, e não de abstrações teóricas.

Quando a materialidade é abordada por teorias que privilegiam apenas o campo das experiências internas ocorre a redução destes fenômenos, como se eles fossem apenas projeções diretas do psiquismo humano. Já quando se aborda os fenômenos da materialidade pelo campo das experiências externas ocorre a redução destes fenômenos à imanência do mundo.

A posição que defendo neste trabalho é a de que é necessário abordar os fenômenos da materialidade pelo vértice poético. Afirmo isto a partir do diálogo com a perspectiva de trabalho de Winnicott e também a partir de contribuições de alguns artistas e poetas. Entre eles, William Blake nos mostra no poema a seguir o que ocorreu ao longo da história com os fenômenos da materialidade.

Os Poetas antigos animaram todos os objetos sensíveis com Deuses e Gênios, nomeando-os e adornando-os com os atributos de bosques, rios, montanhas, lagos, cidades, nações e tudo quanto seus amplos e numerosos sentidos permitiram perceber.

E estudaram em particular, o caráter de cada cidade e país, identificando-os segundo sua deidade mental;
 Até que se estabeleceu um sistema, do qual alguns se favoreceram, e escravizaram o vulgo com o intento de concretizar ou abstrair as deidades mentais a partir de seus objetos: assim começou o Sacerdócio;
 Pela escolha de formas de culto das narrativas poéticas.
 E proclamaram, por fim, que os Deuses haviam ordenado tais coisas.
 Desse modo, os homens esqueceram que todas as deidades residem no coração humano. (Blake, 2007, p. 31)

Com suas palavras, Blake está assinalando que a materialidade do mundo é lugar de pulsação para o ser humano que pode acessar o sentido fundamental da materialidade a partir de sua corporeidade. O poeta chama nossa atenção para o aspecto sensível da materialidade, onde tudo evoca poesia no encontro humano com a materialidade, fenômeno que abre campos de experiências bastante fecundas para o ser humano. Entre essas experiências que se abrem no encontro humano com a materialidade, estão, por exemplo, a possibilidade de nascer e morar, de brincar e de atravessar situações. A materialidade possibilita o acolhimento, por exemplo, na intimidade da casa ou do colo, possibilita o brincar, onde o ser humano faz uso das coisas para expressar-se corporalmente. A materialidade pode possibilitar também o uso da experiência, e quando isto acontece, aquele que teve esta experiência já não é mais o mesmo. A perspectiva racionalista tende a romper com estes possíveis e importantes encontros, construindo concepções nas quais a materialidade do mundo encontra-se reduzida a um objeto que se torna importante apenas pelo seu valor econômico ou funcional, aspecto tão presente no mundo globalizado e que leva a um tipo específico de adoecimento humano onde esta relação do homem com as coisas tende a se perder.

Desde que tive estes encontros com os poetas e com a perspectiva de Winnicott, comecei a realizar uma pesquisa em diversos campos do fazer humano, em especial no campo das Artes, da Filosofia e da Psicanálise. Há contribuições relevantes nestas diversas áreas e pretendo apresentar algumas das quais encontrei em meu percurso.

Em minhas investigações, encontrei grande interlocução com a perspectiva de trabalho do *Grupo Ser e Fazer*. Este é um grupo que parte de algumas fecundas contribuições de Winnicott, Politzer e Bleger, entre outros autores, com o intuito de ofertar oficinas psicoterapêuticas, além de serem também dedicados ao campo das pesquisas acadêmicas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Nestas oficinas busca-se focar o uso

de materialidades como mediadoras do trabalho com pacientes de diferentes idades. Em uma abordagem psicanalítica, os membros deste grupo realizam trabalhos bastante interessantes, nos quais cada profissional que organiza as oficinas oferta um tipo de materialidade que é parte de seu modo de ser. Está é uma característica importante deste trabalho, pois cada oficina emerge da personalidade do profissional que oferece uma materialidade que está em sintonia com o seu modo de ser e com seu percurso de vida. Outro aspecto interessante também relacionado ao uso da materialidade, é que se considera fundamental que as materialidades ofertadas no encontro terapêutico possam ser caracterizadas por uma *amorfia relativa*, procedimento que dialoga diretamente com o paradigma do jogo de rabiscos de Winnicott. Esta amorfia relativa abre expressão para que os pacientes possam eventualmente usá-la a partir de suas necessidades e a partir da criatividade pessoal. Trata-se de um trabalho orientado também fundamentalmente pelo conceito de *holding* de Winnicott, a partir do qual se compreende que as materialidades podem ofertar a experiência de cuidado e uso criativo a alguém. Há, entre outras, as oficinas de flores, oficinas de recortes de revistas, oficinas de velas. Neste belíssimo e rigoroso trabalho busca-se um tipo de fundamentação para a teoria e para a prática em psicanálise que esteja enraizado no concreto da experiência e não em abstrações³, fazendo do ofício do clínico uma ação ética no mundo contemporâneo para além da hegemonia da técnica, o que implica em um “ser e fazer” enraizado na corporeidade do analista e aberto à singularidade daquele que chega.

No campo das artes plásticas, foi importante para mim o encontro com a obra de Lygia Clark (1920-1988), pintora e escultora brasileira que desenvolveu um trabalho clínico interessantíssimo com o que denominou de *Objetos Relacionais*. Estes objetos eram sacos plásticos de água e às vezes isopor, pedras, pedaços de conchas, elásticos, sacos de rede para cebola, objetos pesados, que ela ia coletando e que, em seu trabalho, eram colocados sobre a corporeidade das pessoas e esta experiência possibilitava o contato com aspectos do *self*. No tipo de trabalho que esta artista realizou, podemos reconhecer a importância que ela dá ao encontro fundante entre a corporeidade e a materialidade das coisas do cotidiano. Com sua ação artística, Clark procurou restaurar a ligação entre arte e vida, despertando e ampliando a percepção humana a partir de experiências com as coisas. Para ela, o espaço real do mundo e a expressividade de cada coisa são importantes em si, pois as materialidades com as suas formas, texturas, sonoridades, temperaturas, e movimentos abrem campos de experiências que podem curar ou até mesmo adoecer o ser humano.

³ Ver Aiello-Vaisberg (2004) e Aiello-Vaisberg (2005)

Em meu trabalho aflora a “memória do corpo”: não se trata de um viver virtual, mas de um sentir concreto; as sensações são trazidas, revividas e transformadas no local do corpo, através do “objeto relacional” ou do toque direto de minhas mãos. O “objeto relacional” em contacto com o corpo faz emergir, por suas qualidades físicas, a memória afetiva trazendo experiências que a memória verbal não consegue detectar (Clark, 2008, p. 325-326)

Encontrei também na obra de alguns autores da Filosofia trabalhos dedicados à discussão do lugar das coisas no horizonte existencial humano. Entre eles, está o trabalho de Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, em especial, seu artigo chamado *A Coisa*, publicado em 1951, onde ele apresenta o aspecto ontológico de abordagem das coisas.

Heidegger (2006) nos chama atenção para o que ele denomina de *coisidade* das coisas. Em seu texto, utiliza como exemplo uma jarra a fim de nos dizer que é na proximidade do cotidiano que encontramos o que costumamos chamar de coisa. Uma jarra é uma coisa que contém parede e fundo, é um receptáculo que pode receber algo em si. A jarra continua sendo e existindo sem que para isso seja necessário que um de nós a transforme em um objeto com determinada função. A jarra subsiste. O ser da jarra não depende da nossa representação do objeto. Entretanto, a jarra só se torna receptáculo, ou seja, ela só poderá receber algo dentro de si porque ela é fruto de um fazer, de um construir. O homem, ao fazer a jarra, conduz a mesma a um ser e a um estar em si mesma. A terra transformada pela criatividade do homem se faz coisa. As coisas se dispõem frente ao homem, dependem sim da produção para se tornarem o que são, no entanto, a coisa como coisa independe da produção.

Do ponto de vista científico, nos diz o filósofo alemão, quando enchemos a jarra, estamos trocando um conteúdo por outro. O filósofo alemão afirma que a ciência produz um modo de representação que deixa de lado a coisa-jarra, ao afirmar um discurso que parece apresentar o real objetivamente percebido e totalizante em relação a algo. Neste sentido, o discurso científico, transforma as coisas em objetos, distancia e por vezes anula a nossa experiência com a materialidade do mundo.

Em seu estudo sobre *A origem da obra de arte*, Heidegger assinala que a obra de arte possui um caráter *coisal*: há na obra de arte algo que emana da coisa mesma. Como exemplo, Heidegger nos fala de um bloco de granizo, que, a partir de sua constituição “é duro, pesado, extenso, maciço, informe, áspero, colorido, em parte opaco, em parte brilhante. Podemos notar tudo isso na pedra.” (Moosburger, 2007, p. 10)

Heidegger nos diz que para os gregos a essência das coisas se manifestava pela sua presença. No entanto, o pensamento ocidental, em especial desde o pensamento romano, toma as palavras gregas deixando de lado a experiência originária de admiração frente ao surgimento das coisas. Essa maneira de interpretar o mundo, presente já no pensamento romano, substitui o estranhamento pela racionalidade que captura.

Em seu texto, Heidegger apresenta um par de sapatos de uma camponesa da pintura de *Van Gogh* para assinalar que ao fazer uso dos sapatos em seu trabalho, a camponesa pode confiar no caráter *coisal* dos sapatos que reúnem em si a possibilidade de ela realizar o seu trabalho. A relação com a materialidade dos sapatos abre para ela a experiência de fundar um mundo a partir de sua ação e de seu trabalho. Neste sentido, as coisas são vistas como lugar de revelação do Ser e sua materialidade sustenta a ação humana que transforma, abrindo a experiência humana de habitar a terra.

Há também trabalhos interessantíssimos na área da Terapia Ocupacional. Destaco a pesquisa de Mecca (2008) que investiga a experiência estética que ocorre na relação estabelecida entre pessoas com sofrimento psíquico grave e suas criações artísticas no âmbito da terapia ocupacional em saúde mental. Este é um trabalho que enfoca as possíveis construções de sentidos na relação de sujeitos com a concretude das materialidades e das obras que estes sujeitos criam. Trata-se de um trabalho sensível que se debruça sobre o lugar da experiência estética e sua relação com a dimensão existencial da vida dessas pessoas, o que, como nos mostra a autora, pode auxiliar o ser humano a lidar com os desafios presentes no cotidiano e na situação clínica.

No campo da Psicanálise encontrei interlocução, como já mencionei, com a obra de Winnicott que, com seus conceitos de objetos e fenômenos transicionais, abriu um fecundo campo de investigação dos fenômenos da materialidade. Encontrei também a obra de Marion Milner, psicanalista e artista inglesa, amiga de Winnicott, que trás contribuições muito inovadoras, especialmente no registro estético e poético da experiência humana. O encontro com esta autora tem sido importantíssimo em meu percurso, pois sua obra nos possibilita um maior aprofundamento e rigor na investigação das experiências poéticas que eventualmente emergem no cotidiano e na situação clínica. Milner era bastante sensível às experiências que eclodem no *entre* e, deste modo, ela nos possibilita, ao lado de Winnicott e outros, maior apropriação do vértice poético de abordagem da materialidade.

Há, ainda no campo psicanalítico, a obra do psicanalista brasileiro Gilberto Safra que tem ofertado inúmeras contribuições a respeito da importância da materialidade na constituição do *self*. O ponto de partida de Safra (2004, 2005a, 2006a) é sempre o fazer

clínico a partir do diálogo com Winnicott e o Grupo Independente de Psicanálise inglesa. Em suas investigações, Safra aborda a importância da materialidade a partir do diálogo com artistas, filósofos e teólogos russos que apresentam o lugar das coisas e da corporeidade em uma perspectiva ontológica, onde as coisas são compreendidas como mensageiras do destino humano. Tal abordagem abre, na visão de Safra, aspectos relacionados ao que este autor denomina de *ethos humano*. Em seu *ethos*, compreendido aqui como as condições originárias para que o humano possa habitar o mundo, o ser humano está originariamente enraizado na relação com os outros, com a natureza e com as coisas.

Procurei até aqui apresentar brevemente algumas das raízes que possibilitaram que este trabalho pudesse emergir. Com o objetivo de investigar os fenômenos da materialidade como evento poético, pretendo realizar um percurso que será dividido em capítulos na seguinte ordem:

No Capítulo I – Perspectivas Metodológicas, apresento o vértice metodológico que orientou a minha pesquisa. O método hermenêutico de investigação pareceu-me o mais adequado para o tipo de pesquisa que eu pretendo realizar. No entanto, dentro da Hermenêutica há inúmeras posições sobre as questões metodológicas, de modo que considere importante um capítulo onde a minha escolha pudesse ser situada e discutida historicamente.

No Capítulo II – Aspectos da Materialidade em Winnicott, parto da leitura de que Winnicott nos permite um estudo privilegiado da materialidade no campo psicanalítico e, por meio deste capítulo, busco apresentar como o apressamento pela materialidade estava presente em seu cotidiano e em seu modo de ser.

No Capítulo III – O Vértice Poético de Abordagem da Materialidade, apresento, em diálogo com alguns autores, entre eles alguns psicanalistas como Milner e Winnicott e artistas como Rilke e Adélia Prado o registro poético da experiência humana que nos permite uma aproximação com os fenômenos da materialidade a partir do vértice do paradoxo, aspecto fundamental que orienta esta pesquisa e que servirá de base para a compreensão do caso Piggle de Donald Winnicott.

No Capítulo IV – A Materialidade como Evento Poético: um estudo hermenêutico a partir do caso Piggle de D. W. Winnicott, realizo um percurso de investigação do caso Piggle, buscando compreender como a materialidade emerge como evento poético neste trabalho clínico conduzido pelo psicanalista inglês.

O trabalho que ora ofereço ao leitor tem a intenção de aprofundar o estudo da materialidade como evento poético, considerando que este estudo é importante na atualidade, momento histórico no qual a materialidade do mundo encontra-se reduzida pela lógica do

consumo e pela globalização, perspectivas que enfatizam os aspectos relacionados à funcionalidade das coisas, da natureza e do corpo humano transformando-os em mercadoria, questões que também adentram o campo da Psicologia e da Psicanálise.

CAPÍTULO I – PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

O objetivo deste trabalho é realizar um estudo investigativo sobre a questão da materialidade como evento poético. A fim de alcançar esta meta, decidi escolher um caso clínico que possibilite o aprofundamento do tema em questão. Parto da compreensão de que a obra de alguns autores, em especial a do pediatra e psicanalista Donald W. Winnicott, podem ajudar-me neste tipo de trabalho.

Tendo em vista a complexidade da obra do psicanalista inglês e o leque de possibilidades de estudos que a mesma abre, tomarei como interlocutor privilegiado um dos casos clínicos publicados em seu livro *The Piggle: an Account of the Psychoanalytic Treatment of a Little Girl*. Este texto foi publicado em 1977 na Inglaterra e nele estão descritas as sessões que Winnicott realizou, entre os anos de 1964 e 1966, com a paciente *Gabrielle*, cujo apelido na língua inglesa era *Piggle* e que começou a ser atendida por Winnicott quando tinha apenas dois anos e quatro meses.

A escolha pelo caso clínico *The Piggle* não foi aleatória. Considero este um dos textos mais ricos e fundamentais de Winnicott, pois nele temos a oportunidade de acompanharmos o analista em ação. Deste modo, neste caso clínico podemos com frequência encontrar inúmeras posições teóricas e técnicas que Winnicott apresenta e em seus textos presentes de um modo sensível nas intervenções que ele realiza com a paciente a cada sessão.

Com o estudo deste caso pretendo destacar o manejo clínico da materialidade pelo analista junto de sua paciente, questão que parece bastante relevante e fundamental na condução da experiência de jogo e na comunicação sensível que se estabelece entre a dupla, possibilitando o devir da paciente ao longo do tempo.

Algo bastante interessante que pude testemunhar ao estudar a obra de Donald Winnicott é que as intervenções que ele faz no registro estético do jogo e no brincar com a paciente, também estão presentes em outros casos clínicos como, por exemplo, nas análises com adultos, em que observamos Winnicott fazendo intervenções clínicas no registro estético também das palavras e não apenas no registro representacional do discurso, o que costuma ser mais comum de encontrarmos em Psicanálise. Todavia, o estudo do manejo estético das palavras na situação clínica não será o foco deste trabalho, quiçá tema de outra pesquisa no futuro.

A fim de tentar cumprir a promessa que faço ao leitor, necessito de ferramentas interpretativas que me ofereçam condições para a realização de um trabalho rigoroso. Algo que

podemos observar com frequência nos estudos teóricos é a suposição de que neste tipo de trabalho não seria necessário termos pressupostos interpretativos bem definidos e explicitados, sendo que quando isso acontece há um risco de a pesquisa acabar resumida à apresentação das teorias do autor escolhido e seus comentadores, sem que se considere necessária a explicitação da posição hermenêutica do pesquisador. Esta é uma questão delicada que implica não só um posicionamento diante do que é fazer ciência, mas também apresenta uma posição antropológica e ética diante dos fenômenos humanos que, de meu ponto de vista, precisa ser reconhecida e explicitada. A seguir apresentarei o método que foi sendo tecido na condução deste trabalho e quais as ferramentas metodológicas que foram utilizadas.

O método, ou seja, o caminho que percorri para que esta pesquisa se tornasse possível, foi surgindo lentamente. Fruto de encontros com pessoas e lugares, como já explicitarei na introdução, este trabalho é também a tentativa de uma apropriação mais profunda da do encontro que tenho tido com alguns autores e textos e, fundamentalmente, do trabalho que realizo na clínica psicanalítica. Como já assinalei anteriormente, esta pesquisa que ora ofereço teve seu início quando comecei a escrever sobre o tema em meu trabalho final de curso de graduação. Esta dissertação surge da vontade que sinto de aprofundar o tema.

Tendo em vista a complexidade das questões metodológicas, segui com a intenção de compreender mais profundamente alguns métodos na área das Ciências Humanas. Durante minhas pesquisas pude estudar mais profundamente alguns dos principais métodos disponíveis. Todavia, considero que foi a qualidade dos encontros que tive com os autores e textos que abriu para mim um caminho que me pareceu o mais adequado ao tipo de pesquisa que aqui ofereço. De modo que, o método ganhou maior consistência quando consegui definir o objeto de estudo do meu trabalho, tendo mais clareza das inquietações que possuo sobre o tema. Em outras palavras, o método surgiu e foi fazendo sentido no *caminhar* mesmo, no contato com textos e pessoas e na convivência com as inquietações sobre o tema.

Em minhas pesquisas, encontrei fecunda interlocução com o método hermenêutico de investigação. Fiz um percurso a fim de conhecer o que a Hermenêutica nos oferece e, surpreso, constatei que não há apenas uma, mas *muitas hermenêuticas*. A seguir apresentarei alguns aspectos da hermenêutica e explicitarei alguns princípios que norteiam a perspectiva deste trabalho.

A hermenêutica é compreendida como o estudo da compreensão das obras humanas. Palmer (1969) nos remete às raízes da palavra hermenêutica assinalando que ela tem sua origem no verbo grego *hermeneuein* que significa interpretar e no substantivo *hermeneia* que

significa interpretação. A questão da interpretação e o desvelamento de uma mensagem inicialmente obscura comparecem em inúmeros textos da Antiguidade, em autores da filosofia grega, na poesia e nas religiões e faz referência a Hermes, o *deus-mensageiro-alado* grego que veicula a mensagem divina aos homens, assim como os poetas também o fazem. É neste sentido de tradução de uma mensagem, de um saber que até então permanecia oculto e impossível de ser compreendido que a hermenêutica é um processo de tornar compreensível o obscuro, o estranho, algo que estava distante no tempo ou no espaço e que pode se tornar familiar e próximo da experiência humana no presente.

O sentido originário de hermenêutica é o de ser um oráculo, ou seja, a hermenêutica é uma espécie de *ponte* que torna acessível uma mensagem até então impossível de ser acessada e que precisa ser compreendida e desvelada aos homens. A Hermenêutica se torna imprescindível no processo de compreender qualquer obra, não apenas as obras escritas, mas toda e qualquer obra de arte. Neste sentido, o estudo da hermenêutica se torna um fundamento necessário para todas as disciplinas ligadas à compreensão dos fenômenos humanos. O termo *hermenêutica* surge apenas no século XVII, no entanto, como procedimento teórico e intenção de realizar uma exegese religiosa, literária ou política, este procedimento aparece já na Antiguidade. (Palmer, 1969)

O processo de compreensão, segundo nos ensina Palmer (1969), só é possível graças a um conhecimento prévio do indivíduo que busca compreender, sem o qual a comunicação seria inviável. Aquele que busca compreender encontra-se interpelado por uma questão que o atravessa e que clama por mais luz, mais clareza. A compreensão de uma obra é guiada por uma pré-compreensão, o que, doravante, oferta um lugar em nosso horizonte existencial para a obra ou texto que pretendemos compreender. A obra por sua vez não é passiva, ela também possui raízes no contexto onde surgiu e a partir do qual pode vir a ser compreendida. A compreensão de uma obra, portanto, ocorre no entrelaçamento entre o horizonte pessoal daquele que busca compreender guiado pela pré-compreensão que o move e o contexto histórico de uma obra, ou até mesmo uma pessoa, em questão. Em outras palavras, o *mundo do texto* e o *mundo do leitor* sofrem um processo de fusão de horizontes distintos na direção de um *saber* que emerge deste encontro.

Tendo em vista o caso clínico *The Piggle* de Winnicott como interlocutor privilegiado, a pré-compreensão que me interpela é a de que o estudo desta complexa obra pode trazer fecundas contribuições para **o aprofundamento do estudo da materialidade como evento poético**. O vértice poético de abordagem dos fenômenos da materialidade será apresentado no capítulo 3, antes de adentrarmos a análise do caso clínico do autor.

Alguns modos de formular a questão que me inquieta podem ser descritos da seguinte maneira. Qual a importância da materialidade como evento poético e como a obra de Winnicott, artistas e poetas pode nos auxiliar a aprofundar este tipo de investigação? Qual a importância destes fenômenos na atualidade, tendo em vista o ser humano em seu cotidiano e o trabalho clínico em Psicanálise em meio ao mundo globalizado? Reconheço estas questões como sendo minhas, no entanto, é possível também reconhecer que as discussões que os autores que utilizo também as faz emergir. Trata-se aqui, portanto, de um encontro histórico entre o pesquisador-interpelado e as contribuições presentes na obra, sustentados pela inquietação que me move em direção ao futuro, em direção à realização deste trabalho.

Na atualidade, é frequente a compreensão da materialidade reduzida à imanência do mundo, ou seja, neste sentido ocorre uma redução da materialidade ao estatuto de objeto. Quando temos este tipo de fenômeno, a materialidade deixa de ser aparentada ao modo de ser do humano, sendo reduzida a um objeto que possui valor apenas pela sua funcionalidade, valor comercial ou ao estatuto social que promove. Em diálogo com autores como Winnicott e Safra a posição que defendo é a de que a materialidade está aparentada originariamente ao modo de ser do humano na medida em que abre campos de experiências no cotidiano, facilitando o atravessamento do percurso de vida de alguém pela existência.

Durante os estudos que fiz no campo da Hermenêutica encontrei nas propostas de Gadamer (1977) posições aparentadas com o que pretendo realizar nesta dissertação.

Hans-Georg Gadamer (1900-2001) foi um filósofo importantíssimo cuja vida atravessou e testemunhou o século XX do início ao fim. Em suas investigações foram fundamentais os diálogos que estabeleceu com a Fenomenologia e com a filosofia hermenêutica de Martin Heidegger que foi seu professor e interlocutor durante muitos anos na Alemanha. Escreveu inúmeras obras, com destaque para seu livro *Verdade e Método* (1960), considerada a obra nodal de seu pensamento. Nela, Gadamer rompe com a tradição cartesiana de pensar o método como comprovação de verdades que podem ser testadas e medidas matematicamente e que em seguida possibilitariam o domínio e controle do objeto investigado (questão que sustenta boa parte da perspectiva presente na ciência moderna positivista) e abre um campo de reflexão e trabalho sobre a questão do *método como revelação e experiência*.

Quando compreendemos o método como um modo de o sujeito procurar a certeza absoluta dos fenômenos, partimos da compreensão de que o ser humano tem controle sobre os fenômenos e é capaz de acessar e domar uma verdade que se torna universal e absoluta. Já ao abordar o método, como o faz Gadamer na companhia de Heidegger, como *experiência de*

abertura de sentido, temos a compreensão de que o ser humano desvela o ser dos fenômenos e dos entes, ou seja, temos a possibilidade de nos abirmos ao sentido que emerge do encontro histórico que podemos ter com uma obra. Abrir-se para a compreensão do sentido que emerge de um fenômeno que nos interpela é um posicionamento epistemológico e ético distinto daquele (positivista) no qual acreditamos que podemos dominar e controlar os fenômenos.

Apoiado na afirmação de Heidegger de que *compreender* e *interpretar* são aspectos ontológicos da condição humana, ou seja, não são *derivados de algo interno ou externo*, mas são aspectos fundantes da condição humana, Gadamer defende e legitima um saber rigoroso que pode emergir em conhecimentos e experiências para além mesmo do campo das ciências naturais ou sociais que, segundo ele afirma, surgiram historicamente com a intenção de ser o novo ‘perito’ que vem hoje *preencher o vazio deixado pela desagregação das interpretações religiosas da existência humana e da rejeição da tradição como uma fonte de orientação* (Bleicher, 1980, p. 175)

A posição de Gadamer é a de que o conhecimento não pode ser adquirido como uma posse fechada ou algo que alguém pode tornar passível de objetificação absoluta sem que as inquietações do pesquisador e seu modo de ser estejam presentes e explicitados, sendo o processo de conhecer e interpretar sempre *participativo* ou, como também nos diz o autor, um *encontro histórico*. O pesquisador ou intérprete interroga o tema de pesquisa ou a obra, mas é ao mesmo tempo interrogado por eles. Ele não *possui* o seu objeto de estudo, mas por vezes é interpelado por ele, não de um modo passivo, mas dialógico, o que possibilita a expansão de seu mundo e de suas possibilidades de compreensão. Sendo que extrapola o campo restrito das ciências e o pensamento moderno pautado na manipulação e na possessão dos objetos, o método é aqui compreendido fundamentalmente como uma *experiência de jogo*.

(...) uma obra de arte deixa de poder ficar presa ao seu criador, tem de ser vista como assumindo uma experiência própria, dando corpo a conhecimentos de que nem o próprio autor se apercebeu. Opondo-se à inversão do processo de criação, a compreensão irá procurar extrair o conteúdo do texto e dar-lhe expressão. A atividade do intérprete segue a lógica de pergunta e resposta e fornece ao ‘objeto’ a possibilidade de ressoar com um novo e mais alargado sentido. Por conseguinte, o contexto da tradição volta de novo à vida, não sob a forma de uma repetição da experiência que o perceptor original pode ter dela recebido, mas de uma nova maneira: surge algo que nunca antes existira. A concepção de um texto existente em si mesmo é, portanto, perfeitamente incorreta e denota um

elemento de dogmatismo. É a isto que Gadamer se refere quando fala do caráter ‘especulativo’ das interpretações que não se cingem à abordagem metodológica. As palavras usadas pelo intérprete têm origem no contexto da linguagem, que vem formar uma constelação peculiar de sentidos. A apropriação do significado do texto terá, conseqüentemente, de ser vista já não como um esforço duplo, mas com uma criação autêntica; cada apropriação é diferente e igualmente válida. A partir daqui, Gadamer pode sugerir que compreender literatura não é uma referência a acontecimentos passados, mas uma participação, aqui e agora, no que se está a dizer, a comunhão de uma mensagem, a revelação de um mundo (Idem, p. 172-173)

Nesta perspectiva, o ser humano é um ser histórico que acontece com os outros, sua ação emerge no diálogo e no uso que faz da tradição. Deste modo também podemos compreender uma obra: é fruto de encontros, de uma polifonia de presenças e vozes para dentro e para fora da interioridade humana, tecidas a partir de diálogos e reposicionamentos da tradição, movimento este que mantém infundável o processo de interpretar e de conhecer os fenômenos.

No processo de compreensão é muito importante o lugar da tradição. Gadamer é um autor que compreende a tradição não como um saber passivo disponível às próximas gerações. A tradição, nesta perspectiva, é o lugar a partir do qual encontramos um início que nos possibilita existirmos. Este lugar vivo – a tradição – possibilita a reinvenção do percurso humano, mantendo ao mesmo tempo vivos a obra e o intérprete num processo de contínuo devir. Recordo aqui também dos dizeres de Winnicott (1971a) quando afirma que a originalidade humana somente acontece em meio à tradição.

(...) uma pessoa que procura compreender um texto está preparada para que este lhe diga algo. Por isso uma mente preparada para a hermenêutica deve ser, desde o princípio, sensível à novidade do texto. Mas este tipo de sensibilidade não implica, nem ‘neutralidade’ na questão do objeto, nem anulação da personalidade dessa pessoa, mas a assimilação consciente dos significados prévios e dos preconceitos. O que importa é estar consciente da sua própria predisposição, para que o texto se possa apresentar em toda a sua novidade e conseguir, assim, afirmar a sua própria verdade, por oposição aos nossos sentidos. (Gadamer, 1960, p. 253 citado por Bleicher, 1980, 155)

É interessante que na citação acima apresentada fica evidente que nesta experiência de jogo que ocorre no encontro histórico entre a obra e o intérprete ou investigador *a pessoa que compreende* tem um estatuto fundamental, o que nos mostra que o método aqui não está enraizado em um modelo de relação de sujeito (aquele que detém as rédeas do percurso metodológico) e objeto (aquele que sofrerá os impactos dos procedimentos metodológicos a fim de ser domado e medido). O que está presente na abordagem metodológica *gadameriana* é a de que é impossível excluir a singularidade daquele que busca compreender, pois seu horizonte de compreensão já se encontra fundido com o da obra.

Tendo explicitado essas questões assinalo novamente que **esta investigação que ora ofereço é fruto de encontros** que tive com pessoas, com situações, com autores a partir do diálogo com Winnicott e, também com as inquietações que emergiram na prática clínica e acadêmica. Assentado neste vértice fundamentado a partir da hermenêutica proposta por Gadamer, busco criar pontes entre a distância que me separa da obra de Winnicott e dos autores que dialogo neste trabalho, trazendo-as para mais perto na intenção de me ajudar na compreensão das inquietações que me acompanham no estudo deste tema. Minha intenção é também o de compartilhar o entusiasmo que sinto diante da questão que considero fundamental na atualidade. Minha esperança é a de ofertar esta experiência que tem me acompanhado em minhas investigações e em meu cotidiano e que me ajudou a amadurecer como pessoa e como clínico.

Compreender o eixo deste trabalho levou tempo, aprofundamento e uma boa dose de sofrimento. Para mim foi importante poder perceber, através da experiência, que compreender implica em recorrermos à experiência pessoal e ao diálogo, questão que para mim parece fundamental levando em conta a condição humana na atualidade onde impera o registro da informação. Na atualidade, as informações chegam para nós de um modo pronto e recheadas de explicações, sem que precisemos recorrer às nossas experiências pessoais. Tal questão me parece também central na situação clínica, onde a nossa compreensão só ocorre verdadeiramente se pudermos estar no encontro ocupando um lugar de disponibilidade à pessoa do paciente.

Os procedimentos que utilizo no percurso que realizo neste trabalho partem das leituras que fiz dos textos de inúmeros autores com os quais fui encontrando interlocução ao longo de meus estudos, em especial com a leitura do caso clínico *The Piggle*. Parto da compreensão de que no campo psicanalítico, Winnicott, entre outros autores do *Middle Group* ou Grupo Independente de Psicanálise inglesa, demonstrava grande apressa pela materialidade, pela importância das coisas na vida humana, questão que está presente, por

exemplo, em seus textos no estatuto que ele dá à sensorialidade dos fenômenos e objetos transicionais na experiência humana e também da importância das características do ambiente que constituem o cotidiano do ser humano, perspectiva que comparece também no modo como ele organizava a situação clínica. Com esse tipo de compreensão em meu horizonte, apresento alguns aspectos da questão da materialidade com enfoque em algumas características do próprio cotidiano de Winnicott e de seu modo de ser. Em seguida, procuro apresentar qual a compreensão que tenho do vértice poético de abordagem da materialidade. Para finalmente investigar as consultas realizadas por Winnicott com a jovem paciente Piggie.

Tendo aqui explicitado alguns dos pressupostos que orientam o trabalho que aqui ofereço, convido o leitor para seguirmos viagem ao lado de Winnicott a fim de compreendermos alguns aspectos da materialidade que estiveram presente em sua vida e em seu cotidiano.

CAPÍTULO II – ASPECTOS DA MATERIALIDADE EM WINNICOTT

Cada coisa ordinária é um elemento de estima.

As coisas sem importância são bens de poesia.

Manoel de Barros

Tendo em nosso horizonte a compreensão de que na Psicanálise, Winnicott é um dos autores que mais acolheu em sua obra a importância da materialidade no horizonte existencial do ser humano. Esta questão esteve presente primeiramente em seu cotidiano e mostrar alguns destes aspectos é meu objetivo neste capítulo. A relevância que Winnicott deu ao registro estético da experiência humana também nos abre a possibilidade de uma investigação dos fenômenos da materialidade em diálogo com o lugar onde a vida humana acontece, qual seja, o cotidiano e, também, nos permite a reflexão deste importante tema no que diz respeito ao fazer clínico em Psicanálise na atualidade.

A fim de tentar realizar o que pretendo neste capítulo, dialogarei com trechos que fui encontrando em meus estudos tanto da obra de Winnicott como também de pessoas que conviveram com ele e outros que estudaram sua obra. É muito interessante o fato de termos muitos textos, artigos e livros, de pessoas relatando como era a convivência com o psicanalista inglês. Há textos de amigos e pessoas próximas, também psicanalistas, entre eles Clare Winnicott, Marion Milner e Masud Khan. Há também alguns relatos muito corajosos de pessoas que foram pacientes de Winnicott, entre eles Margaret Little e Harry Guntrip. A leitura destes textos nos permite o reconhecimento de um peculiar horizonte de vida deste autor, questão que estava também profundamente atrelada ao seu modo de compreender e de fazer psicanálise.

Quero iniciar com a apresentação que Clare Winnicott⁴ faz de Winnicott já após a morte do marido. Clare foi uma pessoa fundamental no percurso de Winnicott, tanto por ter sido sua esposa como também por ter apresentado muitos dos temas que se tornaram caros para o autor em sua obra. Neste belíssimo texto que apresento a seguir, Clare, ao apresentar alguns aspectos da pessoa de Winnicott, nos conta características do cotidiano que

⁴ Considero o estudo da obra de Clare Winnicott bastante fecundo, inclusive para uma compreensão mais profunda das contribuições de Donald Winnicott. É frequente encontrarmos nos estudos sobre Winnicott muitos textos abordando a influência de Melanie Klein em seu pensamento, mas a importância de Clare em seu percurso teórico ainda merece ser melhor investigada. A fim de uma maior aproximação com o tema, há o livro *Face to Face with Children*, de Clare Winnicott e curso que foi dado por Gilberto Safra na PUC-SP em 2011: *Diálogos Winnicottianos: a contribuição de Clare Winnicott*.

compartilhou com Winnicott. Para finalizar o seu texto, ela nos conta um sonho que teve anos após a morte do marido que ocorreu em 1971. Alguns anos após ter ficado viúva, Clare teve um encontro com ele no espaço e no tempo do sonho:

Quero relatar um sonho que tive a respeito de Donald, dois anos e meio após o seu falecimento. Sonhei que estávamos em nossa loja favorita em Londres, onde há uma escadaria circular que leva a todos os andares. Estávamos subindo e descendo essa escadaria, apanhando coisas aqui, acolá, em todos os lugares, como presentes de Natal para nossos amigos. Estávamos realmente fazendo uma orgia de compras, sabendo que, como de costume, acabaríamos guardando muitas coisas para nós. De repente me dei conta de que Donald estava vivo, afinal de contas, e pensei com alívio: “Agora não vou ter de me preocupar com o cartão de Natal”. Depois, estávamos sentados no restaurante, tomando o nosso café da manhã como era habitual (na realidade, sempre saíamos para tomar o café da manhã nos sábados). Estávamos de frente um para o outro, cotovelos sobre a mesa, e eu o olhei em cheio no rosto e disse: “Donald, existe algo que temos de dizer um ao outro, alguma verdade que temos de dizer, o que é?” Com seus olhos muito azuis, olhando resolutamente os meus, ele respondeu: “Que isto é um sonho”. Eu lentamente repliquei: “Oh, sim, é claro, você morreu, você morreu há um ano atrás”. E ele reiterou as minhas palavras: “Sim, eu morri há um ano atrás”. Para mim, foi através deste sonho de brincar que a vida e a morte, a dele e a minha, puderem ser experienciados como realidade. (Winnicott, Clare., 1978/1994, p. 13)

Neste trecho, é possível reconhecermos muitos aspectos que foram absolutamente caros aos dois. Vemos o cotidiano do casal como um lugar que preserva o acontecimento humano e a eclosão de eventos poéticos. Clare narra cuidadosamente o lugar onde o encontro acontecia enraizado na experiência de convivência e intimidade. Esta é uma questão importante para o ser humano e para alguém que se disponibiliza a acompanhar alguém ou comunidade na situação clínica: as questões da vida humana eclodem em meio ao cotidiano, em meio à materialidade do mundo! Tal questão foi também compartilhada e testemunhada por inúmeras pessoas que fizeram parte do cotidiano do casal Winnicott. Em seu texto, Clare nos conta:

Muitos anos atrás, um visitante que estava parado em nossa casa olhou em volta pensativamente e disse: - Você e Donald *brincam*. Lembro-me de ficar surpresa com esta nova luz que fora lançada sobre nós. Nós certamente nunca havíamos *disposto* a brincar; não havia nada de autoconsciente e deliberado a respeito. Parece apenas ter acontecido que vivíamos daquela maneira, mas pude perceber o que nosso visitante queria dizer. Nós brincávamos com *coisas* – as nossas possessões – redistribuindo-as, adquirindo-as ou livrando-nos delas de acordo com o nosso humor. Brincávamos com ideias, atirando-as de um lado para outro aleatoriamente, com a liberdade de saber que não precisávamos concordar e que éramos suficientemente fortes para não sermos feridos um pelo outro. Na realidade, a questão de ferir-se mutuamente não surgia porque achávamo-nos operando na área do brinquedo, onde tudo é permissível. Ambos possuíamos uma capacidade de fruição e ela podia tomar conta de nós nos lugares mais improváveis e conduzir-nos a façanhas que não poderíamos ter antevisto. Após a morte de Donald, um amigo americano descreveu-nos como ‘dois malucos que se deleitavam um com o outro e deliciavam os amigos’. Donald teria ficado satisfeito com este elogio, tão remanescente de suas palavras: Somos em verdade pobres, se somos apenas são” (Winnicott, 1994, p. 10-11)

O *corpo* do cotidiano é revestido pela materialidade. Clare assinala como era importante a loja que o casal visitava, a escada que gentilmente abria novos campos de experiência. No sonho, podemos reconhecer como cada coisa é abordada como lugar de celebração. A escada é uma *coisa* muito interessante. Se focarmos nossa atenção à materialidade de uma escada, tendo em vista a dignidade e a forma que ela apresenta, temos que uma escada possibilita ao ser humano o trânsito entre mundos, entre o que está acima e o que está abaixo e vice-versa. A mesa, como sua forma é hospitalidade que possibilita o encontro, o conversar, *apoiar os cotovelos*. Deste modo, podemos afirmar que cada coisa presente no cotidiano humano é extensão da corporeidade.

É interessante, se tomamos a obra de Winnicott e também de Clare, observarmos que uma escada é a presentificação do próprio percurso de vir a ser humano, questão que foi abordada por eles em seus textos com outras palavras. Em nosso percurso pela vida estamos sempre a caminho. Winnicott abordou constantemente esta questão em sua perspectiva, por exemplo, quando afirmava que o ser humano está sempre *rumo à independência*, ou seja, nosso percurso de maturação nunca finda. Winnicott era um grande apreciador de paradoxos,

questão que abordaremos mais profundamente mais adiante neste trabalho. Sobre esta questão do processo de vir a ser do humano, percebemos que, embora o ser humano seja sempre processo, este desemboca na morte que é a face da realização da vida humana. Como Winnicott costumava dizer no diário que começou a preparar ao fim de sua vida: *Oh God may I be alive when I die*⁵.

Esta questão do paradoxo vida-morte está presente no próprio sonho de Clare, onde ela e Winnicott podem jogar tanto com a vida que tiveram juntos como também com o próprio morrer de ambos. Clare nos diz que com este sonho ela pôde acessar o próprio morrer de si mesma e do marido como realidade experienciada. Lembro-me aqui das afirmações de Freud que dizia que a morte nunca pode ser representada pelo ser humano, sendo, portanto, sempre vista como a morte do outro, nunca a minha própria. No entanto, com estas contribuições do casal Winnicott, observamos que, embora não possa ser representada, a morte pode ser acessada pela ação criativa. Neste sentido, a morte pode ser *posta à mesa*, onde o ser humano constrói a possibilidade de integrá-la ao viver por meio do brincar e do sonhar.

Outro aspecto importante que este sonho de Clare abre para nós está relacionado ao fato de que Winnicott costumava *rabiscar* cartões de Natal para os amigos (Figura 1). Eis aqui um aspecto fundamental presente em seu cotidiano e na clínica que ele desenvolveu. Os rabiscos que Winnicott apreciava faziam parte de seu modo de ser e de sua prática como pediatra e psicanalista. Era comum ele enviar cartões como forma de presentear os amigos. Os rabiscos eram também uma ferramenta de trabalho em sua clínica, quando realizava as famosas consultas terapêuticas. Nelas, Winnicott (1971b) utilizava o jogo de rabiscos (*squiggle game*), que era um modo de ele tentar estabelecer uma comunicação com a criança. Na perspectiva tanto de Winnicott como também de Clare é impossível abordarmos a clínica sem levar em conta o cotidiano. É na experiência do cotidiano que está assentada a situação clínica. É na convivência ao longo do tempo que ocorre a experiência de comunicação entre o analista e o paciente.

Winnicott ficou mundialmente conhecido pelas consultas terapêuticas que realizava no hospital inglês *Paddington Green Children's Hospital*, nas quais utilizava o jogo de rabiscos. É interessante lembrarmos que estes rabiscos, mesmo no campo das consultas não deveriam ser objeto de dissecação ou interpretação por parte do paciente. O foco das consultas terapêuticas não era a interpretação dos conteúdos inconscientes, embora estes conteúdos estivessem presentes. Winnicott ressalta que rabiscar era um modo simples de acesso ao

⁵ “*Ó Deus que eu possa estar vivo quando eu morrer*”. (Winnicott, 1978)

paciente, sem que o terapeuta tivesse de abrir mão de sua personalidade no encontro. Ao rabiscar junto ao paciente na direção de estabelecer com ele uma comunicação significativa, o terapeuta participava do jogo com seu estilo de ser, com suas possibilidades e limites. É nesta experiência de jogo que eventualmente o terapeuta e o paciente podiam se surpreenderem com algo significativo que emergia do paciente que emergia no rabiscos.

Figura 1. Um dos cartões de Natal que Winnicott e Clare rabiscavam.

Winnicott ressalta a importância da própria materialidade do rabisco que, diferentemente de outros materiais, abre um campo específico de ação, pois o rabisco apresenta algo de indeterminado (Figura 2). Trata-se de uma expressão aberta, um tanto amorfa, hospitaleira à ação criativa do ser humano e que facilitava a construção da intimidade na relação entre a criança e o terapeuta. Winnicott (1971b) nos conta o interessante atendimento que teve com Iiro, um garoto que o terapeuta conheceu em um hospital na Finlândia. Na época o garoto tinha nove anos e não falava o mesmo idioma de Winnicott. Havia uma pessoa que ia traduzindo o diálogo entre eles. No entanto, Winnicott assinala que ambos haviam esquecido o detalhe de não compreenderem os mesmos idiomas, pois o

encontro estava estabelecido entre eles, não tanto pelo discurso, mas pela experiência mútua que surgiu entre a dupla. O jogo de rabiscos foi a ponte que facilitou o surgimento da comunicação e da expressão que o garoto precisava realizar.

Figura 2. Um dos rabiscos de Winnicott.

No jogo de rabiscos como possibilidade de comunicação, é o paciente que dita o ritmo e o caminho da comunicação, porém, é fundamental a presença viva do terapeuta no jogo com a criança. A participação do terapeuta está a serviço da comunicação significativa que o paciente vai aos poucos desenhando no encontro com a ajuda dos rabiscos. Tal questão abre outro aspecto fundamental no jogo terapêutico também está relacionado com o tema da materialidade: a presença psicossomática do terapeuta.

Winnicott conta que durante período de estudos em Medicina, resolveu optar pelo atendimento individual, pois percebia que o tipo de demanda que os profissionais recebiam em situações ambulatoriais exigem que eles tivessem de domar a sensibilidade diante de tantas situações que recebiam diariamente. Winnicott compreendia que esse era o único jeito possível de esses profissionais lidarem com suas profissões no ambiente em que estavam, porém, assinala que sua escolha levava em conta a possibilidade de estar presente em cada sessão com seus pacientes, disponível e sensível a cada um deles. Vemos nessa escolha a importância que ele dava à presença do terapeuta na sessão com cada paciente. Lembro-me de

certa vez estar conversando com um amigo que é médico e, disse a ele que sempre que eu ia a uma consulta médica sentia-me não visto, nem escutado. Perguntei ao meu amigo o que ele achava desse tipo de situação, ao que ele me respondeu que as consultas são assim, pois hoje os profissionais são muito mal remunerados. A partir deste diálogo refleti sobre qual é a possibilidade de uma compreensão corporal sensível no mundo de hoje, onde de um modo muito forte os encontros humanos estão muitas vezes impossibilitados?

No mínimo, parece-me que a obra de Winnicott nos alerta sobre a importância do corpo no encontro com o outro e no encontro com o mundo. Até mesmo em Psicanálise, podemos observar a grande ênfase que foi dada ao campo discursivo da experiência humana. No entanto, em um autor como Winnicott a presença viva do terapeuta é fundamental na direção de poder acolher e destinar as questões do paciente na convivência analítica com ele. Neste sentido, o corpo é fundamental e os aspectos não-verbais da comunicação também. Um terapeuta vivo, que tem presença, que sente como humano, sem perder a atenção disponível na direção do paciente. Vemos esta questão da presença psicossomática do autor em inúmeros trabalhos de Winnicott, entre eles também em uma das análises que realizou com um paciente adulto, cujas anotações estão disponíveis no livro *Holding and Interpretation*, livro publicado em 1986. Lá é possível vermos como a presença corporal do analista está disponível também na própria musicalidade do diálogo verbal entre eles. Neste caso é possível observarmos que o paradigma do jogo de rabiscos é mantido não só nas consultas terapêuticas, mas também surge como paradigma da conversa entre a dupla. É um rabiscar por meio das palavras.

É interessante focarmos esta questão do corpo também do ponto de vista do estudo da materialidade, pois quando abordamos os fenômenos da materialidade não podemos perder de vista que a corporeidade humana é sensível ao mundo. Winnicott abordou essa questão quando assinalou o fenômeno que denominou de *elaboração imaginativa do corpo*. Neste fenômeno que se inicia nos primeiros encontros do bebê com o outro e com mundo e que se desdobra ao longo da vida de cada um de nós, o corpo do bebê vai sendo aos poucos povoado por presenças. O cuidado materno ofertado, os ritmos, cheiros, tons, histórias presentes na cultura que recebe o recém-nascido não só possibilitam a ele ser acolhido, mas passam a constituir aquilo que o bebê é. Nas entranhas da singularidade há a presença de muitos. Fazendo uso da expressão que Safra (2005a) utiliza em seu livro, os inúmeros encontros que fundam o repertório corporal de experiências do bebê tornam cada uma dessas experiências *carne de si*. Isto implica que a materialidade do corpo humano é viva e transpira presenças que presentificam *paradoxalmente* o estilo de ser de alguém. Ressalto o paradoxo a fim de assinalar que o estilo de ser de alguém, entranhado na materialidade do corpo, é presença de

muitos, pois é fundado no encontro com os outros. Veremos no último capítulo deste trabalho como a materialidade do corpo é também fundamental na situação clínica apresentada por Winnicott com a paciente Piggie. No livro onde este caso foi publicado, podemos encontrar o desenho da planta do consultório de Winnicott. Isto não é comum no campo psicanalítico. Este tipo de apresentação do espaço de trabalho e de convivência do analista nos mostra que ele tinha apressa pela materialidade do mundo, questão que aparece implicitamente, por exemplo, em toda a preocupação que ele tinha com o ambiente. Estes aspectos são também narrados por alguns amigos de Winnicott que estavam presentes em seu cotidiano. Era comum Winnicott receber visitas dos amigos que vinham e permaneciam na casa do casal para conversarem. Nestas ocasiões, Winnicott gostava de tocar piano e eventualmente ler poesia.

Figura 3. O consultório de Winnicott.

Sobre a convivência com Winnicott, Milner (1972, p. 244-245) nos conta:

Em uma certa noite do ano de 1957, dirigindo meu automóvel pela França, vi uma multidão na praça do mercado de uma cidadezinha, em torno de uma ponte onde acrobatas haviam instalado seu trapézio. Os astros, em um branco imaculado, davam saltos maravilhosos e faziam impecáveis exercícios na barra. Logo abaixo, davam saltos maravilhosos e faziam impecáveis exercícios na barra. Logo abaixo, estava um polichinelo em sua indumentária exageradamente grande e folgada, fazendo palhaçadas enquanto os trapezistas executavam seu número. De vez em quando, o polichinelo fazia uma tentativa infrutífera de pular, para alcançar o trapézio. Aí, de repente, deu um grande salto e lá se foi, girando na barra, com as roupas esvoaçantes, parecendo mais uma roda, arrancando gritos de prazer da multidão.

Esta é minha imagem de Winnicott. Conforme os anos iam passando, frequentemente discutíamos certas questões teóricas, quando arranjávamos algo tempo; abria a porta, e lá estava ele circulando para cá e para lá, assobiando, esquecendo algo, correndo escadarias acima, fazendo ruídos, de tal modo que eu acabava me impacientando, perguntando quando Winnicott iria se aquietar. Fui gradualmente percebendo que isto era uma preliminar necessária para seus *flashes* de fogosa intuição, que sempre apareciam. Winnicott acabou discorrendo a respeito da lógica disso, em um de seus trabalhos escritos, onde fala da necessidade, ao se fazer uma psicanálise, de reconhecer e permitir que existam fases de *non sense*, quando não se pode seguir nenhuma linha no material do paciente, pois o que está ocorrendo é um caos preliminar, a primeira fase do processo criativo.

Vemos como está presente neste trecho o lugar privilegiado que Winnicott dava, pelo seu próprio modo de ser, à presença corpórea tanto no cotidiano como na situação clínica. Neste trecho está também presente um certo tipo de apresentação da vida humano na qual a experiência de brincar é fundamental. Assim como os acrobatas faziam piruetas com seus trapézios, Winnicott brincava. O brincar é um aspecto fundamental, como estamos vendo, do cotidiano de Winnicott e será central na clínica psicanalítica que ele desenvolveu. O brincar, independente da idade, está relacionado ao uso do potencial criativo do ser humano. A experiência de brincar não se dá apenas com brinquedos e está relacionado com a

possibilidade de sentirmos que estamos vivos, em percurso pela existência. Podemos brincar com as palavras, com os sons, com os ritmos do corpo e até mesmo com o silêncio.

Outro aspecto importante da materialidade relacionado ao modo de ser de Winnicott foi apresentado por Masud Khan (1991) em seu belíssimo livro *Quando a primavera chegar*, onde ele narra o encontro dele com a paciente que denominou de Veronique. Esta era uma paciente que foi indicada por Winnicott para que Khan a acompanhasse a fim de que encontrasse o *tipo certo de ajuda*. Este é um texto escrito de um modo bastante poético, onde Khan conta todo o processo até encontrar a paciente. Khan era um homem que tinha profundo apresso por equitação, costumava inclusive ir aos encontros da Sociedade de Psicanálise vestido com suas vestes tradicionais de equitação, o que por vezes causou grande espanto nas pessoas. Em um dos seus encontros com Winnicott, recebeu a indicação de ir visitar Veronique, garota de treze anos, aristocrata (assim como Khan), que havia sido atendida por Winnicott. Uma das questões da paciente era sua dificuldade de comer e frequentar a escola. A única ambição da garota era treinar para participar do campeonato de equitação nas Olimpíadas. Winnicott sublinha a importância de Khan estar presente com sua roupa de equitação no encontro com a paciente, pois sua roupa, seu modo de se vestir são a presentificação de seu estilo pessoal. “Ah, Khan, não troque de roupa. Suas botas e sua gravata de equitação darão mais segurança a Veronique do que qualquer coisa que você diga. Boa sorte, Khan.” (Khan, 1991, p. 46)

Vemos na indicação que Winnicott faz a Khan a importância que ele dá à personalidade do terapeuta, a materialidade de seu estilo de ser presente na corporeidade, em seu modo de se vestir, nos objetos, cores, tons os quais cada pessoa tem apresso. Há aqui uma questão clínica importantíssima: a personalidade do terapeuta que está presente no encontro clínico na direção do paciente.

Como já dissemos, esta é uma questão profundamente cara a Winnicott em sua clínica e em seu cotidiano. É conhecido o fato de Winnicott ter atendido inúmeras crianças que sofreram desalojamento decorrente das grandes guerras mundiais que levaram milhares de pessoas a perderem seus lares e famílias. Winnicott, Clare e outros muitos realizaram um trabalho denominado *placement*. Este termo foi traduzido em português muitas vezes como alojamento. Porém, trata-se de uma tradução que reduz a magnitude de um conceito tão complex. A palavra *placement* chama nossa atenção para a importância do *lugar* (*place*) na condição humana. Lugar é algo muito sério. Para que alguém possa vir a ser, para que o *self* possa ser fundado, é necessário a pessoa poder encontrar a experiência de lugar, questão fundamental também para que o trabalho clínico aconteça e em nosso cotidiano. A

importância do lugar tem sido bastante discutida em trabalhos que abordam, por exemplo, o acompanhamento terapêutico, no entanto, lugar é fundamental em todo o percurso humano para além da situação clínica.

Em sua perspectiva de trabalho e no modo como ele vivia estava presente um modo de ser que comemora o cotidiano em meio aos amigos e às coisas. Esta celebração do cotidiano surge poeticamente no sonho de Clare Winnicott que apresentei no início deste capítulo. Neste sonho há a explicitação da poesia acontecendo na materialidade presente no cotidiano, questão presente também em sua clínica onde de repente uma coisa ganha um potencial terapêutico por sua forma, textura e pelos campos de experiência que abre no encontro com alguém. Poesia que está presente inclusive na própria organização do espaço onde Winnicott vivia e trabalhava. É o que nos conta Davis (1982) neste belíssimo trecho sobre a organização estética do ambiente de Winnicott:

Uma casa de pavimento alta e estreita, com mais ou menos dois cômodos a cada andar, os andares correspondendo, de certa forma, às camadas de significado em sua visão da natureza humana: no último pavimento, um lugar para a não-integração do sono e para os sonhos; no andar imediatamente abaixo, a cozinha e a sala de estar, um lugar para relaxar, para amigos e atividades de prazer; no andar seguinte, um cômodo mais formal, com livros e armários, mas tendo seu piano, e uma porta que levava ao jardim no terraço; e, no primeiro pavimento, o térreo, o espaço de trabalho – seu consultório, sala de espera e escritório. Em diferentes lugares havia espelhos e, em um espelho particular, via-se o reflexo das escadas – do caminho para baixo, que levava ao trabalho e à porta da rua, e do caminho que subia, “de volta ao centro e ao começo”. Para um dos seus cartões de Natal ele desenhou este espelho refletindo as escadas, unindo sua vida e o trabalho da sua vida. Isto dá uma forma visual ao fato de que o paradoxo é inerente à vida – algo que os seres humanos reconhecem, no mínimo, desde Heráclito, que assinalou que a escada que sobe é a mesma que desce (Davis, 1982, p. 161-162)

Para finalizar este capítulo, quero apresentar um aspecto presente na clínica de Winnicott que considero fundamental para a compreensão de todo o trabalho deste autor. Trata-se do que ele denominou de jogo de espátulas, procedimento clínico que ele realizava

como pediatra com as inúmeras crianças que ele pôde atender ao longo de sua extensa carreira.

O texto denominado *A Observação de bebês numa situação estabelecida*, publicado em 1941, é fundamental para a compreensão do trabalho de Winnicott. Neste texto e até mesmo em alguns outros que o antecedem já é possível acompanhar, ainda um pouco mais em potencial neste momento de sua obra, a importância que Winnicott dá à experiência sensorial com a materialidade das coisas, questão que estará presente mais tarde na discussão que ele faz dos objetos e fenômenos transicionais, quando afirma que o objeto que a criança elege é importante em si mesmo, pela experiência que possibilita. No texto sobre a observação de bebês, Winnicott nos conta a experiência que ele realizava com seus pacientes, na qual ele disponibilizava uma espátula pediátrica de metal para a criança na consulta. Nestes atendimentos, Winnicott observava e trabalhava junto com cada criança com idades que podiam variar entre cinco e treze meses e com sua respectiva mãe no que ele chamou de situação estabelecida. Estas são experiências relatadas que Winnicott acumulou durante muitas décadas no *Paddington Green Children's Hospital*, local onde trabalhou como médico. Winnicott recebia a mãe e a criança em sua sala de atendimentos, onde havia diversos objetos. Sobre a mesa, Winnicott dispunha uma espátula metálica médica que a criança poderia pegar se quisesse. A postura de Winnicott era a de observar, aguardando o que a criança faria ou não com a espátula.

Nesta situação estabelecida, Winnicott nos apresenta três momentos fundamentais:

1) O Período de Hesitação. Neste momento, se tudo vai, bem, Winnicott tinha diante de si um bebê que hesitava entre pegar ou não a reluzente espátula metálica. O bebê encontrava-se em um dilema: havia um risco e, portanto, observa e espera. Pouco a pouco, ele se tornava corajoso a fim de mudar esta situação. Winnicott aponta que geralmente se houvesse outras crianças mais velhas na sala, elas não suportariam esperar, o que provocaria uma aceleração danosa ao processo. Neste período, o bebê geralmente não movia o corpo, no entanto, isto não significava que havia apatia ou rigidez. Aqui, é impossível forçar que o bebê tome a espátula para si sem que isto inclua a força bruta.

É o estado de espera de Winnicott e da mãe que garante, neste momento, que o bebê se sinta seguro o bastante para arriscar-se. O bebê está pronto, então, para ser corajoso o bastante para deixar que seus sentimentos floresçam espontaneamente. Somente assim ele poderia acreditar que podia pegar a espátula e usá-la como quisesse. A impossibilidade do bebê de atravessar o período de hesitação apresentava, segundo Winnicott, indicações relevantes sobre

o seu desenvolvimento emocional. Na situação-padrão, o fato de a criança não falar não era um problema.

Masud Khan (1958) assinala que o que Winnicott chama de ‘período de hesitação’ acrescenta uma nova contribuição à problemática clássica da resistência. Khan afirma que é o que muitas vezes é rapidamente rotulado como resistência do paciente é, na verdade, a busca do paciente pela intimidade com seu terapeuta a fim de que ele possa se expressar. A fim de que esta intimidade pudesse se firmar ao longo do tempo, era fundamental esta experiência com a materialidade da espátula. Quando esta experiência podia ser conquistada pela criança, Winnicott observava que ela adentrava um novo momento da consulta.

2) O Uso da Espátula. Neste período, Winnicott tinha diante de si um bebê que estava diferente. A mudança ocorria no corpo do bebê, sua boca tornava-se flácida e sua língua empapada em saliva. Não demorava muito até que o bebê levasse a espátula até a boca ou usasse a espátula como se fosse um cachimbo, imitando os movimentos do pai. O bebê estava confiante, manipulando a espátula que estava em sua posse. O bebê brincava com a espátula e convidava as pessoas presentes a aceitarem a brincadeira. Diante disto, Winnicott sublinha que a brincadeira é importante em si mesma, e que o bebê não ficava desapontado pelo fato de a espátula não era a comida que ele brincava de levar até à boca da mãe ou do médico. Há um momento em que este jogo atingia o seu momento derradeiro.

3) O Livrar-se da Espátula. Neste período, o bebê deixava a espátula cair. Se a mesma fosse devolvida a ele, o bebê, contente, jogava novamente a espátula ao chão. Na próxima vez, ele novamente atirava a espátula, demonstrando intenso contentamento em poder livrar-se agressivamente do objeto metálico.

Tais características, nos diz Winnicott, eram consideradas normais em crianças entre os cinco e os treze meses de idade. Após esta idade, a situação estabelecida se tornava mais complexa, pois os interesses da criança tendiam a se ampliarem, ela passava a se interessar por outros objetos, além da espátula.

Winnicott assina que quando a criança atravessava o árduo período de hesitação e, em seguida, apanhava e usava a espátula esta experiência funcionava para a criança como uma espécie de *lição de objeto*, que por sua vez possuía um valor terapêutico.

Quando tudo vai razoavelmente bem, uma criança vive experiências como essas ao longo de sua infância, experiências que constroem para a criança uma rede de confiabilidade nas pessoas a sua volta e um sentimento geral de segurança. As experiências de lição de objeto constituem para a criança a crença nas coisas boas e nos bons relacionamentos dentro dela, constituindo as bases de seu desenvolvimento emocional, ao mesmo tempo em que ela

tem a possibilidade de fazer uma revisão de seus relacionamentos com pessoas e coisas tanto no seu mundo interno quanto no mundo externo. Trata-se de uma experiência com começo, meio e fim e que, portanto, é vivida em toda a sua extensão como um fluir, ofertando à criança a experiência de que o ambiente onde ela vive é fundamentalmente bom. Neste momento, a criança alcançava o que Winnicott costumava chamar de ciclo benigno, onde algo bom que foi vivo podia ser internalizado como uma memória de uma experiência completa.

Winnicott estabelece um paralelo entre essas experiências observadas por ele na situação estabelecida com a situação analítica, onde o analista permite que o paciente estabeleça o seu ritmo singular na sessão. Assim como a criança utiliza a espátula na consulta psiquiátrica a fim de alcançar a lição de objeto, o trabalho psicanalítico também precisa caminhar o bastante até que o paciente possa fazer uso do da situação e do analista. Philips (2006, p. 66) jocosamente nos conta que Winnicott costumava dizer que o psicanalista precisa ser como a prostituta que estava ali para ser *usado* pelo analisando. O analista fixa o horário de início e término das sessões e o paciente tem a liberdade de decidir-se quando irá ou não. No entanto, ainda no caso da psicanálise, o analista está sempre em uma condição de buscar compreender o que, naquele momento, se mostra como uma necessidade para o paciente. Nesta situação, a interpretação ofertada ao paciente é equiparada à espátula ofertada ao bebê na situação estabelecida, de modo que o momento em que a interpretação é ofertada ao paciente é uma questão bastante delicada do trabalho clínico.

Apresentei este aspecto do trabalho de Winnicott, o jogo da espátula, com o intuito de explicitar uma situação que em si traz inúmeras contribuições para a reflexão sobre o fazer clínico. Para o que me interessa discutir neste momento, esta situação é importante no que diz respeito ao lugar privilegiado que Winnicott dá à experiência que a criança vive com a materialidade que é ofertada pelo clínico.

É interessante Winnicott falar em *situação* neste momento. Uma situação que é estabelecida (*set-up situation* é a expressão usada pelo autor), portanto, não se trata de qualquer situação. O terapeuta e a criança estão em um lugar onde é ofertado para a criança tempo e espaço. Este é um aspecto fundamental do trabalho clínico. O analista oferta tempo e espaço qualificados para que o analisando possa expressar-se e conviver por “x” tempo em um “y” espaço com o analista. Neste tempo e espaço uma comunicação pode se estabelecer entre a dupla. É inquietante o fato de Winnicott dar grande importância à espátula como um objeto que tem o potencial de abrir um campo de experiências para a criança que está em consulta. Eis neste tipo de trabalho, uma perspectiva que dá lugar privilegiado à materialidade

como tendo um potencial mediador de experiências para a criança e, estendendo este conceito, para a situação clínica com pacientes de diferentes idades.

Com este tipo de posição que, em meu ponto de vista, aparece no jogo de espátulas de um modo um tanto insipiente, Winnicott abre novas possibilidades no campo psicanalítico, ao devolver às coisas uma vitalidade inerente ao qual a corporeidade vida do ser humano responde. Com este tipo de posicionamento, como também nos mostra Safra (1999), Winnicott devolve ao campo psicanalítico o valor fundamental da ação humana que não é compreendida como *acting out* defensivo quando levamos em consideração estes três momentos fundamentais do jogo de espátulas que possibilita, por meio da ação do paciente, a experiência de atravessamento: por meio da ação constitutiva que se dá a partir do uso da materialidade o paciente já não é mais o mesmo!

Outro elemento que se abre a partir do jogo de espátulas é o do lugar da temporalidade. Quando Winnicott está apresentando esses três momentos do jogo, ele ressalta que, que a experiência completa é alcançada pela ação da criança na situação ao longo do tempo. Com esta afirmação, temos que o tempo não é mais o tempo do relógio nem o tempo do desejo, mas o tempo da ação constitutiva que acontece em uma situação em que o analista espera e acompanha. De modo que, tanto o tempo como a ação constitutiva no encontro clínico precisam estar enraizados na convivência entre a dupla e não em procedimentos excessivamente técnicos que são oferecidos mecanicamente. Lembro-me aqui de algumas supervisões clínicas na universidade onde o termo *rappport* era utilizado quase como um lema, como se a complexidade e a delicadeza que envolve o encontro clínico pudesse ser resumida em uma simples aplicação de preceitos técnicos.

Por meio do que apresentei aqui, tentei mostrar alguns aspectos da materialidade a partir de contribuições de Winnicott, tomando como ponto de partida algumas características que considero relevantes, tendo em vista duas áreas fundamentais: o cotidiano de Winnicott e suas relações significativas e algumas contribuições que fazem parte de seu legado como pediatra e psicanalista. Para finalizar, gostaria de compartilhar um belíssimo trecho de Walter Benjamin, importante filósofo alemão, que nos apresenta poeticamente essa abertura humana para a vivacidade que mora na materialidade do mundo.

Meditar com pedantismo sobre a produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que devem servir às crianças é insensato. Desde o Iluminismo isto é uma das mais rançosas especulações dos pedagogos. A sua fixação pela psicologia impede-os de perceber que a Terra está repleta dos

mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. Objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças e não se prefere deixar que a própria atividade – com tudo aquilo que é nela requisito e instrumento – encontro por si mesma o caminho até elas. (Benjamin, 2002 , p. 103-104)

A seguir, convido o leitor a acompanhar-me em minha tentativa de abordar o vértice poético de leitura dos fenômenos da materialidade

CAPÍTULO III – O VÉRTICE POÉTICO DE ABORDAGEM DA MATERIALIDADE

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas

razoáveis:

Elas querem ser olhadas de azul –

Que nem uma criança que você olha de ave.

Manoel de Barros

3.1 – O vértice poético e a situação clínica: diálogos com Marion Milner

Neste momento de nosso percurso apresentarei o vértice poético de abordagem da materialidade. Como já assinalei anteriormente, minha tentativa será a de mostrar como a materialidade emerge como evento poético na condição humana. A fim de realizar este percurso junto ao leitor, utilizarei algumas experiências que vivi e dialogarei com autores que encontrei, entre os quais alguns poetas, escritores e psicanalistas. Tenho em vista a perspectiva de que os artistas e poetas têm muito a nos ensinar sobre a condição humana e também sobre as problemáticas que surgem na situação clínica. Lembro-me aqui das recomendações que Freud faz em 1933 em suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* de recorrermos aos poetas quando a ciência não tem condições de compreender os fenômenos.

Durante muito tempo convivi com a inquietação de como escrever um texto apresentando o *vértice poético* como possibilidade de um posicionamento diante do outro de um modo ao mesmo tempo rigoroso e justo à experiência colhida. Procurarei explicitar o que compreendo o que estou chamando de *poético*. Um dos encontros mais interessantes que tenho tido com autores que abordam o lugar da experiência poética na condição humana foi com a psicanalista e também artista inglesa Marion Milner (1900-1998)⁶ que levou a sério a investigação dos sentidos da experiência poética que acontecem no cotidiano clínico. Em seu artigo de 1952 sobre o papel da ilusão na formação simbólica, Milner nos diz:

⁶ Marion Milner foi uma artista, psicanalista e educadora inglesa. Em seus trabalhos, debruçou-se sobre o lugar da criatividade e das experiências poéticas no horizonte existencial humano em diálogo com as contribuições de Freud, Melanie Klein, Winnicott, poetas e estetas, entre outros. Extrapolando o campo propriamente psicanalítico, dialogou com a obra de artistas, poetas e pintores, com destaque para a fecunda interlocução que teve com as pinturas e poesias de William Blake.

Talvez a maioria das pessoas esqueça o momento em que o “poeta” original que há dentro de cada um de nós criou o mundo externo, para nós mesmos, encontrando então o que é familiar no que não é familiar; ou então, estes momentos ficaram guardados em algum lugar secreto da memória, por serem muito semelhantes a visitas de deuses. Por conseguinte, não podem ser misturadas com o pensamento do dia-a-dia. No entanto, em autobiografias como na poesia, alguns ousam contar. Na vida comum talvez sejam os bons professores que estejam mais cômicos desses momentos, pois seu trabalho é providenciar para que existam condições sob as quais tais momentos ocorram, de tal forma a criar situações para o aquecimento da imaginação, situações para que um assunto ou um talento acendam, plenos de significância. No entanto, é na situação analítica que se pode estudar este processo a partir de dentro e a partir de fora. (Milner, 1991, p. 94)

No trecho acima, a autora assinala que *o ser humano é poeta*, sem ter necessariamente produzido poemas ou alguma obra de arte reconhecida como tal. Trata-se de um lugar originário do humano, ou seja, de uma abertura que possibilita o surgimento do humano, da criatividade que inaugura, *entre* o familiar e o não-familiar. O surgimento *no entre* é importante, pois ressalta o lugar fundamental no qual estamos como seres sempre inacabados, incumbidos da tarefa ao mesmo tempo trágica e fascinante de criarmos o mundo. Em nossa cultura é comum o culto a uma criatividade como produção de algo que apresenta uma funcionalidade ou que garante algum lugar de prestígio. A criatividade de que Milner fala não produz necessariamente algo como um objeto. Para ela, a criatividade é gesto que inaugura e transforma e, ao fazê-lo, funda o acontecimento humano.

Milner nos conta que ainda durante sua primeira análise freudiana por volta da década de 30, começou a utilizar de seus desenhos livres. Tratava-se de rabiscos dos quais surgiam histórias que a surpreendiam. Tais desenhos inquietaram e surpreenderam Milner de tal modo que ela iniciou, em 1939, a escrita de um livro que denominou de *On Not Being Able to Paint (Sobre a Impossibilidade de Pintar)*. Ela tinha a intenção de investigar como surge a capacidade de alguém criar desenhos significativos sem uma intenção consciente deliberada. Neste livro ela considera que um bom desenho pode expressar genuinamente o estado de alma de alguém. Milner rabiscava enquanto se concentrava em seus sentimentos. Procurou investigar o sentido dos desenhos e da ação de desenhar para além das questões psicanalíticas, pois queria compreender mais profundamente a sua própria experiência de pintar. Neste

percurso, a autora se deparou, ao estudar as questões de perspectiva dos desenhos, com a importância da separação, da distância e dos limites que a materialidade dos contornos dos rabiscos e desenhos desvelavam para ela.

São bastante significativas as palavras de Milner a respeito de um de seus experimentos (Figura 1):

Notei que o esforço que se fazia necessário para divisar as bordas dos objetos, como eles realmente pareciam ser, provocou um certo medo, um medo do que poderia ocorrer se a pessoa deixasse livre sua ligação mental no contorno que mantinha tudo separado e em seu lugar, e era semelhante ao medo de um amplo foco de atenção, que eu havia notado em meus experimentos anteriores.

Depois de pensar nisto, acordei certa manhã e vi duas jarras sobre a mesa. Sem qualquer luta mental, vi os bordos, um em relação ao outro, e vi como eles pareciam quase que se encapelar, de modo alegre, agora que haviam se libertado deste negócio inflexível, ligado a um objetivo prático de encarcerar um objeto e mantê-lo em seu lugar. Com certeza, os contornos brincavam, e tentei um esboço das jarras, durante cinco minutos. Agora ficava mais fácil entender também o que os pintores queriam dizer com a expressão ‘liberdade de linha’, pois havia sem dúvida uma razão para o seu oposto, ou seja, a necessidade emocional de aprisionar rigidamente os objetos dentro deles mesmos.

Ao tentar pensar sobre a possível razão desta necessidade de ficar mantendo os objetos mantendo-se a si mesmos dentro de si mesmos, confinados a uma fronteira rígida, lembrei-me de ter lido que ‘o contorno é a primeira e mais simples afirmação de uma realidade tangível’ (J. Gordon, *A Step ladder to Painting*, p. 19 [Uma escada para a pintura]).

O contorno, portanto, representava o mundo dos fatos, de objetos sólidos palpáveis. Agarrar-se a ele protegeria indubitavelmente a pessoa contra o outro mundo, o mundo da imaginação. (Idem, p. 20)

Figura 4. As jarras, de Marion Milner.

Este trecho é bastante significativo e nele está presente a concepção de Milner do gesto poético que ocorre no *vão* entre mundos. Milner assinala o sentimento de medo que surge diante da experiência onde os contornos e bordas dos objetos se fundem, libertos pela imaginação criativa do encarceramento da racionalidade. Winnicott menciona em seu capítulo *The Location of Cultural Experience* (1971) esta imagem de Milner quando assinala a importância do interjogo entre as bordas que o bebê realiza quando começa a fazer uso do símbolo de união e a possibilidade de experienciar a separação começa a surgir na relação entre a mãe e o bebê. O interjogo entre as fronteiras é uma experiência fundamental na perspectiva artística e clínica de Milner. Para ela, um dos problemas cruciais da clínica e da criatividade humana é poder *confiar no vazio, no branco, naquilo que parece não estar ali* (Idem, p. 17)

O evento poético é este momento onde sujeito e objeto, sentimento e conhecimento, parecem se tornar um. Aqui o diálogo com o poeta inglês William Blake⁷ foi absolutamente fecundo para ela. Milner encontrou as ilustrações de Blake sobre o *Livro de Jó* em uma biblioteca pública e ficou encantada, desde então a obra do poeta e pintor tornou-se para ela um diálogo constante. Blake mostra por meio da genialidade de sua obra a importância de podermos tolerar e usar os aspectos opostos presentes no processo de criação e na interioridade do ser humano. Em um de seus belíssimos versos, Blake (2007, p. 17) nos diz:

⁷ William Blake (1757-1827), poeta, tipógrafo e pintor inglês.

Não há progresso sem Contrários. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência Humana. Desses contrários emana o que o religioso denomina Bem & Mal. Bem é o passivo que obedece à Razão. Mal, o ativo emanando da Energia. Bem é Céu. Mal, Inferno.

Em afinado diálogo com o poeta inglês, Milner, em seu artigo de 1956 *O Sentido no que não tem sentido (Freud e Jó, de Blake)*, nos diz palavras luminosas sobre estes fenômenos onde emerge o poeta em nós na fronteira entre mundos:

O gênio poético de cada homem (como o denomina Blake) “cria” o mundo para nós, encontrando o que é familiar no não-familiar, momentos em que a imaginação pega fogo e acendem-se as luzes que iluminam todo um novo panorama de possibilidades de relacionamento com o mundo externo. Assim, estes são os momentos de se ficar apaixonado, pode ser por outra pessoa, mas também pode ser por uma determinada habilidade, ou assunto, ou algum meio, por palavras, argila, sons ou pedra. (Milner, 1991, p. 191)

A psicanalista inglesa assinala que tais fenômenos que ocorrem na fronteira, no *entre* da experiência, estão também presentes nos limites corporais transfigurados pela presença do outro e pelo fenômeno de ilusão. Para ela, a ilusão de criação de si mesmo, do mundo e da comunicação com o outro é sustentado pelo analista que oferta um contorno temporal-espacial ao paciente. A psicanálise, neste sentido, assim como a arte e o brincar, são possibilidades de alguém criar pontes entre mundos que Milner(1952), em seu artigo *O Papel da Ilusão na Formação Simbólica* denomina, usando as expressões de Rank, de *irrealidade subjetiva* e o da *realidade objetiva*, fundindo suas bordas de um modo harmonioso sem, no entanto, confundi-los. A autora nos dá alguns exemplos de desenhos de inúmeros pacientes, entre eles o da paciente que denominou de Srta. A (Figura 6). Nele há três círculos sobrepostos que apresentam poeticamente um estado indiferenciado que surge na experiência de relação de comunicação profunda deste paciente com a analista, onde *eu* e *outro* fundam um *nós*, ou seja, uma terceira pessoa que é criação do analisando. É nesse sentido que Milner nos diz em seus textos que um beijo é *ponte* ou que abrir os olhos é ver e criar o mundo que é visto. É interessante, ainda, que para ela a experiência artística e curiosamente também a experiência de descoberta científica estão assentadas nesses eventos em que alguém tem a experiência de *ser* aquilo que lá estava para ser descoberto e criado. No mesmo artigo, Milner faz suas as

palavras de Herbert Read que diz: *Tudo aquilo que é novo em qualquer ciência provém de percepções que em seu início são poéticas.*

Figura 5. A Sra. A. – desenho de uma paciente de Marion Milner

Toda essa discussão que Milner nos apresenta tem implicações importantes no percurso humano no cotidiano e na situação clínica. No cotidiano e na situação clínica, eventualmente tropeçamos no poético. Na clínica, o analista ou terapeuta é aquele que se arrisca em sustentar a situação a fim de que o evento poético possa emergir, sendo testemunhado e atravessado em companhia para que, deste modo, o paciente possa se apropriar do *poeta* que habita no abismo de si mesmo. Trata-se de, por vezes, de uma experiência onde o ser humano encontra com um “outro” que surge espantosamente diante de si ou até mesmo na própria interioridade. Sobre essas questões, Paz (1982, p. 124) nos ensina que

O pensamento oriental não sofreu desse horror ao “outro”, ao que é e não é ao mesmo tempo. O mundo ocidental é o do “isto ou aquilo”. Já no mais antigo *upanishada* se afirma sem reticências o princípio da identidade dos contrários: “Tu és mulher. Tu és homem. És o rapaz e também a donzela. Tu, como um velho, te apóias num cajado... Tu és o pássaro azul-escuro e o verde de olhos vermelhos... Tu és as estações e os mares”. E essas afirmações o *upanishada* Chadogya condensa-as na célebre fórmula: “Tu és aquilo”. Toda a história do pensamento oriental parte dessa antiquíssima afirmação, do mesmo modo que a do Ocidente se origina da de Parmênides. Esse é o tema constante da especulação dos grandes filósofos budistas e dos exegetas do hinduísmo. O taoísmo revela as mesmas tendências. Todas essas

doutrinas reiteram que a oposição entre isto e aquilo é, simultaneamente, relativa e necessária, mas que há um momento em que cessa a inimizade entre os termos que nos pareciam excludentes. (Paz, 1982, p. 124)

Tais eventos onde as fronteiras entre o “eu” e o “outro” se rompem são vividos de diferentes modos por cada pessoa ou comunidade. O poético emerge por vezes como experiência de assombro e espanto ou como experiência de encantamento e reverência diante de uma experiência que transborda.

Lembro-me aqui de Alberto⁸, paciente que tive a oportunidade de acompanhar. Sua história parecia marcada por impossibilidades. Quando conheci Alberto, ele tinha por volta de 20 anos de idade. Uma de suas queixas frequentes era a de, em situações do dia-a-dia, de repente ele se encontrava assaltado por imagens que fugiam de seu controle e explicação. Ao me contar o que sentia, seu medo era o de ser louco ou de que eu o julgasse louco, não compreendendo aquilo que também o deixava surpreso e assustado.

Alberto sentia grande dificuldade de estar com seus amigos, pois segundo me contava, de repente era surpreendido por imagens e pensamentos que o paralisavam. Sentia-se perseguido e incapaz. Sentia muitas dificuldades de poder acolher mudanças em seu cotidiano, acompanhado do constante sentimento de medo de fazer qualquer coisa ou de estar em lugares desconhecidos. Achava que as pessoas o julgariam louco ou incapaz.

Era frequente eu ir ao meu consultório de bicicleta, deixando-a no quintal durante os atendimentos. Em uma de nossas conversas, Alberto narra sua experiência de tentar andar de bicicleta e não conseguir. O medo o paralisava. Era comum na vida deste paciente uma sensação de tédio infinito. Continuamos trabalhando e, em nossas conversas, pouco a pouco, Alberto começou a poder sentir uma vontade que parecia encantá-lo ao mesmo tempo em que lhe trazia grande aflição: andar de bicicleta.

Diante da situação que se desenhava na relação transferencial, nenhuma interpretação verbal dos significados de tal experiência parecia ser significativa e eficaz. Conteí a Alberto minha própria experiência de andar de bicicleta, dizendo a ele que eu sabia o quão difícil era sentir medo de não conseguir. Estas intervenções pareciam possibilitar ao paciente a possibilidade de arriscar-se. Em nosso trabalho, a possibilidade de andar de bicicleta foi se tornando bastante importante, um evento verdadeiramente poético que abria possibilidades

⁸ Nome fictício com a intenção de preservar o paciente em questão.

para o paciente. A bicicleta parecia surgir como ícone de si mesmo, anseio de constituição de aspectos de si que o paciente pressentia.

Esta situação me ensinou muito sobre a materialidade emergindo como eventos poéticos, pois o modo de ser da bicicleta, por exemplo, abre um campo de experiência significativa para o ser humano. Andar de bicicleta é equilibrar-se *entre* o ser e o não ser e, neste arriscar-se, ir mais além. Recordo-me neste momento de um belíssimo verso de Adélia Prado onde ela nos diz que “Quando Deus criou o mundo criou junto a bicicleta” (Prado, 1991, p. 378).

A fecundidade da contribuição de Milner foi também fruto do diálogo nascido da amizade com Winnicott. É conhecido o evento no qual Milner e Winnicott conversavam, quando Milner apontou a cortina da sala em que se encontravam e considerou que havia um *entre* no vão das cortinas e que constituía um espaço indefinido e misterioso. Esse mesmo tipo de fenômeno está também assinalado no evento das jarras, descrito acima. Como pintar esse espaço indefinido e belo?

Nesse espaço misterioso, encontra-se o *entre* no qual eclode o poético. Nessa fenda podemos encontrar aquilo que se revela como fundamental para a vida humana e, certamente, para a situação clínica. No *entre*, está o evento que é parte do mundo e do para o além mundo. Nele a poesia emerge como evento paradoxal, que nos convida para um contínuo devir.

Milner nos conta que em uma noite de 1957 estava dirigindo e deparou-se com trapezistas que faziam acrobacias com seus trapézios. Um deles deu um grande salto e começou a girar na barra, criando um grande círculo. Essa era uma das imagens a partir da qual se lembrava de Winnicott que disse em uma de suas conferências, nos conta Milner: *Seja lá o que vocês consigam de mim, vão ter que escolher a partir do caos*. Milner assinala que essa era uma frase que tinha importância no modo de ser de Winnicott onde as fases que ele chamava de *non sense* ou caos preliminar, eram fundamentais como primeiro movimento do gesto criativo.

Havia uma piada que surgiu em um encontro entre Milner e Winnicott. Na época da guerra, em uma revista aparecia uma caricatura de dois hipopótamos com suas cabeças emergindo da água. Um hipopótamo dizia ao outro: *Continuo achando que é terça-feira* (Figura7)⁹. Milner assinala que nesta brincadeira estava presente algo central em seu

⁹ Figura obtida do artigo de Jam Abram intitulado *Squiggle, Clows and Catherine Wheels*, disponível em Natureza Humana: Revista internacional de filosofia e práticas clínicas. Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. V. 1, n. 1. São Paulo: EDUSC, 1999.

pensamento: a questão das *fímbrias da consciência*, a *superfície da água como o lugar de submersão e emersão*.

Figura 6. “Continuo achando que é terça-feira”

Tanto para Milner assim como para Winnicott o ser humano, assim como os hipopótamos da brincadeira entre ambos, habita na fronteira, entre a água e a terra, entre a aproximação e a separação, entre o nascer e o morrer. O ser humano é este *anfíbio incurável* e só a linguagem poética pode abordá-lo a partir de seu lugar paradoxal fundamental.

Com Milner, em companhia de Winnicott, vamos, no próximo tópico, contemplar a questão do paradoxo, o que irá nos possibilitar adentrar mais profundamente no evento poético, que será abordado em seguida.

3.2 – O Paradoxo em Winnicott

To be alive is all.

Estar vivo é tudo.

Winnicott

Aos domingos, por volta das dez horas da manhã, ao final da década de 60, era comum Winnicott receber seu velho amigo Masud Khan, também psicanalista do *Middle Group*, que vinha a fim de ajudar Winnicott na elaboração do texto que seria mais tarde reconhecida não apenas como seu livro final, mas como um tipo de “testamento” que o psicanalista deixaria para os estudiosos de sua obra. (Khan, 1991)

Winnicott vivia os últimos anos de sua vida e encontrava-se debilitado. Khan dava-lhe o tempo e a ajuda necessária a fim de pudessem conversar, discutir casos clínicos e

desenvolver o livro que seria publicado em 1971 com o título *Playing and Reality (O Brincar e a Realidade)*.

Winnicott inicia retomando as discussões que realizara 20 anos antes, no texto *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, de 1951, onde apresentou alguns dos conceitos que fariam dele um autor importante no campo psicanalítico.

Vale a pena acompanharmos o trecho inicial contido na parte introdutória de seu último livro:

Quando volto o olhar para a última década, fico cada vez mais impressionado pela maneira como essa área de conceptualização tem sido negligenciada não só na conversação analítica que está sempre se efetuando entre os próprios analistas, mas também na literatura especializada. Essa área de desenvolvimento e experiência individuais parece ter sido desprezada, enquanto a atenção se focalizava na realidade psíquica, pessoal e interna, e sua relação com a realidade externa ou compartilhada. A experiência cultural não encontrou seu verdadeiro lugar na teoria utilizada pelos analistas em seu trabalho e em seu pensar.

Naturalmente, é possível ver que aquilo que pode ser descrito como uma área intermediária encontrou reconhecimento na obra dos filósofos. Na teologia, assume forma especial na controvérsia sobre a transubstanciação, aparecendo em plena força na obra de característica dos chamados poetas metafísicos (Donne e outros). (Winnicott, 1971/1975, p. 9)

Neste trecho Winnicott apresenta sua preocupação com a ênfase dada no campo psicanalítico de sua época ao registro psíquico interno da experiência humana. Winnicott observa que pouca atenção foi dada à área intermediária da experiência humana, que ele denomina de área *transicional*. Ele observa que esta área da experiência humana pode ser encontrada nos campos da filosofia, da teologia e nas obras de alguns poetas.

A área transicional da experiência humana, que ele denomina de objetos e fenômenos transicionais dizem respeito à

uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua

tarefa humana de manter as realidades internas e externas separadas ainda que inter-relacionadas. (Idem, p. 15)

Esta área de experimentação, a terceira parte da vida humana, na qual Winnicott descreve o aparecimento dos objetos e fenômenos transicionais, está relacionada com uma possibilidade existencial que é alcançada pelo bebê humano a partir da experiência de cuidado e hospitalidade que lhe é ofertada. Winnicott nos diz que a mãe ou a pessoa que oferta um cuidado devotado ao bebê observa nesta relação que a criança possui um repertório pessoal de ritmos, sons, balbucios que lhe são peculiares.

Aos poucos, já nos primeiros meses, o bebê elege objetos os quais ele parece estimar. Com estes objetos, o bebê estabelece uma relação pessoal. Começa a levá-los consigo na hora de dormir e, quando a família viaja, os pais percebem que seria impossível a viagem sem a companhia de tais objetos. Trata-se do que o psicanalista denominou de *primeira possessão não-mim* (Winnicott, 1971). Tais atividades podem começar, por exemplo, com a experiência de o bebê sugar o polegar podendo se estender a objetos tais como ursinhos, pedaços de pano, entre outros.

Winnicott reconhece que estes objetos denominados de *transicionais* são importantes pela excitação e satisfação orais que veiculam ao bebê. No entanto, o fundamental destes objetos não é tanto a satisfação que podem produzir ou a representação que podem ter, mas são objetos fundamentais pela *experiência* que veiculam. São objetos que são *pontes* entre a realidade interna do bebê e o mundo objetivamente percebido. Fronteiras entre mundos, apesar de, do ponto de vista de quem observa, *parecerem* objetos que estão absolutamente *fora* do bebê.

Winnicott nos chama a atenção para a experiência de ilusão que sustenta e possibilita o surgimento desses fenômenos. A experiência de ilusão se inicia em um período anterior ao surgimento dos objetos e fenômenos transicionais, ocorre a partir da adaptação às necessidades do bebê no início da vida, momentos do processo maturacional onde a dependência dos cuidados maternos é absoluta para a criança. Nestes momentos, quando surge no bebê, por exemplo, a necessidade de alimento, a *mãe suficientemente boa* oferta o seio neste momento em que o bebê está pronto para criá-lo. A experiência do bebê é a de ter sido o criador do seio, apesar de do ponto de vista de quem observa a dupla mãe-bebê em processo de amamentação o seio e a mãe possuírem uma existência independente da existência do bebê. Descrevendo fenomenologicamente essas experiências, nos diz Winnicott:

A adaptação da mãe às necessidades do bebê, quando suficientemente boa, dá a este a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar. Em outras palavras, ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber. Para o observador, a criança percebe aquilo que a mãe realmente apresenta, mas essa não é toda a verdade. O bebê percebe o seio apenas na medida em que um seio poderia ser criado exatamente ali e naquele então. Não há intercâmbio entre a mãe e o bebê. Psicologicamente, o bebê recebe de um seio que faz parte dele e a mãe dá leite a um bebê que é parte dela mesma. (Winnicott 1971/1975, p. 27)

É bastante interessante a importância que Winnicott dá ao *paradoxo* que envolve essas experiências que o psicanalista descreve. O autor hesita em dar exemplos muito minuciosos de como estes fenômenos podem ocorrer, cuidando para que os mesmos não caiam em esquemas classificatórios, o que certamente reduziria a sua complexidade. Estamos aqui não só diante de uma perspectiva epistemológica fundamental para se abordar o ser humano, mas também em um registro ético, pois não se pode estar diante do outro sem respeitar o mistério de seu ser. O paradoxo é o lugar a partir do qual se pode acolher verdadeiramente o outro em seu ser, em sua aparição misteriosa.

Para Winnicott os fenômenos e objetos transicionais, assim como a experiência da ilusão de criação do mundo, são fenômenos universais que possuem, todavia, infinitas variações no modo como podem ocorrer. Winnicott aproxima a complexidade de tais fenômenos à descrição do rosto humano, assinalando a impossibilidade de realizar a descrição total de alguém por meio de conceitos e ideias. Penso que esta perspectiva de Winnicott é também sintônica com as discussões feitas no campo da filosofia sobre a irredutibilidade do Rosto humano, por Levinas (1988):

Penso antes que o acesso ao rosto é, num primeiro momento, ético. Quando se vê um nariz, os olhos, uma testa, um queixo e se podem descrever, é que nos voltamos para outrem como para um objeto. A melhor maneira de encontrar outrem é nem sequer atentar na cor dos olhos! Quando se observa a cor dos olhos, não se está em relação social com outrem. A relação com o rosto pode, sem dúvida, ser dominada pela percepção, mas o que é especificamente rosto é o que não se reduz a ele. (p. 77)

Encontrei sintonia com estas afirmações também no campo da Literatura e da Filosofia. Em literatura, Dostoiévski (1821-1881) tem sido um autor cujos textos têm me acompanhado. Por meio de seus textos, o autor russo apresenta o fenômeno humano acontecendo na fronteira entre o que é do mundo e o que está para além no mundo. Nesta perspectiva, a Arte é o modo mais *justo* de se abordar o ser humano, pois quando abordado por meio da Arte, a pessoa humana não pode ser capturada por ideias ou abstrações. Por este vértice, embora alguém aconteça no mundo entre os outros, uma pessoa está sempre para além do mundo mesmo, para além de quaisquer definições sociais e até mesmo psíquicas. Há um mistério constitutivo no abismo da alma humana e que só a Arte desvela. Tal perspectiva está presente na famosa frase que Dostoiévski apresenta em seu romance *O Idiota: A Beleza salvará o mundo!* Temos aqui que a Beleza, o Rosto são eventos paradoxais que apresentam a transcendência estrutural do ser humano: visitam o mundo sem poderem ser capturados por definições ou construções mundanas.

Ainda no campo da Filosofia, encontrei reflexões bastante fecundas no pensamento da filósofa alemã Edith Stein (1891-1942). Em seu estudo sobre *A Estrutura da Pessoa Humana*, Stein nos mostra como os pressupostos antropológicos a partir dos quais as teorias em Ciências Humanas são construídas podem não contemplar a complexidade do ser humano. Ao trabalhar no campo da Educação, a autora sentiu a necessidade de repensar as antropologias que sustentavam as práticas educacionais baseadas em teorias. Tais antropologias inúmeras vezes abordavam o ser humano como um ser isolado e a partir de abstrações distantes da complexidade inerente à experiência humana.

É também nesta perspectiva que Winnicott apresenta e discute as experiências transicionais, onde o paradoxo é inerente à condição humana e reduzi-lo a definições implicaria em aviltar um dos aspectos fundamentais da existência, o que na linguagem de Safra (2006b) põe em eclipse o *ethos* humano, ou seja, as condições necessárias para o ser humano habitar, morar no mundo sem perder a própria dignidade.

Em diálogo com a tradição psicanalítica, Winnicott reconhece a importância das contribuições de Freud e Klein para as construções teóricas sobre o lugar da fantasia, das dinâmicas inconscientes. Todavia, aponta para a necessidade de atentarmos para a terceira área da experiência. Esta área está para além do mundo interno do indivíduo e, também não pode ser explicada pelo entorno, ou seja, pelo mundo externo. No espaço transicional da experiência humana há um constante jogo entre o mundo interno e o compartilhado. Estes campos de experiências fundamentais da condição humana expressam-se, nos diz Winnicott (1971), no brincar, no estar junto com o outro, na ilusão de criação do mundo, na solidão

acompanhada, na experiência de mutualidade entre a dupla mãe-bebê, no encontro humano onde a materialidade do mundo revela e desvela possibilidades. Todas essas experiências veiculam o interno e o externo, ponte entre mundos: lugar do paradoxo, *lugar em que vivemos*.

Em uma belíssima conferência para enfermeiros e médicos realizada em outubro de 1970, Winnicott discute a questão da cura, e finaliza dizendo: *É sempre importante descobrir que nosso trabalho se vincula a fenômenos inteiramente naturais, e aos universais, algo que esperaríamos encontrar nas melhores poesias, filosofias e religiões* (Winnicott, 1970, p.120).

Como vemos o lugar do *evento poético* é o campo do paradoxo que surge nos principais campos de criação humana, entre eles na experiência do brincar assim como também na filosofia, nas religiões e na literatura. Neste tipo de abordagem, onde o paradoxo inerente à condição humana precisa ser tolerado e não solucionado, a questão da cura ganha um diferente estatuto.

Winnicott assinala em sua conferência que as palavras, assim como os humanos, possuem uma história. A palavra *cura* em sua raiz etimológica esteve associada nas religiões e nas práticas médicas ao *cuidado*. Segundo o autor, historicamente, a partir de por volta do ano de 1700, a cura passou a ser associada com a medicação, ao processo de extermínio da doença e sua causa. A questão da cura como cuidado foi, deste modo, sobreposta e muitas vezes esquecida.

Em sua visão, a psicanálise não se reduz a um método de interpretação do inconsciente reprimido nem tampouco à tentativa de eliminação de sintomas, mas é fundamentalmente a *oferta de um lugar* onde a confiança pode ser estabelecida entre a dupla a fim de que o cuidado possa ser vivido como uma experiência importante e constitutiva. Considero estas questões que Winnicott apresenta muito importantes quando abordamos a clínica a partir do registro poético, pois a experiência poética – pororoca de mundos, lugar paradoxal, visita dos deuses na linguagem de Milner – para ser atravessada e acolhida, como dissemos anteriormente, precisa ser testemunhada e vivida em uma relação de confiança com o Outro.

Quando o evento poético pode ser testemunhado em um encontro significativo, esta experiência pode ser acolhida e integrada ao modo de ser de alguém. Considero interessante o assinalamento de Winnicott (1954, p. 381) em seu texto sobre os *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no setting analítico* quando, ao abordar as questões que tangem a psicose, ele nos diz:

(...) a psicose tem um vínculo estreito com a saúde, pelo qual um grande número de falhas ambientais congelados pode ser recuperado e descongelado pelos muitos fenômenos curativos da vida cotidiana, tais como as amizades, os cuidados recebidos durante uma doença física, a poesia, etc.

Como nos mostra Olteiral (2012) os fenômenos curativos (*Healing Phenomena*) encontram-se imersos nas obras de Winnicott e aparecem explicitamente apenas no trecho acima, porém estão relacionados ao viver criativo e à compreensão de indivíduo de Winnicott.

Fazendo uso destas contribuições, temos que os eventos poéticos ocorrem na experiência da vida cotidiana compartilhada e quando sustentados e testemunhados recuperam a dignidade da experiência humana constituindo *fenômenos curativos*.

A seguir, adentraremos mais profundamente no registro poético da experiência para, em seguida, abordarmos sua relação com a materialidade.

3.3 – O paradoxo da condição humana e o registro poético

Respirar, invisível dom – poesia!
 Permutação entre o espaço infinito
 e o ser. Pura harmonia
 onde em ritmos me habito.
 (Rilke, 1922, p. 325)

A poesia é sempre instigante e desafiadora, pois *invisível dom* que é, escapa de quaisquer tentativas de captura e explicação pelo excesso de luz vindos dos holofotes do pensamento racionalista. Respirar não se explica e capturá-lo é já deixar de respirar. A poesia, assim como a respiração, é puro acontecimento que sustenta e desvela a vida e os seres. Jogo de paradoxos, onde os contrários caminham juntos, de mãos dadas. No instante mesmo da respiração está a possibilidade de não respirar. Vida e morte estão presentes como duas notas musicais. Em harmonia.

Nesta belíssima poesia, que é parte de uma vasta coletânea de poemas de Rainer Maria Rilke (1875-1926) denominados *Sonetos a Orfeu* e publicados pela primeira vez em 1922, há a afirmação de que o poeta *habita* este lugar entre o *espaço infinito e o ser*. Que lugar Rilke nos aponta? Seria um lugar subjetivo, mera invenção fantasiosa? Ou seria um lugar que diz respeito à aspectos fundamentais da condição humana, ou seja, de todos nós?

Neste capítulo abordo a relação entre o registro poético da experiência, a condição humana e a situação clínica tendo no horizonte a compreensão de que este tipo de abordagem sintoniza com o tipo de investigação que busco realizar do fenômeno da materialidade. Lembrando que a hipótese que orienta esta dissertação é a de que **a materialidade sustenta e desvela eventos poéticos no cotidiano e na situação clínica.**

Abordar o cotidiano e a situação clínica pelo vértice poético parece ir de encontro a uma possibilidade de fundar um lugar para nós terapeutas que seja fundamentalmente *aberto* a outro naquilo que ele revela de surpreendente e inusitado e que, portanto, escapa de qualquer redução teórica. Esse lugar é fundado pela possibilidade do terapeuta estar situado no paradoxo, no lugar do *entre*, no qual seja possível reconhecer e acolher o evento poético que emerge na relação com seu paciente. Será aqui fundamental o terapeuta se perguntar em qual registro da experiência de vida do paciente o evento poético emerge: será, por exemplo, que o evento poético emergiu na relação com o terapeuta, será um acontecimento na história de vida do paciente? Estas questões são importantes, pois cada registro da experiência poética demanda diferentes intervenções do terapeuta. Tais manejos da situação serão abordados mais profundamente quando fizemos o percurso de investigação do caso Piggle, onde poderemos acompanhar Winnicott caminhando com sua paciente em diferentes registros de experiência.

A poesia, este invisível dom, apresenta o ser humano e seus acontecimentos diários de um modo que ao mesmo tempo em que algo é dito e apresentado, esta mesma coisa, que pode ser uma imagem, um evento, ou até mesmo um sentimento, parece recusar-se a ser inteiramente iluminado e dito. Em outras palavras, a poesia preserva o mistério. Resistência benigna que nos aponta um modo ético de estarmos diante do ser humano e diante de tudo que vive. Nesta perspectiva podemos afirmar que tudo tem uma *dignidade* própria, pois tudo é revelação. Ou como diz Adélia Prado (1991, p. 141): *tudo é a casa da poesia!* Tal perspectiva foi assinalada por Safran (2004, p. 44) quando afirma:

Cada ser humano carrega potencialidades de ser. *Ele é aparição dos ancestrais e é clareira do futuro. Ele é único e múltiplo. Ele ao dizer desvela, velando. Vive no horizonte de mundos.* O que nos demanda uma posição ética e epistemológica assentada no *paradoxo*. Somente o paradoxo contempla a condição humana como ser no mundo e sempre para além dele. Ao ouvirmos alguém formular as questões de seu destino, estamos ouvindo o sofrimento de um e de todos. Encontra-se eco dessa perspectiva na Torah que afirma: *quem salva uma vida salva toda a humanidade.*

Em diálogo com o trecho acima, temos que o paradoxo é aqui o paradigma fundamental não apenas do modo como a poesia se revela no poema, mas é no paradoxo que a condição humana se desvela. Aos estarmos diante de alguém, estamos diante de uma grande complexidade de fenômenos e atravessamentos que fundaram esta pessoa que nos interpela com seu modo de ser. Por mais encontros e sessões de análise que possamos realizar com uma pessoa, mesmo quando acreditamos que ela já é “conhecida” por nós, de repente algo surge e nos põe em questão. Sustentar esse *lugar de interpelado* e caminhar em direção ao outro naquilo que ele porta de singular constitui o lugar ético fundamental do terapeuta perante seu paciente. Quando abordamos o ser humano pelo paradoxo, alguém não pode ser *conhecido*, alguém só pode ser *encontrado*. E há sempre um mistério neste encontro, algo fica por vir.

Além de ser uma questão de posicionamento ético, o paradoxo é também importante, como vimos nas palavras de Safra, no registro epistemológico. Quando estamos diante da obra de alguém, de sua fala ou texto é necessário abriremos mão de um possível saber enrijecido em certezas. É o risco necessário que corremos na tentativa de encontrar o outro, o surpreendente.

Há em nosso momento histórico um grande apelo pelas convicções teóricas que visam dissecar e definir tudo e todos. Seria tolice acreditar que isto é uma característica apenas do agora. Trata-se de um desenrolar histórico que culminou na hegemonia da técnica e no império da informação. Como consequência, temos presente um excesso de nomeações e técnicas que apresentam o ser humano de um modo aparentemente pronto, como se bastasse a aplicação de fórmulas e em seguida a colheita dos resultados ou o domínio de informações que garantiriam o desaparecimento de possíveis incômodos. Tal modo de abordar o ser humano tem gerado novos modos de subjetivação, pois estas perspectivas começam a infiltrar na esfera do cotidiano impossibilitando a intimidade e também adentram no modo como se conduz a situação clínica onde o paciente fica de antemão reduzido ao que já foi conhecido e teorizado.

Não só as áreas da psicologia e da psicanálise sofrem este tipo de banalização, mas também as artes de modo geral e, mais especificamente no que estamos agora tratando, a poesia.

Com o avanço da racionalidade como ferramenta primordial de abordagem do ser humano, assistimos ao longo do tempo o nascimento da hegemonia tecnológica presente na modernidade e no mundo contemporâneo. A abordagem que mais parece comparecer nas ciências humanas, entre alguns dos campos na Psicologia e também na Psicanálise, nos parece

ser o de investir na criação de esquemas abstratos universais para se abordar os fenômenos humanos e o modo mesmo de o ser humano se constituir.

É o que assinala Heidegger (2012) quando afirma que

(...) circula no planeta, de maneira desenfreada e hábil, um *falatório*, um escrever e uma transmissão de coisas ditas. O homem se comporta como se fosse o criador e o soberano da linguagem. A linguagem, no entanto, permanece a soberana do homem. Quando essa relação de soberania se inverte, o homem decai numa estranha mania de produção. (p. 167)

A poesia e o registro poético da experiência humana ficam reduzidos ao suposto *dizer bem e articulado* do especialista que até mesmo pode tornar desnecessário a emergência do poético, como se este fosse uma mera associação de ideias. O que é revelação já não mais encontra acolhimento, sendo por vezes substituído ou calado pela teoria do especialista. No mais, a poesia fica reduzida a um dizer fantasioso e nostálgico que, deste modo, não teria rigor científico. No entanto, nos alerta Heidegger, que “*quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado é o seu dizer*” (Idem, p. 168)

Considero que há neste trecho algo que nos ensina muito quando abordamos a situação humana a partir do vértice poético. Nesta perspectiva ofertar um dizer ao paciente que *acolhe o inesperado* é poder estabelecer **uma comunicação que seja porosa ao mistério e ao desmanche**. Sim, porosa, pois não se trata de uma fala pautada em certezas ou convicções teóricas fechadas, mas de um dizer que surge como um *rabisco-risco*¹⁰ na direção do outro. Um dizer sujeito ao desmanche, pois pode ser desconstruído inúmeras vezes pelo paciente e pelo terapeuta no encontro que põe a situação de vida e as questões mais caras ao paciente em marcha.

3.4 – O vértice poético de abordagem da materialidade

A natureza e as coisas de nosso entorno e uso são preliminares e transitórias, mas são, enquanto estamos aqui, nossa posse e nossa amizade, cúmplices de nosso sofrimento e alegria, tal como elas já foram os confidentes de nossos

¹⁰ Faço aqui alusão ao jogo de rabisco utilizado por Winnicott (1971) em suas consultas terapêuticas. Utilizo *rabisco-risco* por considerar que se trata de um gesto na direção do outro que acolhe o inesperado e inclusive a possibilidade do erro do analista na direção do paciente.

antepassados. É essencial, portanto, não apenas não caluniar e rebaixar as coisas do aqui, mas também, pelo caráter provisório que elas compartilham conosco, compreender e transformar esses fenômenos e coisas com o mais íntimo entendimento. Transformar? Sim, pois é nossa tarefa gravar em nós essa terra provisória, efêmera, de forma tão profunda, tão sofrida e tão apaixonada que sua essência de novo se ressuscita “invisível” dentro de nós. Somos as abelhas do invisível. Apaixonados, colhemos o mel do visível, para cumulá-lo no grande favo de ouro do Invisível. (Rilke, 2007, p. 75-76)

Rainer Maria Rilke também é bastante reconhecido e aclamado pelas belíssimas cartas que escreveu. Um dos temas muito frequentes em seus textos é o do lugar do transcendente no cotidiano. Geralmente Rilke convida o seu interlocutor a uma possibilidade de sustentar a espera e o silêncio. Na visão dele, o surpreendente e o sagrado ocorrem como uma eclosão no cotidiano, em um tempo e espaço que acolhe a condição humana em constante vir a ser.

A fala que encontramos com grande frequência na atualidade, inclusive em Psicologia e em Psicanálise, é o do lugar do mesmo, onde nada acontece ou tudo se repete. Em uma época onde impera a hegemonia da técnica e as virtualidades é comum ouvirmos pessoas dizendo, por exemplo: “*quando a rotina se instala, é um tédio*”. Este é um tipo de fala, muito comum de ouvirmos de nossos pacientes na atualidade, em que o tédio e a falta de sentido revelam uma condição na qual o cotidiano tende a se esfacelar e, deste modo, nada mais comunica ao homem. O tempo e o espaço do encontro são substituídos pela lógica da máquina, o silêncio que acolhe o destino humano é aviltado pelo ruído das grandes metrópoles. Neste tipo de lógica, o dizer poético é esta possibilidade de, por meio da experiência do sofrer, a pessoa alcançar um *dizer* na situação clínica que rompe o já *dito*. Safra (2006b, p. 33) nos ensina:

(...) em termos de linguagem, a fala pode aparecer como um *dizer* ou como um *dito*. Como *dito* significa que a fala não está aberta ao novo e ao inédito, àquilo que se revela. O *dito* é o mesmo, é aquilo que já foi. É o falar que, de alguma forma, estanca o devir humano, impedindo o aparecimento do inédito. O *dizer* é a fala inaugurante, a fala-gesto, a palavra justa que acolhe o acontecimento. O dizer tem qualidades poéticas. É um dizer poético, em que algo de familiar é recriado para explicitar o novo. Fala-paradoxo, em meio ao familiar e ao inédito acontecendo como dizer poético. A palavra tornar-se aberta, porosa à criatividade daquele que fala. O dizer poético tem

algo de rebelde. Isto porque a palavra assim criada não é passível de ser domada, o seu significado é sempre transbordante. O dizer poético resiste, pois a palavra poética é transcendência em ato. Há momentos em que, durante a sessão, o paciente diz a sua condição. Quando isso ocorre, surge o surpreendente tanto para o analista, quanto para o analisando. (Safra, 2006b, p. 33)

Neste processo, também a relação dos homens com as coisas tende a desaparecer, sendo que as coisas perdem a sua importância histórica e se tornam objetos funcionais meramente visadas pelo consumo e pelo prestígio social.

Este processo também adentra os campos da Psicologia e da Psicanálise, onde estamos mais acostumados a falar da subjetividade, das dimensões internas do humano e de seus possíveis conflitos. Neste tipo de perspectiva, não estamos habituados a abordar o ser humano em seu contexto, ou seja, como um ser que fundamentalmente acontece nas relações que estabelece em um mundo que pode ou não guardar as condições primordiais para que o evento humano possa surgir. Lembro-me de uma supervisão da qual participei no curso de graduação onde uma colega relatava seu atendimento e de repente disse a respeito de seu paciente: *mas ele só enrola, ele só fala do cotidiano*.

Aposto no diálogo com poetas e artistas, tais como os escritos de Rilke que são bastante fecundos, pois nos ajudam a compreender facetas importantes da situação humana e também do lugar onde o fazer clínico acontece. No belíssimo trecho que inicia este capítulo, podemos acompanhar a compreensão do poeta sobre o lugar das coisas no percurso humano. É muito interessante o estatuto que Rilke dá às coisas como *cúmplices de nosso sofrimento e alegria*. Aqui temos um tipo de abordagem da materialidade muito pouco discutida e reconhecida em nosso meio.

Rilke nos diz que a condição humana, a natureza e as coisas são marcadas por uma transitoriedade. Neste sentido, há uma relação de aparentamento entre as coisas, a natureza e o homem. Todos nós estamos atravessados pela passagem do tempo. No entanto, é tarefa humana desvelar a dignidade das coisas e da natureza, sem *caluniá-las ou rebaixá-las*, questão fundamental que se perde no mundo moderno e contemporâneo, onde a natureza e as coisas são alvo do domínio e do controle pelos humanos.

Com sua perspectiva, Rilke assinala um lugar para o ser humano: aquele que tem a possibilidade de transformar, portanto, de fazer uso de sua criatividade a fim de reposicionar aquilo que está disponível. Usando outra linguagem, Winnicott assinala o mesmo fenômeno

quando afirma que *não existe criatividade sem o diálogo com a tradição*. A criatividade está relacionada com a possibilidade de dar um novo estatuto à tradição, pondo em marcha a continuidade da existência humana em direção ao futuro e às próximas gerações.

Outro aspecto bastante interessante da materialidade que Rilke nos mostra é o registro da memória. É bastante curioso Rilke nos falar das coisas como *confidentes de nossos antepassados*. Estamos aqui num tipo de compreensão das coisas como guardiãs da história das gerações. Na *pele das coisas* estimas por alguém ou por uma comunidade estão tatuadas a passagem de outras gerações com seus modos de ser e viver, seus valores e costumes. Quando tomamos posse de uma coisa, jogando com sua materialidade, surge a possibilidade de, por meio desse gesto, *gravar em nós essa terra provisória, efêmera, de forma tão profunda, tão sofrida e tão apaixonada que sua essência de novo se ressuscita 'invisível' dentro de nós*.

Safra (2004) nos traz uma vinheta clínica que ilustra bem estas questões. Ele nos apresenta a situação de uma paciente, senhora de por volta de sessenta anos, que imigrou para o Brasil na época das guerras mundiais e que havia perdido muitas pessoas queridas. Desenvolveu um tipo de organização melancólica. Sentia-se deprimida e entediada. Estabeleceu com sua analista uma relação de confiança. Ao narrar sua história, recordava-se da experiência de cozinhar junto de sua mãe. Nestas ocasiões havia sempre uma panela de cobre que era utilizada por elas. Certa vez, sensibilizada pela paciente, a analista encontra uma panela e se recorda da paciente. Resolve presenteá-la, pois seu aniversário se aproximava. De posse de seu presente, a paciente passa a convidar amigos, retoma o gosto que tinha por cozinhar, decide visitar o país de origem, ou seja, gradualmente ela pode retomar seu percurso de vida.

A situação clínica é um lugar privilegiado no qual se pode observar a eclosão do poético por meio da materialidade das palavras e das coisas. Perspectiva que pretendo enfocar no próximo capítulo, quando, então, irei debruçar-me sobre o caso Piggie de Donald Winnicott, com o objetivo de investigar a eclosão poética no jogo presente nas sessões.

Finalmente, ao trilharmos este percurso, o retorno à nascente é inevitável. De modo que, o único modo de abordar o vértice poético é por meio da palavra quebrada, da palavra não saturada, do dizer balbuciante do recém nascido ou do moribundo. A poesia, assim como a vida, vazam incessantemente, sendo todos os compartimentos teóricos que se pretendem absolutos incapazes de segurar a correnteza. A boa teoria e os bons encontros são aqueles que abrem campos poéticos de experiência. Sendo assim, deixo ao leitor os dizeres da poetiza russa Marina Tsvetáieva (1892-1941), que tive a alegria de encontrar:

Abro as veias: irreprimível,
Irrecuperável, a vida vaza.
Ponham embaixo vasos e vasilhas!
Todas as vasilhas serão rasas,
Parcos os vasos.

Pelas bordas – à margem –
Para os veios negros da terra vazia,
Nutriz da vida, irrecuperável,
Irreprimível, vaza a poesia.
Marina Tzvietáieva, 1934¹¹

¹¹ Tradução de Augusto de Campos. In: Campos, Augusto de. Poesia russa moderna. Traduções de Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAPÍTULO IV – A MATERIALIDADE COMO EVENTO POÉTICO: UM PERCURSO HERMENÊUTICO EM DIÁLOGO COM CASO *PIGGLE* DE D. W. WINNICOTT

As crianças são o instante onde as líras e os dedos são uma única rosa.

Herberto Helder

No presente capítulo realizarei um percurso investigativo tomando como interlocutor privilegiado a obra de Donald Winnicott intitulada *The Piggle: an account of the psychoanalytical treatment of a little girl*¹². O foco de investigação a partir do qual trabalharei, será o da questão da materialidade como evento poético na situação clínica psicanalítica.

No caminho que realizamos até aqui, por meio dos capítulos que foram apresentados, pude discutir aspectos da materialidade a partir do diálogo com a perspectiva de trabalho desenvolvida por Winnicott e outros autores. Também teci considerações sobre a complexidade dos eventos poéticos e sua importância na condição humana, onde procurei enfocar como essas questões emergem no cotidiano e também na situação clínica.

Tendo no horizonte a intenção de aprofundar ainda mais este estudo, pretendo, neste capítulo, acompanhar as anotações das sessões realizadas por Winnicott com sua paciente *Gabrielle*, cujo apelido é *Piggle*. Trata-se de um importante e complexo caso clínico que nos possibilita inúmeros vértices de investigação.

A escolha deste caso se deu a partir do estudo da obra de Winnicott e da constatação da complexidade e da fecundidade que a narrativa das sessões apresenta para o presente estudo. Senti grande entusiasmo ao ler este caso clínico e aos poucos foi surgindo a esperança de que estudá-lo permitiria uma compreensão mais profunda da situação clínica pelo vértice da materialidade. Esta é também uma oportunidade única e rara de acompanharmos Winnicott, o clínico, em ação ao lado de sua paciente e de vermos como os fenômenos da materialidade emergem como eventos poéticos na situação clínica e como são manejados na relação terapêutica.

¹² The Piggle: Relato do Tratamento Psicanalítico de uma Menina.

Utilizarei, neste trabalho, enfaticamente a edição inglesa do caso, publicado pela editora Penguin Books, primeira edição de 1977 e realizarei a tradução do texto quando julgar necessário. Utilizarei também da edição brasileira, publicada pela Editora Imago, segunda edição, 1987.

Algo bastante relevante ao abordarmos esse encontro psicanalítico foi a participação constante dos pais da jovem paciente durante todo o processo de tratamento. Winnicott incluiu os pais no trabalho, dialogou com eles pessoalmente e por meio de cartas, algo pouco comum no campo psicanalítico e que, como veremos, lhe tem grande importância na condução do caso.

A terapia com Piggie se deu entre o início do ano de 1964 e o final do ano de 1968 segundo as datas que aparecem na primeira e na última sessão descritas no caso. No entanto, o livro com as anotações de cada sessão por Winnicott somente fora publicado pela primeira vez em 1977, seis anos após a morte do psicanalista inglês. O caso Piggie foi geralmente estudado tendo em vista o trabalho analítico que Winnicott realizou com crianças.

É interessante vermos a partir dos relatos presentes neste caso como Winnicott reinventa e organiza a situação clínica, tendo como norteador do trabalho a necessidade mais fundamental da paciente e o momento do processo maturacional no qual se encontra. Seu trabalho não visa submeter o paciente ao enquadre psicanalítico, mas a situação clínica é organizada tendo em vista qual o tipo de trabalho que o paciente anuncia que precisa ser realizado a fim de que possa colocar-se em direção ao seu porvir. Tal questão revela o lugar que Winnicott ocupa ao trabalhar com cada paciente e ao mesmo tempo está relacionada com o tipo de posicionamento que o autor tinha diante da própria psicanálise.

Em seu importante artigo *Os objetivos do tratamento psicanalítico* de 1962, Winnicott assinala qual era sua posição diante do fazer psicanalítico:

Gosto de fazer análise e sempre anseio pelo seu fim. A análise só pela análise para mim não tem sentido. Faço análise porque é do que o paciente necessita. Se o paciente não necessita análise então faço alguma outra coisa. Em análise se pergunta: *quanto* se deve fazer? Em contrapartida, na minha clínica o lema é: quão pouco é necessário ser feito? (Winnicott, 1983, p. 152)¹³

Em sua forma de trabalhar, Winnicott não estava interessado em impor o enquadre psicanalítico para sua paciente. Ele somente recomendava análise para uma criança ou aceitava trabalhar com ela analiticamente se concluísse que havia ocorrido uma paralisação no

¹³ “*I enjoy myself doing analysis and I always look forward to the end of each analysis. Analysis for analysis’ sake has no meaning for me. I do analysis because that is what the patient needs to have done and to have done with. If the patient does not need analysis then I do something else. In analysis one asks: how much can one be allowed to do? And, by contrast, in my clinic the motto is: how little need to be done?*” (Winnicott, 1962, p. 166)

processo maturacional que demandasse o tipo adequado de ajuda. Quando esta não era a questão, Winnicott ressaltava o potencial da própria criança e de seu ambiente de seguir com o percurso de vida. Como vimos na citação acima, a análise só pela análise não faz sentido para ele. A situação com Piggie foi organizada segundo a busca da paciente pelo encontro com o terapeuta que era solicitado quando surgia nela a necessidade de comunicação.

É interessante como Winnicott também valorizava o potencial do próprio cotidiano da paciente e da relação com seus pais como facilitadores do atravessamento das questões e dificuldades que ela apresentava naquele momento. No prefácio do caso clínico o autor assinala que com frequência perde-se de vista a riqueza da sintomatologia presente na criança que está sendo cuidada em casa, em um lar satisfatório, de modo que o tratamento pode inclusive interferir na possibilidade de o ambiente da criança lidar com os estados clínicos que ela apresenta os quais indicam se a criança está ou não paralisada em seu processo maturacional. Vemos aqui toda a compreensão de Winnicott de que os sintomas fazem parte do processo saudável de devir do ser humano e que eliminá-los ou curá-los pode até significar saúde, mas não significa que a pessoa se sente viva.

Aprecio muito o trecho do livro *Playing and Reality*, quando Winnicott (1971) se pergunta: “*Sobre o que versa a vida? Você pode curar o seu paciente sem saber o que possibilita a ele ou ela viverem. É de primeira importância para nós reconhecermos abertamente que a ausência de doença psiconeurótica pode significar saúde, mas não é vida*” (tradução nossa)¹⁴.

Em diálogo com o caso Piggie e as discussões que Winnicott apresenta, na psicanálise segunda a demanda, fica visível que a clínica a partir de Winnicott não se encontra enraizada na emergência do *insight* psíquico, ou seja, na transição facilitada pela interpretação do analista dos conteúdos inconscientes para a consciência. A clínica psicanalítica realizada por Winnicott, apesar de não negar este importante aspecto, está enraizada na experiência de estar com o outro, de estar em um lugar humano, de estar com as coisas.

Como veremos, tais questões estão presentes no caso Piggie, onde podemos perceber que a paciente é abordada em seu contexto de vida. Winnicott abre o tempo e o espaço do consultório para a paciente como um lugar de convivência com ele e também com os pais dela. É neste lugar privilegiado que a materialidade como evento paradoxal pode vir a ser um

¹⁴ “*What is life about? You may cure your patient and not knowing what it is that makes him or her go on living. It is of first importance for us to acknowledge openly that absence of psychoneurotic illness may be health, but it is not life*”. (Winnicott, 1971, p. 100)

lugar de sustentação do encontro e do gesto pessoal que possibilita o atravessamento das questões vividas pela paciente.

Este tipo de trabalho que Winnicott realizou ao lado da paciente *Gabrielle* é um caso privilegiado onde ocorre a modalidade clínica denominada por ele de psicanálise segundo a demanda (*on demand analysis*). Neste tipo de trabalho, como é recorrente na perspectiva do psicanalista inglês, é impossível abordar o paciente sem levar em conta o seu ambiente e o contexto no qual ele vive. Uma das características de vida desta paciente era o fato de ela e seus pais morarem muito longe de Londres, o que implicava que eles precisavam viajar de trem para encontrar Winnicott, de modo que os encontros eram realizados com um espaço longo de tempo entre as sessões que também ocorreram em uma quantidade reduzida. O que norteava a ocorrência dos encontros era o pedido da própria paciente, sua busca por interlocução. Vale a pena também lembrarmos o momento de vida de Winnicott no momento em que este atendimento fora realizado. Winnicott encontrava-se em processo de adoecimento, nos últimos anos de sua vida, questão que também contribuiu para a psicanálise segundo a demanda fosse utilizada com a paciente Piggie e seus pais.

É fundamental compreendermos que neste tipo de perspectiva presente no caso Piggie não são as manifestações do desejo inconsciente da paciente que movem o encontro clínico e que portando precisariam ser manejadas dentro do enquadre e a partir da interpretação transferencial. O que funda o encontro clínico é a comunicação significativa que ela precisa fazer na relação com seu analista. O gesto da criança, enraizado em sua criatividade originária, desenha quando e onde o analista precisa ser encontrado e é este encontro que possibilita, ao longo do tempo, o atravessamento das dificuldades que a paciente porta.

Surge aqui também uma compreensão importante e peculiar da temporalidade no processo analítico. Ao afirmarmos que é a paciente que demanda o encontro com o analista a partir de sua *necessidade* de interlocução e da angústia que emerge e que precisa ser atravessada no encontro com o outro, estamos diante de um tipo de temporalidade que não é a do desejo, mas de uma temporalidade que emerge do gesto criativo, ou seja, da possibilidade de a paciente criar a partir da sua necessidade o analista que é buscado. Durante muito tempo, desde os estudos de Freud sobre o estabelecimento da situação transferencial, a questão da temporalidade esteve associada ao número de sessões. Com a psicanálise segundo a demanda realizada por Winnicott, podemos dizer que um bom encontro não depende da quantidade em que ocorre, mas da qualidade do encontro que possibilita um espaço e um tempo humanos para a convivência.

Esta compreensão da temporalidade do gesto está em sintonia com o modo como Winnicott compreende a pessoa humana. Ao abordar o ser humano pela concepção de *self*, Winnicott assinala que o acontecimento humano é sempre processual, o que implica em afirmar que a pessoa humana está sempre em processo de construção. A característica mais fundamental do *self* é de sempre ser um vir a ser, um tornar-se, um caminhar em direção a. Este aspecto comparece nos dizeres de Winnicott quando assinala que sentia o anseio de *estar vivo no momento de sua morte*¹⁵, questão que revela que, do nascer ao morrer, estamos em processo de constituição. Destaquei no parágrafo acima a palavra *necessidade*, tendo em vista que não se trata aqui de abordar a clínica pelo registro representacional do desejo, mas pela compreensão de qual é a tarefa que o paciente necessita por em marcha a partir do encontro que ele busca. Quando abordamos a clínica por este vértice hermenêutico não cabe um “*falar sobre*”, questão que comparece muito no registro representacional, mas é necessário *conversar com o paciente estar com*¹⁶ ele a fim de que sua situação existencial possa ser acolhida a partir da possibilidade empática¹⁷ do terapeuta, questão que pode ser amplamente acompanhada na condução do caso Piggie.

Como vimos, é fundamental que o ser humano seja abordado em seu contexto existencial. Neste tipo de perspectiva é necessário compreendermos que a pessoa humana acontece na relação com os outros e também com a materialidade que constitui as coisas disponíveis ao homem em seu cotidiano compartilhado com os outros. É neste sentido que a investigação dos fenômenos da materialidade é importante, pois revela este aspecto fundante de o *self* acontecer no mundo sustentado pela materialidade presente nas coisas, no encontro, na corporeidade. Os fenômenos da materialidade ocorrem em diversos registros da experiência humana. Minha esperança é de acolher estes fenômenos na companhia de Piggie e Winnicott. A seguir, convido o leitor a acompanhar este belíssimo encontro clínico.

¹⁵ “*Oh God, may I be alive when I die*”. (Winnicott, 1978)

¹⁶ Para uma compreensão mais detalhada da psicanálise segundo a demanda, sugiro que o leitor consulte a aula de Safra (2008) intitulada “*Formas de trabalho clínico winnicottiano. Parte 1: Psicanálise sob demanda - princípios e fundamentos*”.

Disponível no site: <http://www.livrariaresposta.com.br/v2/cursocompleto.php?tipo=2&id=31>.

¹⁷ O registro da empatia foi abordado profundamente por Edith Stein, importante filósofa alemã, em sua tese de doutorado *Sobre o problema da empatia*, que foi defendida em 1917, sob orientação de Edmund Husserl.

4.1 – A Primeira Consulta

Lugar sem comportamento é o coração.

Manoel de Barros

Em janeiro de 1964, os pais de Piggie, que na época tinha dois anos e quatro meses, enviaram uma carta a Winnicott perguntando se ele teria disponibilidade para recebê-la. Segundo os pais, a menina apresentava preocupações que a impediam de dormir a noite e que às vezes afetavam a sua qualidade de vida e a relação com os pais.

Os pais assinalam que quando Piggie tinha vinte e um meses de idade nascera sua irmãzinha o que, na visão deles, parecia muito cedo para ela, despertando-lhe ansiedade e fazendo com que a garota se mostrasse mudada. Os pais consideram que a própria ansiedade deles quando tiveram um novo bebê também poderia ter afetado Piggie. Em trecho da carta a Winnicott, os pais dizem:

Ela se aborrece e fica deprimida com facilidade, o que não se notava antes, e tornou-se inesperadamente consciente de seus relacionamentos e, de modo especial, de sua identidade. A angústia intensa e o ciúme manifesto pela irmã não perduraram por muito tempo, não obstante a grande intensidade da sua angustia. As duas agora acham muita graça uma na outra. Com relação à mãe, cuja existência parecia antes quase ignorar, Gabrielle demonstra maior afeição, se bem que, algumas vezes, maior ressentimento também. Tornou-se claramente mais reservada com o pai. (Winnicott, 1987, p. 22)

Os pais de Piggie contam que a garota de vez em quando se mostrava animada e espontânea, mas que diante do sofrimento que apresentava, pensaram em recorrer a Winnicott a fim de eles pudessem trabalhar juntos. Os pais assinalam que a menina tinha a fantasia de ter uma *mamãe preta e um papai preto*. A mamãe preta vinha atrás dela durante a noite e perguntava “Onde estão meus mamás?”¹⁸. Tinha também a fantasia com o que denominava de *babacar* e, durante a noite, Piggie acordava chamando os pais, solicitando que eles tudo sobre o *babacar*.

Ainda antes de encontrar Winnicott pela primeira vez, a mãe da menina escreve uma carta dizendo que a menina apresenta dificuldades em concentrar-se quando brinca, com

¹⁸ “Where are my yams? (To yam = eat)” (Winnicott, 1977, p. 06)

frequência chora e se confunde com o *babacar* ou então com a mãe. Diz que havia dito a ela que Winnicott entendia de *babacars* e de *mamães pretas* e desde então ela havia parado de pedir para que os pais explicassem o que era o *babacar*. Piggie havia solicitado aos pais que a levassem para encontrar Winnicott.

No primeiro encontro com Piggie, Winnicott a recebeu junto de seus pais. Todos permaneceram na sala por algum tempo. Winnicott assinala que a menina estava séria, o que para ele mostrava que ela tinha vindo disposta ao trabalho. Surgem aqui dois elementos fundamentais na possibilidade de acontecer o encontro.

É interessante Winnicott ressaltar que todos permaneceram juntos durante algum tempo na sala, questão que nos mostra o modo como o psicanalista concebia o encontro humano que ocorre sustentado pela materialidade do mundo. Ao recebê-los em sua sala, Winnicott sustenta a possibilidade de todos estarem juntos, algo muito importante do ponto de vista do cuidado ofertado à paciente. Cuidado que não é ofertado apenas pelo terapeuta, mas também pelas pessoas significativas que compõem a vida dela e pelo próprio espaço físico da sala. A espacialidade da sala surge como possibilidade de acolhimento de todos e que pode vir a ser um *lugar* para a paciente. Rodman (2003, p. 13), em seu trabalho *Winnicott: Life and Work*, nos ensina que “*Donald era ele mesmo profundamente preocupado com o espaço – o espaço real, externo dentro do qual as pessoas vivem e também com o qual ele conceituou um espaço transicional na mente*”¹⁹.

Ao dizer que pelo olhar da garota ela parecia séria e disposta ao trabalho, Winnicott apresenta a leitura estética que faz da corporeidade da paciente. Este modo de ela se apresentar é já um modo de o terapeuta e a paciente estabelecerem comunicação, não por meio das palavras, mas no registro da corporeidade viva que apresenta esteticamente o modo como a paciente se encontrava naquele momento.

Em seguida, Winnicott segue com os pais e a menina para a sala de espera e tenta levar Piggie para a sala de consultas, porém percebe que ela ainda não estava disposta a ir. Aqui o autor utiliza a palavra inglesa *journey*. Ele diz que a menina ainda não estava disposta a fazer a *viagem* até a sala de consultas. Viagem é uma palavra é importante, pois está relacionada à perspectiva processual presente no encontro e também no modo como ele conduz a sessão.

Ao tentar fazer o caminho para a sala de atendimento, Piggie hesita e diz para a mãe que é muito tímida. Percebendo a dificuldade dela, Winnicott convida a mãe a entrar junto e

¹⁹ “*Donald was himself deeply concerned with space – the real, external space within which people dwelt and also with what he conceptualized as transitional space in mind*” (Rodman, 2003, p.13)

diz a ela para que não ajude em nada. Esta intervenção do analista é importante, trata-se de um cuidado na direção de preservar a espera pelo gesto espontâneo da paciente. A mãe senta no divã com a filha ao lado. Winnicott nos conta que já tinha feito amizade com o ursinho de Piggie que estava agora ao chão. Com esta ação, Winnicott oferta um lugar transicional ao objeto da paciente. Estamos aqui no campo da materialidade: o ursinho não é um objeto qualquer, nem tampouco é abordado como uma projeção do mundo interno da paciente. O ursinho é aqui abordado como um objeto vivo e importante em si mesmo pela experiência que possibilita, ele possui uma posição: está sentado ao chão. Winnicott, respeitando a hesitação de Piggie, sem utilizar de interpretações verbais, abre o espaço físico da sala para ela, senta no chão e estabelece comunicação com o ursinho não por que este é um símbolo que pode representar algo, mas por que o ursinho é a possibilidade do estabelecimento do jogo entre eles. A materialidade do objeto é a possibilidade de fundar um lugar *entre* eles e *para além* deles: espaço potencial. Winnicott se coloca no mesmo registro existencial da paciente não pela interpretação, mas pelo manejo do espaço físico da sala e pela comunicação intermediária que ele estabelece com o objeto transicional dela.

No consultório de Winnicott não havia caixa lúdica. As coisas pelas quais Winnicott tinha apreço encontravam-se espalhadas pela casa, ao alcance. O espaço físico é compreendido como lugar de acolhimento, interação, onde as pessoas são recebidas e podem estar. Ao cumprimentar e convidar o ursinho de Piggie para conhecer os outros brinquedos, Winnicott está levando em conta as potencialidades da materialidade que podem fundar o espaço potencial, pois trata-se de um objeto de estima da paciente. Isto não seria possível somente por interpretações no registro verbal, mas pelo manejo da materialidade das coisas e dos sentidos da materialidade que emergem entre a dupla na situação.

É interessante acompanharmos como Winnicott joga com os espaços da sala. Winnicott, percebendo o momento de hesitação de Piggie, aguarda até que ela possa se aproximar e brincar. A fim de facilitar esse processo, ele aguarda sentado em um canto da sala e faz uso dos brinquedos a fim de ajudar a menina neste momento onde ela se encontra hesitante e ansiosa. A partir da postura de espera de Winnicott e do deslizamento de sua corporeidade no campo da materialidade em sintonia com a corporeidade de Piggie, ela aos poucos vai conquistando a possibilidade de brincar e alguns minutos depois a mãe sai da sala, deixando a porta aberta.

É fundamental que a porta possa estar aberta neste momento, pois Piggie ainda está testando o ambiente, na direção de sentir-se mais segura. A porta é um elemento importante em si mesmo aqui, pela experiência que possibilita. A porta está no entre mundos, não está

nem dentro nem fora, possibilitando o ir e vir entre um lugar e outro, entre dentro e fora da sala. Podemos dizer que a porta é um fenômeno transicional cultural, disponível ao homem nos lugares nos quais habita.

Enquanto estes eventos estão ocorrendo, aos poucos Piggie inicia um jogo com os brinquedos disponíveis. Vai pegando alguns brinquedos e nomeando-os. Acompanhando a paciente, Winnicott compreende que há uma comunicação neste movimento de Piggie e, ele arrisca um dizer: “*Outro bebê, outro bebê Sush*”²⁰ (Idem, p. 10).

Diante da intervenção de Winnicott, Piggie prossegue narrando suas memórias de quando o bebê Sush havia chegado. Ela diz: *Eu era um bebê. Eu estava em um berço. Eu estava com sono. Eu tinha acabado de tomar a mamadeira*²¹.

Neste início da comunicação entre a dupla, podemos notar que a questão que começa a se desenhar na sessão está relacionada com o surgimento do bebê, a irmã de Piggie e sua dificuldade e ter podido lidar com este acontecimento. Neste momento, o terapeuta caminha sustentando o brincar com a paciente a fim de que a comunicação possa vir a ser alcançada na sessão. E, ele faz esse movimento a partir da sustentação dada pela materialidade que compõe a sala e também os brinquedos disponíveis.

Piggie pega um pedaço de objeto redondo que ela encontra e pergunta de onde veio. Winnicott, atento ao que ela estava procurando comunicar, responde: *de onde veio o bebê?* A seguir, ao tentar empurrar um homenzinho de brinquedo para dentro de um carro também de brinquedo não consegue, apesar de ter insistido muito, pois se dá conta de que o homenzinho era grande demais. Tentou com uma varinha de brinquedo e então conseguiu. Winnicott comenta que neste momento disse a ela algo sobre um homem colocando algo dentro da mulher para fazer o bebê. Piggie fica ansiosa, abre a porta e busca da mãe.

Há nesta passagem inúmeros elementos do ponto de vista da materialidade. Aqui é possível ressaltar como a forma dos objetos tem grande importância. Cada coisa é composta por uma materialidade que apresenta certos contornos, formas que compõem as coisas com possibilidades e limites de uso. Neste sentido, a materialidade é utilizada neste momento do jogo como sustentação da comunicação. A forma estética arredondada ou pontuda da coisa abre a possibilidade de a experiência ser comunicada e configurada.

Penso que é fundamental ressaltar que Winnicott não interpreta o jogo que é realizado até aqui, ele *joga com* a paciente, acompanhando qual é a comunicação mais fundamental que ela *rabisca*. Destaco aqui a palavra rabisco, pois vemos neste tipo de intervenção a presença

²⁰ *Sush* era o modo como Piggie chamava a irmã, que nesta época tinha oito meses.

²¹ “*I was a baby. I was in the cot. I was asleep. I Just had the bottle*”. (Idem, p. 10)

do jogo de rabiscos (*squiggle game*) como paradigma da intervenção de Winnicott. No jogo, terapeuta e paciente rabiscam até que um rabisco se destaca, esta é a comunicação que tem valor terapêutico no trabalho, mais do que uma possível interpretação “isto significa aquilo”. Se levarmos em conta a materialidade do próprio rabiscar na sessão, podemos observar que há sempre uma instabilidade presente neste tipo de jogo. Em outras palavras, neste registro da experiência, o rabisco guarda algo do inesperado, não está dado de antemão. O terapeuta está atento ao gesto do paciente e rabisca junto, sustentando o movimento do paciente na direção do que precisa alcançar a comunicação. No entanto, este rabiscar não está enraizado em *certezas*, mas na própria experiência de estar com o paciente. É o que Winnicott faz mais adiante na sessão com Piggie.

Percebendo a ansiedade da paciente, Winnicott faz uso do ursinho de Piggie, conversando com ele e verbaliza algo na direção de ajudá-la. *Você está assustada. Você tem sonhos assustadores?* Ela disse: *Sobre o babacar*²². Piggie segue brincando e encontra um balão vazio que tinha trazido de casa. Winnicott assinala que com este balão a paciente tinha iniciado o jogo na sessão.

Piggie encontra uma lâmpada no chão da sala na qual estava desenhado um rosto. “*Desenha um homenzinho*” pede a paciente e o terapeuta desenha. É muito interessante como Piggie faz uso desta lâmpada cuja forma, como vimos em outra passagem anterior, possibilita uma experiência. A materialidade guarda o gesto humano em potencial.

Toda a questão que a paciente vive e comunica nesta sessão está relacionada com a possibilidade de conceber a existência de um outro, o bebê *Sush*. Ao utilizar a lâmpada como sustentação do gesto que ela desenha na comunicação com o analista, Piggie tem a possibilidade de ter algum domínio da situação que a atravessou em sua biografia. O uso da materialidade funda essa possibilidade ao estar aparentada com o formato de um rosto.

A sessão caminha para o fim quando Piggie começa a guardar brinquedos e bugigangas dentro de caixas. Diante destes movimentos, Winnicott arrisca dizer a ela que ela brincando de fazer bebês. Todavia, é possível observar que a interpretação que é utilizada aqui não tem por objetivo tornar consciente o inconsciente, mas auxiliar a paciente a poder se apropriar da experiência sustentada pela materialidade e pelo jogo. Esta é a questão fundamental que precisava ser alcançada na sessão. A possibilidade de algum domínio da situação vivida por Piggie acontece na medida em que ela pode alcançar a experiência de jogar na sessão, fazendo uso das materialidades que encontra.

²² “*You feel frightened; do you have frightening dreams? She Said: “About the babacar”*. (Idem, p. 10). *Babacar* era o nome que Piggie associava ao bebê *Sush*.

É possível reconhecermos que Gabrielle chega ao final da sessão bastante ansiosa. Ela ajuda Winnicott a arrumar tudo nas caixas e, em seguida, busca os pais. É interessante que Winnicott nos conta que a paciente deixa o ursinho na sala, juntos aos demais brinquedos e coisas do terapeuta. Neste movimento, é possível reconhecer o lugar da materialidade, que aparece aqui presentificada no ursinho da paciente, como sendo um objeto que, assim como ela, pode estar na sessão. O ursinho é presença da paciente e da confiança que se estabeleceu no encontro, é encarnação de seu estilo de ser e de seu anseio de poder retornar ao encontro com o terapeuta, assim que necessário.

Antes de o encontro acabar e eles irem embora, Piggie aguarda com o pai enquanto Winnicott conversa com a mãe. Segundo a mãe, Piggie recusava-se a ser ela mesma, dizendo que era ora o bebê, ora a mãe. Na ocasião do nascimento do bebê, a mãe diz que percebeu a menina necessitando de mais atenção. Assim que o bebê nasceu, Gabrielle logo começou a desenvolver um controle próprio dos esfíncteres e de repente começou a falar, além de perder a possibilidade de brincar, permanecendo boa parte do tempo no berço, chupando o dedo.

Winnicott assinala que, em conversa pelo telefone, a mãe contou que após a consulta, Piggie havia se permitido ser o bebê sem protestos. Na hora de ir embora, Piggie decidiu levar consigo o ursinho, mas no caminho de volta pra casa havia dito que o ursinho preferia voltar para Londres. Aqui, o ursinho surge como um evento poético transicional ele se encontra posicionado *entre* a paciente e o terapeuta, memória do encontro entre eles, ponte entre o *de dentro* e o *de fora* da experiência.

A partir do modo como a consulta foi conduzida é possível observar que a paciente apresentava sentimentos ambivalentes pelos pais e estava bastante ansiosa, porém houve o estabelecimento da confiança na relação com o analista, questão fundamental para que o processo se iniciasse e pudesse ser continuado. Os pais da menina encontravam-se confusos neste momento, ao mesmo tempo dispostos a ajudar no processo.

Segundo Winnicott comenta após o relato da sessão, Piggie estava mudando o modo como se relacionava com os pais. Com o nascimento de sua irmã, Piggie viveu um profundo sentimento de ansiedade, perdeu a espontaneidade ao brincar e tinha pesadelos. Ela viveu experiências contundentes em um momento de seu percurso de vida no qual ainda não tinha condições de lidar com a situação, o que a forçou a desenvolver uma organização de ego precoce.

Piggie ainda se encontrava bastante tomada pelas ansiedades, porém estas puderam ser postas em devir na medida em que alcançaram o registro da comunicação e puderam

encontrar algum contorno, mesmo que temporário, por meio da experiência de jogo no campo da materialidade com o terapeuta.

4.2 – A Segunda Consulta

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças.

Manoel de Barros

Piggle, então com dois anos e cinco meses, chegou acompanhada de seu pai, pronta para o trabalho na segunda consulta²³ com Winnicott. Diferentemente do modo como estava na primeira vez que veio ao consultório, Piggle encontrava-se agora disposta a entrar na sala de consulta e não mais tão tímida como quando estava ao umbral da porta na primeira consulta.

Winnicott, no artigo que publicou em 1941, *Observação de bebês em uma situação estabelecida*, texto onde ele narra os procedimentos que realizava oferecendo uma espátula à criança em situação de atendimento em pediatria, assinala que ao superar o período de hesitação, arriscando-se em direção à espátula a fim de usá-la a criança tem uma experiência que ele denomina de *lição de objeto (object-lesson)*²⁴. Esta experiência possui valor terapêutico para a criança e ao atravessá-la ela alcança uma nova posição diante das questões que porta. Winnicott assinala que a experiência completa que a criança vive vai aos poucos fundando a confiança dela nas pessoas e na realidade externa e também o sentimento geral de segurança, elementos que fortalecem a vida emocional da criança, sua crença (*belief*) nas boas coisas e nos bons relacionamentos.

Na segunda consulta, *Gabrielle* apresenta-se confiante e pronta para o trabalho, o que nos aponta que a paciente pode fazer uso da situação sustentada e facilitada por Winnicott no primeiro encontro. Outro ponto importante é que vemos a partir deste modo como a Piggle se apresenta, que na primeira consulta foi possível fundar a experiência de confiança entre a dupla. A experiência de comunicação genuína que foi conquistada na consulta anterior deu à

²³ Consulta realizada no dia 11 de março de 1964, quando *Gabrielle* estava com dois anos e cinco meses.

²⁴ Winnicott assinala que assim como ele sustenta a experiência do bebê com a espátula, a mãe também sustenta inúmeras experiências ao longo do tempo até que a criança possa compreender seu ponto de vista. Do mesmo modo também trabalha o analista ao deixar que o paciente encontre seu próprio ritmo, escolhendo a partir de si qual caminho quer seguir. O analista organiza e fixa o tempo das sessões garantindo estabilidade ao trabalho. A *lição de objeto* difere do trabalho analítico no sentido de que neste o que o terapeuta está sempre buscando oferecer é a interpretação e naquele o que é oferecido é a espátula. *Cada interpretação é um objeto reluzente (como a espátula) ofertado ao analisando*. É importante sublinharmos que com isto Winnicott está também apontando a importância do tempo em que interpretação é ofertada na situação clínica.

paciente algum repertório do que poderia ser realizado junto ao seu terapeuta. Veremos agora como essas experiências permitiram à paciente conquistar novas possibilidades a partir desta consulta, assinalando com mais clareza o momento em que precisava encontrar Winnicott.

Enquanto Winnicott se preparava para recebê-la, Piggie e seu pai aguardaram na sala de espera, onde conversavam. Winnicott nos conta que provavelmente o pai da paciente estava lendo algo para Piggie enquanto esperavam o momento da consulta. Como já vimos na consulta anterior, temos aqui algo bastante significativo no modo como Winnicott maneja o espaço físico da situação clínica: a sala de espera, a casa, surge aqui como espaço que acolhe e possibilita não somente a relação com o analista diretamente, mas também abre espaço para o jogo e a convivência com as demais pessoas que fazem parte da vida de Gabrielle. A presença do pai e a interação da paciente com ele e com o analista faz parte do jogo que está sendo estabelecido, sustentado e manejado na situação clínica.

Ao entrar na sala de atendimento, Piggie pega rapidamente os brinquedos que estão atrás da porta e nomeia-os, pega um copo azul de vidro, depois o trem de brinquedo e pergunta: *o que é isso?* Diz que veio de trem. Winnicott assinala que neste momento a fala que a paciente utilizava parecia clara aos pais, mas para ele parecia um pouco estranha. Em seguida, pegou a lâmpada, onde havia desenhado um rosto na primeira consulta, e disse: “*Faz ela vomitar!*”²⁵. Temos aqui uma fala que não é mero discursar: é ação. Gabrielle está em direção ao que precisa ser comunicado e Winnicott está jogando²⁶, guiado pelo sentido que se desvela no gesto da paciente.

Aqui acompanhamos algo interessante que Winnicott faz: ele desenha uma boca na lâmpada que Piggie utiliza, facilitando, por meio do uso da materialidade da lâmpada (que possui a forma de um rosto), que a paciente pudesse alcançar a comunicação fundamental que buscava realizar naquele momento. Piggie *faz a lâmpada vomitar*. Logo em seguida, ela apanha um balde cheio de brinquedos e espalha-os ao chão, o que nos assinala que ela estava, por meio do uso que faz dos objetos, associando a sua ação ao vômito.

Estamos no momento em que a angústia fundamental da paciente precisa ser comunicada. Repentinamente, Gabrielle encontra um brinquedo redondo com um orifício no meio, e diz: “*o que é isto? Eu nunca vi isso*”. Pega um caminhão de brinquedo e diz: “*o que é isto? Você sabe do bebê-car (babacar)?*”²⁷. Winnicott pergunta do que a paciente está falando, mas ela não sabe responder. É interessante acompanharmos que as interpretações que

²⁵ “*Make it sick!*”. (Idem, p. 24)

²⁶ Vemos que o paradigma aqui é o jogo de rabiscos (*squiggle game*) e não a interpretação verbal.

²⁷ “*What’s this? Do you know about the babacar?*” (Idem, p. 24)

Winnicott utiliza não têm por objetivo tornar claro algo que estaria supostamente obscurecido na fala. Não se trata de tornar consciente algum material inconsciente, mas sim de possibilitar o devir do jogo entre o analista e a paciente, o que, em minha perspectiva, surge como *evento poético* onde o gesto e inscreve. Winnicott *não tem certeza* de que as interpretações são corretas e, assim como faz no jogo de rabisco, se arrisca e joga com a paciente.

A questão fundamental é que surge para Piggie algo que ganha destaque entre os brinquedos, ela se depara com algo que, como vimos, foi trabalhado na consulta anterior: o surgimento do outro, a origem dos bebês que deixa a paciente atônita. Piggie retoma a questão da origem dos bebês, algo que não fora profundamente compreendido por Winnicott na primeira consulta. *Babacar* é uma palavra que angustia a paciente, pois encontra-se em um campo que ainda não alcançou a comunicação inter-humana. É neste campo que o trabalho precisa ser realizado, daí a importância de Winnicott desenhar o rosto para a garota.

“*É o lado de dentro da mãe de onde o bebê nasce*”²⁸, Winnicott rabisca uma interpretação, usando da sua própria capacidade de jogar e aguarda. Está atento para qual direção, qual o sentido que a paciente apontará. Não está orientado por uma suposta assertividade interpretativa pré-dada. Gabrielle olha aliviada e diz: “*Sim, o lado de dentro preto*”²⁹.

O que acontece em seguida é bastante interessante de observarmos em nossa investigação sobre a materialidade como evento poético na situação clínica. Winnicott arrisca-se em diferentes registros e direções hermenêuticas enfocando a comunicação intercorpórea com a paciente. Ele está atento aos sinais que ela dá em direção à qualidade da interpretação que pode ser ofertada. Piggie pega o balde e enche de brinquedos até fazê-lo transbordar presentificando o ato de vomitar a partir do uso da materialidade dos brinquedos. Acompanhamos aqui a materialidade das coisas, por exemplo, do balde, dos brinquedos, facilitando poeticamente a abertura de campos de experiências a partir do gesto de Piggie. O uso que ela faz dos objetos disponíveis permite a aproximação e o atravessamento de suas questões no momento em que a materialidade emerge como evento poético. Em seguida, Piggie realiza a comunicação que parecia ser a mais fundamental da sessão. Um diálogo acontece entre a dupla. Até então, o jogo estava sendo importante para que Winnicott pudesse chegar ao sentido da comunicação que Piggie busca realizar. A experiência que estava em jogo era o *amor impiedoso* que Piggie sentia pela mãe e que pode ser expresso por meio do jogo com o analista. Este não interpreta, por exemplo, dizendo “você sente grande voracidade,

²⁸ “*It’s the mother’s inside where the baby is born from*”. (Idem, p. 24)

²⁹ “*Yes, the black inside*” (Idem, p. 24)

você quer devorar a mamãe”. Não é este o procedimento de Winnicott, ele aceita o jogo, aceita estar no lugar de bebê voraz que Piggie dá a ele neste momento. *A coisa nova que você quer é o bebê Winnicott e a mamãe Piggie, sobre Winnicott amando a Piggie (a mãe), comendo a Piggie, e vomitando* (p. 25)³⁰.

É interessante observarmos que Winnicott assinala aqui que o trabalho da sessão estava feito. A comunicação que precisava ser feita foi alcançada. Por meio do jogo, a questão da paciente pode alcançar o registro inter-humano na medida em que esta comunicação, sustentada pela materialidade possibilitou a compreensão intercorpórea sustentada pelo evento poético.

O jogo prossegue. Winnicott e Piggie brincam de fazer caretas. Winnicott imita os movimentos da paciente no sentido de manter e sustentar a comunicação ao longo do tempo. Porém, esta comunicação que estamos sublinhando não é meramente verbal, não se sustenta apenas nos possíveis significados e representações das palavras: é comunicação intercorpórea! Em Winnicott as intervenções e até mesmo as interpretações não estão assentadas em um *falar sobre algo* do paciente que o analista interpreta. Não se trata de trabalhar conteúdos a fim de torná-los mais acessíveis à consciência do paciente, mas da comunicação sintônica e especular entre os dois poder ocorrer ao longo do tempo, pondo em marcha o sentido de si do paciente.

Até este momento da consulta, Winnicott caminhou com a paciente para o que até então estava presente apenas de modo potencial pudesse ser alcançado. É comum Winnicott assinalar que o terapeuta caminha com o paciente quando este não tem ainda condições de brincar até o momento no qual o brincar pode ser alcançado na relação. Estamos neste momento em que Piggie alcança a possibilidade de brincar com o terapeuta, o que possibilita por em movimento as questões que até o momento a deixava agoniada, impedindo que ela tivesse algum domínio das angústias a partir de si.

Há aqui ainda outro movimento importante da consulta. Piggie para e descansa, séria, durante algum tempo. Winnicott permanece sentado ao chão, em silêncio. Ambos trocam olhares. A relação entre eles ganha profundidade.

Aos poucos, Winnicott vai se aproximando da angústia de Piggie e compreende o sentido do jogo seguinte que a menina faz com os animais de lã. Piggie brinca de que alguns animais maiores estão comendo outros da mesma espécie. Agora é possível por em jogo, por meio dos brinquedos, a questão do amor voraz pelo outro. Estamos acompanhando analista e

³⁰ “*The new thing you want is about the Winnicott baby and the Piggie mother, about Winnicott loving the Piggie (mother), eating the Piggie, and being sick*”. (Idem, p. 25)

analisando no *registro transicional* da experiência, não mais no registro da agonia que atravessa a pessoa.

A questão que está em jogo neste momento é a voracidade da paciente, que Winnicott denomina de amor impiedoso³¹. A paciente tem o anseio de *devorar* a mãe como objeto de amor. Winnicott não interpreta devolvendo para a paciente, mas aceita o jogo. Aceita *ser* a Piggie neste momento do jogo a fim de facilitar que a menina pudesse por em marcha a questão do amor voraz. Surge aqui um aspecto importante em nossa investigação: a materialidade do corpo.

A materialidade, como já afirmamos, não está apenas relacionada aos objetos do mundo externo, tais como a forma das coisas, a espacialidade do ambiente, mas está também relacionada com a corporeidade do ser humano.

Na perspectiva *winnicottiana* o corpo tem um lugar bastante importante, o corpo vivo do ser humano presente no encontro clínico, diferente do lugar que o corpo tem em outras perspectivas, um lugar secundário onde o mais fundamental é o discurso verbal do paciente, a possibilidade de o paciente traduzir em palavras o que vive a fim de ter algum domínio consciente dos conteúdos afetivos inconscientes. O corpo, nas contribuições de Winnicott, é transfigurado pela presença do Outro, é presença dos cuidados que foram ofertados ao bebê pelas pessoas significativas. A Psicanálise, em seu surgimento, dá grande ênfase ao processo de tratamento como um processo onde o paciente adquire a capacidade de *falar sobre*, de discursar sobre o que sente. O processo terapêutico, nesta perspectiva é equiparado a um texto, é a *cura pela palavra*.

Neste momento da sessão em que está sendo trabalhada a questão do amor impiedoso, Winnicott faz uso do próprio corpo e da imaginação a fim de alcançar a questão que permeia a corporeidade da paciente. Ele se deixa levar corporalmente pelo sentido da comunicação fundamental que a paciente está a caminho de fazer. Mais uma vez Winnicott tenta se aproximar, ele arrisca. “*Eu disse que poderia ser escuro dentro. Era escuro dentro da barriga? O escuro te assusta?*”³². O escuro de que Piggie tem medo está relacionado com o lado de dentro de seu corpo, ou seja, com aspectos da materialidade da corporeidade de Piggie que Winnicott acessa por meio de sua presença no encontro com a paciente. O lado de dentro do corpo, escuro, para onde vão os objetos que ela devora vorazmente. Piggie confirma a Winnicott de que estão tratando do lado de dentro escuro de sua corporeidade e, em seguida, diz que está assustada. Como já assinalamos acima, há aqui uma mudança importante no

³¹ *Ruthless Love*.

³² “*I said that it could be dark inside. Was it dark inside her tummy?*” (p. 25)

modo de estar de Piggie que agora *está assustada*, que agora pode *brincar* com os animais que devoram outros, isto é, ela possui algum domínio da situação, não está mais tomada pela agonia como no início do processo.

O registro da comunicação entre a dupla mudou neste momento. O trabalho com a paciente já não é o de poder caminhar o bastante até que algo possa emergir e ser acessado. O registro do jogo foi alcançado, de modo que o lugar de Winnicott na situação transferencial também muda neste momento. Ele assume um lugar no jogo com a garota. Paciente e analista estão agora fluindo criativamente no campo dos *fenômenos transicionais*.

Piggie senta-se por algum tempo ao chão e permanece séria. A dupla fica em silêncio até que Winnicott diz a ela que ela gosta de vir encontrá-lo. Piggie diz que sim. A comunicação silenciosa continua até que Piggie pega mais brinquedos e enche o balde e brinca de fazer vomitar.

Winnicott continua jogando no registro da experiência que está sendo comunicada. Piggie brinca com alguns animaizinhos de brinquedo, dizendo que eles estão se alimentando. Winnicott assinala que aqui surge um fenômeno transicional, pois agora havia no campo do jogo entre eles animais se alimentando, sendo os alimentos dos animais eram outros animais. Com a intenção de dar continuidade ao brincar, é significativa a interpretação que Winnicott arrisca neste momento e, ele o faz considerando que a ação da paciente está ocorrendo na *fronteira* entre a vigília e o sonho. “*Aqui estou eu o bebê Winnicott que vem de dentro da Piggie, muito voraz, muito faminto, gostando muito da Piggie, comendo os pés as mãos da Piggie*”³³. É também interessante que Winnicott sublinha que deve ter usado a palavra “*yams*”, fazendo referência a “*seio*”, pois “*yams*” era a palavra utilizada pela menina. Ao manter as palavras de Piggie, o terapeuta utiliza do próprio idioma dela para se comunicar, valorizando o seu próprio estilo de ser e, apresentando o mundo em pequenas doses para ela a partir de seu modo de ser.

Diante da intervenção, Winnicott conta que a paciente permaneceu séria e caminhou até a parte da sala de atendimentos que havia associado aos adultos. Observando a sala, Piggie quase se sentou na cadeira que ela associava à mãe, mas escolheu a cadeira azul que ela associava ao pai e disse que naquele momento ela era o pai. Winnicott continua jogando e diz que ele era o bebê Piggie. Winnicott pergunta se ela era o papai ou a mamãe. E ela diz que era os dois. Neste momento, do ponto de vista da materialidade como evento poético, a cadeira é também colo para a paciente. Surge uma situação que a deixa ansiosa, Piggie está digerindo,

³³ “*Here is me Winnicott the baby come from the Piggie’s inside born out of Piggie, very greedy, very hungry, very fond of Piggie, eating Piggie’s feet and hands.*” (Idem, p. 26)

por meio do jogo, as suas ansiedades. Neste momento, a cadeira não é um simples objeto, mas pela sua forma, por sua constituição *a cadeira é colo*. É lugar de descanso e sustentação em um momento de grande tensão.

Enquanto isso, a dupla analítica continuava observando *os animaizinhos se alimentando* e Piggie começa a brincar com a porta. Ela abre a porta e vai até a sala de espera, onde encontro seu pai. Winnicott anota que deve ter ouvido ela dizer para o pai que ela era a mamãe. Percebendo a necessidade de comunicação com o pai, Winnicott espera por um longo tempo sem nada dizer até que a paciente surge com o seu pai na sala de atendimento segurando nas mãos o chapéu dele, dando sinal de que estava na hora de ir embora. Havia grande ansiedade neste momento. A paciente avisa que vai embora logo e volta para a sala de espera, enquanto isso Winnicott aproveita para reler suas anotações. Quando a paciente retorna, Winnicott ainda está sentando ao chão, entre os brinquedos. O terapeuta continua jogando do lugar onde foi posto pela paciente neste momento: “*Winnicott bebê muito voraz; quer todos os brinquedos*”³⁴

Piggie leva brinquedos até a sala de espera onde está o pai e volta depois parecendo muito contente que Winnicott estava sendo voraz. Neste momento, na situação transferencial, Winnicott percebe que a paciente está tomando contato com as ansiedades que por vezes a jogaram em uma situação de agonia. Piggie ainda não tem a possibilidade de lidar com essas ansiedades nela mesmo, portanto, é Winnicott quem vivencia, no jogo, tais ansiedades, até que ela possa apropriar-se dela a partir do próprio gesto. Nesta tarefa que precisa ser atravessada pela dupla, a materialidade auxilia, estando disponível para o jogo e a interação que precisa ser feita. Ao experienciar em si mesmo as ansiedades que a menina comunica no jogo transferencial, Winnicott não só reconhece qual são as possibilidades da paciente no momento, mas ao *ser a Piggie*, Winnicott está sendo guardião daquilo que se desenha no futuro da paciente. Em outras palavras, podemos dizer que Winnicott *gesta* aquilo que a paciente ainda não pode alcançar, mas que começa a ser rabiscado como pressentimento.

Piggie diz ao terapeuta que agora ele tinha todos os brinquedos e que ela iria ficar com o pai. Winnicott responde que ela tem medo do bebê Winnicott voraz e do bebê que nasceu de Piggie e gosta dela e que quer comê-la. A paciente, ansiosa, sai da sala e tenta fechar a porta. O pai se esforçava por distraí-la, sem saber ao certo que lugar estava ocupando no jogo.

Winnicott chama o pai para dentro da sala, sabendo que a paciente estava em grande ansiedade. O pai senta na cadeira azul, Piggie senta em seu colo e diz que é muito tímida. Em

³⁴ “*Winnicott very greedy baby; want all the toys*”. (Idem, p. 27)

seguida um momento muito significativo do processo acontece. Piggie mostra ao pai o Winnicott bebê, conta a ele detalhes do jogo e mostra os animais se alimentando. Piggie faz acrobacias no colo do pai e começa uma nova etapa do jogo, dizendo: “*Eu sou o bebê também*”³⁵ e, em seguida, desceu de cabeça por entre as pernas do pai até o chão. O diálogo seguinte é fundamental para o trabalho que está sendo realizado:

Winnicott: Eu quero ser o único bebê. Eu quero todos os brinquedos.

Piggie: Você tem todos os brinquedos.

Winnicott: Sim, mas eu quero ser o único bebê; não quero saber de outros bebês (subiu para o colo do pai e “nasceu” outra vez).

Piggie: Eu sou o bebê também.

Winnicott: Eu quero ser o *único* bebê; (e, com um tom de voz diferente) devo ficar com raiva?

Piggie: Sim. (Winnicott, 1987, p. 39)

Segundo nos conta Winnicott, Piggie chamava de “nascer” esse movimento de descer pelo corpo do pai. Todo esse momento da sessão é profundamente complexo. Por meio do jogo com as materialidades disponíveis, Piggie está começando a poder atravessar a questão do nascimento do bebê. Winnicott continua sustentando os diversos lugares transferenciais que vão sendo dados a ele durante a sessão. Ora ele é o bebê, ora ele é Piggie, para depois ser ele mesmo ou o pai ou a mãe. Winnicott está atento a qual lugar transferencial ele está ocupando em cada momento da sessão e sua intervenção parte sempre desse lugar que lhe é dado pela paciente. O procedimento principal aqui, como já aponte, não é a interpretação dos conteúdos, mas a sustentação do devir da paciente no jogo.

O lugar transferencial que é dado a Winnicott pela paciente é aceito por ele fundamentalmente levando em conta o registro corporal da experiência. É o que ele nos comunica quando diz que nesta situação ele fez barulho, derrubou os brinquedos e deu soco nos próprio joelhos ao mesmo tempo em que dizia “*Eu quero ser o único bebê*”³⁶. A experiência de comunicação corporal se dá também com a pessoa do pai, que Piggie utiliza no jogo. É interessante como a paciente desvela no jogo a importância do nascer. Aqui a materialidade do corpo humano surge possibilitando e dando forma à ação humana que emerge da necessidade de comunicação e atravessamento. Quando abordamos a materialidade

³⁵ “*I’m the baby too*” (Idem, p. 28)

³⁶ “*I want to be the only baby*” (Winnicott, 1971, p. 29)

levando em conta a corporeidade humana é necessário assinalarmos que o corpo humano não é apenas um organismo natural.

A corporeidade se faz nos encontros com os outros e a corporeidade *é encontro*. Afirmar que a corporeidade se faz nos encontros está aparentada com os dizeres de Winnicott de que não há o bebê sem a presença materna, ou seja, o ser humano se constitui na relação e o corpo emerge dessa possibilidade pela elaboração imaginativa do corpo. Dizer que a corporeidade é encontro significa afirmar que não só somos constituídos na relação com os outros, mas essas relações nos formam, estão entranhadas na carne.

É bonito vermos como Piggie desvela essas questões neste momento da sessão. Ela nos mostra poeticamente como o nascimento humano precisa acontecer no encontro com o outro. Em outras palavras, ela nos mostra que nascer precisa acontecer diante da presença de alguém que nos recebe em hospitalidade.

A corporeidade de Piggie, de seu pai e de Winnicott estão jogando em sintonia, sustentando a possibilidade de a paciente poder alcançar um novo estatuto de si. É interessante acompanhar como a sessão vai evoluindo. A paciente chega se questionando sobre a origem das coisas e dos bebês. Apesar de ter caminhado na possibilidade de ter algum domínio sobre a ansiedade, ainda era necessário um trabalho para que ela ampliasse essa condição. Em alguns aspectos sua ansiedade ainda não podia ser nomeada, por exemplo, quando ela faz referência ao escuro, o lado de dentro preto. Com o auxílio da materialidade disponível, Piggie caminha na sessão até o momento em que esse campo de experiências, até então obscuro e assustador para ela, pode vir a ser nomeado e comunicado na relação.

Também foi possível encontrar expressão para a ambivalência de afetos que lhe tomaram quando o novo bebê nasceu. Este nascimento ocorreu em um momento precoce para Piggie. Em meio à vivacidade do jogo entre a paciente e o terapeuta, Piggie pode finalmente dizer: “*Põe o bebê na lata de lixo*”³⁷. Esta é uma fala fundamental do processo, pois aqui a paciente pode nomear e comunicar a ambivalência que sentiu pelo bebê *Sush*, questão que a impediu, naquele momento, de encontrar seu lugar como bebê dos seus pais, levando-a uma experiência de desilusão precoce. Winnicott continua ofertando *holding* ao movimento da paciente e ele faz isso de diferentes maneiras. Quando, por exemplo, ele aceita o jogo de *ser o bebê*, Winnicott está sustentando a situação da paciente, em um momento em que ela ainda não tem condições de fazê-lo por si mesma. Diante da fala de Piggie pedindo para que ele jogue o bebê na lata de lixo, Winnicott faz uma intervenção muito peculiar ao seu tipo de

³⁷ “*Put the baby in the dustbin*”. (Idem, p. 29)

perspectiva. “*Dentro da lata de lixo é preto*”³⁸. Essa intervenção é feita quando Piggie está quase rabiscando a possibilidade de nomeação e significação da experiência. O que era algo assustador e sem nome, agora ganha um significado. Winnicott arrisca um rabisco e tenta descobrir qual lugar ele ocupa no jogo neste momento. Ao descobrir que no momento da sessão ele era o bebê Winnicott que era muito voraz, Winnicott diz que é um leão e faz barulhos característicos. A voracidade do leão é a possibilidade de Piggie acolher a voracidade em si mesma a partir da experiência de jogo que aqui ganha um novo estatuto, pois agora ela pode integrar em si mesma a voracidade que até então estava sendo sustentada por Winnicott enquanto ele era o bebê voraz. Winnicott vai sendo guiado pela paciente se ele estava errando ou acertando em suas tentativas.

Aos poucos a sessão vai chegando aos rabiscos finais de comunicação. Surge a primeira fala de alívio da paciente: “*Acabei de nascer. E não era preto lá dentro*”³⁹. Com esta fala Winnicott se sente recompensado pela interpretação que fez anteriormente dizendo que o *preto* de dentro tinha relação com o ódio sentido por Piggie pelo novo bebê que estava dentro da barriga da mãe. É interessante como a materialidade da cor emerge aqui poeticamente como um evento multifacetado que desvela a situação existencial da paciente. A cor preta é a presentificação do assombro da paciente diante do desconhecido de um outro que de repente surgiu. É ao mesmo tempo a interioridade do corpo da mãe e expressão do ódio sentido pela bebê. Trata-se de uma cor fundamentalmente viva e cuja materialidade dá sustentação ao gesto daquilo que precisa ser comunicado! Com estas conquistas alcançadas na sessão, Piggie está pronta para ir embora.

Houve então nova evolução. Ela começou a usar um processo diferente para nascer do alto da cabeça do pai. Era engraçado. Tive pena do pai e perguntei-lhe se podia aguentar aquilo. Ele respondeu: “Está bem, mas eu gostaria de tirar o casaco”. Ele estava sentindo muito calor. De qualquer maneira pudemos parar naquele momento, uma vez que Piggie tinha alcançado o seu objetivo.

“Onde estão as roupas?” e ela pôs o chapéu e o casaco e foi aliviada e satisfeita para casa. (Winnicott, 1987, p. 40)

³⁸ “*It’s black in the dustbin*” (Idem, p. 29)

³⁹ “*I am just born. And it wasn’t black inside*” (Idem, p. 30)

Posteriormente à consulta, Winnicott recebera cartas dos pais, onde a mãe dizia que após o segundo encontro a menina se mostrava mais livre, podendo brincar. A mãe diz reconhecer que a menina agora podia falar com o que considerava ser a sua própria voz. Em outra carta, a mãe assinala que a menina apresentava dificuldades para dormir e tinha pesadelos. Sentia-se perseguida pela mãe preta. Todavia, Piggie parecia com mais possibilidades de ser ela mesma, sendo que se confundia menos com o bebê ou com a mãe. Semanas depois, os pais escrevem novamente a Winnicott narrando detalhes sobre a menina e dizem que ela quer ver novamente o Dr. Winnicott.

4.3 – A Terceira Consulta

*Quando as crianças brincam e eu as oiço brincar,
Qualquer coisa em minha alma começa a se alegrar.*

Fernando Pessoa

Na terceira sessão, Winnicott nos conta que Piggie se mostrava menos tensa do que antes e este estado parecia apresentar constância. Agora, aos dois anos e seis meses de idade, a paciente havia caminhado na possibilidade lidar com suas ansiedades, algo que podemos observar como fruto do trabalho que pode ser feito entre eles.

Winnicott podia perceber neste momento do percurso que ela se encontrava até então tomada pelas ansiedades. *I realized now how much she had been in them before, like a psychotic child (p. 39)*⁴⁰. Estar *in* nas ansiedades implica no desaparecimento do si mesmo, momento em que a paciente se encontrava impossibilitada de ter algum domínio pessoal sobre a ansiedade.

No início do encontro, Winnicott viu que a paciente trouxera o seu ‘bebê’, que era uma boneca com fralda e agulha. Piggie estava tímida para segui-lo sala adentro e, portanto, seu analista entra na sala de atendimento e a aguarda. Após algum tempo, Winnicott vai buscá-la e a paciente lhe mostra uma sacola na qual ela havia colocado areia e uma pedra que encontrou na rua. Ainda hesitante em entrar na sala, Winnicott percebe que ela gostaria que seu pai entrasse também e diz isso a ela. A garota deixa a boneca e entra com a sacola contendo areia e a pedra. O pai se acomoda na metade da sala para adultos e por um tempo ele fica separado da dupla analítica por uma cortina.

⁴⁰ “Eu me dava conta agora do quanto ela tinha estado *dentro* delas (tomada pelas ansiedades), como uma criança psicótica”

Aqui é possível vermos como Winnicott aborda poeticamente o fenômeno de Piggie ter vindo com a boneca e a sacola com pedra e areia. Neste momento tanto a boneca como a sacola com pedra e areia não são abordados como representações, mas possuem valor em si mesmo pela composição que Piggie faz dessas coisas. Winnicott preserva o estatuto de “bebê” da boneca da paciente, sem interpretá-la, o que abre campo para que a comunicação significativa possa se estabelecer entre eles ao longo do tempo, quando o campo do jogo puder ser alcançado por ela na consulta. Também a sacola com pedra e areia possui uma composição que pela sua forma está aparentada com a de um ventre, na medida em que Piggie apresenta essas coisas ao lado de seu “bebê”. Eis aqui a composição que a paciente constrói no campo da materialidade que se desvela como evento poético, pois trata-se de não de uma sacola como objeto, mas de uma *sacolaventre*, que emerge da ação criativa da paciente e de seu anseio de comunicação com seu terapeuta.

Não só a materialidade dos objetos possibilita a abertura de experiência no encontro com o terapeuta, este que dá o estatuto de composição à apresentação feita pela paciente. Podemos também reconhecer no manejo clínico de Winnicott a possibilidade de ele enraizar a situação clínica no que denomino de disponibilidade poética para poder acolher a composição que Piggie apresenta. Estamos aqui no campo paradoxal da poesia, onde uma pedra, um saco, areia, boneca, não são meros objetos que apenas representam ausências, mas, sim, de materialidades que abrem campos de experiência que ganham o estatuto de serem *pontes* de comunicação inter-humanas. Pontes, pois essa criação que a paciente traz está subordinada ao seu pedido pela sessão com o terapeuta, trabalho realizado a partir da psicanálise segundo a demanda.

Seguindo o movimento da sessão anterior, Piggie se aproxima dos brinquedos e pergunta: “*O que é isto?*”. Como já assinalai, esta é a pergunta fundamental da paciente neste momento de seu percurso. Tendo em vista o trabalho que já estava sendo feito até aqui, o analista responde a ela com outra pergunta: “*De onde veio o bebê?*”.

É interessante que além desta pergunta, Winnicott dá continuidade ao jogo perguntando a ela de onde vieram a areia e a pedra. A pergunta que o analista faz no jogo transferencial é a própria pergunta da paciente. Piggie responde poeticamente dizendo que vieram do mar.

O jogo da sessão passada continua e a paciente parece se recordar de tudo. Ela pega o balde e alguns brinquedos, observando os detalhes. Pegou um trem, uma máquina, vagões e nomeou um deles de “leãozinho”. Procurou por um ‘homenzinho’ e sua ‘esposa’.

Tomando os brinquedos e organizando o jogo, Piggie diz que veio de trem até Londres para ver o Winnicott e diz que quer saber o por que a mamãe preta e o *babacar*⁴¹. Sustentando o jogo como devir da paciente a partir das materialidades poéticas disponíveis que foram constituídas pelo encontro entre os dois, Winnicott responde que eles irão tentar descobrir.

Piggie segue tirando os brinquedos e organizando-os lado a lado. Pergunta ao analista se ele possui um barco de brinquedo e diz que não consegue achar um lugar para um dos bonequinhos sentar. Neste momento do jogo, surge ansiedade. Piggie diz que Winnicott não deve ser um bebê novamente, pois isto a assusta; ele deve, sim, ser um Winnicott. Este assinala que a paciente estava brincando com a possibilidade de repetir o jogo iniciado na sessão anterior.

Piggie dá continuidade ao jogo perguntando ao terapeuta se pode esvaziar todo o balde de brinquedos. É significativo este movimento que a paciente faz utilizando da materialidade do balde e dos brinquedos na sessão. A materialidade possibilita o jogo da paciente, pois este objeto, assim como outros que ainda veremos nesta sessão, são sintônicos com os temas que Piggie está abordando.

Este é um momento importante da sessão, pois Winnicott se dá conta de que em algum momento a paciente se identificou com o bebê que havia nascido. Tendo isto em vista, Winnicott assinala que quando o bebê nasceu, Piggie não pôde suportar, questão que surge no jogo na experiência de vomito simbolizada através do derramamento de brinquedos que estavam no balde.

*“Winnicott: Não igual a Piggie e o bebê porque Piggie é maior do que o bebê”*⁴².

Esta fala de Winnicott é bastante interessante, pois surge no momento em que a menina aproxima dois carrinhos, em seu jogo de organizar sistematicamente os brinquedos. A intervenção de Winnicott vai na direção de que a paciente não desenvolva um movimento regressivo se identificando com o bebê. Esta intervenção é muito importante, pois ao agir deste modo na situação clínica, o terapeuta protege e possibilita o porvir da paciente na medida em que ele assinala para ela, sem fazer uso dos significados representacionais presentes na transferência aqui, de que ela é maior do que a irmã que nasceu. Isto é muito importante na perspectiva psicanalítica que está sendo trabalhada por Winnicott, pois podemos acompanhar como ele faz a intervenção jogando com a corporeidade da paciente, sustentando toda a dimensão existencial do futuro dela, ou seja, dos aspectos da paciente que ainda não puderam ser alcançados e integrados e que implicam em conquistas processuais.

⁴¹ *I want to know why the black mummy and the babacar.* (Idem, p. 40)

⁴² *“Winnicott: Not like the Piggie and the baby because Piggie is bigger than the baby”.* (Idem, p. 41)

Winnicott faz isso reconhecendo quem a paciente é e, em qual momento de vida ela se encontra: *Piggle é maior do que o bebê*.

O procedimento acima assinalado é bastante peculiar a Winnicott, que não interpreta o jogo a partir de convicções teóricas reducionistas, mas tendo em vista sempre o processo infundável de constituição da pessoa humana. Vemos claramente ilustrado, aqui, muitas das questões que apresenta quando discute os tempos do gesto presente no jogo da espátula. Outro ponto fundamental é a importância da presença corporal do terapeuta junto a paciente, podendo estar disponível como presença corporal a ela, acessando em si mesmo em qual momento de seu percurso ela se encontra. Surge uma apreensão intercorpórea entre eles, onde a questão de ser grande, de estar crescendo e ser maior do que o bebê, ganha sentido no processo maturacional.

Vemos também toda a questão do uso dos símbolos no jogo que vai sendo estabelecido pela dupla analítica, onde o ponto nodal da situação não é tanto a representação possível dos símbolos que emergem no brincar, mas as possibilidades de uso dos mesmos que aos poucos vão sendo alcançados pela paciente.

A questão fundamental de Piggle, qual seja, a sua pergunta sobre a origem, apresentada no frequente questionamento que faz, *O que é isso? De onde veio?*, que neste momento surge com sua narrativa sobre ter vindo de taxi e ao perguntar para Winnicott se ele também veio de taxi, vai sendo sustentada ao longo do tempo sessão após sessão, até que possa ser melhor integrada e apropriada pela paciente. É importantíssimo aprendermos com estas descrições das sessões, como cada intervenção e manejo vai se desenrolando e se desdobrando nos encontros na medida em que é possível atravessar as questões da vida da paciente. Tais acontecimentos são sempre sustentados pelo analista no eixo do tempo do gesto constitutivo da paciente.

Winnicott adiciona uma nota ao texto, assinalando que a questão fundamental do jogo neste momento é a comunicação e não a questão do prazer.

Piggle reencontra o balão que tinha usado na primeira consulta e pede para o terapeuta enchê-lo para ela, porém, sem sucesso. Em seguida, ela começa uma brincadeira com os animais de brinquedo que usou na consulta anterior. Pegou dois dos animais e colocando-os lado a lado, denominou-os de cachorros e disse que um deles estava com raiva. Em seguida, disse que os cachorros estavam aguardando o trem e apertou impiedosamente os trens contra o chão, movimento que Winnicott compreendeu como expressão da ansiedade diante da crueldade ou de seu comportamento compulsivo. No próximo movimento, Piggle conversa

com o pai e lhe mostra os trens deixando-os cair propositalmente, questão que na visão de Winnicott simbolizava o movimento de defecar.

É interessante como nestes movimentos realizados pela paciente com os brinquedos está presente a possibilidade de, por meio do uso da materialidade, ela poder comunicar e também se apropriar das funções corporais. Esta questão está presente também no movimento seguinte, quando a menina tenta enfiar um homem e uma mulher de brinquedo em um carro e percebe que os bonecos eram grandes demais para entrar. Diante disso ela afirma que um dia vai achar um homenzinho. Winnicott intervém dizendo: “*Um bebê menino em vez do papai?*”⁴³

Esta fala de Winnicott é belíssima, pois ele joga com ela tratando das questões edípicas que emergem no jogo com a materialidade. Ao fazer esta intervenção, Winnicott mais uma vez não está focando a questão de tornar consciente o material inconsciente. Ele está abrindo campo para que a paciente possa tomar posse daquilo que emerge no jogo e que precisa ser posto em trânsito. E está também guardando em si mesmo, naquilo que diz, o que Piggie ainda não tem condições de realizar em seu processo maturacional, mas que está sendo rabiscado por Winnicott como uma possibilidade fundamental no futuro da paciente. Winnicott não está simplesmente dizendo “você queria namorar o pai, mas não pode”. Com sua intervenção, ele acessa o sentido do gesto da paciente e devolve a ela uma possibilidade humana de realização possível no futuro⁴⁴.

Em seguida, Winnicott nos conta que a paciente se dirigiu ao pai e começou a *usá-lo*. A concepção de uso da experiência, de *uso do objeto*⁴⁵, na linguagem de Winnicott, é uma possibilidade bastante sofisticada e que surge quando a pessoa já pode ter algum domínio da situação, onde seu gesto criativo pode emergir no mundo com os demais. Afirmar que a paciente alcançou a possibilidade de *usar* a relação pessoal com pai é bastante significativo e, podemos reconhecer que tal conquista é fruto do trabalho que está sendo realizado, onde todo o meio ambiente da paciente está sendo sustentado pelo terapeuta, inclusive o relacionamento dela com seu pai, questão que neste momento ganhou um grande aporte.

Winnicott narra como agiu ao perceber que a menina buscou o pai na sessão. O terapeuta abriu a cortina que neste momento separava o pai do espaço onde eles estavam. *Abrir a cortina* é uma ação profundamente poética e terapêutica aqui, pois implica em abrir

⁴³ “*A boy baby instead of a daddy?*” (Idem, p. 42)

⁴⁴ Encontramos intervenções semelhantes a estas no atendimento de um adulto, publicado no livro *Holding and Interpretation* e também nos casos que foram relatados no livro *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*.

⁴⁵ Ver o artigo de Winnicott, publicado em 1968, intitulado *O Uso do Objeto*, in Winnicott (1994, p. 170).

mundos para a paciente, abrir mais campo para a experiência dela. Do ponto de vista poético da corporeidade, *abrir a cortina, abrir as janelas* é análogo ao gesto humano de abrir os olhos. Ao abrirmos os olhos pela manhã, temos a possibilidade de criar o que está ao nosso redor, nosso mundo se amplia. Milner, psicanalista inglesa, costumava dizer em seus textos que, do ponto de vista da criatividade humana, abrir os olhos é criar o mundo⁴⁶ que lá está para ser criado.

Piggle continua com o jogo de nascer do corpo do pai e dizia ser um bebê e fazia sons com a boca que Winnicott sabia que tinha o sentido de fezes, o mesmo sentido que já tinha aparecido antes, com a brincadeira que ela fez com os trens de brinquedo. Este ponto é importante, pois aqui podemos reconhecer que Winnicott está sustentando a situação clínica sem perder de vista a corporeidade. Assinalar que o sentido do brincar da paciente está relacionado com as fezes implica em manter a experiência corporal originária sustentada no jogo. Não se trata de uma abstração da experiência, mas da compreensão de que a corporeidade humana está aparentada com as coisas, com os entes. Afirmo que as diversas materialidades que nos cercam no cotidiano estão aparentadas com a corporeidade. Portanto, parafraseando Adélia Prado, *toda coisa é a casa da poesia!* Entretanto, com os mecanismos educacionais regidos por mentalidades excessivamente racionalistas onde prevalece a hegemonia da técnica, tendemos a esquecer de tais experiências originárias. Este é um dos graves tipos de adoecimento do mundo moderno e contemporâneo, onde com frequência essa relação originária entre a corporeidade e a materialidade do mundo tende a se perder. Temos muito o que aprender sobre essas questões, por exemplo, com o trabalho de Simone Weil⁴⁷, que nos ensina como as abstrações do mundo moderno podem levar à perda do aparentamento⁴⁸ originário entre o humano e as coisas, levando a um tipo de adoecimento ético⁴⁹ que a autora denominou de desenraizamento⁵⁰.

O pai de Piggle diz que a menina costumava imitar a irmã e parecia não perceber que estava ficando grande e pesada demais para aquela brincadeira de nascer do corpo do pai. Em seguida, Piggle diz: *Eu sou Piggle*⁵¹. Esta fala é significativa tendo como base a evolução do trabalho clínico realizado até aqui, pois aqui começa a surgir alguma possibilidade de a

⁴⁶ Ver o artigo de Milner (1952) intitulado *O Papel da Ilusão na Formação Simbólica*, in Milner (1991).

⁴⁷ Simone Weil (1909-1943), escritora, filósofa e mística francesa, trabalhou como operária na empresa Renault.

⁴⁸ O conceito de aparentamento, como nos ensina Safrá (2004) foi utilizado pelo filósofo russo Nikolai Feodorov (1828-1903) e é um fenômeno bastante próximo do que Simone Weil denomina de desenraizamento.

⁴⁹ Adoecimento ético, pois faz referência ao *ethos humano*, não se trata, portanto, de um adoecimento decorrente das organizações psíquicas, mas que rompe a morada humana. Ver Safrá (2004).

⁵⁰ Ver Weil (2001).

⁵¹ “*I am the Piggle*”. (Winnicott, 1977, p. 43)

menina ter algum domínio de si e da situação que vive. No início das consultas, tal possibilidade não estava habilitada já que a paciente se encontrava tomada pela ansiedades, em um estado de agonia.

Winnicott observava esse percurso evolutivo do trabalho. Mesmo que ainda diante das grandes ansiedades que portava, Winnicott assinala que ela já conseguia ter algum controle da situação, de modo que lhe era possível *brincar com a situação ao invés de estar tomada por ela*⁵².

O movimento que segue na sessão é facilitado pelo terapeuta no sentido de possibilitar que a experiência da paciente possa ser posta sob o domínio de seu gesto. Tal questão aparece quando Piggie diz para qu e Winnicott fique com raiva e ele assim o faz e derruba todos os brinquedos no chão dizendo que queria ser o único bebê e diz que vomitou. Piggie faz referência a sua boneca que estava na sala de espera e diz que a boneca é seu bebê.

Winnicott prossegue dizendo para Piggie que ela estava com raiva, fechava os olhos e não via sua mãe que ficava preta, pois a paciente estava com raiva dela já que o pai tinha lhe dado um bebê. Winnicott arrisca perguntar para Piggie se aquela situação estava relacionada a um sonho que ela tinha. A paciente responde afirmativamente, dizendo que sonhava com a mãe preta e o *babacar* perseguindo-a durante a noite. Esta questão já havia sido mencionada pelos pais nas cartas, a dificuldade e agitação que Piggie tinha ao dormir.

O trabalho realizado até aqui revela aspectos fundamentais do trabalho clínico de Winnicott, pois aqui a fronteira entre o campo onírico e o campo da vigília são aproximados e conectados pela experiência transicional que se abre por meio do brincar. Seguindo o procedimento utilizado pelo analista, o sonho não é interpretado como um material reprimido que precisa ser reconhecido no campo da consciência. O sonho é abordado como espaço transicional que apresenta a situação existencial da paciente. O sonho está composto esteticamente, não apenas pelos seus possíveis significados e representações. Com este tipo de abordagem, é possível afirmar que a experiência onírica não apenas significa algo, mas *revela*. Do ponto de vista da materialidade, o sonho é composto plasticamente de texturas, sons, cores.

Neste momento do percurso clínico, a fronteira transicional entre o sonho e a vigília se estreita, o que possibilita o aprofundamento do trabalho com as angústias que Piggie porta.

⁵² O trecho original é o seguinte: “*she was playing at it rather than being in it*” (Idem, p. 43). Considero que a tradução brasileira não está adequada aqui, pois o verbo *to play* presente no trecho foi traduzido como representar (“*ela a representava ao invés de ser parte dela*”) (Winnicott, 1987, p. 50). No entanto, em meu modo de ver, a questão fundamental não é a representação, mas a conquista da possibilidade de brincar, tendo algum domínio da experiência que até então lhe atravessava de modo absoluto.

Mais do que interpretado como um material inconsciente que precisaria da alavanca interpretativa para vir à tona, o sonho de Piggie pode ser jogado na consulta, comunicando a experiência assustadora que vivia. A comunicação destas experiências no campo transicional da sessão levava Piggie a sentir grande ansiedade. Ela buscava arrumar e organizar tudo na sala. Tentava tampar as caixas e não conseguia, o que a deixava muito angustiada. O gesto de tampar a caixa surge aqui com o sentido de tentar romper com ansiedade que neste momento era muito intensa.

Winnicott continua trabalhando no campo das fronteiras e pergunta o que os pais estavam fazendo quando ela teve o sonho. Piggie pega um brinquedo que era uma roda com eixo pontudo e coloca na boca e pergunta ao terapeuta o que era isso. O terapeuta responde perguntando se a mamãe preta e o *babacar* a comeriam se a pegassem. Piggie mostrava-se angustiada e tentava por tudo em ordem na sala. Winnicott tenta se aproximar do que ela está tentando comunicar, pergunta a ela o que os pais faziam quando ela teve um sonho. Sem parar de arrumar tudo, Piggie responde que eles estavam no andar de baixo se alimentando.

Em seguida, Winnicott pergunta a ela se eles, terapeuta e paciente, já sabiam alguma coisa sobre a mãe preta e o *babacar*. Piggie responde que não e diz que quer ir até a sala buscar o seu bebê (a boneca). Mais adiante, nas anotações dos pontos principais que foram trabalhados na sessão, Winnicott assinala que a boneca havia possibilitado a experiência de identificação com a mãe. A identificação com a mãe dá à menina a possibilidade de conquistar um novo lugar existencial. Aos poucos, a mãe pode ocupar um novo lugar no si mesmo da menina, experiência que ocorre por meio do aparentamento entre a boneca e a corporeidade de Piggie.

Piggie pergunta se Winnicott pode esperá-la um pouco enquanto ela vai buscar a boneca e diz que ele deve ser um Winnicott agora e que o pai iria tomar conta dele, pois quando ela fechasse a porta, Winnicott teria medo. Vemos aqui, como as intervenções realizadas possibilitam que a paciente possa usar da relação entre eles para lidar com as ansiedades e angústias presentes. Neste momento ela está enfrentando grande ansiedade, de modo que Winnicott é aquele que sustenta a situação, sem perder de vista o trabalho que está sendo realizado. É neste direção que ele diz que se ela fechar a porta, Winnicott vai ter medo da mamãe e do *babacar*.

Após brincar com a porta, Piggie fez tudo o que pode para fechá-la, pois a porta ainda estava precisando ser consertada. Ao voltar, a menina brinca com a boneca e Winnicott diz que as palavras “abrir” e “fechar” se tornaram importantes e estavam relacionadas a fraude da boneca-bebê e ao seu enorme alfinete. O pai participava do jogo, auxiliando a menina. É

interessante que a paciente tenta colocar a boneca sentada na cadeira, porém tira a mesma e ela própria senta-se lá, o que indica a questão da identificação e ao mesmo tempo o ódio que sente pela mãe, que é preta neste momento, pois ganhou um bebê do pai. Piggie brinca no espelho com a boneca, querendo mostrar para ela quanto ela era engraçada.

Winnicott encontrava-se em um momento de incompreensão na sessão, sem saber exatamente qual lugar ocupava no jogo e qual era a comunicação significativa que Piggie tentava fazer naquele momento. Ao final da sessão ele tenta novamente perguntar à paciente se já sabiam algo sobre o *babacar* e a mamãe preta. A paciente não responde e, sendo que tudo já estava cuidadosamente arrumado, segue para casa, em companhia do pai.

Esta é uma consulta que termina com Piggie bastante angustiada, porém é importante a anotação que Winnicott faz após a sessão, dizendo que parecia fundamental, neste momento do percurso, que ele pudesse sustentar-se na incompreensão diante da paciente. *“Importância da minha incompreensão do que ela não tinha ainda sido capaz de dar-me indícios. Somente ela sabia dar as respostas e, quando conseguiu aprender o significado de seus medos, tornou possível que eu os compreendesse também”*. (Winnicott, 1987, p. 54)

Com essas anotações, Winnicott propõe um lugar fundamental que o terapeuta precisa ocupar a fim de acompanhar sua paciente: o lugar da espera e da humildade. O lugar da espera guarda e possibilita que a comunicação e o gesto espontâneo possa ser desenhado pelo paciente no momento adequado. Ocupar este lugar implica em o terapeuta estar humilde, o que não significa nenhum tipo de sentimentalismo para com o paciente. Estar humilde implica em o terapeuta sustentar o *não-saber* diante do paciente, condição que aponta para o mistério inerente à pessoa humana. Em cada sessão e a cada encontro que temos com alguém estamos diante de um mistério. Esta não é uma questão técnica, mas ética, que se desvela no encontro com Piggie. É preciso aguardar o próximo encontro para dar continuidade à comunicação que está sendo rabiscada.

Nas cartas, pais mostram que as questões que a menina está vivendo se desdobram no relacionamento familiar. Piggie se apresenta mal humorada, com dificuldades para dormir, agressiva com outras crianças, dizendo muitas vezes que precisava ver o Dr. Winnicott. Os pais escrevem dizendo que estavam muito preocupados com Piggie a ponto de terem pensado se ela necessitaria de uma análise em tempo integral. Segundo os pais, a menina parecia fechada em seu próprio mundo, perdendo a possibilidade de ser espontânea e de ter experiências. A inconstância de Piggie persiste, até que ela solicita aos pais que precisa encontrar novamente Winnicott.

4.4 – A Quarta Consulta

O objetivo da vida é ser criança.

Groddeck

Na quarta consulta, Winnicott nos conta que a paciente havia feito a viagem de trem até ao consultório enroscada no colo do pai, chupando-lhe o polegar. Ela vai direto aos brinquedos, dizendo que veio de trem e que estava calor na sala. Organizando os brinquedos ao chão, Piggie diz a Winnicott: “*Eu vim por causa do babacar*”⁵³. Esta é uma fala importante que aponta qual o sentido de a paciente ter buscado a consulta. Ela tem agora a possibilidade de explicitar mais claramente qual a necessidade que ela possui e que precisa ser trabalhada.

Winnicott trabalha ajudando-a a unir os trens de brinquedo e diz que naquele momento o jogo que ela estabelecia parecia um tanto indefinido, o que o impossibilitava de compreender.

Nesta consulta, Piggie apresentava-se mais solta. Diz para Winnicott que a janela da sala estava fechada. É bonita a resposta do terapeuta que, ao abrir a janela diz: “*Nós abrimos a janela aqui*”⁵⁴. Esta fala de Winnicott indica qual o sentido do trabalho: é um fazer juntos. Winnicott *está* presente nas consultas com a paciente. Mais uma vez, a materialidade que constitui o lugar, o consultório, é lugar de convivência, onde as questões de Piggie podem ser trabalhadas na relação com o terapeuta. O terapeuta, habitando a própria corporeidade, oferta sua presença como disponibilidade para a paciente. No trecho que estamos acompanhando, a janela surge aqui como um evento poético que possibilita a expansão da experiência de Piggie. Também a paciente pode agora fazer uso de sua possibilidade de estar mais presente na consulta, questão que se desvela em uma de suas falas seguintes, quando diz que há duas salas, uma para ela e outro para o pai.

Winnicott, atento ao sentido dos gestos de Piggie, assinala que ela pegou um brinquedo que era uma cerca de madeira, quebrou-a e em seguida enfiou a varinha pela janela do vagão. Winnicott comenta algo sobre o pai tentando fazer bebês. Aqui, Piggie utiliza os brinquedos para jogar com as questões edípicas. O carro de brinquedo parecia ser a mamãe e, a varinha, o papai. A menina precisa de tempo para se expressar. Ela faz comentários sobre o que fez nas férias. Comenta que sua irmã, Susan, já engatinha e faz xixi no pinico. Winnicott comenta que ela está crescendo. Ao dizer que sua irmã está crescendo, é possível reconhecer

⁵³ “*I came about the babacar*” (Winnicott, 1977, p. 55)

⁵⁴ “*We oponed the window here!* (Idem, p. 55)

que a menina já não se encontra identificada com o bebê como estivera em momentos anteriores, algo que colocava em risco o seu próprio processo maturacional. Pelo trabalho que está sendo realizado, a garota pode agora perceber que ela mesma está crescendo, assim como a irmã, que está tendo um percurso de vida para além de Piggie.

Piggie diz: “*O senhor ouviu o rouxinol? É uma pena o senhor ter mudado para tão longe*”⁵⁵. Winnicott faz anotações de que esta fala de Piggie foi um flerte, sendo ele está próximo de ocupar o lugar do pai no jogo. O terapeuta também observa que esta fala de Piggie também revela que somente agora ela começa a reconhecer que ele não era ser vizinho.

Dando continuidade ao jogo, Winnicott diz para Piggie que há muito tempo ela precisava dele. A paciente ajeita os brinquedos, barquinhos de várias cores. Winnicott pergunta por qual motivo ela gosta dele. A menina responde que era porque ele conversava com ela sobre o *babacar*. A comunicação que Piggie busca fazer continua em ação e se desenrolando no jogo. Neste momento, Winnicott diz que conversou com ela sobre isso, pois havia dito a palavra errada e não tinha compreendido corretamente. Ele diz que estava tentando pedir ajuda à paciente para que ele pudesse organizar os seus próprios pensamentos.

Segundo Winnicott observava, a brincadeira parecia um tanto vaga nesse momento, ele parecia confuso, tentando compreender o que estava acontecendo. Piggie diz algo sobre a mamãe preta e o terapeuta tenta compreender se a mãe estava com raiva ou não. Winnicott chama a atenção para a brincadeira de Piggie que estava brincando sozinha e repartindo os brinquedos, carrinhos diferentes para ela e para ele. Aqui, o analista assinala que surge o primeiro sinal de uma presença *não-mim* (*not-me*). É interessante esta observação, pois do ponto de vista clínico e do ponto de vista existencial, este registro experiencial que Piggie alcança implica em ela ter acesso a novas possibilidades relacionais e deste modo começa a se desenhar uma nova posição dela no mundo diante do outro e de si mesma. Começa a surgir o outro como *não-mim*, para além do objeto subjetivo⁵⁶.

Piggie continua brincando e diz que tem uma senhora bonita esperando no carro e que ela vem buscar crianças e diz que a mamãe preta é ruim. Winnicott observa que haveria aqui ansiedade em decorrência dos medos edípicos. Vivendo grande ansiedade, Piggie pergunta se eles poderiam parar e guardar tudo. A paciente vai até a sala de espera onde estava o pai e diz que quer ir para casa. Winnicott anota que estava observando o desenvolvimento da personalidade de Piggie, que se revelava através do aparecimento de coerência e equilíbrio

⁵⁵ “*Did you hear the nightingale? It is a pity that you moved so far away?*” (Idem, p. 56)

⁵⁶ O *objeto subjetivo* se caracteriza pelo fato de que a criança vive o mundo como parte de si, não há, portanto, nesse momento, a discriminação entre o si mesmo e o outro.

físico. Mais uma vez vemos Winnicott realizando uma leitura estética da corporeidade de Piggie que revela qual o momento do processo de vida ela se encontra. Esta foi uma consulta onde parecia estar ocorrendo um momento de transição na relação entre o terapeuta e a paciente. Parecia estar nascendo nela novas possibilidades de expressão de si. O terapeuta por sua vez mostrava-se atento e ao mesmo tempo confuso, sustentando a incompreensão que permeava o encontro neste momento.

O pai de Piggie tenta fazer com que ela permaneça por mais tempo na consulta. Winnicott diz que tinha conseguido que o pai sentasse na cadeira na outra parte da sala e assim Piggie começou a brincar novamente de nascer do corpo do pai. O pai precisava fazer grande esforço para sustentar a brincadeira da menina que estava crescendo. Piggie não se sentia constrangida e continuava brincando. Diante disto, Winnicott intervém dizendo a ela que era muito bom estar com o pai quando ela tivesse medo de estar sozinha com Winnicott e quisesse brincar com Winnicott do jogo de nascer, usando um homem como sua mãe. A intervenção de Winnicott surge testemunhando e mostrando para a paciente o sentido que se desvela no jogo que ela realiza. O terapeuta diz que os sapatos do pai exerceram grande importância neste jogo e anota que os mesmos eram símbolos de seios.

Winnicott assinala que neste momento Piggie precisava fazer uso do pai como mãe a fim de superar os medos que ela sentia da mamãe preta e também para poder expressar a raiva que sentia da mãe por ela ter tido um bebê do pai. Vemos aqui toda a questão que Winnicott discute em sua obra quando assinala, por exemplo, que os objetos transicionais são importantes não apenas pela representação que podem ter, mas, fundamentalmente pela experiência que podem veicular. Os sapatos do pai aqui podem ser usados por Piggie como experiência que possibilita um atravessamento. Interpretar aqui não seria o procedimento correto, pois a questão fundamental do trabalho é a comunicação. É a paciente poder alcançar a experiência de sentir-se compreendida.

Piggie sentia-se bastante confiante com o pai que se empenhava em acompanhá-la. Chupava o polegar do pai. Winnicott ainda não sabia que ela tinha vindo no trem no colo do pai, chupando-lhe o polegar. Winnicott diz a ela que ela estava assustada, pois no jogo ele se tornava a Piggie com raiva. Enquanto isso, o pai já estava tirando o casaco na tentativa de suportar a brincadeira que a menina propunha cheia de energia.

Analista: Winnicott é a Piggie com raiva e Piggie era o bebê que nasceu usando o pai em lugar da mãe. Ela estava com medo de mim porque sabia

que eu estava com muita raiva, e o novo bebê estava chupando o polegar do pai (isto é, o seio da mamãe)⁵⁷ (Winnicott, 1987, p. 62-63)

Reconhecendo empaticamente que eles estavam progredindo, Winnicott arrisca uma intervenção complexa na direção de Piggie, dizendo-lhe que neste momento ele é a Piggie com raiva e a paciente era o bebê que nasceu e estava usando o pai em lugar da mãe. Neste jogo, o fundamental é a possibilidade de uso da experiência que a menina pode fazer. Winnicott está transitando com a paciente no espaço transicional, trabalhando a fim de que as ansiedades possam ser atravessadas e postas sobre o domínio do gesto da paciente. Com este tipo de trabalho, Winnicott oferta à paciente um tipo bastante peculiar de *holding*, sustentando ao mesmo tempo o lugar que ela e ele ocupam no jogo, sem perder de vista qual o sentido que tem todo o processo neste momento que é, como já dissemos, a comunicação da paciente.

Piggie olha para Winnicott de um modo diferente e ele pergunta para ela se ele tinha ficado preto. Ela pensa bastante e responde que não. Mantendo em devir a comunicação que está sendo tecida, Winnicott diz para a paciente que ela queria o pai totalmente para ela a fim de deixar a mãe preta, ou seja, com raiva. Piggie parecia satisfeita com o trabalho e continuava brincando com a gravata do pai. Piggie tinha desamarrado o sapato do pai e se lhe fosse permitido, teria tirado suas roupas completamente. O sentido do jogo, segundo Winnicott, era fazer a mamãe ficar preta (com raiva). Já chegando ao fim da sessão, Piggie agora busca o pai como pai mesmo e Winnicott ocupa o lugar da mãe ciumenta, questão que se desvela na seguinte fala de Piggie: “*Mamãe quer ser a menininha do papai*”⁵⁸. Winnicott nos diz que esta tinha sido ao dizer fundamental de toda a consulta.

Enquanto o pai amarrava os sapatos, Piggie subia em suas costas. Winnicott continua sustentando o sentido do jogo da paciente, dizendo para ela: “*Fazendo mamãe ficar preta*”⁵⁹. É curioso, pois é possível reconhecer neste modo como Winnicott intervém na sessão o que ele denominou de função especular⁶⁰. Nesta experiência, nos diz Winnicott, a mãe ao cuidar do bebê estando disponível às suas necessidades mais fundamentais, devolve ao bebê a imagem que ele tem de si mesmo. Ou seja, a mãe devolve ao seu bebê aquilo que ele está criando a partir da própria necessidade. Aqui ocorre um evento próximo deste tipo de

⁵⁷ “Winnicott is the angry Piggie and the Piggie was being the baby born using daddy instead of mummy. She was frightened of me because she knew how angry I was sucking daddy’s thumb (i.e., mummy’s breast)” (Winnicott, 1977, p. 60)

⁵⁸ “Mummy wants to be daddy’s little girl.” (Idem, p. 61)

⁵⁹ “Making mummy go black” (Idem, p. 61)

⁶⁰ Ver, por exemplo, o Capítulo 9 intitulado *Mirror-role of Mother and Family in Child Development*, do livro *Playing and Reality*, Winnicott (1971).

experiência, pois Winnicott devolve para Piggie aquilo que ela está criando como possibilidade de comunicação com o outro.

Piggie estava cheia de energia e queria continuar, mas o pai já estava se aborrecendo e começou a dizer não. O tempo da consulta se esgotava. Winnicott diz: “*A mamãe preta é agora Winnicott, e ele vai mandar Piggie embora. Ele vai por Piggie no cesto de papéis, como o lírio*”⁶¹. Até o fim do encontro, o terapeuta sustenta a comunicação que está em jogo, procedimento que está em sintonia com a perspectiva na qual o ser humano é compreendido como um devir contínuo.

Ao dizer essas últimas palavras na consulta, Winnicott anota que tinha ficado confuso se devia chamar a paciente de Piggie ou de Gabrielle. Podemos reconhecer, neste tipo de observação, que o trabalho realizado estava trazendo transformações para a paciente. Utilizando da metáfora do jogo de rabiscos, o rabisco realizado pela paciente estava ganhando corpo e contornos mais nítidos e complexos a partir comunicação com o terapeuta. Outro aspecto bastante importante foi o de a paciente ter alcançado o sentimento de segurança em relação ao pai e a mãe reais e a ampliação de seu campo de experiências e de possibilidade de jogo.

Winnicott assinala que a sessão havia terminado e que ele tinha permanecido onde estava, ou seja, sendo a mamãe preta e ciumenta de Gabrielle e que queria ser a menininha do papai e, ao mesmo tempo, era também Gabrielle com ciúmes do bebê com a mamãe.

Este tipo de trabalho, que acompanhamos na sessão com Piggie, é bastante fecundo para a situação clínica, pois ele nos auxilia a reconhecermos qual o registro de comunicação que o paciente está buscando alcançar na sessão e no processo analítico como um todo e também qual é o lugar que ocupamos no processo. Ao estamos na situação clínica, com frequência testemunhamos que o lugar que ocupamos na vida do paciente e na situação transferencial pode mudar ao longo do tempo. Este tipo de contribuição que Winnicott apresenta nos auxilia no árduo trabalho de refinação de nós mesmos como terapeutas. Qual o lugar (ou os lugares) que ocupamos diante do paciente que nos busca para mais sessão? Qual a comunicação fundamental que ele precisa realizar? Qual o tipo de intervenção que precisa ser feita para que o processo possa caminhar? Perguntas que considero fundamentais e que o caso Piggie me instiga a refletir.

O trabalho realizado na consulta repercutiu no modo como Piggie se apresenta nos dias e semanas seguintes. A mãe escreve dizendo que Piggie havia pedido algumas vezes para

⁶¹ “*The black mummy is now Winnicott, and he is going to send Piggie away. He is going to put the Piggie in the wastepaper basket, like the water lily*” (Winnicott, 1977, p. 61)

rever Winnicott e que tinha brincado de levar trens carregados de brinquedos para Londres, sugerindo, inclusive, de ficar com a avó que morava mais próximo da capital. Estava tendo dificuldades para dormir e dizia para a mãe não beijá-la para que ela não ficasse preta. Todavia, a mãe afirma que a menina estava mais carinhosa e beijava-a espontaneamente, o que nunca havia acontecido antes. Antes de dormir costumava procurar a mãe para conversar sobre o *babacar*. Segundo a mãe, Piggie havia dito após a sessão que não ia mais ver Winnicott, pois ele não gostava que ela subisse nas costas do pai. Em outros momentos, dizia que Winnicott entendia do *babacar*, algo que mostrava que ela tinha se sentido compreendida na consulta, sendo que veio por causa do *babacar*.

Segundo as anotações de Winnicott, havia questões de Piggie que estavam em processo desde a última consulta. Segundo os pais, na noite após a consulta, a menina havia dito que não sabia a diferença entre seu tio, seu pai e Winnicott, todos eram para ela *homens-papais*. Piggie parecia confusa naquele momento. A mãe relata que a menina também tinha uma fantasia de que se o pai ficasse na cozinha, as garrafas e a mamadeira do bebê quebrariam. Diante deste processo que estava ocorrendo, Winnicott reconhecia que a menina estava começando a alcançar uma maior integração do *self* em uma unidade, o que incluía a integração da própria agressividade e de elementos masculinos de sua personalidade.

4.5 – A Quinta Consulta

Um corpo deseja é outro corpo pra escavar.

Adélia Prado

Com dois anos e nove meses de idade, Gabrielle veio para a quinta consulta com Winnicott. Susan, a irmã da paciente, tinha completado um ano de idade. Winnicott nos conta que fazia muito calor neste dia e que por este motivo a janela estava aberta. Tais características climáticas presentes no momento da consulta, trouxeram o mundo externo para dentro em vários momentos. Em suas anotações iniciais há ainda uma breve advertência de que as notas dessa consulta estavam relativamente obscuras devido ao calor que fazia e a sonolência que ele sentia. São anotações importantes para o percurso realizado com a paciente, pois revelam como Winnicott estava atento às condições ambientais presentes no *setting* terapêutico ao longo da consulta. Levar este aspecto em conta implica em abordar o ser humano e seu acontecimento sempre em meio às condições ambientais que interferem no

processo de constituição do *self* e também nas possibilidades de o analista estar em disponibilidade ou não para o seu paciente.

Piggle estava entretida com os brinquedos e o pai estava na sala de espera. Ele começou a manejar os brinquedos, dizendo que tinha vários brinquedos bonitos. Teceu novamente comentários sobre sua irmã, dizendo que ela era boazinha. Winnicott ajudava com os brinquedos. Piggle conta para o terapeuta que ela vai fazer três anos e está ficando cada vez maior. Pergunta quantos anos o terapeuta tem e fica surpresa quando ele responde que possui sessenta e oito anos de idade. É interessante observarmos como neste momento Gabrielle já se encontra diferente de quando iniciou o processo das consultas. Assim como vimos na sessão anterior, ocorreu uma expansão de suas possibilidades de expressão e percepção de si e do mundo ao redor, questão que se revela em sua corporeidade. A imagem de si mesma ganhou novas tonalidades e contornos e sua posição existencial se expandiu, questão que se revela em sua corporeidade. Ele já tem condições de reconhecer-se distinta da irmã Susan que, com um ano de idade, também está crescendo e adquirindo novas conquistas maturacionais diferentes das de Gabrielle, que também se encontrava em processo. Aqui se revela algo bastante interessante do ponto de vista de como o processo maturacional acontece no ser humano. Gabrielle não só está crescendo, mas tem consciência desse processo que ocorre em sua interioridade e em sua corporeidade compreendida não apenas como um organismo, mas como corpo vivo que revela sentidos. A clínica em Winnicott privilegia um trabalho que abre e desvela sentidos a partir da corporeidade e não tanto uma clínica que busca a emergência do *insight* psíquico.

Ao saber da idade de Winnicott, Gabrielle afirma que gosta de Winnicott fique perto dela e de seus pais, sugerindo que havia grande distância entre o consultório e onde ela morava. Ela se pergunta se terá um bebê que gosta de brincar e que não vomita, fazendo referência ao jogo que fizeram, consultas atrás, com os baldes transbordando de brinquedos. A memória emerge aqui como uma possibilidade de preservar o que já foi possível de ser vivido na relação com o terapeuta, o que indica que há entre a dupla um repertório de experiências sustentadas pelo analista que funda um lugar de intimidade que brota dos encontros, conforme estes foram ganhando profundidade. A memória também auxilia que a paciente possa estabelecer pontes entre os demais encontros que foram realizados, dando a eles um sentido de continuidade. Como diz Benjamin (1994, p. 210) “*a memória é a mais épica de todas as faculdades*”, pois reúne passado, presente e futuro em um único gesto.

Gabrielle estava tentando abrir novas possibilidades com os brinquedos, mas era interrompida por sons que vinham de fora. Ela parava para ouvir o som de um cavalo e uma

carroça que passavam na rua, depois e o som de pombos. Dizia que eram barulhos horríveis demais. Winnicott responde dizendo que aqueles barulhos perturbavam Gabrielle enquanto ela trabalhava. Winnicott anota que os ruídos vindos de fora da sala estavam relacionados às falhas do apoio do ego. O terapeuta dá um estatuto tal ao ambiente, incluindo seus aspectos sensoriais, que este aparece como suporte ao ego da paciente. Reconhecer para a paciente que o barulho do mundo externo a interrompe e a perturba implica também em reconhecer que há certa dose de falhas presente no ambiente da consulta, há certa instabilidade inerente ao mundo humano que pode ser imprevisível e que estão para além da própria paciente e que o terapeuta não está podendo sustentar neste momento. Ou seja, a origem da irritação de Piggie e de sua impossibilidade de dar continuidade ao jogo, neste momento, não está em seu psiquismo ou mundo interno, mas possuem origem nas próprias falhas ambientais. A intervenção de Winnicott está a serviço de auxiliar a paciente a poder integrar a experiência que emerge para ela vindo de aspectos do ambiente. Logo em seguida, ao ouvir o som de um avião, Piggie diz que já viajou de avião, ou seja, com o auxílio do analista, agora a menina pode incluir no jogo os sons que eventualmente emergem na sala. O som do avião ganha um estatuto transicional no jogo, já não é mais experienciado como algo que interrompe a paciente. Ele é colocado sob o domínio do eu.

Winnicott narra que Gabrielle dissera que os seus sapatos estavam quentes demais. Desatou os nós dos cadarços e fez tudo isso sozinha, o que era uma grande façanha. Ela mostra os dedos dos pés e diz, surpresa, que tem dez dedos e que tem areia neles. Tal movimento, em sintonia com os elementos que apresentamos até este momento da sessão, desvela a maior conquista da autonomia e da percepção de si mesma que Gabrielle agora possui. E também mostra como Winnicott estava atento a quais conquistas maturacionais a paciente tinha alcançado até aquele momento.

A ansiedade, segundo narra Winnicott, começou a operar quando Gabrielle perguntou se o pai já estava pronto para ir e afirmou que ele estava muito cansado. Winnicott responde dizendo que ele estava descansando na sala de espera, com esta fala ele apresenta a situação real que está ocorrendo. Gabrielle mostrava-se contemplativa e caminhava para um novo momento na consulta, como se até então ela estivesse se preparando para o trabalho primordial que viera realizar.

A menina fez barulhos com os dentes e Winnicott pergunta o que ela estava mordendo. Fazer sons com os dentes desenha um sentido que Winnicott reconhece. Gabrielle pergunta se o terapeuta gosta de pão com manteiga e ele responde que isto era quase como uma refeição. Winnicott está atento a qual o tema primordial da consulta e, aqui surge algo

relacionado ao tema da voracidade e da oralidade, que se apresentam pelos movimentos e sonoridades da boca da paciente, questão que já tinha sido abordada anteriormente e que também tinha relação com as fantasias pré-genitais da paciente de ter bebês. Por este motivo, Winnicott dá um estatuto de destaque para a fala da paciente, reconhecendo que há aqui uma comunicação fundamental em potencial.

A paciente ouve ruídos de água pingando de um cano do andar de cima. Pega um balde, observando que não havia muitos brinquedos dentro, pergunta se pode encher o balde até ele ficar bem cheio. Winnicott intervém dizendo algo sobre ter fome, ter menos fome, e ficar cheio. Observa também a experiência de comer não apenas por termos fome, mas para encher a barriga, afastando a fome. É bonito que Winnicott rabisca junto com a paciente a fim de se aproximar da comunicação que Gabrielle está quase fazendo. Está em jogo aqui a questão da voracidade da paciente e de sua possibilidade de integrar este aspecto. É interessante como a materialidade do balde é aqui aparentada aos contornos de um estômago ou útero, assim como esvaziar o balde está aparentado com o gesto de vomitar e de conceber. A potencialidade da coisa em ser colocada de modo significativo no campo do jogo, deve-se ao fato de que presentifica facetas da corporeidade. Como já apontamos com outras palavras em momentos anteriores deste estudo, é possível assinalar aqui que *há uma linguagem originária dos órgãos que emerge do sentido estético constitutivo presente na corporeidade*. O sentido estético que se desvela no estômago, por exemplo, é ora estar cheio, ora estar vazio. O estômago é como um balde ou uma vasilha que em um momento está cheio, depois vazio. Comer é jogar poeticamente com essas possibilidades que emergem na corporeidade. Do mesmo modo, dar a luz é esvaziar o útero.

Winnicott aborda em seus textos que antes mesmo de haver uma organização psíquica organizada em representações mentais e imagéticas, ocorre o fenômeno denominado por ele de elaboração imaginativa do corpo, experiência que ocorre pela oferta de cuidado da mãe ou cuidador ao bebê. Tal experiência implica não só em sustentar a experiência vivida pelo bebê, mas em a mãe poder estar empaticamente com ele, realizando uma verdadeira dança estética, onde os ritmos, tonalidades e texturas da corporeidade da dupla estão presentes. Esta composição de experiências é formativa para a dupla, pois banha o corpo do bebê e da mãe com os afetos que se desvelam neste encontro⁶². Em seu artigo *What do we know about*

⁶² Safra (2008) aborda essas questões amplamente em seu curso *O Imaginário na situação clínica*.

babies as cloth suckers?, publicado em 1956, há um instigante trecho de Winnicott, onde ele nos diz:

Quando digo que a vida começa de imediato, admito que primeiramente ela assume uma forma muito restrita, mas a vida pessoal do infante iniciou-se certamente na época do nascimento. Esses hábitos excedentes do infante nos contam que há algo mais na sua vida além de dormir ou beber leite, algo mais do que obter gratificação instintiva de uma boa alimentação ingerida e mantida. Indicam que aí o infante já está vivendo a vida de fato, construindo memórias, formando um padrão pessoal de comportamentos.

Para entender melhor, penso que devemos considerar que está havendo, desde o início, uma forma rudimentar do que chamaremos, mais tarde, de *imaginação*. Isso nos possibilita dizer que o infante ingere com as mãos e com a pele sensível da face, tanto quanto o faz com a boca. A experiência alimentar imaginativa é mais larga do que a experiência física. A experiência total de alimentação pode rapidamente envolver uma relação rica com o seio materno ou com a mãe, quando esta passa a ser gradualmente percebida, e o que o bebê faz com as mãos e com os olhos amplia o âmbito do ato alimentar. Isso que é normal torna-se mais simples quando vemos a alimentação de um bebê sendo conduzida de forma mecânica. Tal alimentação, longe de ser uma experiência enriquecedora para o infante, interrompe a sua sensação de seguir existindo. Não sei como colocar isso de outra forma. O que há aí é uma atividade reflexa sem nenhuma experiência pessoal.

(...) Vocês já viram um infante sugando o dedo, ao mesmo tempo em que é amamentado satisfatoriamente? Eu já. E alguma vez já viram um sonho se movendo? Quando o infante suga pontas de pano, o edredom ou uma boneca, isso representa um transbordamento da imaginação, tal qual ela é, imaginação estimulada pela função excitante central, que é a alimentação. (Winnicott, 1994, p. 17-18)

Em diálogo com este trecho, temos que com o fenômeno da elaboração imaginativa do corpo, Winnicott apresenta que a alimentação é mais do que um evento apenas fisiológico e mecânico. Envolve o fenômeno originário da imaginação que brota na e da corporeidade e está relacionado com a experiência primordial de comunicação intercorpórea que possibilita a transfiguração do corpo do bebê pela presença do outro.

Também Safra (2005) no diz palavras esclarecedoras sobre este importante e complexo fenômeno:

As experiências organizam-se em formas sensoriais: de sons, de calor, de tato, de ritmos e de motilidade, entre outras. Estes inúmeros registros são presenças de vida, de ser. (...) O importante é que este caleidoscópio de sensações capacita a criança a ter um corpo, que paradoxalmente é presença de um outro. (...) O indivíduo só se sente vivo em determinada região de seu corpo, se ela foi transfigurada pela presença do outro. (Safra, 2005, p. 78)

Com a qualidade da intervenção que Winnicott oferece empaticamente para Piggie, ele facilita a experiência de ela poder habitar a parte do corpo relacionada com a digestão e assim poder fazer uso da experiência a partir de sua corporeidade. Esta possibilidade está sendo apresentada pela paciente e sustentada pelo analista no jogo que ela realiza com o balde, enchendo-o e depois esvaziando.

Winnicott assinala que os movimentos seguintes pareciam um tanto desarticulados e vagos. Gabrielle calça os sapatos e diz que vai voltar para a mãe. A paciente brincava neste momento como se não houvesse ansiedade. Winnicott observa que estes movimentos da paciente estavam relacionados com o reconhecimento, pela primeira vez, da Senhora Winnicott, pois anteriormente, brincando, Gabrielle havia enfileirado algumas casas de brinquedo e perguntou quem morava lá, ao que ela mesma respondera, dizendo que era um homenzinho e também uma senhora. Aqui, Piggie alcançou outra condição de poder conceber o relacionamento dos pais como um casal, algo que até aquele momento era vivido por ela com muita raiva e ciúme, sem que ela pudesse jogar com a situação edípica. Levando em conta o momento da paciente, Winnicott intervém dizendo que ela voltaria para a mamãe e o papai, o que presentifica a situação vivida por Piggie.

Apesar de reconhecer que o jogo parecia vago e não muito claramente articulado, Winnicott observa que *deixava a coisa ser*⁶³. Winnicott ia acompanhando e sustentando o movimento da paciente fluindo pela consulta, até que ela pudesse alcançar a comunicação nodal do encontro.

O jogo continua e Piggie brinca de esvaziar o balde e coloca coisas no cesto de papéis. Morde com força o pneu de um carrinho e tenta por uma roda em um carrinho. Não consegue e pede ajuda a Winnicott, que diz a ela: “*Para encaixá-los quando papai e mamãe estiverem*

⁶³ “*All this was vague and not clearly articulated. I let it be so.*” (Winnicott, 1977, p. 70)

juntos?”⁶⁴. As materialidades disponíveis e o uso que a paciente apresenta no jogo presentificam a sua maior possibilidade de conceber a união dos pais como um casal.

Piggle passa as mãos pelos cabelos lisos e diz que seu cabelo era anelado. Winnicott assinala em uma nota que a mãe de Piggle diz que quem tem o cabelo anelado é Susan e que por isso as pessoas brincam com ela. Winnicott reconhece neste gesto de Piggle e, ao mesmo tempo tendo em vista todo o trabalho que está sendo realizado ao longo do tempo, que este dizer da paciente aponta o sentido de ela querer ter também um bebê: “*Você está querendo um bebê seu mesmo*”⁶⁵, diz Winnicott. Este diálogo retoma a fala inicial de Piggle, quando diz no início da consulta que queria ter um bebê bonzinho e que não vomitasse. Winnicott realiza todos esses procedimentos clínicos sem *falar sobre* os significados das experiências que Piggle comunica. Na perspectiva de trabalho de Winnicott, *falar sobre* as questões edípicas aqui seria como um ruído do mundo externo que surgiria como um impedimento para a paciente. Ele *usa* os rabiscos que Piggle vai tecendo a fim de facilitar a maior apropriação de seu desejo de ter um bebê. Lembro aqui de uma das frases iniciais do livro *Human Nature*, quando Winnicott (1988) diz que *um ser humano é uma amostra-tempo da natureza humana*⁶⁶. A intervenção de Winnicott segue o ritmo ditado pela paciente e o gesto que ela vai desenhando como um rabisco que vai sendo aprimorado a cada sessão e no processo como um todo, ao longo do tempo.

“Winnicott: Você está querendo um bebê seu mesmo.

Piggle: Mas eu tenho um bebê menininha.

Winnicott: Não, não o bebê Sush.

Piggle: Um bebê para ter na minha cama.

Winnicott: Nos seus cachos?

*Piggle: Sim”.*⁶⁷

Piggle retomou o jogo e pegou dois navios de brinquedo, colocando um sobre o sapato dela. Buscou o pai para mostrar-lhe os dois navios. Pediu ajuda a Winnicott para fechar a

⁶⁴ “*To fit them in when daddy and mummy are together?*” (Idem, p. 70).

⁶⁵ “*You are wanting a baby of your own*” (Idem, p. 70)

⁶⁶ “*A human being is a time-sample of human nature*” (Winnicott, 1988, p.)

⁶⁷ Winnicott: *You are wanting a baby of your own.*

Piggle: *But I’ve got a girlie-girlie baby.*

Winnicott: *No, not Sush Baba.*

Piggle: *A baby to keep in my bed.*

Winnicott: *In your curls?*

Piggle: *Yes.* (Winnicott, 1977, p. 70)

porta que precisava ser consertada. Winnicott assinala que a menina estava “comendo” os navios, ao que ele pontuou: “*Comendo para fazer bebês*”⁶⁸. Piggie guardou os brinquedos, separando-os, organizando-os e foi buscar o pai para ir embora. Winnicott intervém: “*Você estava com medo de achar que você queria fazer bebês comendo os navios*”⁶⁹.

Com esta intervenção de Winnicott o jogo e a comunicação estão completos. Para Winnicott, o gesto de Piggie de brincar de *comer os navios* era a presentificação de uma fantasia pré-genital de ela ficar grávida e engravidar pela comida. A comunicação do início da consulta emerge novamente, porém, com o trabalho realizado pela dupla, vemos que a mesma questão pode ser reposicionada pela paciente, ação que possibilita uma nova posição existencial à menina.

E uma carta posteriormente enviada a Winnicott, a mãe de Piggie conta, entre outros detalhes, que, após a última ida ao consultório, a menina não tinha mais medo de dormir todas as noites nem falava mais da mãe preta. Em um dia quando disse algo sobre a mamãe preta, pediu para que a mãe a levasse ao Dr. Winnicott que iria ajudá-la. Afirmara também que o pai da garota tinha ficado confuso sobre a conversa que tinha tido com Winnicott sobre Piggie. Para os pais não ficou clara a questão da indicação de uma análise completa para Piggie. Os pais mostravam-se bastante disponíveis em ajudar a menina ao longo do processo.

Por meio de uma carta, Winnicott responde aos questionamentos dos pais, dizendo-lhe que ele tinha se expressado de um modo confuso ao pai e confessa que tinha sentido dor na consciência e que precisou ter certeza de que não era ele quem impediria Piggie de ter uma análise completa. Ao fazer a “análise segundo a demanda”, Winnicott estava atento às condições reais da família. Era difícil para a família seguir viagem até Londres. Todavia, a disponibilidade dos pais estava presente e contribuía profundamente com o processo que se desdobrava até ao cotidiano da família. Havia ainda a troca de cartas e os eventuais telefonemas que ajudavam a sustentar a continuidade e a manutenção do processo até que Piggie solicitasse novamente ajuda.

Em um comentário posterior da mãe, esta diz que Piggie estava deprimida, desatenta e com dificuldades de dormir a noite. Estava também preocupada com algo “morto”. A mãe pensava na possibilidade de que esta questão poderia estar relacionada a alguma parte de Piggie que precisaria ser guardada ou morta. “*Estou interessada em saber quantas vezes ela ‘guarda’ Dr. Winnicott ao deixá-lo numa sala e sair para a outra, a sala de espera, fechando*

⁶⁸ “*Eating to make babies*” (Idem, p. 71)

⁶⁹ “*You were frightened to find you wanted to make babies by eating the ships*” (Idem, p. 71)

a porta”⁷⁰. Diante dessas preocupações e indagações da mãe, Winnicott adiciona uma nota bastante relevante: “*Ser capaz de esquecer tem suas vantagens*”⁷¹.

A compreensão que Winnicott tinha dessas preocupações da mãe serão relevantes para o acompanhamento das sessões que estavam por vir, onde estaria em jogo a possibilidade de Piggie se desfazer transferencialmente de Winnicott, ou seja, da ação fundamental de a paciente poder livrar-se do analista, trabalho clínico que precisaria ser alcançado nas próximas consultas. É possível reconhecermos aqui o mesmo procedimento utilizado por Winnicott (1942) quando ele discute os três momentos do jogo da espátula em seu texto *Observação de bebês em uma situação estabelecida*. Winnicott assinala que após a criança ter podido usar a espátula, se tudo caminha um momento é alcançado em que ela se desfaz da espátula, perdendo o interesse pelo jogo. O encontro chega a um fim, o ciclo experiencial se completa, *o terapeuta é morto pelo paciente*. Ocorre nesse momento o que Winnicott denomina de *lição de objeto* ou experiência completa que culmina com o desinvestimento do jogo e com a morte do analista. Veremos como estes fenômenos acontecem nas próximas consultas com Piggie.

4.6 – A Sexta Consulta

*O jogo, como qualquer outra paixão,
dá a conhecer seu rosto como a faísca que salta,
no âmbito do corpo, de um centro a outro,
mobilizando ora este, ora aquele órgão,
e reunindo e confinando nele a existência inteira.*

Walter Benjamin

Na sexta consulta, *Gabrielle* estava com dois anos e dez meses. Winnicott cumprimentou-a na porta dizendo “*Alô, Gabrielle*”⁷². O analista afirma que sabia que devia chamar a menina por *Gabrielle* e não *Piggie*. Esta observação é relevante, pois aponta para um processo que vinha ocorrendo ao longo das consultas, de a paciente poder caminhar em seu processo maturacional. Winnicott está acompanhando as conquistas da menina. *Ser Gabrielle* significa conquistar uma nova posição diante de si mesma, diante do outro e do mundo.

⁷⁰ “*I am interested in how many times she tidies Dr. Winnicott away by having him in one room and going out into the other, the waiting room, and shutting the door*”. (Idem, p. 75)

⁷¹ “*To be able to forget has its uses. D.W.W*” (Idem, P. 75)

⁷² “*Hullo Gabrielle*” (Idem, p. 77)

Imediatamente a paciente vai até aos brinquedos. Winnicott diz para ela que outra vez ela veio vê-lo. Ela responde que sim. Começa um jogo de por dois animais macios e grandes de brinquedo juntos e diz: “*Eles estão juntos e gostam muito um do outro*”⁷³. Brinca de unir dois vagões de um trem. Winnicott intervém “*E eles estão fazendo bebês*”⁷⁴. Gabrielle responde: “*Não, eles estão fazendo amizade*”⁷⁵.

Winnicott reconhece no gesto de Gabrielle a continuidade de um processo que já estava ganhando contornos. Na consulta anterior, a paciente já tinha podido começar a conceber a união dos pais como um casal, questão que vai se desdobrando em sua vida e também no jogo que agora apresenta mais profundidade.

Gabrielle continua brincando de unir partes de trens e Winnicott assinala que ela poderia estar unindo diferentes ocasiões nas quais eles tinham se encontrado. A paciente responde positivamente ao assinalamento de Winnicott. O analista comenta que havia nesta situação inúmeras possibilidades de interpretações para o jogo da paciente e que a escolha deveria ser a mais adequada no momento, segundo a escolha do terapeuta.

Winnicott relembra o que tinha dito na sessão anterior sobre o cabelo anelado da paciente e sua relação com o desejo de ela ter um bebê. A paciente diz que são coisas que ela pensa. Winnicott se torna guardião daquilo que já foi trabalho pela paciente e reapresenta os temas e questões quando este movimento parece fazer sentido no jogo com a paciente. Ele faz isso tentando estar atento às respostas da paciente, para verificar se sua compreensão da situação vivida por ela está adequada ou não. A dupla vai jogando, aqui e ali o terapeuta arrisca-se na direção da paciente a fim de auxiliá-la na comunicação que ela busca realizar.

Winnicott chama atenção para a distinção que Gabrielle faz entre *dizer* algo e *mostrar* algo. Ele diz que ela está querendo dizer que *mostrar* algo é melhor do que *falar sobre* algo. Nesta observação que o analista faz sobre as palavras está presente toda a sua perspectiva de trabalho, onde o fazer clínico está enraizado na *experiência* e não em elucubrações e abstrações. Não se trata de uma concepção da clínica nem tampouco de uma antropologia que põe no topo das possibilidades humanas a capacidade de falar sobre. Não se trata, portanto, de uma psicanálise que busca a *cura pela palavra*. Nesta perspectiva, cada palavra é corpo diferentemente posicionado, não é uma abstração, pois apresenta uma situação de vida e um estilo de ser que se desvela em sentidos e significados que brotam na e da corporeidade. Palavra é gesto em direção a, é quando o *verbo pega delírio*.

⁷³ “*They are together and are fond of each other*” (Idem, p. 77)

⁷⁴ “*And they are making babies*” (Idem, p. 77)

⁷⁵ “*No, they are making friends*” (Idem, p. 77)

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer
 nascimentos –
 O verbo tem que pegar delírios.
 (Barros, 1997, p. 15)

Essa concepção do corpo e das palavras não está explícita nos dizeres de Winnicott, todavia, é possível reconhecê-la pelo estatuto que é dado à experiência comunicada pela paciente. O trabalho hermenêutico que estou realizando em diálogo com o caso Piggle permite o reconhecimento de que, em Winnicott, as palavras e também as ideias precisam estar enraizadas na corporeidade. Portanto, *falar sobre* é estimular o intelecto a estar desencarnado, aquietado, sem a presença da corporeidade. Cada palavra está aparentada com a corporeidade. As crianças e os poetas geralmente estão sensíveis a esse aspecto da condição humana.

O analista acompanha o modo como Gabrielle se apresenta nesta consulta. Ela pega uma garrafinha e começa a fazer barulhos de água e observa que nesta brincadeira surgem círculos na água. É possível reconhecer que este círculo emerge também como uma apresentação poética do estado de *self* da paciente neste momento. Ela alcançou a possibilidade de ser ela mesma um círculo, de estabelecer alguma fronteira entre o dentro e o fora, de ser a Gabrielle, para além do bebê, do terapeuta e dos pais.

Os movimentos seguintes são muito interessantes. A paciente faz referência aos jardins e às estufas lá fora, menciona que tem uma casa com os pais e também a própria casinha dela. Winnicott diz: “*A casa pequena é você*”⁷⁶. A casinha aqui emerge como um evento poético aparentado à corporeidade da paciente. *Casa é corpo*, herança da casa

⁷⁶ “*The small one is yourself*” (Winnicott, 1977, p. 78)

primordial de todo ser humano: o ventre materno, a terra, a toca, a concha, o nosso canto no mundo. Bachelard⁷⁷ (2008, p. 26) em sua *Poética do Espaço*, livro escrito em 1957, nos diz: “*O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.*”

Essa belíssima apresentação da casa como lugar primordial que é abordada tanto pelos autores que apresentei, como também pela paciente neste momento do percurso, é bastante próxima de toda a discussão que Winnicott faz sobre o *holding* como necessidade constitutiva do ser humano. A *experiência de ser* acontece sustentada pelo *holding* que é ofertado pela mãe, por sua disponibilidade de ser um continente e de fazer atenção ao bebê. De modo aparentado, também a casa é uma expressão cultural da necessidade humana de contornos. No entanto, tais contornos precisam ser porosos para possibilitarem o gesto humano, a ação criativa. É neste sentido que Winnicott (1970) assinala que *a criatividade é o fazer que emerge do ser*⁷⁸.

Respondendo a intervenção de Winnicott, Gabrielle diz: “*Somente você (repetiu isso três vezes); e logo disse: Somente Gabrielle. Somente Winnicott*”⁷⁹. E uniu dois vagões. Winnicott diz: “*Gabrielle e Winnicott fazem amizade, mas ainda assim Gabrielle é Gabrielle, e Winnicott é Winnicott.*”⁸⁰. Gabrielle prossegue dizendo que não tinha conseguido achar o gato, mas que tinha visto um passando por lá. Winnicott estava ajudando e ela disse “*Winnicott segurando minhas mãos*”⁸¹.

Winnicott anota que percebia que estava ocorrendo o estabelecimento de identidades na menina. Diante disso ele diz a ela algo sobre seus diversos relacionamentos com ele, com os pais e o bebê *Sush*. A menina faz um *barulho de Gabrielle* com a boca, imitando a irmã. O analista anota que estava ocorrendo um processo de transição entre a experiência de fusão e a separação. A experiência de fusão e de separação é fundamental para o amadurecimento humano. Em uma passagem do livro *Playing and Reality*, em diálogo com contribuições de Marion Milner, psicanalista inglesa, Winnicott (1971) assinala que havia aprendido com Milner a importância do interjogo entre as fronteiras do mundo subjetivo e do mundo objetivamente percebido. Em conversa, Milner, artista sensível a esses fenômenos, teria

⁷⁷ Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo e poeta francês cujos densos trabalhos, abordam, entre outras áreas do fazer humano, a Filosofia, a Poesia e a Fenomenologia.

⁷⁸ “*Creativity is then the doing that arises out of being.*” (Winnicott, 1970, p. 38)

⁷⁹ “*Just you. (She said this three times and then). Just Gabrielle. Just Winnicott*” (Winnicott, 1977, p. 78)

⁸⁰ “*Gabrielle and Winnicott make friends, but still Gabrielle is Gabrielle and Winnicott is Winnicott*” (Idem, p. 78)

⁸¹ “*Winnicott catching hold hands*” (Idem, p. 79)

contado a Winnicott que lhe chamava atenção a área intermediária que observava existindo entre duas jarras ou no vão entre duas cortinas.

Neste momento do trabalho, Gabrielle estava transitando entre estes dois campos de experiências. E, Winnicott observa que ela se divertia com esse espetáculo de variedades, brincando com as mãos, fazendo barulhos. Havia soltado um “pum” um pouco antes e Winnicott lhe disse que aquele parecia ser um barulho característico de Gabrielle. Começou a conversar de um jeito bastante peculiar que Winnicott reconhecia que tinha a ver com o pai, pois a menina já tinha se expressado antes assim, quando estava fortemente identificada com o pai.

Gabrielle havia se interessado por um cabo que estava amarrado a um cordão, pediu ao terapeuta que ele a ajudasse a prender o cordão no trem para que ela pudesse puxá-lo ao redor da sala. Winnicott reconhece este gesto como a paciente levando o bebê Gabrielle para passear. A paciente diz que não era ela, mas uma irmãzinha. De repente, ela se depara com um quadro que Winnicott tinha na parede de uma menina muito séria e fica surpresa.

“É uma menina mais velha do que eu. Ela é mais velha do que eu, como eu sou mais velha que o bebê Sush. Ela (Susan) sabe andar sem segurar em nada agora (Demonstrou isso, andando e correndo, andando e correndo, andando e depois caindo). E ela sabe levantar (demonstrou isto também)”⁸².

Winnicott diz então que o bebê não precisa mais da mãe o tempo todo. Gabrielle prossegue: *“Não, logo ela vai ficar maior e não vai precisar da mamãe e do papai, e Gabrielle não vai precisar de Winnicott e de ninguém mais. Alguém vai dizer: ‘Que é que você está fazendo?’ Este é meu lugar. Eu quero ir pro meu lugar. Sai do caminho.”⁸³*

Estes diálogos entre a dupla analítica são bastante ricos e complexos. Winnicott assinala que a menina estava estabelecendo sua própria identidade e buscando ser desafiadora. Vemos como Gabrielle já se encontra em outra posição diante das pessoas, diante de Winnicott, da irmãzinha. O analista reconhece que neste momento a dependência de menina em relação a mãe já não é mais absoluta, mas relativa. Houve, portanto, como estamos vendo, um salto maturacional. Mais do que isto, podemos acompanhar o devir da paciente

⁸² “It’s a girl older than me. She is older than me lie I am older then the Sush Baby. She (Susan) can walk without and running and walking and then falling down.) and she can get up (also demonstrated).” (Idem, p. 80)

⁸³ “No. Soon she will grow bigger and do without mummy od daddy, and Gabrielle Will be able to do without Winnicott or anybody at all. Someone will say: ‘What are you doing?’ That’s my place. I want to go to your place. Get out of the way.” (Idem, p. 80)

acontecendo no jogo. Há um entrelaçamento entre passado, presente e futuro, pois ela pode reconhecer que a irmãzinha está em um momento de vida diferente do dela. Ao mesmo tempo, Gabrielle mesmo já está diferente em relação ao bebê *Sush*, não está mais confundida com o bebê. Agora ela pode alcançar a *experiência de ser processo*, quando apresenta o anseio de não mais precisar dos cuidados dos pais e de Winnicott, questão que nos mostra que a paciente sonha com o próprio porvir de si mesma, começa a desenhar a possibilidade de *matar* o terapeuta, de não mais precisar de seus cuidados, o que implica em ela conquistar uma nova posição. A questão do sonho com o futuro de si mesma se desvela poeticamente quando Gabrielle encontra o quadro onde está a figura de uma menina mais velha.

Em nota, Winnicott assinala que a paciente estava conscientemente se apoiando nas operações do processo maturacional. Esta observação mostra como o trabalho realizado não é o de tornar consciente os conteúdos inconscientes, mas trabalhar auxiliando a paciente no jogo para que ela possa se apropriar da experiências ao longo do tempo.

Em seguida, Gabrielle brinca de esfregar dois vagões um no outro e Winnicott pergunta se eles (os vagões) estão fazendo bebês. Mais uma vez, ele não interpreta, mas joga. A paciente diz que sim e comenta que, às vezes, deita de costas com as pernas para cima, ao sol, mas não para fazer bebês. Em seguida, ela demonstra como costuma fazer e deita no chão com as pernas para cima. Winnicott, atento ao sentido do jogo, anota que este era um modo de a paciente apresentar a questão da masturbação incluindo uma fantasia sobre um tipo de relação sexual.

Gabrielle desamarra um dos sapatos e tira uma das meias e depois brinca de ficar tirando e pondo. Winnicott percebe que a paciente quer que ele olhe o que ela está fazendo e diz que ela está lhe mostrando seios grandes. A menina diz que são como os pés. Fez graça e brincou de trocar as meias. Gabrielle foi até o balde de brinquedos e Winnicott disse que ela devorava o mundo todo e comia demais. Essa intervenção é diferente daquela que havia sido feita na sessão anterior, quando a paciente estava começando a se apropriar da experiência de se alimentar. Agora Winnicott intervém em outro nível da experiência, reconhecendo a voracidade que habita em Gabrielle.

A menina tinha começado uma brincadeira com as meias e o sapato e persistia com muita habilidade, porém não conseguia sozinha. Winnicott reconhece aqui que a menina conquistou novas possibilidades, mas ainda precisa de um pouco de ajuda dos pais e ainda não consegue ser uma mamãe. Esta intervenção é o reconhecimento de qual é o momento do processo maturacional no qual a paciente se encontra. Em algumas de suas conferências, Winnicott costumava dizer que era bom se a pessoa pudesse ter dez anos aos dez anos, vinte

aos vinte anos, tentando assinalar que em cada momento do percurso maturacional há tarefas e conquistas específicas e importantes. Gabrielle encontrava-se na transição entre a dependência absoluta dos cuidados maternos e a conquista da dependência relativa.

Gabrielle precisou de ajuda com o cadarço e depois ouviu um barulho. Winnicott tentou intervir perguntando se alguém estava com raiva, movimento que retomava a situação da consulta anterior, quando os barulhos interrompiam a paciente. Ela afirma que era o bebê *Sush* que tinha feito barulho. Sussurrou que ia ver o pai. Abriu silenciosamente a porta e depois a fechou. Logo mais voltou sem trazer o pai e começou a guardar o brinquedo. Gabrielle tinha maior mobilidade para ir e vir e menos necessidade da presença do pai na sala de atendimento. Aqui, a porta é usada pela paciente de outro modo, ela usa a porta para dar fim e contorno aos espaços dos ambientes do consultório. Ela pode transitar pelos diversos lugares com mais fluidez. Lembro aqui do comentário da mãe, curiosa que estava sobre qual poderia ser o significado de a menina fechar a porta e deixar Winnicott lá dentro. Por meio desses jogos e usos da espacialidade da sala, vemos como a menina vai conquistando novas possibilidades a partir do domínio que ela tinha da situação.

O terapeuta também ocupa um novo lugar na situação transferencial com a paciente. Winnicott pode também ser encontrado também como Winnicott, o que enriquece a experiência da paciente.

Gabrielle começou a arrumar tudo, separando e guardando os brinquedos, sinal de que a consulta estava chegando ao fim. O tempo da consulta se esgotava. Gabrielle tinha conversado com o pai, contando-lhe tudo o que tinha feito, e queria insistentemente que o pai entrasse com ela na sala de atendimento. O pai disse que não e mandou que ela entrasse. Winnicott chamou-a dizendo que estava na hora de ir. Tiveram uma conversa sobre as férias e Gabrielle perguntou quando voltaria a encontrar Winnicott, e ele respondeu que seria em outubro.

Nesta consulta vemos como a paciente estava podendo usufruir o tempo e o espaço do encontro com maior fluidez. Havia conquistado novas possibilidades de relações no campo transicional e aos poucos ela tinha conquistado novas aquisições maturacionais. Mais e mais a paciente podia *estar* na sessão como Gabrielle, movimento que foi sendo desenhando ao longo dos encontros e que ganha maior destaque aqui.

É importante destacarmos e reconhecermos que o lugar de Winnicott vai mudando a cada momento. Ora ele é usado como objeto subjetivo. Em outros momentos a consulta ocorre no campo transicional da experiência entre a dupla. Por vezes, Winnicott ocupa o lugar do pai ou da mãe ou até mesmo o bebê, algo que possibilita o atravessamento das questões

que a paciente porta. Surge o momento em que a paciente está pronta para ir embora e o trabalho da consulta chega ao fim.

Winnicott comenta que ao longo da consulta a paciente transitou *da desordem para a ordem*. Este tipo de observação é bastante sintônico com o modo como Winnicott compreendia a temporalidade do gesto humano. Em algumas conferências era comum ele dizer que se quisessem ter algo dele teriam a partir do *caos*. Trata-se de uma concepção da ação humana criativa que brota da instabilidade, de uma forma que emerge da não-forma. No entanto, para que este processo ocorra é imprescindível a presença humana que sustenta a experiência ao longo do tempo.

Com seu trabalho, Winnicott foi um autor que reinseriu o lugar da ação humana e da temporalidade no campo psicanalítico. Com frequência a ação do paciente na sessão costumava ser compreendida como reação defensiva, como *acting out*⁸⁴. Na compreensão de Winnicott, *agir* verdadeiramente é a possibilidade de a pessoa sair de uma posição na direção de alcançar um novo lugar. É este tipo de experiência que vemos em processo no tratamento da paciente Gabrielle. Quando ocorre este tipo de processo, a pessoa já não é mais a mesma, ela alcançou um novo estatuto de ser e de estar no mundo. Este tipo de acontecimento está presente quando Winnicott apresenta o procedimento do jogo da espátula, experiência que possibilita o gesto que abre possibilidades ao longo do tempo. Quando este tipo de situação acontecia, Winnicott observava que o bebê já não era o mesmo ao poder iniciar, viver e completar a experiência na consulta. Com este tipo de experiência alcançada na consulta, seguindo os comentários do analista, a voracidade da paciente pode transformar-se em apetite.

Como estamos vendo, é a experiência de jogo, enraizado na confiabilidade e no manejo clínico da materialidade ao longo do tempo, que possibilita este trabalho. O manejo clínico da materialidade é fundamental e está relacionado com **a presença psicossomática do terapeuta** na sessão, o que possibilita uma atitude empática do terapeuta que estou denominando de disponibilidade poética para o encontro.

Como de costume, por meio das cartas, os pais iam mantendo Winnicott a par do que ocorria com a paciente. Gabrielle também fazia uso das cartas, ditando aos pais algo que ela queria enviar para Winnicott. Os pais afirmam que a menina estava melhor, dando maiores significados ao mundo exterior, inicialmente conseguia dormir bem durante a noite. Em um dos comentários, a mãe diz que estava com dificuldades de escrever para ele, pois se sentia bastante envolvida e um tanto misturada com Gabrielle, no entanto, acreditava que com o

⁸⁴ Ver o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (2001).

tempo isso se transformaria. A relação com a irmã Susan também estava melhor. A menina estava frequentando uma escola, onde encontrava dificuldades para estar em contato com as outras crianças. Os pais reconheciam que o trabalho estava sendo feito e podiam perceber a retomada da experiência de continuidade no modo de ser de Gabrielle, possibilidade que havia sido perdida com o nascimento do bebê.

É interessante a resposta que Winnicott dá aos pais em uma das cartas após esta sessão. Ele acompanha o relato dos pais e parece reconhecer que eles estão com alguma dificuldade com a situação. Pareciam inclinados a avaliar a menina em termos de adoecimento. Winnicott escreve dizendo que não seria interessante pensarem a menina pela doença, mas pela saúde. Winnicott demonstra-se disponível a receber a paciente novamente, quando ela e os pais julgarem melhor. Winnicott confiava no processo maturacional da paciente, inclusive sem a necessidade de ela ser submetida a um tratamento psicanalítico.

4. 7 – A Sétima Consulta

*A gente descobre que o tamanho das coisas
há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.*

Há de ser como acontece com o amor.

*Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores
do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.*

Manoel de Barros

Com três anos e um mês, Gabrielle veio ao encontro de Winnicott acompanhada do pai. Foi imediatamente aos brinquedos e Winnicott observou que a cabeça dela tocava o seu cotovelo, pois ele estava sentado no chão. A menina escolheu um brinquedo *grande e macio* e perguntou ao terapeuta se ela podia fazer uma fileira de casas. Perguntam se ele tinha ouvido a campainha que ela tocara três vezes. Surpresa com um brinquedo, pergunta ao *Senhor Winnicott* o que era aquilo.

É possível reconhecermos que Winnicott acolhia as formas e texturas que compunham a materialidade das coisas escolhidas pela paciente. Em inúmeros momentos desta consulta, e também nos demais encontros, Winnicott apresenta fenomenologicamente as coisas e se mostra atento aos sentidos que se mostram por meio dos materiais que a paciente utiliza no jogo e pelo estatuto que ela dá aos mesmos.

Surge um movimento importante. A menina se comunica com o terapeuta de um modo inédito. Chama Winnicott de senhor. O analista observa que ali estava tendo início o processo de a menina conceber um Winnicott não terapeuta. Surge um diálogo onde a menina diz que todos seus problemas tinham acabado e que ela não tinha nada para contar. Winnicott diz que naquele momento estava vendo apenas a Gabrielle, sem nenhum problema. A paciente narra a experiência de ter tido uma mamãe preta que a aborrecia e que ela tinha ido embora, diz que ela e a mamãe não se gostavam e falavam bobagem.

Neste trecho podemos reconhecer um elemento importante do ponto de vista clínico: o fato de Gabrielle não se encontrar confundida com a própria problemática, algo que ela apresentava no início do trabalho. Neste momento, ela alcança a diferenciação das próprias questões, o que possibilita algum distanciamento e domínio das mesmas e a retomada do dever de si mesma. É bastante comum, na situação clínica, pacientes surgirem com um discurso “eu sou assim”, ou seja, sem terem algum distanciamento entre eles e aquilo que portam. Ao fazerem este tipo de afirmação, encontram-se impossibilitados de se sentirem em processo, sentem-se estancados e paralisados. O trabalho clínico realizado com Gabrielle possibilitou a conquista deste importante distanciamento.

Aos poucos, começava a surgir na situação clínica a possibilidade mais contornada de Gabrielle poder se livrar do analista, que agora começa a ocupar outro lugar transferencial onde é encontrado como Winnicott. A possibilidade de Gabrielle narrar a experiência vivida também é bastante significativa. Narrar significa dar um lugar para o vivido, o que possibilita a experiência de apropriação do sentido da si mesmo. Observando que a experiência do narrar encontra-se em declínio no mundo moderno e contemporâneo, Safra (2006a, p. 29) nos diz:

Narrar é compartilhar uma experiência e ofertar um saber tácito sobre o viver humano. O narrar é presentificar sabedoria. Sabedoria nada tem a ver com erudição, mas com o fato de que alguém passou por inúmeras experiências – alegres, tristes, de dores ou de júbilo – e que encarna um saber a respeito da existência humana. O narrar apresenta um saber que é ao mesmo tempo pessoal e transgeracional. A sabedoria atravessa gerações, pelas experiências narradas pela humanidade e é, portanto, verdade ancestral.

Winnicott conta que a menina havia feito uma fileira comprida com algumas casinhas de brinquedo, fazendo com elas uma curva em formato de S com uma igreja em cada

extremidade. A menina encontra a lâmpada que havia usado antes e comenta que tinha se esquecido daquilo. O terapeuta se recorda que neste momento ela tinha comentado algo sobre ter raiva de o bebê ter nascido. Gabrielle queria fazer uma estrada de ferro. Pegou duas pedras que tinha trazido antes em um saco de papel e também uma pedra maior. Ela pergunta a Winnicott por qual motivo ele não tinha mais trens, em seguida procura outros trens e encontra, embora, segundo Winnicott, ela já soubesse que eles estavam lá. Havia vagões, estrada e outra pedra no jogo da paciente. Ela afasta os brinquedos e diz que um dos trens puxava os outros dois. Winnicott observa que a paciente fazia barulho e *conversava com ela mesma*. O analista adiciona uma nota importante, assinalando que a menina estava podendo sustentar⁸⁵ uma experiência de realidade interior e que só vagamente ela o deixava saber os detalhes.

Para Winnicott a brincadeira da menina parecia um tanto incompreensível. Ela se encontrava em um momento de alheamento, onde o analista era pouco incluído pela paciente. Enquanto isso, Winnicott ia refletindo e observando o jogo um tanto surpreso diante do que não compreendia. O comentário seguinte da menina parecia ter relação com seu estado de alheamento. Ela pergunta se o terapeuta gostava de seus brinquedos, afirma que ela gostava e diz que esteve com a família na França, mas não queria que ninguém tivesse ido viajar com ela.

Os comentários seguintes de Winnicott são bastante esclarecedores para nossa compreensão do movimento da paciente na consulta. Ele observa que a menina brincava com um pequeno trenzinho de madeira. A menina continuava com um jogo subjetivo em que Winnicott permanecia distante e compreendendo pouco. A paciente tentava empurrar uma varinha para dentro do tapete a fim de tentar deixá-la em pé, mas não conseguia. Winnicott tenta ajudar e a menina fica irritada e quase joga o trator e o vagão no terapeuta, pois não queria que ele participasse. Winnicott acompanha que em seguida a menina arrumou os brinquedos de modo bastante intencional, fazendo uma linha divisória com as casinhas em formato de S. De um lado, estava Gabrielle e outros objetos que representavam ela mesma. Do outro lado da linha estavam Winnicott, o trator e outros brinquedos. Winnicott assinala

⁸⁵ Considero importante observar aqui um detalhe da tradução. No trecho original, temos: “*Here she was holding a personal inner reality experience, only vaguely letting me know about details of content.*” Na tradução brasileira do trecho, temos: “*Aqui ela estava reprimindo uma experiência de realidade interior pessoal, somente informando-me vagamente sobre os pormenores do conteúdo*”. A observação que faço diz respeito à modificação realizada do verbo *to hold* que foi traduzido como relacionado ao reprimido. No entanto, este tipo de tradução modifica completamente a compreensão do trecho e da ação realizada pela paciente.

que esta era uma representação do *não-mim* (*a not-me representation*). Tentarei apresentar esquematicamente a situação que está ocorrendo por meio do seguinte esquema:

Figura 7. O estabelecimento da fronteira *me-not-me*

É interessante acompanharmos como neste jogo a menina cria o outro para além dela mesma, ao mesmo tempo em que sustenta a experiência de si, experiência que ocorre enraizada na apresentação poética que ela faz da materialidade dos brinquedos no jogo, quando desenha uma linha divisória entre ela e o outro. Ela cria um mundo onde tanto a presença dela e do outro podem estar preservados. Este tipo de experiência é fundamental do ponto de vista da sanidade humana e da clínica. Winnicott dizia que quando ele tinha alguma questão pessoal para cuidar ele se acolhia em seu “clube”. Este era um lugar que Winnicott preservava em sua interioridade, lugar subjetivo onde o cuidado e o acolhimento de si podiam acontecer. Trata-se de um lugar fundamental que possibilita o descanso, lugar onde habita o silêncio e a solidão essencial⁸⁶ de que Winnicott nos fala.

⁸⁶ Winnicott assinala em seus textos que há no núcleo do *self*, no centro da pessoa humana, o que ele chama de solidão essencial, lugar do silêncio que possibilita a continuidade do ser.

Khan (1963), psicanalista inglês, nos mostra em seu importante artigo *Silêncio como comunicação* a relevância clínica desses momentos onde o paciente busca uma comunicação não-verbal com o analista e um *setting* onde a situação da dependência e da agressividade possam ser integradas. Historicamente trata-se de um artigo importante onde o autor aborda o silêncio do paciente na situação clínica como um momento subjetivo fundamental e curativo. Aqui, o silêncio não é abordado apenas como defesa ou resistência ao trabalho, mas como uma forma peculiar de comunicação que preserva a intimidade sem que o núcleo do si-mesmo seja invadido.

Em seu artigo *O Segredo como Espaço Potencial*, Khan (1991, p. 101-112) nos conta a situação clínica na qual uma paciente, que era uma mulher que vivera experiências traumatizantes quando criança, narra o episódio de ter enterrado um candelabro no jardim de casa como um modo de ausentar-se do ambiente familiar. Khan nos mostra que ao acompanhar a paciente a dupla pôde compreender que seu gesto guardava o sentido de proteger aspectos de si mesmo que não encontravam comunicação com seus pais. Esta mesma paciente, algumas vezes fazia uso da sala de espera do analista, guardando ali objetos pessoais sem dizer nada ao analista. Em uma ocasião a dupla analítica pode reconhecer que este gesto era o modo de ela preservar um lugar de si em segredo, para além do contato com o outro, o que preservava em si mesma um *lugar de intimidade*. Neste caso, o segredo guardado oferecia a ela um espaço potencial onde se mantinha viva em estado de espera.

Estes trabalhos de Khan e o trecho que Winnicott nos apresenta neste momento da consulta, nos ensinam a importância de o ser humano poder preservar um lugar de privacidade na interioridade de si-mesmo. Por meio da ação apoiada na materialidade do jogo, Gabrielle está criando a fronteira que possibilita o contato com o outro ao mesmo tempo em que aspectos do si-mesmo podem manter-se vivos e ao mesmo tempo ausentes. Tal aspecto está relacionado com a necessidade humana de não ser totalmente capturado por ideias ou abstrações e até mesmo pela presença do outro sem a possibilidade do repouso. Winnicott (1963, p. 169) nos diz que para o ser humano “*é uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser encontrado*”. Penso que ao mencionar a alegria por estar escondido, Winnicott toca na necessidade humana de manter aspectos de si preservados da presença excessiva do outro e ao dizer que não ser encontrado é um desastre, Winnicott parece apontar para a necessidade fundamental do encontro, porém de um encontro tal que preserva o mistério.

Retomando a consulta, Winnicott nos diz que o estabelecimento do jogo com as fronteiras *me-not-me* era uma comunicação significativa e que mostrava que a paciente havia

conquistado a experiência de separação entre ela e o outro (*not-me*), ao mesmo tempo em que aquela fronteira desenhada no jogo era também uma defesa contra uma nova invasão, questão relacionada com a experiência precoce de a menina ter vivido a experiência de ter tido uma irmãzinha. Winnicott assinala que alguma coisa tinha atravessado a fronteira, alguns vagões tinham passado para o lado de Winnicott e a menina disse “*ninguém sabe como...*”⁸⁷. Aqui podemos ver poeticamente no jogo realizado por Gabrielle a importância da linguagem como ponte comunicativa entre o eu e o outro. Winnicott diz que a paciente havia percebido algo significativo, pois havia começado a cantar. O terapeuta intervém dizendo à paciente que ela tinha coisas em seu interior, procurando reconhecer e sustentar a experiência interna que a menina vivia naquele momento. Gabrielle completa a fala de Winnicott dizendo que as coisas estavam guardadas em um “lugar seguro”. O analista reconhece que havia aqui uma expressão singular da menina. A menina começa a falar consigo mesma, falava de meninos e meninas e ela construiu duas linhas de casas e outros brinquedos que se encontravam nas extremidades.

Gabrielle acessa por meio do jogo não só o estabelecimento das fronteiras entre a interioridade e o outro, mas a experiência de intimidade na relação com o analista. A experiência de lugar é fundamental para o ser humano, questão bastante cara a Winnicott que em seus textos e conferências parece sempre abordar o ser humano acontecendo no mundo em meio aos outros. Ao abordarmos o acontecer humano por esta perspectiva, não cabe explicar o ser humano por conceitos excessivamente abstraídos da experiência vivida. Este modo de abordar o fenômeno humano vale também para a situação clínica. É o que nos ensina Green (1974, p. 16) quando nos diz que “*ao contrário de outros analistas, quando Winnicott, Marion Milner ou Khan nos falam de uma relação analítica, eles nunca nos dão a impressão de falarem aos seus pacientes como se estivessem colocados em outro planeta*”.

Gabrielle comenta algo que parecia estar relacionado às férias de verão onde uma das meninas se chamava Clare. A paciente inicia uma fala consigo mesma dizendo que estivera em um lugar, mas agora não podia mais estar, pois havia caxumba lá. Winnicott relaciona esta fala com o mesmo tema da fronteira defensiva *me-not-me*. A paciente continuava contando uma história um tanto incompreensível ao terapeuta que parecia estar compreendendo aquele movimento dela como parte do processo de estabelecimento de identidades.

A paciente pergunta onde está aquele barco bonito. A dupla tenta achar o brinquedo, mas não conseguem. Ela continua procurando e diz que antes costumava saber onde os barcos

⁸⁷ “*nobody knows how...*” (Winnicott, 1977, p. 92)

ficavam, em seguida diz que antes estava acostumada com Winnicott, mas que naquele momento não estava mais. Agora ela estava crescida.

O analista, mesmo sem compreender muito, permanece em silêncio e joga, enquanto isso, atento, continua observando e fazendo associações. Eventualmente, se não compreende algo, diz à paciente que não está compreendendo. Winnicott permanecia acompanhando a paciente neste momento tão significativo onde ela está podendo dar contornos às fronteiras entre ela e o outro. Trata-se de uma composição plástica que a paciente cria com os brinquedos no espaço transicional da consulta e que apresenta poeticamente qual a questão que está em jogo neste momento do processo maturacional.

Gabrielle continuava brincando com os muitos barcos que havia diante de si, apontando na direção oposta a ela, o que também fazia referência à questão das fronteiras. Mais longe dela havia uma fileira de vagões e inúmeras coisas do outro lado da fronteira que separa ela de Winnicott. O terapeuta observa que os arranjos foram estabelecidos cuidadosamente por ela de um lado da linha de modo que não tocavam um no outro. A paciente cantava que havia carros de cores diferentes. Winnicott reconhecia que a menina podia estabelecer, por meio do jogo, diferenciações entre objetos internos vivos e mortos que estavam neste momento sob seu controle no jogo.

Gabrielle pergunta para que servia um cordão que encontrara e pede ajuda para Winnicott, que corta o cordão num tamanho exato. A paciente brinca de arrastar a locomotiva de um canto ao outro da sala e pergunta onde Winnicott tinha deixado a tesoura, pois ele tinha usado uma faca para cortar o cordão. O terapeuta responde que havia deixado a tesoura no andar de cima. Neste momento a menina volta aos brinquedos e Winnicott observa que ela estava pronta para ir, pois estava arrumando tudo novamente.

A menina deu um trenzinho ao Winnicott e começou a atirar coisas para ele do outro lado da fronteira. A menina dizia “*Pega aí*”. E, o analista observa que ela destacou muitas vezes a palavra “*aí*”⁸⁸. Mais uma vez, acompanhamos a comunicação entre a dupla surgindo como ponte entre as fronteiras. A palavra emerge aqui como ponte entre eles, ao mesmo tempo em que preserva os dois separados.

Gabrielle iniciou um movimento que parecia indicar que o analista estava dentro de uma caixa. Em seguida, entregou algo de que ela gostava e queria que ele guardasse. Disse que quando ela voltasse queria ver que ele tinha guardado tudo. O analista observa que ela parecia estar agora livre de algo que talvez tivesse alguma relação com o *babacar*.

⁸⁸ “‘There you are’, she said many times, ‘there’” (Idem, p. 94)

Antes de ir para casa com o pai, Gabrielle começa a limpar e guardar tudo minuciosamente. Pergunta quem colocou a coisa escura nos brinquedos. Estava preocupada em deixar tudo em seu devido lugar. Winnicott faz anotações assinalando que havia ansiedade decorrente do processo de estabelecimento e aceitação do *superego*. Gabrielle está ocupando neste momento do jogo um movimento superegóico na medida em que começa a organizar tudo e a querer que Winnicott guardasse tudo, o que aponta que a menina estava em um momento mais harmônico com o superego e que diante do surgimento da questão da diferenciação entre ela e o outro, a menina teme estragar os objetos.

Em seus comentários finais da consulta, Winnicott observa, entre outros aspectos, que o trabalho fundamental deste encontro foi o estabelecimento das fronteiras *me-not-me*, as tentativas de intercomunicação que Gabrielle fez com o terapeuta. Outro aspecto fundamental estava relacionado com o movimento inicial da consulta onde a menina pode estar como Gabrielle, sem confundir-se com sua problemática, de modo que agora o terapeuta podia ser encontrado também como pessoa real. Os fenômenos relacionados à cor preta também sofreram evolução, não estando mais atrelados apenas aos medos terríveis que a menina sentia antes. Eles surgiam presentes, neste momento, em aspectos do mundo real, o que possibilitava o maior domínio da experiência vivida no mundo compartilhado.

Com a evolução que observamos em processo nessa consulta, vemos como aos poucos Winnicott vai deixando de ocupar o lugar de objeto subjetivo de Gabrielle e cada vez mais pode ocupar o lugar de pessoa real, o que abre para a paciente, como observa Winnicott, a experiência de desilusão.

Em uma das cartas enviada pelos pais, eles comentam que a menina pede para encontrar Winnicott com urgência, e dizem que ela gostaria de lhe enviar um presente. Winnicott adiciona uma nota significativa, reconhecendo a gratidão de Gabrielle e assinala que viver a gratidão implica na aceitação da separação e do princípio da realidade, questão relacionada à experiência de desilusão, pois, como vimos no trabalho realizado, surge a possibilidade relacional de Winnicott ocupar um novo lugar, um lugar como pessoa real. A experiência de desilusão está ilustrada, por exemplo, quando Gabrielle afirma que estava acostumada com Winnicott, mas que naquele momento não estava mais.

4.8 – A Oitava Consulta

A imaginação é mais importante do que o saber.

Manoel de Barros

Gabrielle estava com três anos e três meses quando veio à oitava consulta com Winnicott. Chegou e disse que iria brincar primeiro com uns brinquedos, e em seguida com um pequeno brinquedo *bonzinho*. Winnicott conta que ela tinha trazido um soldado grande de plástico. Disse: “*Isto é bom. Vamos colocar eles todos na cidadezinha bonita*⁸⁹”. Winnicott, atento ao jogo da menina, diz para ela que havia também a existência de aspectos desagradáveis (*nastiness*). A menina pegou um trator e disse que ele era bonitinho e conta que Susan tinha um cachorro também. Ela pegou um cordão e disse que poderia amarrar o trator no trenzinho. A paciente conta que tinha vindo de trem e coloca um dos trens de brinquedo atrás deles. O analista observa que a brincadeira era engraçada e faz associações com o movimento da paciente a uma possível revelação de questões anais presentes no jogo, talvez pelo fato de a menina estar tentando ter algum controle da situação, afirmando que tudo era bom.

Gabrielle comenta que poderia ter vindo depois do almoço, para visitar Winnicott e que isso seria bom. Continuava enfileirando os trens. Winnicott pergunta onde os trens de Gabrielle estavam vivendo, lá no consultório ou dentro da paciente. Gabrielle aponta um objeto e diz que estavam lá dentro. Continua brincando com os trens, dizendo que o trem era bonzinho. Pedindo a ajuda de Winnicott, pergunta-lhe o que era aquilo. O terapeuta responde que era bagagem e outras coisas. A menina comenta que Susan é uma grande chateação, pois se aproxima e a perturba. Diz que empurra a irmãzinha várias vezes e que queria um bebê que não se aproximasse dela e não bagunçasse as coisas.

Winnicott prossegue jogando e diz algo sobre Gabrielle ficar preta, intervenção que guarda o sentido de sustentar a raiva que a paciente está expressando neste momento. A menina prossegue contando detalhes sobre os momentos em que ela grita e fica zangada com a irmãzinha e por isso os pais ficam muito zangados, fala de alguns animais e de um gato que às vezes aparecia em sua casa e sua mãe lhe dava comida. Pergunta para que serve a extremidade torta de uma casa que era feita de madeira torta. Winnicott responde dizendo que era uma casa feita por um homem torto.

⁸⁹ “*Nice. Let’s get them all on the nice village.*” (Idem, p. 99)

Gabrielle começou a comer um homenzinho de plástico. Winnicott pontua que ela estava comendo um homem, pois queria comer o analista. Ele diz: “*Se você me comer,...*”⁹⁰. Winnicott compreende o jogo da menina como um gesto de ela levá-lo em sua interioridade. Toda a questão que se desenha nesta sessão está relacionada com a possibilidade de a paciente poder ser ajudada pelo terapeuta, deixando os problemas com ele. A paciente menciona o homenzinho de plástico e pergunta: “*Onde ele senta? Ele poderia entrar na casinha. Não na torna, mas nesse aqui (uma igreja) ou nesse. Este é especial.*”⁹¹. Continuou brincando e teceu comentários sobre o bebê, dizendo que às vezes amarra um vestido nele para que fique bonito.

Dando continuidade à comunicação intercorpórea na consulta, Winnicott e Gabrielle brincavam de latir e rosnar um para o outro. Enquanto isso, eles continuam conversando sobre Susan, que segundo Gabrielle era rabugenta. É interessante como aqui já podemos observar claramente a menina comunicando uma experiência que vive com a irmã, experiências onde sente raiva do bebê, no entanto, agora ela narra as experiências a partir de si mesma. Ela alcança a possibilidade de *sentir ódio* de alguém que tem existência para além dela. Sentir ódio implica em grande complexidade, implica em o outro ser reconhecido como alteridade para além do controle subjetivo.

Gabrielle expressava seus sentimentos por Susan. Winnicott pergunta se ela havia se livrado de seus medos. A fala de Gabrielle revela a sua possibilidade de expressar-se. Ela diz que morre de medo da Susan preta e então brinca com os brinquedos de Winnicott. Diz novamente que odeia Susan. Aqui podemos reconhecer que os brinquedos possuem o lugar de sustentação da expressão da menina. Em seguida, a paciente diz que Susan fica bonita quando está bem vestida e que quando gosta de Gabriele, ela se aproxima e a beija.

Winnicott observa que a menina está expressando um sentimento de ambivalência contida aqui. diante disso ele diz: “*Você odeia e gosta de Susan, ao mesmo tempo*”⁹². Esta fala é significativa e surge como sustentação da experiência vivida por Gabrielle que neste momento busca a interlocução e a ajuda de Winnicott diante da desordem dos seus sentimentos. Gabrielle continua narrando que quando ela e Susan brincam com lama as duas ficam pretas. Depois de tomarem banho, as duas trocam de roupas. Gabrielle diz que gosta de Susan e que o pai gosta dela, enquanto a mãe gosta mais da irmãzinha. O papai gosta da

⁹⁰ “*If you eat me that would be taking me away inside you, and then you would not mind going*”. (Idem, p. 101)

⁹¹ “*Where does he sit? He could go in the little house. Not the crooked one, this one (a church) or this one. It is a specially nice one*” (Idem, p. 101-102)

⁹² “*You hate and Love Susan, both at the same time*” (Idem, p. 103)

mamãe, ela diz. Aqui, Winnicott observa que Gabrielle alcança maior integração da experiência de amor e ódio.

Gabrielle encontrava-se em intenso trabalho. Comenta com o terapeuta se não seria interessante avisar o pai que ela ainda não queria ir embora. Fez esforço para abrir a porta, isso após quarenta minutos de consulta. Ao voltar pergunta a Winnicott quanto tempo ainda tinha e ele diz para ela fechar a porta e responde que tinham mais cinco minutos. Agora a paciente pode fechar a porta, pois neste momento a porta é também metáfora de que a menina está trabalhando, fruto do estabelecimento das fronteiras *me-not-me*, questão que tinha sido amplamente abordada na consulta anterior. O uso que a paciente faz da porta ganha um novo estatuto aqui, onde a própria materialidade da porta estabelece os contornos entre ela e o outro. Ela pode entrar, fechar a porta e dedicar-se ao trabalho que veio realizar na consulta. Trata-se de uma ação constitutiva. Fechar a porta não é uma representação, mas uma ação que abre possibilidades, questão fundamental na clínica desenvolvida por Winnicott onde, como já apontei, a experiência é o fundamental, não o insight psíquico.

Gabrielle continuava contando episódios que vivia com Susan. Surge o momento chave do trabalho da consulta. O tempo se esgotava e Gabrielle pergunta se ele queria que ela guardasse tudo. Winnicott diz que ela pode deixar tudo por conta dele.

Gabrielle saiu com o pai, *deixando por minha conta a confusão e desordem*. Confrontei isso com sua arrumação cuidadosa e negação da desordem, anteriormente. Gabrielle mostrou agora uma confiança crescente em minha capacidade de tolerar desordem, sujeira, coisas internas, incontinência e raiva”⁹³

Este momento é fundamental, pois Gabrielle pode permitir-se deixar a sua confusão e desordem com Winnicott. O analista comenta que no início da consulta a menina anunciava experiências boas e desagradáveis que precisavam alcançar a integração como experiência, ao mesmo tempo, de agressividade e doação amorosa. Ambas, observa Winnicott, dependiam de como seriam recebidas pelo outro. Ao longo do tempo, a confiabilidade é estabelecida entre a dupla, podendo ser experienciada por Gabrielle, de modo que agora a paciente, por ter estabelecido as fronteiras entre o *dentro* e o *fora* de si mesma, pode deixar com ele aspectos

⁹³ “Gabrielle went off with her father, leaving me with the mess and muddle. Compare this with her previous careful tidying up and denial of muddle. Gabrielle showed growing confidence now in my ability to tolerate muddle, dirt, inside things, and incontinence and madness.” (Idem, p. 105)

dela mesma que precisam ser trabalhos ao longo do tempo. Este é o solo onde o trabalho precisa ser realizado, possibilitando que a paciente possa viver a experiência de ser cuidada por Winnicott agora de um modo mais sofisticado, não apenas no registro experiencial subjetivo. A experiência de confiabilidade e o reconhecimento de Winnicott como pessoa real auxiliaria a paciente na superação das dissociações que ela portava neste momento do processo. Winnicott era um analista bastante atento aos aspectos clínicos que ainda se encontravam dissociados e que, portanto, demandavam o tempo e a comunicação significativa que auxiliasse o paciente a poder integrá-los.

Por meio da comunicação alcançada na consulta, foi possível a menina expressar a ambivalência e começar a se apropriar dela, processo que se desdobraria nas consultas seguintes.

Em um trecho da carta enviado pelo pai, este conta que a menina tinha voltado para casa chupando o polegar e agindo como um bebê, comportamento que tinha tido quando Susan nascera. Ao chegar em casa, queria muito brincar com um quebra-cabeça antes de almoçar. O pai observa que parecia muito importante para ela poder juntar as partes, questão relacionada a todo o trabalho que estava sendo realizado, onde estava ocorrendo um processo complexo e profundo de integração de aspectos da personalidade da paciente. Gabrielle havia acordado tremendo, dissera o pai, pois havia sonhado com a Susan preta que queria fazê-la ficar cansada e fazê-la chorar para ficar acordada, mais um elemento que dialoga com o trabalho realizado na consulta.

Acompanhando as cartas que os pais enviaram neste intervalo até a próxima consulta, vemos que a menina parecia estar vivendo um momento de grande instabilidade, preocupações durante a noite, questões com os pais e a mãe preta. Os pais mostravam-se preocupados e com dificuldades em lidar com a menina. Em alguns momentos parece evidente que os pais utilizavam das cartas também para expressarem as próprias angústias e ansiedades que estavam vivendo em decorrência do processo que estavam também atravessando ao lado da menina. Winnicott procurava acolhê-los.

Durante este período, Gabrielle pediu aos pais para ver Winnicott, em alguns momentos de modo insistente. Vivendo um momento em que tinha dificuldades em receber a paciente, Winnicott escreve aos pais lamentando não poder recebê-la imediatamente e pede a eles que tranquilizem a menina, dizendo que pretendia vê-la em breve. Diz também que estaria à disposição se eles precisassem conversar com ele por telefone ou por carta. Winnicott pede aos pais que transmitam à menina o seu carinho.

4. 9 – A Nona Consulta

*Para entender nós temos dois caminhos;
o da sensibilidade que é o entendimento do corpo;
e o da inteligência que é o entendimento do espírito.*

Eu escrevo com o corpo.

Poesia não é para compreender mas para incorporar.

Entender é parede: procure ser árvore.

Manoel de Barros

Winnicott inicia a narrativa da nova consulta com Gabrielle assinalando que a menina entrou logo na sala e foi direto aos brinquedos, permitindo que o pai permanecesse na sala de espera. Esta ação da paciente nos mostra que agora ela já tinha maior possibilidade de usufruir da relação de confiabilidade que estabeleceu com o analista. A paciente pegou um animalzinho macio de brinquedo e disse que já o tinha visto várias vezes. Pegando alguns trenzinhos, ela diz:

Isso aqui é de encaixar no vagão, às vezes Susan fica mesmo excitada de manhã. Eu grito para os adultos: ‘Susan ta excitada’ ela fala: ‘Minha irmã grande ta de pé. Ela acorda mamãe e papai de noite; um monstrinho. Mama! Papa! Ela tem de tomar uma mamadeira de noite! (Quase descrevendo-me Susan ao invés de ela própria)’⁹⁴.

Esta fala será significativa para a compreensão da consulta, onde o jogo de encaixar brinquedos será central para a paciente. Winnicott estava atento às ações que se repetiam na experiência de jogo, pois tais acontecimentos eram sinais de uma comunicação que tinha um sentido e que buscava interlocução no encontro com o terapeuta. Trata-se do mesmo tipo de assinalamento que aparece nas consultas terapêuticas quando o psicanalista inglês observava que durante o jogo de rabiscos um tema ou um desenho se sobressaía em meio aos demais.

Winnicott observa que a paciente estava o tempo todo ocupada com os brinquedos. Mostrava ao terapeuta um vagão e dizia que não tinha nada para encaixar no brinquedo, mostrou um vagão e disse que aquele não tinha gancho. A menina de repente encontrou algo

⁹⁴ “This is something to fit onto the truck; sometimes Susan does get excited in the mornings. I called to the grownups: ‘Susan is excited’. She says: ‘My big sister’s up’. She wakes mummy and daddy in the night; a little monster. Mama! Dada! She has to have a bottle in the night! (Almost giving me Susan instead of herself)” (idem, p. 111)

que tirou da desordem e Winnicott nomeou o objeto, dizendo que era o Lava-olho, objeto que já tinha sido usado antes e que a menina gostava. Gabrielle tira algo do balde. Neste dia a paciente estava com um resfriado muito forte e pediu ao Winnicott um lenço. O analista ofertou a ela um lenço. Esta ação do terapeuta, entre outras, nos mostra como ele era um analista atento às necessidades do paciente. Em sua condução do processo clínico, ele não ficava interpretando todos os movimentos do paciente como se fossem sempre oriundos do mundo interno ou do campo da fantasia, procedimento bastante frequente, por exemplo, na clínica desenvolvida por Melanie Klein.

Em conversa com Gilberto Safra, este me contou que certa vez conversou com um analista que havia feito supervisão com Winnicott na Inglaterra. Este analista havia viajado a fim de fazer a supervisão de um caso que estava acompanhando. Em uma das sessões, seu paciente chorava profundamente por razão de um acontecimento de sua biografia. Diante da situação, o analista levantou-se e ofereceu um lenço para que o analisando enxugasse suas lágrimas. Imediatamente, ao agir desta forma, o analista sentiu-se infringindo a regra psicanalítica da abstinência e ficou preocupado em como iria relatar este acontecimento para seu supervisor, já esperando que este iria indicar-lhe mais análise pessoal. Contando este acontecimento a Winnicott, o analista relata que o psicanalista inglês ficou olhando-o fixamente e disse-lhe: “Senhor, em algumas situações a única coisa que podemos fazer por alguém é oferecer-lhe um lenço. Compreendi que a narrativa deste episódio guarda relação com o tipo de ação que Winnicott tem diante da paciente, reconhecendo qual é a sua necessidade sem interpretar com precipitação esse movimento como representação do mundo interno, como resistência ou atuação na análise.

Chamou atenção de Winnicott o movimento da paciente em que o resfriado dela se misturava ao assunto dos vagões. Assoando o nariz a menina diz que Susan estava muito resfriada e Winnicott diz que provavelmente ele estaria resfriado e espirrando no dia seguinte também. Usando o mesmo procedimento por meio dos ganchos, ela tentava articular os brinquedos do mesmo modo que fazia com o resfriado, buscando estabelecer conexões entre Winnicott, ela mesma, Susan e os pais, compreensão que fica explicitada na seguinte observação do analista:

Mostrei-lhe que ela estava tentando algo unindo partes, e que isso significava formar alguma coisa unindo Susan, Winnicott, mamãe e papai. Essas coisas estavam separadas dentro dela, e ela não conseguia reuni-las em uma só coisa. Agora ela estava cantando, enquanto empurrava o trem, e

segurou o barbante que estava todo enrolado numa das locomotivas de madeira. Referiu-se a uma embolação e fez com que eu a ajudasse.⁹⁵

Winnicott anota que este era um movimento da paciente por meio do qual ela tentava alcançar uma experiência com objetos totais. Neste tipo de observação e condução da situação clínica, Winnicott mostra-se atento àquilo que está em processo de integração na paciente, superando suas possíveis dissociações. Tanto a figura do gancho, do resfriado como também a do barbante se aglutinam em uma mesma necessidade de comunicação que a paciente está fazendo.

É importante, do ponto de vista deste estudo, chamar a atenção para a ação fundamental de encaixar coisas que a paciente realiza. Mais uma vez, como já vimos na consulta anterior, estamos diante de uma ação que funda, que constitui. Não se trata de uma ação que representa algo. Ao estabelecer conexões por meio do jogo, usando a materialidade, Gabrielle está abrindo uma nova possibilidade para si. É uma ação que a transforma, pois por meio dela ela pode alcançar uma nova posição em direção à integração. Parafraseando o poema de Manoel de Barros que compartilhei na epígrafe desta consulta, aqui a paciente *escreve poesia com o corpo*.

Gabrielle conversava consigo mesma e dizia que Susan era um monstrinho. Após este comentário, a menina abre outro tema na consulta. Diz que a mamãe preta vem toda noite. A mamãe preta é cheia de caprichos e vem toda noite em minha cama e eu não posso encostar nela, diz a menina. O tema da mamãe preta já tinha surgido inúmeras vezes em outras consultas, no entanto, surge neste momento como uma figura que entrava em disputa com Gabrielle. A paciente relata que a mamãe preta vinha em sua cama e a paciente diz que ali é sua cama e que deve ficar ali para dormir. A menina usa um comentário que Winnicott entendeu como sendo um comentário de um adulto e a paciente assinala que seu pai poderia dizer que ela era maldosa. Winnicott intervém perguntando para ela o que é ser maldosa, pergunta que não é uma interpretação. É uma fala-rabisco que auxilia a paciente, abrindo mais campo de expressão para a menina a fim de que a comunicação continue sustentada em processo. Gabrielle responde e continua:

⁹⁵ “I pointed ou to her that she was trying to male some kind of thing out of a loto f parts, and this meant making one thing out of Susan, Winnicott, mummy, and daddy. These were separate things inside her, but she could not make them join up into one thing. She was now singing while pushing the train, and she got hold of the string which was all caught up round one of the wooden engines. She said something about a bundle, and got me to help her.” (Idem, p. 112)

Pessoas que são teimosas. Eu sou teimosa às vezes (Aqui houve uma referência à viagem de trem para Londres. Nós fomos de metrô. Olha! (pegou o brinquedo que é o animal macio). Susan ficou triste porque Gabrielle ia para Londres. Oh! (voz monótona) quando minha irmã grande vai voltar? Ela precisa da minha ajuda para usar o peniquinho. Hoje de manhã, eu destampeei a privada; ela veio pra perto de mim; queria que eu tirasse alguma coisa para fazer cocô. Eu tenho uma grande preocupação toda noite. É a mamãe preta. Eu quero minha cama. Ela não tem uma cama. Não tem capa de chuva, então eu tenho de ficar molhada. Ela não toma conta das suas menininhas.⁹⁶

Este é um trecho complexo onde Gabrielle apresenta a situação que estava vivendo. Por meio desta fala, ela contou que sentia que Susan sentia falta dela. Porém, a paciente se encontrava ocupando o lugar materno, ao cuidar de Susan como irmã mais velha. E ao mesmo tempo está falando da mamãe preta que disputa lugar com ela na cama e que cuida mal das crianças. Há, portanto, a mãe que cuidava e a mãe que não cuidava e Gabrielle estava sendo naquele momento a mãe que cuidava. Com o que diz a seguir, Winnicott procura reconhecer o que a menina está comunicando: *“Você está falando sobre sua mãe e que ela não sabia cuidar de você.”*⁹⁷

Diante da fala de Winnicott, Gabrielle diz: *“Mamãe sabe sim. É a mamãe com o rosto preto muito horrendo.”*⁹⁸ Com a intervenção feita pelo analista anteriormente, a paciente pode estabelecer uma distinção entre as duas mães, a que cuidava de Gabrielle e aquela que era preta que era a que não cuidava. Há, portanto, duas experiências.

Safra (2005b) assinala que ao fazer este tipo de intervenção, Winnicott está reconhecendo um saber tácito que brota da experiência viva da menina. O autor faz distinções significativas entre a abordagem de Winnicott e a de Klein neste momento, ao fazer uma intervenção que aponta algo no passado, ele está auxiliando a menina, por meio da memória experiencial que foi resgatada pela fala do analista, a estabelecer duas *experiências*: a boa mãe e a mãe preta que é má. Novamente, a palavra experiência precisa ser destacada aqui, pois Winnicott não está abordando a fala de Gabrielle a partir do registro da fantasia, não se trata das abordagens de mãe boa e mãe má que Klein costumava utilizar. A mãe que cuida e a mãe preta não são identificações ou projeções da menina, nem tampouco são mães que seriam

⁹⁶ “People who are naughty. I’m naughty sometimes.” (Idem, p. 113)

⁹⁷ “You were talking about your mummy and how she didn’t know how to care for you.” (Idem, p. 144)

⁹⁸ “Mummy does know. It’s the mummy with black face very horrid.” (Idem, p. 114)

alvos de pulsões de amor e ódio. São mães que são *experiências*. Winnicott está trabalhando com Gabrielle a partir da compreensão de qual é a experiência que está sendo vivida por ela.

A fim de se aproximar de qual é a experiência que a menina está comunicando, Winnicott pergunta se Gabrielle odeia a mamãe⁹⁹. Com esta pergunta, o analista tem a intenção de compreender se a mamãe ficou preta como um modo de expressão do ódio da paciente ou se ela era preta na experiência vivida. Winnicott está investigando com a menina qual a experiência vivida e qual o uso do ódio que a menina faz neste momento. Em outras palavras, Winnicott está interessado em se aproximar de qual é o lugar existencial que Gabrielle está neste momento.

A partir da pergunta de Winnicott, Gabrielle prossegue:

Eu não sei o que está acontecendo comigo. Meu Deus, a mamãe preta me empurra pra fora da cama, e eu tenho uma cama tão gostosa. 'Não, Piggie, você não tem uma cama gostosa' (aqui ela estava 'dentro de' uma experiência). 'Não, Piggie, você não tem uma cama gostosa'. Ela fica com raiva da mamãe. 'Você arrumou uma cama tão horrenda para esta menina horrenda'. A mamãe preta gosta de mim. Ela acha que eu estou morta. Terrível (necessariamente sem clareza. É touro (?) me ver. Ela não entende de crianças ou de bebês. A mamãe preta não entende de bebês"¹⁰⁰.

Winnicott observa que naquele momento do jogo, a comunicação não está ocorrendo só com o terapeuta. A paciente estava conversando com a mamãe preta também. E o analista observa em seu texto que a menina estava vivendo uma experiência. Este é um aspecto importante, relacionado ao que já mencionei, de que a clínica em Winnicott está assentada na experiência. A partir deste trecho podemos refletir, inclusive, sobre o modo como a própria transferência é abordada. Gabrielle utiliza da relação não só para estabelecer uma comunicação com o terapeuta, mas com outros aspectos de sua interioridade. A transferência aqui não é compreendida, portanto, como repetição do passado, mas como lugar de acontecimento. Dizer que a paciente está vivendo uma experiência implica em reconhecer que naquele momento estava ocorrendo um trânsito.

⁹⁹ "Do you hate her?" (Winnicott, 1977, p. 114)

¹⁰⁰ "I don't know what's happening to me. Goodness I am being forced out of bed by the black mummy and I've got such a nice bed. 'No, Piggie, you haven't got a nice bed' (here she was 'in' an experience). 'No, Piggie, you haven't got a nice bed'. She is angry with mummy. 'You have got such a horrid bed for horrid girl!'. The black mummy likes me. She thinks I am dead. Horrible (necessarily obscured). It's bull (?) to see me. She doesn't know about children or babies. The black mummy doesn't know about babies." (Idem, p. 114)

Outro aspecto fundamental está relacionado com a área fundamental em que a experiência estava acontecendo. Winnicott observava, ao longo das consultas, em qual realidade experiencial a paciente estava transitando. Vimos como em alguns momentos ela está vivendo no registro subjetivo. Em outros, ela se abre para a alteridade e desliza pela realidade transicional. Neste momento que estamos acompanhando, Gabrielle vivia uma experiência subjetiva de estar conversando com a mamãe preta. No entanto, havia aspectos dissociados que Winnicott estava observando, todavia, sem utilizar da interpretação para tentar reunir a paciente. O analista ia sustentando o fluir do jogo a fim de que a paciente alcançasse a experiência. Este aspecto da dissociação está apresentado poeticamente no modo como o jogo de encaixar e unir materialidades (o gancho, o resfriado, o barbante) se faz presente no jogo de Piggie desde o início nesta consulta.

A intervenção de Winnicott é a seguinte: *“Sua mãe não entendia de bebês quando ela teve você, mas você lhe ensinou a ser uma boa mãe para Susan”*¹⁰¹. Esta é uma fala belíssima do analista que, reconhece a situação de vida da paciente, assinalando que quando Gabrielle havia nascido, sua mãe viveu pela primeira vez a experiência da maternidade. Já com o nascimento de Susan, sua mãe já tinha se tornado uma mãe mais experiente graças à presença de Gabrielle e a experiência que puderam viver juntas. Depois desta experiência entre a mamãe e Gabrielle, ambas já não eram mais as mesmas, haviam sido enriquecidas pela experiência. Com a sua intervenção, Winnicott está reconhecendo a ação da paciente que enriqueceu a mãe, possibilitando que ela pudesse ser uma mãe melhor para Susan e, ao mesmo tempo, está ressaltando que há duas mães que Gabrielle experienciou, a que não sabia cuidar e que agora sabe.

Susan fica terrivelmente triste se eu vou fazer compras, e ela fica feliz quando eu volto. Oh! Mamãe, mamãe, mamãe! (falou isso com grande tristeza). Eu não quero uma irmã grande e boa que beija, quando ela fica triste e para ir embora. Tem brinquedos atrás das costas do senhor. É difícil tirar eles. Aqui estão algumas casas. Susan me acordou de noite uma vez¹⁰².

¹⁰¹ “Your mummy didn’t know about babies when she had you, but you taught her to be a good mother to Susan.” (Idem, p. 114)

¹⁰² “Susan is terribly sad if I go out shopping, and she is happy when I come back. Oh mummy, mummy, mummy! (She said this with great sadness). I don’t want a nice big sister who will kiss me when I am sad and to go away. You have got toys behind your back. It’s difficult to get them out. Here are some houses. Susan woke me up in the night once.” (Idem, p. 114-115)

Winnicott faz anotações de que neste momento a menina estava tendo uma experiência de contato com a mãe que sabia cuidar, antes de Susan nascer. Tal experiência tinha sido perdida por Gabrielle e era difícil para ela sentir saudade, é neste sentido que ela diz que Susan sente falta dela como irmã-mamãe. Gabrielle utiliza a presença de Susan para expressar a necessidade que sentiu da presença materna, gesto que, segundo Winnicott observava, ia ajudando a menina a se aproximar do que ela sentia. Aos poucos, como estamos acompanhando, a Gabrielle pode entrar em contato com o sentimento doloroso que viveu pela ausência materna. Quando esta possibilidade é alcançada, Winnicott observa que a menina pode viver a experiência de perda, ao mesmo tempo em que pode se lembrar da experiência boa com a mãe que sabia cuidar. Quando este fenômeno ocorre a dissociação pode ser superada. Em sintonia com a paciente, Winnicott responde preservando a expressividade da comunicação feita pela paciente: *“Oh! que amolação!”*¹⁰³

O movimento de unir materialidades sustentando o processo de integração de aspectos da paciente prosseguia na consulta. Gabrielle brincava de engatar os vagões e a locomotiva. Winnicott observa que havia nesse momento alguma atividade indefinida, sinal de que havia ainda algo por vir. A paciente resmungava algo, o analista assinala que se sentia sonolento e um tanto alheio e considerava que seu alheamento tinha alguma relação com o alheamento da própria paciente. O contato entre a dupla parecia difícil neste momento. Este período chega a um fim quando a menina pediu que o analista desenhasse um tigre na lâmpada elétrica amarela. Winnicott aceita o jogo e Gabrielle comenta: *“Isso é lindo. Eu já vi isso antes. Eu vou mostrar papai. Muito tempo mamãe não queria um bebê, e depois ela queria um menino, mas teve uma menina. Nós vamos ter um menino, quando nós crescermos. Eu e Susan. Nós vamos ter de achar um homem para casar.”*¹⁰⁴

Winnicott conta que fez algumas interpretações assinalando que Gabrielle estava brincando com a posição de menino em relação a Susan na questão edípica. Winnicott reconhece que a menina está dramatizando as questões edípicas, em uma situação onde ela e Susan eram um casal que teriam um menino que a mãe queria. Winnicott relembra, em uma nota, uma observação da mãe onde ela dizia que Gabrielle sabia que ela não se importava se seria um menino ou uma menina, mas que queria um menino quando Susan nasceu. A paciente prosseguiu dizendo:

¹⁰³ *“Oh what a nuisance!”* (Idem, p. 115)

¹⁰⁴ *“That’s lovely. I have seen this one before. I shall show daddy. For a long time mummy didn’t want a baby and she wanted a boy but she had a girl. We are going to have a boy when we are grown up. Me and Susan. We will have to find a daddy man to marry. Here are some boots. Did you hear what I said Dr. Winnicott? I got some lovely trucks for luggage”.* (Idem, p. 115-116)

‘Essa é minha cama, então eu não posso ir de trem para o Sr. Winnicott. Não, você não quer ir para o Sr. Winnicott. Ele realmente entende mesmo de sonhos ruins. Não, ele não entende. Ele entende. Não, ele não entende’. (Esse diálogo era entre ela mesma e uma outra parte de si). ‘Ela não quer que eu me livre dela’¹⁰⁵

Mais uma vez, nesta consulta, acompanhamos a paciente vivendo uma experiência no registro subjetivo. Trata-se de uma consulta profundamente complexa. Neste ponto, Gabrielle encontra-se ainda mergulhada em si mesma. Todavia, é significativo que, ao dizer ora que ele entende ora não entende de sonhos ruins, a paciente abre uma nova região de experiências: as experiências oníricas. As experiências no registro onírico possibilitam uma maior interlocução. Ao sonhar, a paciente pode encontrar novas possibilidades de trânsito para as questões que estão em processo neste momento, possibilitando o maior domínio das experiências. Por meio deste diálogo que se inicia no campo subjetivo, sobre o Winnicott que entende de sonhos, a menina demonstra o anseio de dar um novo estatuto para a experiência vivida. É interessante que este trânsito entre diferentes registros experienciais, da realidade subjetiva para o campo das experiências oníricas, ocorre sustentado pelo jogo de unir materialidades na consulta. Como já apontei anteriormente, trata-se da ação da paciente que constitui e abre novas possibilidades. Winnicott acompanha a paciente, mais uma vez, sem interpretar os possíveis significados do jogo ou do sonho, pois o mais fundamental é a ação, a experiência de sonhar que foi alcançada.

Reconhecendo que agora Gabrielle transitava pela realidade onírica das experiências, Winnicott diz:

Referi-me à mamãe preta como a um sonho, tentando deixar bem claro para Gabrielle que a mamãe preta pertence ao sonho, e que, ao acordar, há ideias contrastantes da mamãe preta e das pessoas reais. Havia chegado um

¹⁰⁵ “*This is my bed so I can’t go by train to Mr. Winnicott. No you don’t want to go to Mr. Winnicott. He really does know about bad dreams. No he doesn’t. he does. No he doesn’t (this was a conversation between herself and another part of herself). ‘He doesn’t want me to get rid of her.’* (Idem, p. 116)

momento em que podíamos conversar sobre sonhos, ao invés de uma realidade interior ilusoriamente ‘real’ internamente.¹⁰⁶

Winnicott considerava fundamental para a paciente poder tratar do que sentia no registro onírico. Em alguns momentos de seus textos teóricos e até mesmo em suas conferências, Winnicott afirmava a impossibilidade de o bebê humano existir sem a presença materna. É esta presença humana, em sua perspectiva, que possibilita ao bebê a experiência de ser. Este é um princípio que se desdobra ao longo da vida em outros registros, não apenas neste, mais inicial, onde o bebê necessita da hospitalidade materna. Deste modo, também a experiência de sonhar acontece na presença do outro.

Para o ser humano deixar-se levar pelo sono, adentrando a experiência onírica, é fundamental a presença do Outro¹⁰⁷ na interioridade de si mesmo, sustentando a experiência. Outro aspecto importante, pouco considerado em nossa área, está relacionado com o lugar que sustenta a experiência de sonhar. Estamos habituados a pensar a experiência onírica apenas por meio de abstrações, como se esta experiência ocorresse apenas pelo registro psíquico, sem nenhuma relação com a materialidade do mundo. No entanto, para sonhar é fundamental a experiência de lugar! A experiência de sonhar ocorre sustentada também pela materialidade do mundo, onde o sonhador pode viver a experiência do sonhar. É comum ouvirmos o relato de pessoas que encontram, por exemplo, em seu quarto a sustentação para as experiências de dormir, sonhar e acordar. O quarto surge com frequência como o lugar de acolhimento e descanso que sustenta essas experiências de um modo no qual a singularidade esteja preservada, por exemplo, na organização estética dada por alguém aos objetos, ao espaço, às tonalidades e ritmos do ambiente. Tendo isto em vista, a necessidade de lugar é das mais profundas do ser humano. Cada um de nós necessita de lugar humano para ser, viver, sonhar e morrer.

O registro de experiência de Gabrielle mudou do subjetivo para o registro onírico. Ela disse: “*Eu tava deitada completamente imóvel com minha espingarda. Eu tentei atirar nela.*

¹⁰⁶ “*I talked about the Black mummy as a dream, trying to make it quite clear to Gabrielle that the black mummy belongs to dreaming, and that upon waking there are the contrasting ideas of the black mummy and real people. The time has come when we could talk about dreams instead of an inner reality, delusionally ‘actual’ inside.*” (Idem, p. 116)

¹⁰⁷ “Utilizo o termo *Outro*, em maiúsculo, para enfatizar que não se trata necessariamente do outro objetivamente falando, mas também da materialidade do mundo, das coisas, do espaço, que possibilita o acontecer humano. O diálogo com Safrá (2004) e a condição humana apresentada no registro ontológico a partir da noção russa de *Sobornost* é também importante para a compreensão deste aspecto.

*Ela simplesmente foi embora. O senhor sabe o que as pessoas fazem comigo? Eu tava dormindo. Eu não conseguia conversar. Foi só um sonho.”*¹⁰⁸

Winnicott reconhece que a mamãe-preta existe no sonho. A paciente sonhou que tinha dado um tiro na mamãe preta. Mais uma vez, a ação da paciente é fundamental. O analista não interpreta o significado dos conteúdos do sonho. E já que um novo campo de experiências está aberto para a paciente, Winnicott pergunta a ela se ela queria que a mamãe má fosse uma pessoa real ou uma pessoa de sonho. Com esta pergunta, o terapeuta abre possibilidades de uso das experiências e de trânsito entre registros de realidades diferentes. Gabrielle dá continuidade ao diálogo perguntando se Winnicott sabia que na TV tinha pessoas que atiram, brinca com alguns brinquedos, diz que Susan às vezes lhe fazia cócegas. O analista observou que Gabrielle tinha feito um movimento de ‘atirar’ nesse momento, empurrando um brinquedo com os dedos. Vemos como a menina vai aos poucos ampliando suas possibilidades de expressão da experiência. Essa experiência de atirar, que é sustentada também pelo jogar e pelas materialidades, está relacionada com o ataque que a menina faz à mãe má, que era aquela que não sabia cuidar do bebê. Está ocorrendo um processo de aos poucos a menina se aproximar da experiência de, no sonho, ter atirado na mãe má.

Winnicott observou que a menina tinha dito alguma coisa parecida com “*Gagager*” e afirmou que esta fala estava relacionada com algo do diálogo entre Gabrielle e Susan. A menina diz para o terapeuta que não podia permanecer por muito mais tempo. Winnicott tomou nota de que neste momento havia ansiedade presente, relacionada a algo ainda obscuro. Winnicott considerou que poderia haver algum descontentamento da paciente em relação a ele, devido ao sono que ele tinha sentido. No entanto, ele observou que era provável que aquele momento estava relacionado à grande ansiedade da paciente, o que tinha impossibilitado alguma comunicação mais clara. Tal ansiedade, segundo o analista, estava relacionada ao sonho com a mãe preta. Neste momento da consulta, Winnicott fez alguns comentários sobre o sonho e a menina disse:

“Eu sonhei que ela estava morta. Ela não estava lá.” Neste instante fez algo que, tenho certeza, era altamente significativo, seja lá o que viesse a simbolizar. Minha afirmação prende-se ao fato de ter havido uma alteração geral na qualidade da sessão. Tinha-se a impressão de que tudo mais havia parado para que isso acontecesse. Ela pegou o lava-olho e o colocava e

¹⁰⁸ “*I was lying all still with my gun. I tried to shoot her. She just went away. Do you know what people do to me? I was asleep. I could not talk. It was only a dream.*” (Winnicott, 1977, p. 116)

tirava da boca, produzindo ruídos de sucção, e poder-se-ia dizer que ela sentiu algo muito próximo de um orgasmo generalizado.¹⁰⁹

Este foi o momento chave da consulta. É interessante que, mais uma vez, vemos Winnicott enfatizando que a paciente *fez* algo, independentemente do que esta ação pudesse simbolizar, o que revela que o analista estava bastante atento às possibilidades de ação e de uso da experiência alcançados por Gabrielle. O fato de a menina sonhar que a mãe preta estava morta implicava em maior aproximação e responsabilização pela experiência de ter atirado na mãe no sonho. Diante desta experiência final, Winnicott anota no canto do texto: “*Este é o elemento significativo da experiência comportamental total da criança com o setting analítico*”¹¹⁰. A experiência da paciente de pegar o lava-olho e brincar de colocar e tirar da boca é também bastante significativa. É interessante Winnicott dizer que neste momento a paciente teve uma experiência próxima a de um orgasmo generalizado. Por meio deste gesto de sugar o lava-olho, relacionado a todo o movimento realizado na consulta, Gabrielle alcança a possibilidade de recuperar a lembrança da mãe viva, ação que estava em trânsito, por exemplo, desde o momento em que, por meio do uso que fazia de Susan, ela se lamentava pela saudade da mamãe. O uso que ela faz desta materialidade no jogo abre a possibilidade de ela realizar a experiência de sucção, recuperando a memória satisfatória da mãe boa, a mãe que sabia cuidar dela. A ação de sugar presentifica a memória corporal da mãe cuidadora. É bonito vermos como o processo de integração destas experiências tão significativas estavam sendo alcançadas. E, vale ressaltar, a superação das dissociações estava profundamente atrelada à presença mais íntegra e viva da corporeidade da paciente na consulta, sendo que, como vimos, no início, a menina se mostrava bastante deprimida, pois havia perdido o contato com a mãe, experiência que implicou também na perda da própria vitalidade corporal. Gabrielle disse:

Eu gostava muito dela. Baaah. Isso é bom. Quem atirou na mamãe? Papai tinha uma espingarda, e ela está quebrada. A mamãe preta é minha mamãe ruim. *Eu gostava da mamãe preta* (isso era um sonho mencionado na forma

¹⁰⁹ “*I dreamed she was dead. She wasn’t there.*” At this point she did something which I am sure had great significance, whatever it symbolized. I could tell this from the fact that the whole quality of the session altered. It was as if everything else had been held back for this to happen. She took the blue eyebath and put it in and out of her mouth, making sucking noises, and it could be said that she experienced something very near to a generalizes orgasm.” (Idem, p. 117-118)

¹¹⁰ “*This is the significant thing in the child’s whole behavioral experience with analytic setting*” (Idem, p. 118)

de brinquedo. Ela prosseguiu, falando sobre o vagão bonito). Vamos brincar mais.¹¹¹

Neste estágio do processo, Gabrielle tinha alcançado a possibilidade de narrar por ela mesma a experiência vivida. Não precisa mais fazer uso de Susan para se aproximar da questão. Ao dizer que a mamãe preta era a sua mamãe ruim, o processo de integração está acontecendo. Quando diz que gostava da mamãe preta a experiência já tinha sido integrada. Com este percurso, Winnicott anuncia que era hora de ir, pois o trabalho da consulta tinha sido realizado ao longo do tempo. A ansiedade presente na consulta foi superada e alcançou um novo estágio.

Na noite após a consulta, os pais ligaram para Winnicott que disse a eles que a consulta havia sido de difícil compreensão, mas que tudo se aglutinou para o momento em que a mamãe preta foi morta com tiros. O analista observou que a mamãe preta era a mãe que foi perdida e a experiência orgástica foi o momento em que a menina descobriu a mãe boa que tinha sido perdida, o que também possibilitou o resgate da própria corporeidade presentificada na capacidade orgástica que tinha sido perdida com a mãe boa.

Vimos intensamente, nesta consulta, como a presença da corporeidade e da materialidade foram fundamentais para que a superação da dissociação vivida pela paciente pudesse ocorrer. Tais aquisições aconteceram fundamentalmente pelos diversos usos que a paciente pôde fazer das materialidades no jogo, desde o início quando brincava de encaixar e unir brinquedos. Trata-se de uma ação sustentada na materialidade do mundo que possibilita poeticamente a constituição de aspectos fundamentais da experiência psíquica na corporeidade.

Winnicott nos conta que dias depois os pais ligaram para lhe contar que Gabrielle estava diferente, tornando-se uma pessoa mais espirituosa e uma criança com mais entusiasmo. Os pais observaram que ela podia brincar com a irmã e se sentia menos perseguida, de modo que também Susan não a agredia tanto. Os pais contaram que a menina havia dito que tinha passado as preocupações ruins para o Dr. Winnicott e havia levado consigo as preocupações boas. Winnicott observou que a paciente tinha se beneficiado da nova separação de identidade. Segundo os pais, essa melhora tinha durado três semanas, quando a menina começou a se preocupar novamente com a mamãe preta. Gabrielle tinha

¹¹¹ “I loved her very much. Baah. This is nice. Who shot mummy? Teddy had a gun and it’s broken. The black mummy is my bad mummy. I liked the black mummy (this was a dream being reported in play form. She went on talking about the lovely truck). Let’s play on. (Idem, p. 118)

adoecido fisicamente, mas mesmo assim continuava mais cheia de vida do que antes. A menina tinha perguntado inúmeras vezes quando seria o aniversário de Winnicott, pois queria mandar-lhe um presente, no entanto, este não podia ser embrulhado.

Em outra carta, os pais anunciam que Gabrielle havia pedido para encontrar Winnicott. A mãe diz que considerava negativo a menina chupar o polegar. Winnicott rabisca uma nota no canto do texto assinalando que chupar o polegar estava relacionado com a experiência orgástica que a menina teve quando brincou com o lava-olho ao final da consulta. Ou seja, Winnicott está atento que agora é possível para a menina sustentar a experiência onde sua vitalidade corporal permanece preservada e em processo. A mãe diz também que se sentia envergonhada de como Gabrielle estava sendo compreensiva com Susan. Este comentário confirma o que foi trabalhado na consulta que naquele momento a paciente ocupava o lugar de mãe diante da irmãzinha.

É interessante que neste intervalo entre esta consulta e a próxima, a paciente tinha enviado dois desenhos para Winnicott em um envelope onde estava escrito “*Lembranças para o Sr. Winnicott*”, gesto bastante significativo que presentificava o trabalho que tinha sido realizado. Agora Gabrielle podia ter lembranças. O processo de integração tinha alcançado um novo estatuto. A memória da experiência tinha sido resgatada.

4.10 – A Décima Consulta

O corpo não translada, mas muito sabe, adivinha se não entende.

Riobaldo/João Guimarães Rosa

Gabrielle estava com três anos e seis meses quando chegou para a consulta. Winnicott conta que ela iniciou as atividades como de costume, os dois brincando no chão. O analista observou que a paciente balbuciava o tempo todo. Ela se divertia, brincando de articular nomes, unia vagões e trenzinhos e conversava consigo mesma bastante satisfeita.

Considero significativo o fato de Gabrielle balbuciar, esta é uma expressão corporal paradoxal, pois balbuciar implica em um quase dizer sem ainda dizer, uma ação ainda sem uma forma definida. Winnicott estava atento a este tipo de expressão. Balbuciar é gesto em direção a, é o pressentimento de algo que está por vir. O analista inglês costumava dizer que a forma brota de uma não-forma, a experiência de estar vivo surge de um estado de não estar vivo, questões presentes também na experiência do balbuciar. De outro modo podemos dizer que a própria experiência da linguagem brota do silêncio, de uma não-forma cujo balbuciar é

um estágio intermediário. A criança inicia um verdadeiro jogo com os sons e ritmos da corporeidade até que um dizer ganha uma forma. Os sons do corpo vivo e do ambiente se configuram de tal forma que podemos reconhecer uma musicalidade que caracteriza a criança e seu mundo. Desta polifonia eventualmente uma palavra nasce com um contorno mais delineado. O que era uma exclamação composta fundamentalmente por vogais ‘á’, ‘ó’, etc, evolui para uma sílaba ‘pa’, ‘ma’ ou ‘dá’, até que a criança pode eventualmente dizer mãe, pai. Poeticamente podemos então afirmar que o dizer humano emerge do silêncio abismal da corporeidade. Brincando com as palavras de Manoel de Barros, *só usamos palavras para compor nossos silêncios*.

Gabrielle estava brincando com um trenzinho e unindo vagões. Winnicott disse para ela que neste ponto ela estava unindo a sua própria pessoa e a de Winnicott. Ela comentou algo sobre a viagem de trem e disse que foi divertido. Ela disse que tinha um trem longo, mostrou um trem comprido e fez um gesto com os braços para descrever o comprimento.

Winnicott entrevistou dizendo a ela que a distância longa estava relacionada com o tempo que tinha passado entre as consultas e que a paciente estava demorando bastante para descobrir se ele estava vivo. Ao analista, o jogo que se estabelecia parecia indicar algo, anunciando possibilidades de sentidos.

Gabrielle lhe pergunta quando era o seu aniversário. E neste momento, Winnicott diz que se sentia preparado para a ideia de unir nascimento e morte.

Winnicott: E o que você me diz do dia da minha morte?

Gabrielle: Nós vamos ver o que nós podemos arranjar para o senhor. Mamãe escreveu uma carta para a França; leva três horas quase um dia pra chegar lá.

Winnicott: Se eu estivesse morto, demoraria mais ainda.

Gabrielle: O senhor não ia abrir ela, porque o senhor estaria morto. É horrível. (Winnicott, 1987, p. 114)

Com os comentários seguintes a esse diálogo, vemos como a compreensão do processo psicanalítico por Winnicott está assentada na temporalidade do gesto que funda possibilidades entre uma consulta e outra. Neste momento, vemos como o analista insere o tema da morte no contexto analítico com Gabrielle. E ele não o faz por acaso, mas a partir da comunicação que está sendo estabelecida. Na consulta anterior vimos com a menina tinha alcançado o registro onírico da experiência, onde lhe foi possível narrar o sonho onde atirou na mamãe preta. Vimos também como pouco a pouco o analista passa a ocupar novos lugares

transferenciais para a menina, para além da posição de objeto subjetivo para poder ser encontrado como pessoa, o Sr. Winnicott. Como já dissemos, o analista sustenta o jogo e joga junto, atento ao que busca ser comunicado e àquilo que precisa ser integrado. Winnicott está compreendendo a evolução das consultas ao longo do tempo. Neste momento, a menina acessa a possibilidade de matar como experiência.

Se revisitarmos o texto de 1941 sobre a observação de bebês, onde Winnicott explicita os três momentos fundamentais do jogo da espátula, veremos que no último momento do jogo é fundamental a criança poder livrar-se da espátula para que a experiência possa ser completa. Quando isto ocorre, Winnicott assinala que a criança já não era mais a mesma, pois tinha vivido o que ele chamava de *lição de objeto*. Neste momento da consulta, a questão da morte está sendo tematizada e é curioso que Winnicott se coloca também como possibilidade de ser morto pela paciente no jogo, e ao fazê-lo não perde de vista o trabalho que foi realizado nas consultas anteriores, ao mesmo tempo em que preserva aquilo que ainda precisa ser alcançado, questão que se anuncia no balbúcio da menina.

Após este diálogo entre a dupla, Winnicott diz que a paciente fez referências à semelhança que reconhecia entre um tiro e um embrulho amarrado com barbante. A menina brinca de atirar com um brinquedo, há pólvora e o objeto explode. Ela prossegue com o tema da morte que já tinha sido anunciado na consulta anterior. Comenta que a mãe tinha ido ao zoológico e havia cobras que mordiam se alguém as machucasse. Brincou de um modo engraçado, imitando um papagaio. Winnicott reconhece que a menina estava dizendo que no zoológico há outras coisas, como cobras. A menina prossegue dizendo que tinha perguntado para o pai se as cobras eram venenosas e que ele a tinha puxado quando ela tentou fazer carinho na cobra. Disse que podia ver que a cobra estava feliz pelo rosto dela e houve algum comentário sobre uma menininha. Winnicott pergunta se Gabrielle era uma menininha feliz. A paciente comenta algo sobre Susan.

*“Eu quero destruir se eu construo alguma coisa. Mas ela não quer fazer isso. Ela tomava mamadeira com um bico. Primeiro, eu comecei a dar de comer a ela, mas ela ia embora e não deixava. Ela é um bebezinho bom.”*¹¹² É interessante a menina dizer que quer destruir ao construir algo, frase que descreve bem a possibilidade humana de fazer uso da criatividade que se caracteriza por uma ação paradoxal que ao mesmo tempo em que constitui, rompe com o instituído. Destruir aqui também está relacionado com a possibilidade de matar, de dar um novo estatuto existencial para o outro e para si mesmo. Winnicott reconhece que

¹¹² “*I want to destroy IF I build anything. But she doesn’t want to do that. She had bottles with a teat. First I started feeding her, but she walked away and dind’t let me. She’s a Nice little baba.*” (Winnicott, 1977, p. 125)

este movimento está em processo, quando afirma: “Às vezes você atira nela”¹¹³. Com esta intervenção ele emoldura a ação da paciente de atirar e matar, algo que estava se desenrolando já na consulta anterior e que teve uma importância constitutiva ao possibilitar o resgate da vivacidade da menina e de seu contato com a mãe que sabia cuidar. A menina prossegue dizendo: “Não, às vezes eu fico em paz com ela”¹¹⁴. Winnicott afirma: “Esta é uma razão pela qual você gosta de vir aqui, para livrar-se dela”¹¹⁵. Winnicott dá lugar ao anseio da menina de ocupar uma nova posição diante de Susan. Até aqui, vimos como a menina ocupava o lugar de mãe da irmãzinha. A possibilidade de matar, de atirar, surge agora como um modo de Gabrielle poder livrar-se da irmãzinha, dando a ela e a si mesma um novo lugar. Estamos diante, novamente, de uma ação constitutiva que ocorre sustentada pelo uso da materialidade do jogo e que põe em devir o processo de integração das experiências no *self* da menina. “Sim, eu não posso ficar muito tempo, porque daqui a pouco eu vou almoçar; então eu posso vir outro dia?”¹¹⁶. Winnicott observou que neste momento surge ansiedade decorrente de a menina estar usufruindo da relação com ele e com os brinquedos e de estar livre de Susan. Esta é uma conquista muito importante para Gabrielle, que implicava em ela poder viver uma vida separada de Susan.

Esse tipo de compreensão da situação clínica e dos fenômenos humanos que Winnicott está apresentando, está também relacionado com um modo de abordar o acontecer humano não pela noção de frustração, mas a partir da noção de criatividade. Esta implica em a pessoa poder, como disse a paciente, destruir aquilo que constrói na relação ou, como dizia Winnicott, de sermos criativos a partir da tradição. Para que isto ocorra, é fundamental a presença da corporeidade e da materialidade do mundo que sustenta e possibilita a ação. Não se trata, portanto, de acolher uma imposição de algo que vem de fora e que levaria o indivíduo a ter acesso à realidade por meio da frustração.

Gabrielle estava brincando com algumas casas, dispondo-as uma depois da outra com uma torre no final, do mesmo modo como fazia com as palavras. Winnicott achava que a menina estava construindo um trem. A menina tecia comentários dizendo que os cachorros não podiam comer ossinhos, pois tinham uma lasca dentro deles e neste momento ela esfregava a mão debaixo das rodas do trem, segundo Winnicott, de uma maneira que parecia demonstrar algo que ela fazia com ela mesma. Neste movimento da paciente, Winnicott faz

¹¹³ “Sometimes you shoot her” (Idem, p. 125)

¹¹⁴ “No, sometimes I am at peace with her.” (Idem, p. 125)

¹¹⁵ “That is one reason why you like coming here, to get away from her.” (Idem, p. 125)

¹¹⁶ “Yes. I can’t stay long, because soon I Will be having my lunch; so may I come another day?” (Idem, p. 125)

associações reconhecendo o sentido de a menina está à caminho da masturbação. Gabrielle organizou os brinquedos de modo que cada um ficou separado. Winnicott recordou da organização que a menina tinha feito quando estava estabelecendo as fronteiras entre ela e o outro na sétima consulta e chamou-lhe a atenção para isso. Em seguida, Winnicott conta que a menina havia tocado em seu joelho e saiu pulando e dizendo que tinha que ir até o pai. Disse que ia voltar e que queria trazer a sua boneca. Winnicott observou que era uma boneca muito grande chamada Frances. Gabrielle trouxe a boneca para que o analista a cumprimentasse. Nesse ponto, observa-se a possibilidade da paciente de por meio de sua boneca intermediar a sua necessidade de contanto afetivo. A boneca aparece como brinquedo intermediário que possibilita a integração da expressão de sua capacidade afetiva ao seu modo de ser. A paciente estava acariciando o sapato de Winnicott e observava que havia ansiedade paralelamente aos contatos afetuosos que ela fazia. Winnicott reconhece que neste momento a ansiedade está relacionada com o fato de Gabrielle estar usufruindo da relação, de modo que ele reconhecia que a separação dos brinquedos que a menina realizava no jogo era uma defesa. Vale ressaltar que sua compreensão da defesa está relacionada com o processo que está ocorrendo. Não se trata de uma compreensão dos mecanismos de defesa como uma negação a um conteúdo inconsciente, mas da defesa como um sinal de que ainda é necessário caminhar um pouco mais a fim de que a experiência possa ser integrada.

Neste contato importante que a menina estava tendo com Winnicott, ele observava que surgiam várias modalidades de sentimento de culpa, relacionados, por exemplo, com o fato de Susan não estar lá, com a destruição do objeto que foi encontrado. Winnicott observava que atrás dessa separação de um objeto do outro havia um estado caótico interior composto de partes fragmentadas do objeto. Ou seja, a menina neste momento estava em meio ao processo de integração dessas experiências onde ela podia se desfazer do outro para ocupar uma nova posição, situação que trazia a ela ansiedade e culpa. É interessante como somente agora Winnicott compreende que a menina está lidando com o sentimento de culpa. Ao se deter mais profundamente a esta questão em seu artigo *Psycho-Analysis and the Sense of Guilt*, Winnicott (1958) nos diz que o sentimento de culpa está relacionado com um conflito entre amor e ódio e que implica na tolerância à ambivalência. Nesta consulta, estas questões estão em jogo, sendo que a experiência de ódio e de matar, no sentido de dotar ao outro e a si mesma uma nova posição, são aspectos fundamentais para a paciente neste momento.

Vimos como Winnicott observava o fato de a menina ter utilizado de um tipo de jogo aparentado com aquele que ela fez quando estabeleceu a divisão das fronteiras com os brinquedos. No entanto, aqui o que está em jogo é esta experiência de ela integrar o

sentimento de amor e ódio que sente por um mesmo objeto. É interessante como Winnicott leva em consideração o fato de Gabrielle já ter em si um repertório de experiências que lhe possibilitaram alcançar o sentimento de culpa, questão que envolve maior condição de tolerar o sentimento de ambivalência.

Como a possibilidade de relatar sonhos foi alcançada na consulta anterior, Gabrielle narra um novo sonho.

Gabrielle: Uma noite eu tive um sonho ruim. Era sobre... Eu fechei os olhos. Eu vi um cavalo bonito. Ele chamava Garanhão. Ele tinha ouro nas orelhas e na crina. Ele era tão bonito. Ouro, ouro bonito e brilhante (ela pôs a mão entre as pernas). O cavalo bonito ia chegando e pisando no milho (ela explicou que o milho era um tipo de cereal)

Winnicott: Você está descrevendo papai e mamãe, quando eles estão fazendo novos bebês, alguma coisa relacionada com o amor.

Gabrielle: Sim.

Winnicott: Talvez onde a mamãe tem cabelo (referindo-se ao milho).¹¹⁷

As intervenções que Winnicott fez foram abrindo novas possibilidades de comunicação para Gabrielle que neste momento pôde relatar um sonho. Winnicott estabelece pontes entre o sonho e a comunicação que está se desenhando na consulta. Na consulta anterior vimos como foi fundamental o jogo de unir brinquedos. Neste momento este mesmo jogo surge como paradigma fundamental do sonho da menina. A intervenção de Winnicott tem por objetivo abrir mais campo para a paciente. Não é uma interpretação com objetivos de tornar consciente os significados e conteúdos reprimidos do sonho. O analista joga tendo sempre em vista o sentido da comunicação que a paciente busca realizar, ao mesmo tempo em que está atento às respostas que ela dá às suas intervenções.

Esta consulta tinha começado com o tema da morte e da possibilidade de matar (movimento iniciado já na consulta anterior). Ao longo do tempo houve um salto e Gabrielle pode alcançar a experiência fundamental de usufruir do terapeuta e se livrar de Susan, por quem ela tem sentimentos de amor e ódio, afetos que estavam atrelados aos sentimentos de

¹¹⁷ “Gabrielle: *One evening I had a dream. It was about... I shut my eyes. I saw a beautiful horse. It was called Stallion. It had gold on its ears and on its mane. It is so very beautiful. Gold, Nice shiny gold (she put her hand between her legs). The beautiful horse was coming and trampling on the wheat (she explained the wheat is a sort of corn). Winnicott: You are describing a picture of daddy on mummy making new babies, something to do with love. Gabrielle: Yes. Winnicott: Perhaps where mummy has hair (referring to the wheat)*”. (Winnicott, 1977, p. 127)

culpa da menina. Neste momento da consulta, ocorre um novo salto, no qual a menina narra um sonho o qual Winnicott reconhece que estava relacionado com a experiência dos pais de fazerem bebês e que Gabrielle buscava integrar neste momento. Esta possibilidade é interessante, pois, como já mencionamos, a experiência de matar dá à paciente a oportunidade de alcançar uma nova experiência, onde o outro surge como outro, para além do campo subjetivo, questão que implica também na integração do sentimento de amor e ódio. Este tipo de aquisição abre a possibilidade de Gabrielle integrar os sentimentos de amor e ódio pelos pais, o que por sua vez lhe abre a experiência de encontrá-los como pessoas, para além do campo subjetivo.

Gabrielle disse algo sobre entrar no quarto dos pais para fazer o cavalo parar de pisar no milho. Em seguida disse que tinha às vezes permissão para parar o jantar e, com este movimento, Winnicott reconhecia que a menina tinha dado um estatuto real ao que tinha sido comunicado anteriormente por meio do sonho onde ela impedia a relação sexual e também era um cenário que a menina construía no qual também Susan estava excluída. Ela disse que ela e a irmã gostavam de ficar sentadas na cama, mas que por causa disso ficavam cansadas pela manhã. Neste momento, Gabrielle também comenta que o papai era bonito (do mesmo modo que fizera no relato do sonho, quando disse que o cavalo que pisava no milho era bonito, o que confirmava para Winnicott o sentido da comunicação da menina). Winnicott reconhece esse movimento da paciente, tecendo comparações entre a organização dos brinquedos e a experiência onírica que foi narrada.

Winnicott nos conta que neste momento da consulta Gabrielle havia organizado os brinquedos de uma forma diferente, colocando todas as árvores e figuras de pé, dando aos brinquedos uma impressão geral de vida. Aqui vemos como o jogo presentifica o estado de *self* da paciente. Aos poucos ela está podendo integrar a própria vitalidade de si e a sua sexualidade que havia sido perdida na experiência em que a mãe que cuidava foi perdida, experiência que envolve a integração dos sentimentos de amor e ódio.

Winnicott aponta que este era o trabalho fundamental desta sessão e diz para Gabrielle que ela tinha vindo para lhe falar sobre o garanhão que pisa no milho.

Gabrielle reorganizou novamente os brinquedos fazendo uma fila longa e curva de casas e outra fila longa com casas que parecia se dirigir diretamente para dentro da curva. A paciente referia-se a Susan, fazendo uso da irmã para expressar as próprias ideias indesejáveis de destruição. A menina comenta: “*Susan abre as bolsas das mulheres e tira o pós-de-arroz e*

cheira, e ela atrapalha a mamãe, quando ela está se vestindo. É horrível”¹¹⁸. Winnicott responde: “*Faz você ter vontade de atirar nela*”¹¹⁹. Com esta fala, Winnicott está sustentando a ação de Gabrielle de atirar, dando continuidade, ao mesmo tempo, à experiência de a menina se separar de Susan e ao processo de integração do sentimento de amor e ódio. A menina comenta que sua mãe tinha uma estátua bonita.

Aqui, um novo momento ocorre na consulta. Gabrielle pegou um cachorro (que era um carneirinho de brinquedo) e o colocou em pé. Pegou outro cachorro grande e macio (que era um veado) e começou a espremê-lo com o intuito de tirar toda a serragem que havia dentro de sua barriga. Winnicott reconhecia que a paciente estava dando continuidade ao movimento da sessão anterior. Enfiou o dedo no cachorro deliberadamente, puxando o enchimento que caiu no chão. A ansiedade surgia, pois a menina buscou o contato com o pai, dizendo a ele para que não gritasse avisando que estava na hora de ir embora. Havia algo importante em processo. Winnicott pontuou dizendo que ela tinha vindo sem ser chamada e observou que Gabrielle parecia satisfeita como se algo tivesse sido corrigido. Voltou brincar com os animais e outros brinquedos, colocando-os em pé no tapete. Fez referência a um segredo e colocou as mãos entre as pernas.

A referência que Gabrielle faz a um segredo e seu movimento de colocar as mãos entre as pernas é bastante significativa e está relacionada com a ação de conceber a relação sexual entre os pais. É possível aqui vermos com mais clareza como estava ocorrendo uma grande retomada e apropriação da vitalidade da menina. Por meio do jogo e da comunicação que estava sendo realizada, a menina estava podendo conceber um segredo dentro de sua corporeidade. Aqui surge poeticamente a possibilidade originária de Gabrielle gestar um segredo dentro de si, dentro do corpo, condição fundamental para a experiência de acolher a maternidade e de tolerar a ideia dos adultos de conceber e dar a luz a bebês de verdade.

Gabrielle prosseguia brincando, dando novas disposições aos brinquedos, agora de forma mais ordenada, enquanto repetia um *slogan* de TV da época e cantava de modo alegre e descontraído, dando às cantorias o seu próprio ritmo (novamente sinal do resgate da vitalidade da paciente). Enquanto brincava, perguntou a Winnicott se ele poderia ajudá-la, passando-lhe algumas coisas. Disse: “*Ele está fazendo o seu brrrrrrrh (significando fezes)*”¹²⁰. E esvaziou

¹¹⁸ “*Susan opens ladies’ handbags and takes powder out and smells it. And she disturbs mummy when she is dressing. It’s terrible*” (Idem, p. 129)

¹¹⁹ “*It makes you want to shoot her*” (Idem, p. 129)

¹²⁰ “*He is doing his brrrrrrrh (meaning feces).*” (Idem, p. 130)

toda a barriga do veadinho, tirando, tanto quanto pôde, a serragem. Em seguida, surge uma comunicação bastante interessante entre a dupla.

Gabrielle: *Olha ele!*

Winnicott: *Ele fez muito brrrrrrrh na cesta e no tapete.*

Gabrielle: *Desculpa, o senhor se importa?*

Winnicott: *Não.*

Gabrielle: *Cheira mesmo.*

Winnicott: *Você está retirando os segredos dele. Ele ainda tem mais um pouco de brrrrrrrr.*¹²¹

Segundo observou Winnicott em uma nota, esta ação de Gabrielle marcou *o fim da fuga da fantasia intestinal para a ideia dos adultos e sua capacidade de dar a luz a bebês de verdade, isto é, aceitação do que está do lado de dentro, entre o comer e a defecação*. Com esta observação, Winnicott está assinalando que por meio da experiência de jogo a paciente estava integrando a possibilidade de conceber algo como experiência em sua interioridade, de dar a luz. A paciente realiza um jogo com as materialidades dos brinquedos onde ela apresenta poeticamente o momento em que sua interioridade está se tornando um lugar que pode ser acolhimento. Vemos aqui um belo exemplo do que dissemos anteriormente de que a corporeidade está aparentada com a materialidade do mundo. Neste sentido, por exemplo, o útero ou o estômago são recipientes que podem vir a ser lugar de presença humana para alguém. A garganta é um túnel que une dois espaços diferentes do corpo. Durante a alimentação temos de *gestar* o alimento por algum tempo dentro de nossa corporeidade, do mesmo modo que, para dar a luz o mesmo tipo de experiência é necessário. Todavia, há um momento em que a experiência alcança um ciclo e a pessoa precisa expulsar o que habitava dentro de si por X tempo para fora. Para que este processo ocorra é fundamental a experiência de odiar. Para dar a luz, a mãe precisa alcançar a experiência de odiar o bebê, ou seja, poder expulsá-lo para fora em direção a uma nova etapa da vida. Esta experiência implica em tolerar sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Mais uma vez, reconhecemos aqui os três momentos fundamentais do jogo da espátula: hesitação, uso e fim ou, dizendo a mesma coisa de outro modo, nascer, viver e morrer a cada experiência vivida.

¹²¹ “Gabrielle: *Look at him!* Winnicott: *He has done muck brrrrrrrh on the basket and on to the carpet.* Gabrielle: *I’m sorry. Do you mind?* Winnicott: *No.* Gabrielle: *You are taking out his secrets. He still has some more brrrrrh.* (Idem, p. 130)

Neste momento, Winnicott perguntou a Gabrielle se estava na hora de ir e a menina soltou um cheiro horrível. Winnicott disse a ela que soltar um cheiro era revelar segredos. O corpo de faz poesia! Mais uma vez, Winnicott, em uma situação provavelmente difícil com a paciente, intervém sustentando a experiência que está em jogo. Ainda neste jogo, Winnicott conta que Gabrielle pôs um pouco de *brrrrrh* no trator, nos vagões e em todos os lugares. Em seguida, ela pegou todos os brinquedos, juntou-os e fez uma aglomeração. E, Winnicott falou para ela que agora todos os brinquedos estavam em contato uns com os outros e nenhum estava sozinho, reconhecendo que, por meio do trabalho realizado até aquele momento, a menina pode caminhar mais no processo de integração de aspectos fundamentais de si. Antes de ir, Gabrielle disse ao cachorro esvaziado que ele precisava ser bondoso com Winnicott. O analista disse para a paciente que estava na hora de ir. Gabrielle tinha deixado sua boneca na sala, mas voltou para buscá-la e encontrou Winnicott ainda sentado ao chão em meio à confusão que ela fez e que deixou toda para ele.

Nas cartas, a mãe anuncia que Gabrielle gostaria de rever Winnicott e conta que a menina estava frequentando uma escola duas horas e meia por dia e estava adorando. Segundo a mãe, a menina parecia estar bem, mas demonstrava muitas ansiedades. Havia pedido para mamar no seio da mãe várias vezes. Depois de protelar muito, a mãe deixou. Teve um sonho muito ruim e disse que era tão travessa que quando crescesse seria uma ladra e a irmã seria o chefe dos ladrões. Vemos nestes aspectos marcas do trabalho que tinha sido realizado na consulta. Na manhã seguinte ao sonho ruim, perguntou se a mãe tinha um pipi grande e a mãe pergunta de onde ela achava que a mãe tinha conseguido um pipi. Gabriele mencionou algo sobre o pai, mas que parecia ainda um tanto obscuro nas cartas da mãe. A menina perguntou se podia ver o Dr. Winnicott e quando a mãe perguntou se ela achava que Winnicott a ajudava a melhorar, ela respondeu que ele somente a escutava. Ao viajarem, os pais tiveram dificuldades, pois a menina estava em um quarto diferente do deles, interligado por uma porta. Em alguns momentos, Gabrielle parecia triste e quando perguntavam a ela o porquê, ela dizia brevemente que era por causa da mamãe preta. A mãe observava que naquele momento estava ocorrendo conversas e especulações constantes sobre bebês. Todos esses aspectos estavam relacionados com o trabalho que tinha sido realizado até esta consulta e com aquilo que estava por vir. Abordar o ser humano como um fluxo entre o vivido e o que ainda não foi vivido implica em abordá-lo na encruzilhada entre passado, presente e futuro.

Eu sempre sonho que uma coisa gera,
 nunca nada está morto.
 O que não parece vivo, aduba.
 O que parece estático, espera.
 (Prado, 1991)

4.11 – A Décima Primeira Consulta

“De todas as águas claras a poesia é a que menos tarda nos reflexos de suas pontes.

Poesia: vida futura dentro do homem requalificado.” Rene Char

Gabrielle, com três anos e nove meses, foi trazida por seu pai e Winnicott se atentou para o estado em que a menina se encontrava que era o de um deleite tímido (*shy delight*). Winnicott ressalta a diferença deste estado que a menina apresenta em comparação com aquele das primeiras consultas, fortemente marcado pela timidez. O fato de Winnicott estar atento ao estado que a paciente se encontra e como se comunica na sessão é relevante e está assentado em toda a compreensão que o autor tem do ser humano para além de seu aspecto discursivo. Neste caso a situação real da pessoa é fundamental. O analista também chama a atenção para o tom da voz da paciente, que naquele momento estava um tanto fanho e nasalado e foi com este tom que a menina contou que na outra noite tinha acordado e sonhado com um trenzinho. Disse que tinha chamado Susan no quarto ao lado e que a irmã agora parecia entender. Tinha sido o aniversário de dois anos da irmã. Ela continuava brincando com os carrinhos e disse que precisavam de um vagão, pois os trens não andavam sem vagões. Disse que Susan entendia melhor, sugerindo que naquele momento ela entendia melhor do que Winnicott. Vemos aqui como o analista está atento à continuidade do processo, pois esta fala da menina e a intervenção do terapeuta reconhecem ao mesmo tempo um novo lugar que a menina está lhe dando neste momento, ao mesmo tempo em que está em sintonia com aspectos que os pais mencionaram nas cartas, quando a menina afirmou que Winnicott não fazia a menina melhorar, mas só escutava, questão que surge mais claramente no diálogo seguinte:

Gabrielle: Ela não sabe falar.

Winnicott: Seria melhor se eu não falasse?

Gabrielle: Se o senhor ouvisse, isto seria melhor (ela estava dando andamento ao processo de unir as partes do trem).¹²²

Winnicott tinha a intenção de compreender melhor qual o lugar que estava ocupando no jogo e então pergunta se era para ele ouvir ou se era para falar. A menina responde enfaticamente que era para ele ouvir e comentou que ela e Susan às vezes ficavam caladas feito porta. Continuava brincando de encaixar coisas, observando que a locomotiva não encaixava, nem o gancho entrava no aro. Gabrielle queria que o analista a ajudasse com o gancho e ele conseguiu alargar o aro com sua tesourinha. Enquanto Winnicott estava de costas para ela, Gabrielle pegou o copinho de vidro azul que tinha sido tão significativo em outra consulta (na ocasião da experiência orgástica) e, quando o analista virou, viu que a menina estava olhando o mundo através do copinho e ela disse que Winnicott tinha o paletó e o cabelo azul. Winnicott compreendeu que neste momento era possível a menina realizar a transferência do que tinha sentido em relação ao copo para ele, o que implicava em maior identificação com o analista. Gabrielle brincava com os trens, colocou o copinho azul sobre um dos vagões. Organizou quatro conjuntos de trens. Colocava o copinho aos olhos e cantava. Parecia descontraída. Como estamos acompanhando, Winnicott estava sempre atento, ao longo da experiência de jogo, a qual lugar o analisando lhe dava, pois o reconhecimento deste lugar lhe ofertava maior clareza de qual tarefa era preciso ser atravessada e de qual era a comunicação significativa que o paciente buscava alcançar no encontro com o analista.

Gabrielle unia pedaços de trenzinhos a fim de fazer um trem principal. Sussurrava e conversava com ela mesma. Cantava canções infantis e chamou a atenção para o trem que estava comprido. É bonito o modo como Winnicott surge nesse momento. Ele, sem esquecer que neste momento era o ouvinte da menina, perguntou para ela o que ela estava querendo lhe dizer sobre o trem. Winnicott aceitava o jogo e joga do lugar de ouvinte. Gabrielle afirma que o trem era comprido feito uma cobra. Winnicott intervém perguntando se era como uma coisa grande do papai. A paciente respondeu que não e disse que era uma cobra e que as cobras são venenosas e podem picar se ela se movimentasse. Era preciso, portanto, ter cuidado. Ela procurou mais vagões, disse que o trem estava grande e, enquanto isso, cantava. Observa-se como Winnicott apreende o jogo da paciente por meio da forma apresentada pela atividade relacionada à forma de aspectos da corporeidade.

¹²² “Gabrielle: she can’t talk. Winnicott: Would it be better if I didn’t talk? Gabrielle: If you listen, that would be Best (she was in the process of joining up parts of the train)”. (Idem, p. 135)

Gabrielle comentou que Susan não sabia pronunciar direito uma palavra e que por isso era boba. Winnicott intervém dizendo que a menina já tinha tido dois anos também, mas que agora tinha quatro. A menina corrige Winnicott, dizendo que ela tinha três anos e três quartos e em seguida afirma que quer muito ter quatro anos. Em seguida, ela pegou um objeto circular que estava quebrado e continuou brincando e cantando. A menina começou a cantar uma música: *“Bata o bolo, bata o bolo, seu padeiro, bata o bolo para mim muito ligeiro.”*¹²³ Winnicott perguntou para ela por que ela estava com tanta pressa. Gabrielle responde: *“Bem, ele tem que ficar pronto antes da meia-noite, quando todo mundo estiver deitado. Puxa ele e bata ele e faz ele com b. Põe no forno para Susan e pra mim (ele repetia isso, substituindo ‘mamãe’ por ‘Susan’)”*¹²⁴. Winnicott pergunta: *“Talvez as panquecas são os seios da mamãe?”*¹²⁵. Gabrielle comenta: *“Sim (disse-o sem convicção – talvez seria melhor eu ter dito ‘mamás’). Vai soltar? (ela estava tentando colocar alguma coisa na parte final do trem). Não quer pregar.”*¹²⁶. Observa-se como Winnicott tinha a intenção de sustentar o jogo para que a comunicação significativa fosse alcançada, isto fica evidente aqui quando ele observa que talvez fosse melhor usar a linguagem que a menina utilizava a fim de se comunicar com ela. Quando o analista pode utilizar de uma linguagem aparentada com a do paciente, uma linguagem que preserva o seu modo de ser, há a possibilidade de o paciente sentir-se compreendido, pois no modo como cada pessoa faz uso da linguagem está presente um estilo de ser e um modo de organizar o mundo e a si mesmo.

Neste ponto da consulta, sem ter a certeza de que sua compreensão estava correta, o terapeuta compreende que, por meio da brincadeira de fazer bolo e colocá-lo ao forno, a menina está apresentando um modo de ela se relacionar com o seio materno, questão que tinha sido anunciada pela mãe em uma das cartas, quando ela disse que a menina havia pedido para mamar.

Gabrielle brincou de contar, pulando alguns números. Winnicott observou que houve uma espécie de clímax no número oito, relacionado ao comprimento do trem. A menina parecia estar conversando com ela mesma. Esticou o braço para pegar um brinquedo macio, o mesmo que ela havia esvaziado na consulta anterior e, colocando o animalzinho do outro lado dos brinquedos, continuou com os procedimentos de esvaziar o brinquedo, tirando mais uma

¹²³ “*Pat-a-cake, Pat-a-cake. Baker’s man, bake me a cake as fast as you can*” (Idem, p. 138)

¹²⁴ “*Well it has to be ready before nighttime when everyone is in bed. Pull it and pat it and make it with p. put in the oven for Susan and me (this she repeated, substituting mummy for Susan)*” (Idem, p. 138)

¹²⁵ “*Perhaps the pancakes are mummy’s breasts?*” (Idem, p. 138)

¹²⁶ “*Yes (said unconvincingly – perhaps I should have said ‘yams’). Will it come off? (she was trying to fix something at the end of the train. It won’t come on.)*” (Idem, p. 138)

boa porção de enchimento de dentro. A menina fez uma boa confusão no chão com o interior do cachorrinho. E continuava, dizendo que ia fazer mais confusão e que o interior do brinquedo tinha um cheiro gostoso de perfume. Brincava de tirar serragem de dentro com o copinho e disse que naquele dia era aniversário do menino do vizinho. Enquanto isso, havia uma grande confusão no chão. “*Agora tem bagunça em todo lugar (Copinho de vidro no olho). O senhor consegue me ver?*”¹²⁷. Algo caiu no chão e fez um tremor na sala. Gabrielle disse que era para acordar os trens para eles andarem novamente. Ela também estava fazendo referência à viagem de trem que eles tinham feito para ir ao Dr. Winnicott em Londres. Winnicott disse que ela estava dizendo a ele que através dos trens é que as partes formavam Gabrielle e que também era a coisa comprida do papai. Winnicott estava fazendo referência aos aspectos da menina que estavam em processo na consulta.

Gabrielle tinha feito um trem bastante longo, unindo carros e vagões e estava fazendo o trem voltar, do mesmo modo que tinha acontecido na viagem, quando o trem que ela e o pai vinham estava apresentando problemas. A paciente obteve ajuda de Winnicott que a auxiliou a amarrar o trenzinho com barbante a fim de que ela pudesse puxá-lo. A menina comentou algo sobre um pipi grande cortado fora, mas o jogo ainda parecia obscuro. Winnicott compreendeu que aquelas experiências poderiam estar relacionadas a um sonho com trens e arriscou pedir a ela que falasse mais sobre o sonho. “*Puxando um trem comprido; oh, ele sai, faz ele tentar acertar alguma coisa, oh Deus. Agora começa tudo outra vez*”¹²⁸. Winnicott nos conta que ela tinha ajuntado todo o trem fazendo-o desmoronar e fazendo confusão, longe dela mesma e na direção de Winnicott. Este observou que tudo recomeçava no sonho. Deste modo, observa-se que o analista procurava manter interligadas a experiência onírica e a que estava ocorrendo no jogo com as materialidades, sustentando a comunicação que estava em devir em meio aos dois registros experienciais. Este tipo de intervenção possibilitou à paciente transitar entre registros distintos sem perder a experiência de devir de seu *self*. Com esta possibilidade assegurada, Gabrielle narra o seguinte sonho:

Um dia tinha uma bruxa, uma bruxa do mar, uma bruxa mulher, não uma bruxa homem (jogo de palavras); horrível abraçadora-de-bebês. Eu não consigo achar o burquinho para isso passar dentro dele. As mulheres têm dois buracos, um para xixi e outro para bebês (nesse instante, ela pôs um

¹²⁷ “*Now there’s a mess all over. Can you see me (eyeglass to eye)?*” (Idem, p. 139)

¹²⁸ “*Pulling a long train; aw, it comes off, make it try and hit something, oh dear. Now start all over again.* (Idem, p. 140)

trem numa carroça, como se por representação). Pipi do papai dentro de um buraco de moça; olha, saiu (referindo-se à chaminé do trem).¹²⁹

Winnicott estava atento ao fato de que por meio do jogo a menina estava em meio ao processo de integrar aspectos de sua sexualidade, possibilidade que é fruto do resgate de própria vitalidade que a menina realizou anteriormente. Winnicott nos conta que a menina lhe falou de crianças que colocavam pedras na estrada de ferro, de um homem que tinha dado uma batida horrível e que havia meninos levados que adoravam fazer isso. Winnicott levanta a hipótese de a menina estar dramatizando a questão da inveja do pênis e pergunta à paciente se os meninos estavam com inveja do pênis do papai. Ela responde que sim e diz que eram os homens que estavam tentando trabalhar na estrada de ferro, não era o maquinista.

Um aspecto muito interessante que está bastante presente nesta consulta e também nas demais é o modo surpreendente como, em um único momento, a comunicação e a experiência vivida pela paciente na relação com seu analista se dá em diversos registros ao mesmo tempo. Neste trecho, a comunicação que permeia a sessão atravessa o campo onírico, o campo transicional do jogo, o registro verbal, o registro estético em um único instante. Este evento leva-me a refletir que a condição humana é uma pororoca, um encontro de vários tempos e espaços no agora.

Gabrielle prosseguiu manuseando o volante do trator e dizia que ia sentar no banco do trator e assim o fez, apesar de o banco ter apenas dez centímetros de comprimento, segundo Winnicott observou.

“Eu estou dirigindo ele” (o trator estava debaixo dela e próximo do seu “buraco de moça”). Ela fez com que o trator andasse até o D. W. W. “Eu não consigo levantar. Eu levantei ele”. Nesse momento, ela fez um jogo muito rápido, primeiramente colocando o trator acima da posição do meu pênis, e depois subindo rapidamente para o peito (eu sabia que ela vira o seio da mãe recentemente e tivera grande reação). Ela estava fazendo jogo de palavras todo o tempo.¹³⁰

¹²⁹ “One day there was a witch, a sea witch, a woman witch, not a man witch (play on words); baby-hugger-horrible. I can’t find the little hole for this to go through. Women have two holes, one for wee and the other for babies (here she put a train on a horsecart, as if mocking) daddy wee-wee inside a girl hole; look it’s come off! (referring to the funnel of the train)” (Idem, p. 140)

¹³⁰ “I’m driving it” (the tractor was under her, and in proximity with her “girl hole”). She made the tractor go right up to D. W. W. “I can’t get up. I’ve got it up”. Here she did some very quickly up to the breasts and had had a big reaction). She was playing with words all the time” (Idem, p. 141)

Neste momento do jogo, Winnicott é buscado pela paciente que se identifica com o analista. Para que a questão da menina possa ser posta em devir na relação transferencial, torna-se fundamental em todo o processo a presença psicossomática do analista, fenômeno que acontece neste momento onde a menina busca o corpo do analista. Vemos aqui a importância da materialidade do corpo para que ocorra o devir e o processo de integração de aspectos da própria corporeidade da menina. Esta compreensão da situação clínica e do jogo está enraizada na concepção de que o ser humano acontece sempre com o outro na relação. Anteriormente afirmei que a menina se identifica com o analista, no entanto, é mais do que isso. Pelo menos como Winnicott está disponível na consulta, ele permite-se ser *usado* pela paciente. Não se trata aqui de impor procedimentos técnicos que afirmam a necessidade de um distanciamento entre a dupla ou de uma atitude de abstinência por parte do analista, mas da possibilidade da presença que promove o atravessamento das questões humanas e a constituição de aspectos do si mesmo a partir do gesto da paciente.

Gabrielle prosseguiu brincando e dizendo que havia gotas de chuva tamborilando e que ela estava ouvindo um trovão. Em seguida, disse que havia um homem de óculos. Winnicott observou que ele mesmo também estava usando óculos, assim como o homenzinho de brinquedo. Gabrielle disse que o homenzinho era engraçado e Winnicott lhe disse que ela estava rindo dele pelo fato de ele ser um homem com pipi e não com seios. Gabrielle dobrou a figura do homenzinho para trás e pressionou com o dedo o lugar onde deveria estar o seu pênis. Winnicott observou que a menina tinha agora o homenzinho totalmente sob seu poder e, em seguida, ela pediu ao analista para que ele desenhasse na lâmpada elétrica. Winnicott respondeu à paciente, como já fizeram em outras ocasiões, desenhando o que ela tinha pedido. Gabrielle disse algo que estava relacionado com um pipi grande como um seio.

Em seguida a menina perguntava o que era aquilo e Winnicott lhe disse que ela estava com raiva do pipi do homem, pois ele não devia ter isso. Vemos como Winnicott segue sustentando a comunicação fundamental que permeia o jogo na consulta. Ele estava atento à ansiedade que era evidente neste momento e também anota que estava ocorrendo um controle do homenzinho de brinquedo por parte da menina que apresentava uma atitude defensiva relacionada à problemática da função sexual masculina que estava em processo de integração neste momento do processo analítico. Os dizeres de Winnicott abrem mais campo de expressão para Gabrielle, que diz: “*O homem é um grande ladrão; ele é terrível.*”¹³¹

¹³¹ “*The man’s a big robber; he’s horrible*” (Idem, p. 142)

Winnicott prossegue dizendo à menina que ela estava com raiva, pois o homem tinha usado o pipi terrivelmente para fazer bebês. Neste momento, o analista se recordava da ação da menina de esvaziar o cachorrinho de brinquedo. A paciente iniciou um novo jogo, organizando algumas casas em uma fila, criando um quintal entre elas. Aqui, Winnicott reconhecia que já estava na hora da paciente ir embora, porém ela ainda não estava pronta. Mais uma vez, vemos o terapeuta atento à comunicação nodal que precisava ser alcançada na sessão para que a experiência se completasse. Tendo isto em vista, ele pergunta a Gabriele o que ele tinha ouvido na consulta. Com esta pergunta, ele retoma o lugar fundamental que a própria paciente lhe tinha dado no início da sessão, quando disse que Winnicott deveria escutar. Ao perguntar o que ele tinha ouvido, Winnicott abre novamente campo para a paciente expressar-se. Inicialmente a menina conta uma piada que repetia varias vezes para se divertir. Gabrielle ignorava o pedido do analista para que ela fosse embora, pois ela ainda não terminou. Colocou alguns animais no quintal.

Neste momento, Winnicott fez o que considerou a interpretação principal da consulta. Ele disse a ela:

O homem é um ladrão. Ele rouba os seios da mãe. Ele então usa o seio roubado como uma coisa comprida (como o trem), um pipi, que ele coloca no buraco de bebê da moça, e lá dentro ele planta bebês (animais no brinquedo). Assim, ele não se sente tão mal em ser um ladrão.¹³²

Com esta interpretação, Winnicott assinala que a menina estava pronta para ir. Foi buscar o pai e mostrava-se feliz, sem se sentir convencida de que não havia pressa quando o pai lhe disse que teriam de esperar de qualquer modo.

É bonito como nesta intervenção do analista a corporeidade é apresentada poeticamente ao fazer referência ao mundo objetivamente percebido. Em outras palavras, neste momento, no jogo, *o trem é o pênis*. A materialidade das coisas emerge aqui como evento poético paradoxal, pois apresenta a corporeidade diferentemente posicionada no mundo.

É interessante como, por meio do jogo, Winnicott dá estatuto humano ao que surge como algo sem contornos para Gabrielle. O jogo da paciente explicita aquilo que ela pode

¹³² “*The man is a robber. He robs the mother of her breasts. He then uses the stolen breast as a long thing (like the train), a wee-wee, which he puts into the girl’s baby hole, and in there he plants babies (animals in the play). So he doesn’t feel so bad about having been a robber*” (Idem, p. 143)

acessar da questão, ao mesmo tempo em que ela desenha o que ainda é necessário ser alcançado. É neste ponto que Winnicott oferece uma *fala-rabisco* que surge na direção da paciente, emoldurando aquilo que ela está quase alcançando por meio de seu gesto, reconhecendo o sentido da experiência vivida. Este processo possibilita o enriquecimento da experiência da paciente tanto com ela mesma como também com as pessoas significativas de sua vida. Surgem novas possibilidades relacionais, questão que podem ser observadas nas cartas dos pais após as consultas.

O período que permeou esta consulta e a próxima foi conturbado para Winnicott. Era a época do verão de 1965 na Inglaterra, Winnicott assinala que tinha sido um período no qual ele estava tendo muitas exigências, além de ele ter adoecido. Deste modo o espaço entre as consultas foi mais extenso. O contato entre o analista e os pais se Gabrielle foi mantido durante este tempo, incluindo um recado da menina que foi transcrito por sua mãe e enviado ao Dr. Winnicott.

Por meio das cartas, os pais mantinham Winnicott a par do que eles percebiam de Gabrielle, ao mesmo tempo em que, principalmente a mãe da menina, comunicava algumas de suas próprias preocupações em relação a sua filha.

As questões que estavam sendo trabalhadas nas consultas desdobravam-se no cotidiano de Gabrielle. A mãe escreveu ao terapeuta, por exemplo, dizendo que Gabrielle tinha ideias sobre o que é ser menina, perguntava onde era o buraco por onde o bebê entrava e questionava a mãe se ela queria ser um menino. A mãe relatava que sua filha dizia que queria ser um menino, sem saber por qual motivo e dizia que não gostava dos meninos na escola.

Winnicott procurava manter-se em contato com Gabrielle, apesar de naquele momento ele não estar disponível para recebê-la. Diante das preocupações dos pais, principalmente da mãe, Winnicott envia uma carta dizendo:

Não me desespero em absoluto pelo rumo que as coisas estão tomando. As crianças têm realmente que lidar com seus problemas em casa, e não me surpreenderia se Gabrielle achasse um caminho dentro da fase atual. Naturalmente ela pensa em vir ver-me porque já o fez em muitas ocasiões, e eu certamente a verei novamente, embora não o faça no momento.¹³³

¹³³ “*I do not feel absoluteçy in despair about the way things are going. Children do have to find a way through the presente phase. Naturally, she thinks of coming to me because she has done so on so many occasions, and I will certainly see her againd, but not now*” (Idem, p. 145)

Com estas palavras, Winnicott está reconhecendo a possibilidade de Gabrielle atravessar suas dificuldades a partir de sua criatividade e espontaneidade. Diante do envolvimento dos pais com a problemática da filha, Winnicott procura tranquilizá-los de que tudo caminhará ao longo do tempo. Esta perspectiva do analista inglês revela toda a sua compreensão da importância também do ambiente no processo de amadurecimento do ser humano.

Durante este período, Gabrielle dita um bonito recado que ela pede à mãe que envie ao Dr. Winnicott: “*Querido Sr. Winnicott, Querido Sr. Winnicott, Querido Sr. Winnicott, eu espero que o senhor esteja bem (não sei escrever)*”¹³⁴

4.12 – A Décima Segunda Consulta

Winnicott nos conta que estava à porta quando Gabriele chegou com o pai de táxi. A menina tinha quatro anos e um mês. O pai foi direto para a sala de espera e Winnicott disse “Olá” para a paciente. Neste momento surge já algo significativo que se desenrolará por esta consulta. Winnicott observou que a menina fixou os olhos nele antes de entrar na sala onde estavam os brinquedos. Gabrielle tinha trazido uma bolsa de couro bem pesada pendurada pela alça em seu ombro. Antes de sentar-se ao chão para ver os brinquedos, a paciente olhou fixamente para o terapeuta novamente. Novamente, observa-se que Winnicott estava atento à apresentação estética que a paciente fazia. Neste momento ele aguarda, atento ao que Gabrielle procura comunicar com estes gestos. Em sua compreensão da situação clínica, há sempre uma comunicação fundamental pelo qual a paciente pede a consulta. Todo o trabalho visa alcançar essa comunicação significativa com o terapeuta para que novos aspectos da vida da paciente possam ser integrados.

Apanhando um carneirinho de brinquedo, Gabriele diz:

Nós temos um desses lá em casa. Desculpa que nós chegamos tão tarde, mas o trem parou e parou, e parou, e depois a parte de trás do trem incendiou, mas felizmente ninguém ficou ferido (linguagem bem de adulto). E então o trem parou muito muito tempo. Os trens devem andar rápido e não parar, mas o trem parou mesmo.¹³⁵

¹³⁴ “*Dear Mr. Winnicott, Dear Mr. Winnicott, Dear Mr. Winnicott, I hope you are keeping well (I can’t write).*” (Idem, p. 146)

¹³⁵ “*We’ve got one of these at home. I’m sorry we were so late, but the train stopped and stopped and stopped, and then the back of the train caught fire, but luckily no one was hurt (very grown-up language!). and then the*

É interessante o modo como Winnicott estava atento às conquistas maturacionais da paciente. Neste momento, é relevante o modo como a voz da paciente se apresenta, com a utilização de uma linguagem mais adulta para narrar a experiência. Trata-se de uma compreensão da pessoa humana onde o outro é abordado como processo, onde novas aquisições foram alcançadas ao longo do tempo.

Winnicott nos diz que enquanto a menina falava ela unia um trenzinho e depois estava brincando e conversando com ela própria por meio de sussurros. O analista observava que Gabrielle parecia intrigada pelo fato de alguns vagões não terem conexão, questão que ela sussurrava para si mesma.

Winnicott chama a atenção para o fato de ele estar sentado na cadeira pela primeira vez, fazendo anotações, ao invés de estar ao chão. Neste momento, algo que também lhe chamava muito a atenção era a confiança imediata que a menina tinha nele e na situação estabelecida, questão que parecia ser uma boa ilustração da capacidade de estar só na presença de alguém.

A capacidade de estar só¹³⁶, é, na perspectiva de Winnicott, uma das mais valiosas conquistas do amadurecimento humano. Trata-se da possibilidade de estar consigo na presença do outro, sem precisar reconhecer o outro como objeto. Estar só na presença do outro implica na possibilidade de apreciar e compartilhar a experiência de *solitude*, fenômeno humano enraizado em um paradoxo, pois implica fundamentalmente a presença do outro. Ao viver a experiência de estar só na presença do outro, a pessoa pode descobrir-se a partir de uma relação que não envolve a necessidade de respostas às demandas do outro. É uma experiência enraizada na *convivência* e na disponibilidade para *estar com*. Estamos aqui no campo da experiência de comunicação intercorpórea silenciosa.

Está é uma experiência que também envolve a possibilidade de tolerar a ambivalência, aspecto que se encontra habilitado pela paciente. Ela podia estar lá, ao chão, brincando, conversando com ela mesma e sussurrando, ao mesmo tempo em que estava usufruindo da presença de Winnicott, que neste momento observou que a menina pôde encostar o corpo em seu joelho quando se abaixou para pegar alguns brinquedos e fez isso de modo espontâneo,

train stopped for a long long time. Trains are supposed to go fast and not stop, but the trains did stop. (Idem, p. 149)

¹³⁶ Ver o artigo de Winnicott (1952) "The Capacity to be Alone". In: *The Maturation Process and the Facilitating Environment*. London: Karnac Books, 1990.

sem retraimento. Era algo que ela fazia com o pai também. Em alguns momentos, conta o analista, Gabrielle costumava estar de tal modo na consulta que quase se assentava no sapato dele e conversava com ela mesma fazendo ruídos de trem.

Quinze minutos foram vividos desta maneira até que a menina disse “Ufa”, pois estava muito calor. Neste momento ela tinha colocado a cabeça contra o joelho de Winnicott que diante desta ação nada disse. O analista sustentava-se em presença. Era a possibilidade da convivência. Nada precisava ser dito. O terapeuta observava que a bolsa da menina continuava em seu ombro e ela estava sempre apoiando uma das mãos na bolsa ao se levantar. Winnicott observava a bolsa, que poderia ter potencialmente algum sentido para a menina por meio do uso que ela poderia fazer da materialidade. O analista sustentava-se em espera.

No momento seguinte da consulta, Gabrielle fez um quadrado com quatro casas compridas de brinquedo e colocou mais uma no centro. Winnicott reconheceu algo muito importante neste jogo da menina, relacionado com a capacidade de ela ser um *recipiente* e associou isso com o fato de ela trazer uma bolsa para a sessão. É belíssimo este momento do percurso com Gabrielle, pois aqui acompanhamos como a materialidade emerge poeticamente como presentificação das conquistas maturacionais da paciente. A materialidade presentifica no jogo as possibilidades que ela alcançou em seu *self*. Gabrielle podia ser um recipiente, experiência fundamental para todo ser humano. Ser um recipiente é reconhecer-se com contornos, como limites e bordas que fundam um dentro e um fora. É também a possibilidade de acolher a alteridade na própria interioridade, condição fundamental, por exemplo, na experiência de alimentação, de gestação e no encontro com o outro. Vemos mais uma vez como a forma dos objetos surge poeticamente aparentada às formas que fundam a corporeidade. É interessante como inúmeras vezes, no cotidiano, falamos de nós mesmos por meio de imagens que são recipientes. “Estou de saco cheio”, “você me deixa pelas tampas”, “mais uma gota e eu transbordo”, são alguns exemplos de expressões muito frequentes que são usadas nas quais as pessoas se apresentam poeticamente como recipientes que contêm bordas, limites, profundidades.

Neste momento do jogo, Gabrielle tira a bolsa e em seguida o cardigã. Winnicott observava que havia durante todo esse tempo a possibilidade de a paciente roçar em seu joelho, pois ele estava sentado próximo a ela. Gabrielle comentou que estava calor, o que realmente era verdade. Winnicott reconhece sempre as condições ambientais reais presentes no momento da consulta. Gabrielle começou a brincar com pedaços de uma piorra, um dos brinquedos que tinham sido importantes anteriormente. O analista observou que havia surgido aqui o primeiro sinal de ansiedade, apesar de não a ansiedade não ter sido evidente ao longo

de toda a consulta. Winnicott notava que a ansiedade havia surgido no momento em que Gabrielle olhou para ele neste momento enquanto ele escrevia, movimento que retoma o início da consulta. Gabrielle tirou pedacinhos de objetos de um amontoado ao mesmo tempo em que conversava consigo mesma, usando os lábios, mas Winnicott não conseguiu compreender o que ela dizia, exceto quando ela dizia a palavra “brinquedo”. Como temos visto, Winnicott estava aberto à linguagem da corporeidade.

Gabrielle olhou para o analista e sorriu e Winnicott compreendeu que algo estava acontecendo. Ela tinha encontrado a velha lâmpada elétrica que tinha sido tão usada ao longo das consultas. Gabrielle disse: “*Põe uma saia ao redor dela*”. Winnicott amarrou uma papel ao redor da lâmpada e esta era agora uma senhora. Gabrielle colocou-a na estante, à frente da dupla. Eis aqui outro belíssimo acontecimento. A lâmpada é *coisa viva*! Não se trata de um objeto que importa por sua funcionalidade, mas pelo campo de experiência que abre poeticamente. Se nas primeiras sessões, por sua forma arredondada a lâmpada guardava aparentamento com um rosto humano, aqui ela está aparentada como a totalidade da corporeidade humana.

Winnicott não sabe diante de qual fenômeno ele está. Então, ele se arrisca e pergunta se era a mamãe. Gabrielle responde que não e o analista assinala que era uma característica desta paciente que o seu “sim” e o seu “não” tinham um sentido exato na sessão. Observa-se que Winnicott reconhece o estilo da paciente e o momento em que a personalidade da menina está presente. Ela não diz “sim” ou “não” como gesto defensivo ou atuação. É um “sim” ou “não” marcados pela presença dela. Ele pergunta se era nisso que Gabrielle queria se transformar quando crescesse. A menina responde “sim”.

Em seguida, houve mais contato com Winnicott e ele reconheceu que havia ansiedade atuando. Gabrielle esfregava um carrinho e Winnicott reconhecia nesse gesto a expressão da experiência de masturbação da menina, mas neste momento ele não diz nada. A menina brincava, pegou uma figura muito pequena que ela usava como mulher no jogo e disse: “*Essa senhora tá sempre deitada. Ela deita outra vez e outra vez e outra vez.*”¹³⁷ Winnicott pergunta se aquela era a mamãe e Gabrielle responde que era. Winnicott tenta se aproximar da menina, mas ela continua brincando e conversando consigo mesma. Ao brincar com alguns animaizinhos, Winnicott observou que ela introduziu a palavra “preto” ao mencionar um dos animais. “*Preto é nada. O que é isso?*”¹³⁸ Winnicott se arrisca na direção da paciente: “*Preto*

137 “*This lady is always lying down. She lies down again and again and again.*” (Idem, p. 152)

138 “*Black is nothing. What is it?*” (Idem, p. 152)

é aquilo que você não vê?”¹³⁹ Por que Winnicott faz essa pergunta? Ele está tentando reunir elementos presentes na consulta a fim de auxiliar a paciente na direção da comunicação que ela busca alcançar na sessão. É importante lembrarmos que chama grande atenção de Winnicott o olhar que Gabrielle lhe deu no início da consulta. Para o analista o olhar mesmo da paciente era um modo estético de a menina buscar comunicação com o analista. No entanto, tal comunicação precisava ser alcançada por meio do trabalho clínico. Winnicott estava tentando.

Um diálogo acontece entre a dupla. Diante da pergunta de Winnicott, Gabrielle afirma: *“Eu não consigo ver o senhor, porque o senhor é preto”*¹⁴⁰. Em seguida, Winnicott intervém: *“Você quer dizer, então, que eu sou preto quando estou longe e você não consegue me ver? Então, você pede para vir ver-me e você olha bem para mim e eu fico claro ou qualquer outra coisa que não seja preta”*¹⁴¹ Winnicott está procurando trabalhar a comunicação que já estava presente em potencial no início da sessão e que agora está sendo posta em interlocução. Por meio deste assinalamento, Winnicott reconhece o gesto da menina de tornar o terapeuta preto por não conseguir vê-lo quando ele estava longe. Winnicott não está aqui interpretando a ação da paciente apenas como ação defensiva, mas está reconhecendo onde está presente a criatividade da menina nestes momentos quando ele está longe dela. Estava também reconhecendo a necessidade de Gabrielle por mais consultas, pedido o qual Winnicott teve dificuldades em poder atender. Com a pergunta que o analista fez à paciente, ele está procurando se aproximar de qual o sentido da ação dela quando ela olhou fixamente para ele no início da sessão. Ele levanta a hipótese de que, talvez, por meio do gesto de olhá-lo fixamente ele deixe de estar preto e se torne claro ou qualquer coisa que não seja preto, movimento que implicaria em uma transformação da situação existencial de Gabrielle a partir de seu gesto criativo. Gabrielle diz: *“Quando eu vou embora e olho para o senhor, o senhor fica preto, né, Dr. Winnicott?”*¹⁴². Emoldurando o gesto da paciente, Winnicott reapresenta a fala da paciente, reconhecendo o sentido da ação dela: *“Então, depois de certo tempo você tem que me ver para me fazer ficar branco outra vez.”*¹⁴³

Winnicott observava que a menina parecia já ter lidado com a ideia que foi comunicada entre eles e estava tentando fazer uma figurinha ficar em pé num vagão. Neste

139 “Is black what you don’t see?” (Idem, p. 152)

140 “I can’t see you because you are black.” (Idem, p. 152)

141 “Do you mean that when I am away thne I am black and you can’t see me?” (Idem, p. 152-153)

142 “When I go away and look at you you go all black don’t you Dr. Winnicott?” (Idem, p. 153)

143 “So after a time you have to see me so as to bring me white again.” (Idem, p. 153)

momento, Gabrielle tinha batido a cabeça no joelho do analista, que estava entendendo pouco o que estava acontecendo.

A fim de manter a comunicação em marcha, Winnicott retoma o tema que estava sendo trabalhado: *“Se tem um intervalo grande, então você começa a ter preocupações com esta coisa preta que sou eu que fiquei preto, e, então, você não sabe o que é a coisa preta”*¹⁴⁴. Winnicott explicita que estava fazendo referência à mamãe preta e aos objetos pretos presentes nos momentos de ansiedade da paciente. Diante das afirmações do analista, este percebe que a menina responde um “sim” razoavelmente convincente. Winnicott dá continuidade, dizendo: *“Então, quando você veio, você olhou bem para mim para me fazer ficar branco outra vez”*.¹⁴⁵ Gabrielle disse que sim.

Em seguida, Gabrielle começou a incluir a bolsa que estava ao chão como um tema na consulta. *“Eu tenho uma chave na minha bolsa. Está dentro daqui. Espero que esteja lá dentro (e ela apalpava a bolsa para localizá-la) ela destranca a porta. Eu tranco ela pro senhor, se o senhor quiser sair. O senhor não tem chave aqui, né?”*¹⁴⁶. Gabrielle prosseguia tentando fechar o trinco da bolsa e quando conseguiu deu um suspiro que indicava que ela tinha trabalhado muito. Winnicott observava que esse árduo trabalho estava também relacionado a um trabalho da menina contra o conflito que estava surgindo.

Gabrielle voltou para os brinquedos e contemplou uma cesta pequena. Mais um objeto que tinha a forma de um recipiente. Winnicott neste momento não dizia nada, aguardava, atento. Gabrielle achou um cachorrinho (carneirinho de brinquedo) e apertou sua barriga, de modo que tanto ela, como também Winnicott, se lembraram do episódio de consultas anteriores, quando ela fez uma grande bagunça ao tirar o preenchimento da barriga do animalzinho. Gabrielle perguntou ao analista onde estava o cachorro daquela consulta e ele disse que estava dentro do envelope. Com um lápis *crayon* vermelho a paciente coloriu a saia da senhora da lâmpada e adicionou também um chapéu à mesma. Depois, tirou a saia da senhora e começou a pintar a parte de baixo da saia com o lápis, até que a mesma se tornasse vermelha. Winnicott faz associações entre esse movimento e o surgimento em potencial da puberdade, relacionado à questão da menstruação. Com este tipo de associação, observa-se como o analista fazia uma leitura da materialidade do corpo como sendo dotada de um saber que emerge da própria corporeidade.

144 “If there is a long interval, then you begin to get worries about this black thing which was me gone black, and then you don’t know what the black thing is.” Idem, p. 153)

145 “So when you came you had a good look at me to bring me white again”. (Idem, p. 153)

146 “I have got a key in my handbag. It’s in here. I hope it’s in there (and she was feeling for it). It unlocks your door. I lock it for you if you want to go out. You haven’t got a key here, have you?” (Idem, p. 153-154)

Em seguida, recolocou a saia que agora estava vermelha. Gabrielle continuou brincando, e então expressou o que, segundo Winnicott observava, estava em sua mente todo o tempo. Ela perguntou o que acontecia com o cachorro no saco e onde será que ele estava lá dentro. Winnicott sugeriu que ela mesma olhasse e a menina aceitou o convite. Cautelosamente ela examinou o conteúdo do envelope sem tirar o cachorrinho de lá, até que torceu-o e colocou-o de volta no seu lugar debaixo da estante, dizendo: “*O nariz dele soltou; ele perdeu o nariz; um cachorro num saco*”¹⁴⁷. Winnicott diz à paciente que na consulta anterior ela tinha tirado todo o preenchimento do cachorro, espalhando tudo pelo chão. Em seguida, o analista tentou fazer algumas interpretações. “*É um seio se eu sou a mamãe, ou um pipi se eu sou o papai*”¹⁴⁸. Gabrielle respondeu categoricamente que era uma “coisa pipi”. Winnicott afirma: “*Você queria fazer um bebê a partir desta confusão*”¹⁴⁹. A menina afirma positivamente. Winnicott prossegue: “*Mas você não sabe como, exatamente*”¹⁵⁰. Gabrielle responde que não.

Winnicott observou que a menina demonstrava ansiedade. Ela disse que eles iam logo no trem e que tinham deixado Susan em casa e que a irmãzinha podia ficar com muita raiva por eles terem ficado tanto tempo fora. Diante disso, Winnicott intervém:

Então você começou a ficar com um pouco de medo, ao pensar que o papai era só seu no trem, principalmente quando você pensa no que você deseja fazer com ele; porque você quer fazer com o papai o mesmo que você estava me mostrando quando você tirou o enchimento do cachorro. Quando você gosta de mim, você fica com vontade de comer meu pipi (isso se manifestou primeiro no medo da cobra que picava)¹⁵¹

Winnicott arriscava um bom número de interpretações que não tinham por objetivo fundamental revelar o inconsciente, mas possibilitar a comunicação que Gabrielle buscava realizar, o que facilitaria o processo de integração de aspectos, por exemplo, de sua sexualidade, de sua corporeidade, de seus medos que estavam sendo trabalhados no momento.

¹⁴⁷ “*His nose come off; He has lost his nose; a dog in a bag*” (Idem, p. 155)

¹⁴⁸ “*It is a breast if I am mummy, or a wee-wee if I am daddy.*” (Idem, p. 155)

¹⁴⁹ “*You wanted to make a baby out of the mess*” (Idem, p. 155)

¹⁵⁰ “*But you don’t know quite how to.*” (Idem, p. 156)

¹⁵¹ “*You began to be a bit frightened then to think of having daddy all to yourself in the train, especially when you think of what you want to do to him, because you want to do o daddy the same as you were showing me when you took the stuff out of the dog. When you love me it makes you want to eat my wee-wee (this has first turned up in the fear of the biting snake, see above).*” (Idem, p. 156)

Tentando aprofundar a questão com Gabrielle, Winnicott assinala: *“De fato, você estava com um pouco de medo, justamente quando você pensou em comer o que tem dentro do pipi”*¹⁵². Gabrielle afirma que sim e demonstra que estava com calor e cansada. Winnicott prossegue tentando reconhecer o sentido da comunicação de vários modos. Ele disse que a menina ficou com medo de pensar no Winnicott preto que estava lá, mas não podia ser visto, ou de um Winnicott que realmente não estava lá e por isso ela tinha raiva. Em seguida, reconhece o medo da menina de ver o cachorro dentro do envelope, pois o nariz do mesmo estava solto e isto estava relacionado com o gesto dela morder e arrancar o pipi. Também pontuou a questão de Gabrielle sentir raiva de Winnicott, pois ele não podia ser sempre dela (questão também relacionada, como já vimos, à impossibilidade de o analista recebê-la quando ela solicitou). O analista prossegue conversando com a paciente, dizendo-lhe que ela ficava com medo de pensar que quando gostava dele ela arrancava o enchimento de seu pipi.

Gabrielle responde um “sim”. E, neste momento Winnicott faz uma belíssima interpretação-rabisco. Ele diz: *“Se for o seio da mãe, você tira o que tem lá dentro para engordar e crescer; mas, quando é um pipi, você quer realmente ficar com o recheio para transformar em bebês”*¹⁵³. Gabrielle responde: *“Oh! Sim”*¹⁵⁴. Winnicott prossegue reconhecendo agora o sentido da chave que se desvela no jogo com a paciente: *“A chave na sua bolsa é como ter um lugar lá dentro para você guardar o que você tirar de mim, um pipi que é seu para sempre, alguma coisa que possa virar um bebê”*¹⁵⁵.

Com estar belíssimas interpretações-rabiscos Winnicott está tentando ajudar a paciente a poder integrar as inúmeras experiências dela que começaram a surgir desde o momento em que sua vitalidade foi retomada a partir do trabalho realizado nas consultas. É significativo como com suas intervenções Winnicott não está interpretando o inconsciente, ele está emoldurando os sentidos que se desvelam a partir da corporeidade viva de Gabrielle em sua relação de aparentamento com a materialidade viva do mundo. Anteriormente, vimos como Winnicott ressalta a possibilidade alcançada por Gabrielle de ser ela mesma um recipiente. Este tipo de reconhecimento na situação clínica e o trabalho com a materialidade abrem para a menina mais campo expressivo, de modo que ela pode usar a bolsa como veículo facilitador do processo de integração de sua própria corporeidade. A bolsa veicula um sentido que se

¹⁵² “You really were a bit frightened Just then when you thought of eating the inside out of the wee-wee.” (Idem, p. 156)

¹⁵³ “If it’s the mother’s breast, you get the stuff out to get fat and grow, but when it’s a wee-wee you really want to have stuff to make into babies.” (Idem, p. 157)

¹⁵⁴ “Ow! Yes.” (Idem, p. 157)

¹⁵⁵ “The key in your bag is like having a place in you for storing up what you get out of me, a wee-wee that is yours for keeps, something that might become a baby.” (Idem, p. 157)

desvela em sua forma mesmo. O leite materno que emerge do interior do seio assim como o recheio do pipi não são meras substâncias ou representações dos desejos inconscientes da menina. O leite e o recheio do pipi são experiências que desvelam sentidos. Eis um belíssimo exemplo, tão fundamental nas discussões teóricas e clínicas de Winnicott, da importância do aspecto sensível das coisas, questão que ele apresenta, por exemplo, quando assinala que o objeto transicional e também os símbolos são importantes em si, pela experiência que veiculam e não tanto pelos possíveis significados representacionais que podem vir a ter.

Durante esse tempo, Gabrielle permanecia manobrando o cardigã a fim de vesti-lo. Quarenta e cinco minutos haviam passado e a menina estava cansada e disse que naquele momento tudo estava terminado, fala que anunciava o término da consulta. Já vestida com o cardigã, ela se levantou com a mão na bolsa, abriu a mesma, pegou a chave e raspou-a no fecho. Winnicott disse a ela que se ela fosse um homem, ela empurraria o pipi dela para dentro do buraco coberto pela a saia da senhora (a lâmpada que, segundo a menina disse, era ela própria quando crescida). Gabrielle comenta que iria beber suco de laranja no trem e que devia levar um pouco para Susan. Winnicott disse para ela que ela realmente tinha ficado com medo de tê-lo só para ela e de ficar sozinha com ele ou com o pai, pois nestes momentos o pipi podia entrar e fazer bebês e assim ela não precisava mais tirar o enchimento dele, sendo que quando fazia assim ela não se sentia tão mal, mas que ela pensava que Susan ia ficar com ciúmes, pois viver aquilo lhe era tão bom. Com este assinalamento, Winnicott está devolvendo à paciente boa parte do trabalho realizado na consulta. Ele está reconhecendo o medo que foi experienciado por Gabrielle e está também auxiliando a menina a integrar a função sexual masculina e a questão de o bebê vir do homem,

Gabrielle continuou brincando, Winnicott observou que ela primeiro brincou com dois, depois com três e depois com quatro objetos e, por meio deste jogo, ele fez associações com a possibilidade naquele momento de ela conceber a união entre os pais, colocar-se entre eles para uni-los ou separá-los, formando assim um trio, mas ainda parecia demais para ela incluir Susan.

A paciente saiu para ir ao banheiro, deixando a bolsa ao chão em meio aos brinquedos, fechou a porta que tinha sido consertada. Ao voltar, procurou pela chave que finalmente encontrou entre os brinquedos. Experimentou a chave na porta de Winnicott e ele tentou ajudá-la, mas não conseguiu, pois a fechadura estava presa. O analista sugere que ela poderia tentar do outro lado da porta. Chegava a hora de Gabrielle ir. Ela disse que se ela fechasse a porta pelo lado de fora, Winnicott ficaria preso lá dentro. Winnicott reconhece essa fala como um gesto e, portanto, diz que então ele ficaria como a chave dentro da bolsa dela. Gabrielle

pegou a bolsa com a chave bem segura dentro. Winnicott conta que ela fechou a porta usando a chave mágica e disse adeus e continuou a dizer adeus com a porta fechada, enquanto saía com o pai.

Em uma das cartas a mãe de Gabrielle agradece pelo fato de Winnicott ter lhe enviado algumas anotações que ele fez da consulta. Vale a pena lembrar que a mãe se mostrava bastante envolvida com a filha e altamente ansiosa com todo o processo. Winnicott parece levar isto em consideração e a mãe agradece pelo gesto do analista. Nesta mesma carta, a mãe parece perceber que sempre estava ressaltando, em decorrência de sua ansiedade, os aspectos negativos da filha, sem se atentar aos positivos e sem poder encarar a situação como um processo. A mãe agradece também pelo fato de ter sido muito importante Winnicott reconhecer o qual fundamental estava sendo para ela escrever as cartas, o que lhe ajudava a dar contornos aos próprios receios. A mãe assinala que se sentia compreendida e em contato com Winnicott e isso lhe ajudava a lidar com as ansiedades que surgiam no contato com a filha e a buscar um melhor relacionamento com a menina. A mãe ainda relata que suas ansiedades eram muito grandes na época do nascimento de Susan, pois ela tinha tido um irmão de quem se ressentiu muito e que havia nascido quando ela tinha a mesma idade de Gabrielle quando Susan nasceu.

4.13 – A Décima Terceira Consulta

Gabrielle, com quatro anos e três meses, entrou de um modo bastante singular, nos conta Winnicott, de um jeito bastante marcado por timidez. Winnicott estava atento a estes momentos, ao modo como a paciente chegava, pois havia uma comunicação em potencial que se desvelava esteticamente, pela expressão corpórea, pela apresentação da paciente e que em algum momento da consulta poderia se tornar uma comunicação significativa. A menina entrou no consultório, fechou a porta e foi diretamente aos brinquedos. Winnicott continuava sentado, fazendo anotações. Começando a brincar, ela organizou algumas casas de brinquedo de modo especial, colocando-as em duas filas, as pequenas em uma e as grandes em outra. A dupla fez referência a essa organizando como uma fila de adultos e uma fila de crianças, sentido que foi reconhecido pela própria paciente.

A paciente narra um episódio em que Susan tinha caído e cortado o lábio. Disse que a irmã estava jantando e que seu lábio foi mordido e depois foi curado. Winnicott perguntou se ela tinha ficado curada. Gabrielle responde que não e comenta que teve um machucado e que o arranhou por muito tempo. Com esta fala, Winnicott compreende que a paciente

demonstrava que era o oposto de Susan, deixando suas feridas abertas. Winnicott observou que a menina estava falando dele nos diversos lugares que ele ocupava. Tendo isto em vista, Winnicott intervém dizendo para Gabrielle que Susan não tinha vindo lhe ver. Ou seja, com esta fala o analista assegura e reconhece o lugar da menina. É Gabrielle que está ali, ela tem um lugar nele. Winnicott sabia que Gabrielle tinha grande vontade de trazer Susan, mas era fundamental para a paciente ter o analista totalmente para ela e não trazer a irmã.

Gabrielle disse que algo tinha soltado do trem e disse que ela mesma sabia consertar e assim fez. Winnicott emoldura essa ação da menina, dizendo que ela sabia consertar as coisas, de modo que não precisava mais dele para consertá-la. Ele era agora o *Senhor Winnicott* e ele destaca a palavra *senhor* a fim de assinalar que ele não estava ocupando o lugar de terapeuta neste momento. A menina contou algo sobre a viagem até Londres, disse que alguns homens estavam fazendo um conserto no trem. Ela brincava com dois vagões e disse: “*Todos os Cavalos do Rei não conseguiam...*”¹⁵⁶. Winnicott diz a ela: “*Eles não conseguiram consertar o Humpty Dumpty*”¹⁵⁷ fazendo menção a um personagem de Alice no País das Maravilhas. Gabrielle responde: “*Não, porque ele era um ovo*”¹⁵⁸. Em seguida, Winnicott intervém dizendo que ela achava que não podia ser consertada e, o analista reflete posteriormente que tinha dito isto em um momento errado, devia ter aguardado a evolução da comunicação no jogo.

Gabrielle prossegue contando que Susan toda noite quer um ovo, pois os apreciava demais. A paciente disse que ela mesma não gostava de ovos, já Susan gostava tanto que só comia isso. Nesta hora estava com dificuldades com um conserto, não conseguia encontrar um gancho. Havia uma organização diferente de brinquedos, com inúmeros trens, vagões e casas organizados em linha reta e de um modo não obsessivo. Gabrielle disse: “*O gancho soltou desse aqui; ele não é um bobão? Eu estou consertando ele (e ela o fez, com muita habilidade). Eu consigo mesmo colocar ele de novo*”¹⁵⁹. Winnicott intervém: “*Gabrielle também sabe consertar as coisas*”¹⁶⁰. Com esta intervenção, Winnicott está assegurando uma possibilidade que ele reconhece que Gabrielle já alcançou. Ela conta que o pai sabia consertar as coisas e que eles dois são inteligentes, mas a mãe não, de jeito nenhum. Ela conta que tinha feito um trator bonito na escola e fez outro para Susan, mas deixou o brinquedo da irmã

¹⁵⁶ “*All the King’s Horses could not put...*” (Idem, p. 167)

¹⁵⁷ “*They could not mend Humpty Dumpty*” (Idem, p. 167)

¹⁵⁸ “*No, because He was na egg.*” (Idem, p. 167)

¹⁵⁹ “*The hook’s out of the this one; isn’t that a silly-billy? I am mending it (and she did, very skillfully). I really can put it in again.*” (Idem, p. 167)

¹⁶⁰ “*Gabrielle is a mender too*” (Idem, p. 167)

na escola. Contou que o trem veio devagar, mas não parou em todo o caminho até Londres. Repentinamente, Gabrielle notou um vaso grande na prateleira com um desenho chinês e disse que gostava dele. Descreveu os jogos pintados no vaso nos quais as crianças brincavam. Winnicott conta que eles viraram o vaso várias vezes, eles observaram tudo e ela ficou satisfeita.

Cantando, Gabrielle disse que não via Winnicott por muito tempo e por isso estava tímida quando chegou e disse que não ia ver o analista amanhã nem amanhã nem amanhã. Winnicott abre a questão perguntando se ela fica triste com isso. Gabrielle respondeu que gostaria de ver Winnicott todos os dias, mas não podia por causa da escola. Winnicott fez intervenção significativa: *“Você vinha aqui para ser consertada, mas agora você vem porque gosta. Quando você vinha para ser consertada, você vinha, indiferente de ter de ir à escola ou não. Mas agora você vem porque gosta, então você não pode vir tantas vezes. Isso é triste”*¹⁶¹. Com esta intervenção, Winnicott está apresentando as aquisições de Gabrielle ao longo do percurso analítico. Ao longo do tempo, houve transformações significativas a partir das quais a menina ocupou uma nova posição diante de si e de Winnicott. Ela vinha para que ele a auxiliasse a ter algum domínio das situações que ela viveu. Neste momento, Gabrielle tinha conquistado a possibilidade de consertar-se e de vir para visitar Winnicott porque gostava. Tanto é que a menina disse a seguir que quando ela vinha, ela era a visita dele, e quando ele fosse a Oxford, ele seria a visita dela. Winnicott pergunta a Gabrielle se ela tinha algo para ser consertado nela naquela consulta. É belíssima a resposta e a ação da paciente: *“Não, eu não quebro mais. Agora eu quebro as coisas em pedacinhos. Esse parafuso entrou”*¹⁶². Estamos diante de uma ação constitutiva que presentifica a conquista maturacional da menina. Quando ela diz que o parafuso entrou, esta ação está em sintonia com o que ela afirma sobre si mesma, quando diz que ela mesma não quebra mais. O parafuso aparece aqui poeticamente como algo que constrói, que funda, que une e dá firmeza. É a possibilidade de se apropriar do próprio gesto, questão que surge quando ela diz que agora quebra as coisas em pedacinhos, sinal de integração de aspectos da agressividade e da criatividade dela. Winnicott devolve e emoldura a fala da paciente, dizendo a ela que ela tinha consertado sozinha e que agora tinha a possibilidade de consertar-se a si mesma. Gabrielle parecia satisfeita com o encontro e disse que Winnicott era um médico de verdade e era por isso que ele era chamado

¹⁶¹ “You used to come here to be mended, but now you come because you like it. When you come to be mended you came whether you had to go to school or not. But now you just like it, you can’t come so often. This is sad.” (Idem, p. 168-169)

¹⁶² “No, I don’t break any more. Now I break things up into pieces. This screw went in.” (Idem, p. 169)

de Dr. Winnicott. Diante desta afirmação, Winnicott pergunta se ela queria ser consertada ou se tinha vindo apenas por gostar. Com este questionamento, Winnicott estava abrindo o campo para que Gabrielle explicitasse qual era a sua necessidade. Provavelmente lhe chamou a atenção o termo Dr. Winnicott, pois geralmente era assim que a menina se referia a ele quando o buscava como terapeuta. Gabrielle disse que tinha vindo por prazer, para poder brincar mais e disse isso muito positivamente.

A paciente disse que tinha ouvido alguém assobiar e como Winnicott não tinha ouvido ele perguntou a ela se não era ele escrevendo. Ela comentou que alguém estava buzinando lá fora e disse que ela e o pai chegaram cedo e foram dar uma volta, disse também que tinha que comprar um presente para Susan. Ela disse que gostava de Susan e da mamãe. Havia preocupação de ela estar ali e a irmãzinha não. Diante disso, Winnicott assinalou que ali só havia ela e ele e perguntou se a irmã tinha raiva de Gabrielle vir ao encontro dele. Gabrielle continuava brincando e comentou que Susan gostava de vê-la dançar e disse que a irmã tinha dois anos e ela quatro e que no próximo aniversário ela teria cinco e Susan três.

Gabrielle tinha organizado os brinquedos em linhas paralelas, disse que ia ao banheiro e pediu a Winnicott que tomasse conta de tudo e não deixasse o pai entrar. Ao voltar, ela disse que ia ficar um pouco mais do que ficava normalmente. Comentou que assim ela poderia brincar mais se tivesse mais tempo e que não precisava ter pressa. Winnicott disse a ela que às vezes ela ficava com medo de algo e então achava que teria de ir embora de repente. Ela continuava brincando e perguntou se Winnicott concordava em colocar um brinquedo na estante, ao lado de um retrato de uma moça de dezessete anos. Ela pediu para ele não tirar os objetos de lá. Era para Winnicott deixá-los lá. Winnicott responde: “*Até você vir da próxima vez. Você sente que isso dá a você alguma esperança de voltar até mim outra vez*”¹⁶³. Gabrielle responde: “*Para sempre*”¹⁶⁴. Com esta fala, Winnicott compreendeu que o gesto da menina de pedir para que ele deixasse os objetos na prateleira como ela queria, era o modo de Gabrielle expressar sua vontade de voltar na próxima sessão e ao mesmo tempo estava em processo a necessidade de a menina consolidar o lugar que ela ocupava na vida de Winnicott. É bonito como o objeto mesmo que ela escolhe é a materialização da própria presença da paciente.

Ela olhou para o retrato que estava em uma moldura oval e disse: “*Olha, ela está num ovo*”¹⁶⁵. Winnicott continuava emoldurando as falas da paciente, quando disse: “*Se ela não*

¹⁶³ “*Till you come next time. You feel that this gives you some hope of coming to me again.*” (Idem, p. 171)

¹⁶⁴ “*For all the time.*” (Idem, p. 171)

¹⁶⁵ “*Look, she’s in an egg.*” (Idem, p. 171)

tivesse um lugar para ficar, ela seria como Humpty Dumpty e se despedaçaria; mas você tem um lugar aqui, onde você pode ficar”¹⁶⁶. Em seguida, Winnicott contou que a menina lhe deu uma aula sobre ovos. Contou que se alguém quebrasse um ovo sem cozinhá-lo, ele escorreria para todo lugar, mas se alguém o cozinhasse bem e então o quebrasse, então ele só despedaçaria. Winnicott disse: *”Eu ponho um ovo ao redor de Gabrielle, e ela se sente bem*”¹⁶⁷. Essa fala é também muito significativa e bonita, pois está em jogo a possibilidade de Gabrielle assegurar o lugar que tem em Winnicott. Ela conta da irmã que gosta de ovos, surge o retrato com formato oval e então Winnicott utiliza os elementos do jogo criado pela paciente a fim de lhe dar uma moldura, o que é uma intervenção bonita por meio da qual Winnicott faz uma apresentação estética do lugar que Gabrielle tem nele. A moldura surge aparentada com um abraço que reúne e dá lugar ao outro. A moldura é um elemento fundamental na clínica psicanalítica e está presente, por exemplo, quando Winnicott discute o jogo de rabiscos, no qual a folha de papel onde os rabiscos são realizados possui um contorno, assim como a própria situação clínica é uma oferta desta moldura ao paciente. Este contorno se dá pelo tempo e espaço que o analista oferta ao paciente na sessão, pela própria presença psicossomática do terapeuta e também pela presença das coisas, entre elas, por exemplo, o divã, a cadeira, elementos que podem vir a ser um continente para o paciente.

Gabrielle prosseguiu brincando com casas, fazendo uma fila com elas. Depois, apanhou figurinhas de pessoas, árvores e animais e colocou-as em pé no tapete. Ela conversava consigo mesma, estava feliz e satisfeita, usando a imaginação e a criatividade, e de costas para Winnicott, de modo que ele não conseguia ouvir o que ela dizia.

Enquanto brincava, a paciente perguntou de quem era a vez de limpar o banheiro. Winnicott não sabia ao certo se esta pergunta estava relacionada a alguma competição dela com a irmã e então ele aguardou. Ela disse que gostava de limpar o banheiro e continuava brincando e conversando com ela mesma. É interessante que neste momento Winnicott perguntou se ela estava lhe contando um sonho. A experiência do jogo de repente adentra o campo onírico. A menina relata algo que Winnicott não compreende muito bem, apenas estimula a menina a continuar. Parecia algo relacionado à irmã ser muito avarenta. Gabrielle faz comentários sobre o jardim do terraço e sobre o barracão de ferramentas de Winnicott. Pergunta se as flores eram de plástico e o analista responde que eram de verdade. A menina comenta que gosta de plástico e Winnicott pergunta se ela gosta de crianças e animais de

¹⁶⁶ “*If she hadn’t got a place to be she would be like Humpty Dumpty and go to pieces; but you have a place here where you can be.*” (Idem, p. 171)

¹⁶⁷ “*I put an egg round Gabrielle and she feels all right.*” (Idem, p. 171)

plástico ou de verdade e a menina diz que gosta dos de verdade. Esta é uma pergunta interessante, através da qual Winnicott estava tentando se aproximar de qual a experiência que a menina estava tendo com os brinquedos de plástico e também com as pessoas reais.

Gabrielle encontrou uma régua e começou a utilizá-la como um rolo. Em um primeiro momento, o rolo era para abrir massas, então Gabrielle estava sendo uma cozinheira. Winnicott lhe chamou atenção para isso. Aos poucos a ação de rolar se estendeu para todo o consultório e Winnicott compreendia que ela estava tentando expressar na sessão o que acontecia com os inúmeros lugares que ele ocupava. Havia o Winnicott que consertava e que voltava quando ela precisava de conserto, o Winnicott que cozinhava. De repente, Gabrielle interessa-se em saber como Winnicott acendia a lareira e ele vai lá e mostra. Winnicott diz: “*Agora o Winnicott que conserta e o Winnicott que cozinha foram embora, e tem o outro Winnicott que ensina. E então tem o Winnicott que brinca*”¹⁶⁸. Winnicott está reconhecendo junto de Gabrielle os inúmeros lugares e papéis que a menina lhe deu no jogo. E Winnicott apresenta uma nota dizendo que ele não tinha dúvidas de que o mais valioso dos papéis que ele ocupou foi o de brincar, especialmente na experiência em que a menina pôde “estar só na presença dele”. Havia também um outro papel que a paciente se lembrou e que estava relacionado com o uso da cesta de lixo, o que na visão de Winnicott era um modo de ajudar a paciente a livrar-se do que não lhe interessava mais, este era o lugar do Winnicott “Lata de Lixo”.

Winnicott observou que aos poucos Gabrielle desenvolveu um jogo organizado no qual ela rolava a régua de um lado para o outro e se aproximava cada vez mais do analista, de modo que a régua batia em seu joelho, o que indicava um quinto lugar fundamental que ele ocupava para ela. Este jogo estava relacionado com a importância de Winnicott ter podido ser uma pessoa na qual ela batia quando se movimentava o que possibilitava que ela, por meio dessa ação, distinguisse ela e o outro. Mais uma vez, vemos o surgimento da importante questão das fronteiras entre ela e o outro, uma das questões mais fundamentais de todo o processo. Winnicott assinala que no momento em que a régua batia em seu joelho, ele se virava de costas e jogava a fim de lhe dar a satisfação que buscava com o jogo. Em seguida, ela observa que não era possível para uma criança da idade de Gabrielle extrair nenhum significado do jogo a menos que este possa ser jogado e apreciado (*played and enjoyed*). Na tradução para o português encontramos “*a menos que, antes de tudo, haja brinquedo e diversão*” (Winnicott, 1987, p. 153). Considero que este tipo de tradução não é muito

¹⁶⁸ “*Now the mending Winnicott and the cooking Winnicott have gone away and there is another Winnicott, the teaching Winnicott. And then there is the play Winnicott.*” (Idem, p. 175)

adequado, pois o que eram verbos na escrita de Winnicott (*played and enjoyed*) foram transformados em substantivos no português (*brinquedo e diversão*). Com este tipo de tradução perdemos o valor fundamental que Winnicott dava à ação constitutiva para o ser humano. Nunca podemos esquecer que na perspectiva de Winnicott o ser humano é ação, é verbo!

Winnicott assinala ainda que ele considerava um princípio em sua clínica que o analista pudesse permitir a composição do jogo assentado na diversão antes mesmo de usar o mesmo para realizar interpretações. É neste ponto que há um posicionamento bastante diferente de Winnicott em relação à posição de Klein quanto ao brincar na situação clínica. Na posição de Klein o jogo deveria ser interpretado sempre como uma manifestação da destrutividade e das fantasias inconscientes que surgiam no espaço transferencial. Para Winnicott este tipo de posição era equivocada, pois levava inclusive ao rompimento do jogo da criança. Para Winnicott o brincar é importante em si mesmo, como ação que constitui e que abre possibilidades.

Parecia que Gabrielle tinha terminado a lista com os diversos lugares que Winnicott tinha ocupado, mas antes de ir embora surgiu mais um. Ele conta que houve um período em que a menina estava ficando um pouco mais, simplesmente porque gostava de estar com o analista quando não sentia medo e por estar podendo expressar positivamente e de modo pessoal o seu relacionamento com o analista. Ao final, Gabrielle acrescentou o papel de Winnicott ser aquele que guardava as coisas, aquele para quem eventualmente Gabrielle podia deixar sua bagunça. E foi assim que ela saiu, fechando a porta fechando a porta cuidadosamente. Na ocasião, Winnicott abriu a porta, e foi se despedir do pai, pois considerava que era um gesto que devia a ele.

4.14 – A Décima Quarta Consulta

Winnicott permaneceu imóvel à porta quando Gabrielle chegou com o pai, agora com quatro anos e seis meses de idade. O analista observava que ela estava muito satisfeita por ter vindo. Gabrielle aos poucos arrastou-se por trás do pai e entrou na casa, assim despercebida. Foi direto para o consultório e disse “Vou tirar o casaco”. Jogou o casaco ao chão e foi logo pegar os brinquedos. A menina conversava todo o tempo enquanto fazia disposições com os brinquedos. Winnicott observou que ela estava com o nariz congestionado e logo estava tossindo, porém ela se mostrava fisicamente bem.

Gabrielle estava totalmente ocupada ao chão, de costas para o analista, reestabelecendo o elo de ligação entre as sessões anteriores. Ela perguntou a Winnicott se ela estava fazendo as coisas de modo corretamente. Winnicott reflete que ela estava demonstrando uma identificação com o superego. Diante destes acontecimentos, Winnicott responde: “*Sim, eu acho que é, mas você pode fazê-lo como quiser*”¹⁶⁹. Gabrielle tentava estabelecer conexões entre os vagões e então deu algo para que Winnicott consertasse. Enquanto o analista consertava, ela pegou um brinquedo na estante. Era um menininho puxando um trenó com uma garotinha dentro. Gabrielle perguntou: “*Isso é do Natal? É bonito. Funciona?*”¹⁷⁰. Winnicott: “*Ele só funciona, se você imaginá-lo funcionando*”¹⁷¹. É bonito como com esta intervenção, o analista assinala a importância da imaginação da menina como um gesto que dá vida e movimento às coisas.

Em seguida, a menina voltou para buscar o que Winnicott tinha consertado. Agradeceu e disse que ia tirar todos os brinquedos. Puxou tudo e fez uma pilha no chão e, com esse gesto, observava Winnicott, Gabrielle estava renovando o contato com seus velhos amigos. A paciente achou umas cestas e disse que elas estavam com manchas de morango e rapidamente as cestas se tornaram cestas de morango. Ela esvaziou todo o conteúdo da cesta sobre os outros brinquedos.

Gabrielle separou o burro e a carroça de brinquedos que normalmente ficavam na estante. Winnicott perguntou, surpreso, como eles tinham parado ali. Gabrielle se recordou de que eles tinham tirado o brinquedo anteriormente. Gabrielle estava encostada na perna de Winnicott e então perguntou o que tinha acontecido com o cachorro. O analista entregou a ela o envelope contendo os restos do cachorro. A menina olhou dentro do envelope e observou que o brinquedo não tinha sido consertado pelo Winnicott, então ela exclamou que ele era teimoso e que devia mandar consertar o brinquedo. Em seguida, ela apanhou o objeto misterioso, e perguntou o que era aquilo. Winnicott comentou que eles nunca souberam o que era, provavelmente era parte de uma piorra.

A paciente estava sentada no pé de Winnicott e ele comentou sobre ela estar na praia com o pai. O analista observou que foi como se ela sentisse uma ligação com tudo que a praia significava para ela e não conseguia acreditar que não havia sons do mar. Gabrielle pegou um trenzinho, seguia enumerando as rodas e dando-lhe cores. Acariciava amorosamente a locomotiva, colocava-a na boca, esfregava nas coxas e em seguida na cabeça. Este movimento

¹⁶⁹ “*Yes I think so, but you can do it as you like*” (Idem, p. 179)

¹⁷⁰ “*Is this from Christmas? It is pretty. Does it work?*” (Idem, p. 180)

¹⁷¹ “*It only works if you imagine it working.*” (Idem, p. 180)

se transformava em um jogo no qual a locomotiva descia pelo seu rosto e caía ao chão, com um barulho que indicava um clímax. A menina usava o encontro para renovar velhos pormenores dos encontros com Winnicott. Gabrielle pede para Winnicott se ele podia desenhar na lâmpada e diz que aquele objeto era uma lâmpada mesmo. Vemos aqui que a lâmpada ganhou outro estatuto. É interessante como ao longo das consultas a lâmpada e inúmeras outras coisas e brinquedos ganharam estatutos diferentes ao longo do tempo. Não só os objetos, mas também Winnicott foi ocupando inúmeros lugares que abriam possibilidades para a menina. O mais fundamental deste aspecto foi o uso fundamental que a menina pode realizar destes elementos, o que facilitou o processo de integração de si a partir de sua criatividade originária.

Em seguida, houve um diálogo entre a dupla em que Gabrielle perguntou se Winnicott ia à igreja. O terapeuta disse que ia eventualmente e a menina disse que gostaria de ir, mas os pais não gostavam.

Aproximava-se a comunicação fundamental da consulta. Gabrielle lembrou-se de um objeto da sessão anterior e perguntou onde estava a coisa que rola. Era a régua cilíndrica que outro paciente havia deixado. Winnicott lhe deu a régua e ela criou um jogo que tinha raízes com o passado. Terapeuta e paciente ajoelharam-se e ficaram bem próximos um do outro. Gabrielle rolava a régua para Winnicott e vice-versa. Gabrielle rolava a régua para Winnicott e ele estava morto e, em seguida, ela se escondia e então Winnicott voltava a viver e não conseguia encontrá-la. Winnicott conta que fez algum tipo de interpretação. Depois de algum tempo jogando, ocasionalmente era ele quem a matava e estava claro para Winnicott que este jogo envolvia tristeza. Ele conta que se ela o matasse, ao restabelecê-lo ele não podia lembrar-se dela. Ela mostrava isso se escondendo até que Winnicott pudesse encontrá-la e então ele dizia “*Oh, eu me lembro do que é que eu tinha esquecido*”¹⁷². Winnicott assinala que o jogo era bastante prazeroso, mas também envolvia tristeza e ansiedade.

Winnicott estava atento para a característica do jogo, no qual aquele que se escondia deveria deixar uma parte do corpo à mostra a fim de que a agonia de não ser capaz de lembrar-se da pessoa perdida não fosse prolongada ou absoluta, situação que ocorria, segundo observava Winnicott, quando a menina passava muito tempo sem vê-lo. É muito significativo o fato de Winnicott reconhecer que havia neste momento um trabalho sendo realizado na consulta que estava relacionado com a separação e o término do percurso analítico. Gabrielle aproximava-se da possibilidade de *matar* o analista. Vemos como é bastante marcado nessa

¹⁷² “*Oh I remember what it was I had forgotten.*” (Idem, p. 183)

sessão um resgate feito pela menina de alguns brinquedos e coisas que foram significativas em algum momento dos encontros. Neste momento é amplamente presente a importância do brincar na perspectiva de trabalho de Winnicott. Winnicott foi um analista sensível não só ao discurso do paciente, mas fundamentalmente à sua possibilidade de brincar, independente de qual fosse a idade do paciente. Ele costumava afirmar em seus textos que onde o paciente não tinha alcançado a experiência de brincar, o trabalho clínico precisaria estar voltado para a construção dessa possibilidade. O brincar foi por ele compreendido como esta possibilidade de atravessar em companhia e pôr sob algum domínio da criatividade as grandes questões do destino humano, o nascer, o viver, o emergir da corporeidade, o outro que surge, o outro que se vai, a solidão em presença.

Outro aspecto significativo que podemos observar estava relacionado ao qual tipo de experiência o paciente estava vivendo em cada momento da situação. Em alguns momentos, ele estava diante de uma Gabrielle ansiosa; em outros, diante de uma Gabriele agoniada; em outros, diante de uma Gabrielle angustiada, triste, tranquila, etc. A possibilidade de acolher a especificidade de cada um desses momentos é fundamental para a condução do processo analítico, pois cada situação exige do analista um tipo específico de manejo e condução da situação clínica.

Winnicott disse que aos poucos o jogo de matar e ser morto ganhou mais complexidade. Winnicott tinha de rastejar pela parte de trás da escrivaninha onde Gabrielle estava escondida e então havia o encontro entre os dois, até que ficou claro para o analista que por meio do jogo a menina estava brincando com a ideia de nascer. Diante deste tipo de trabalho, temos que a experiência de nascer ocorre fundamentalmente pela presença do outro. Em outras palavras, nascer é ser encontrado pela presença do outro em hospitalidade, questão que Winnicott abordou profundamente em todo o seu trabalho. Winnicott observava que uma das razões pelas quais Gabrielle estava muito feliz, era pelo fato de ela ter Winnicott só para ela. Eis aqui uma conquista maturacional da paciente, pois se lembrarmos do início das consultas, Gabrielle não tinha essa possibilidade de se distinguir de Susan.

Winnicott aceitava o jogo. Ele tinha de se esconder atrás das cortinas e de repente sair de lá bruscamente, movimento que dramatizava a experiência de nascer no jogo. Vemos aqui a materialidade das cortinas aparentadas com o corpo materno que se abre para que o bebê possa nascer. Winnicott tinha de se tornar uma casa para dentro da qual ela se rastejava e rapidamente se tornava maior, de modo que Winnicott tinha de empurrá-la para fora sem conseguir contê-la. O jogo evoluía e, enquanto ele a empurrava para fora, ele disse: *“Eu odeio*

você”¹⁷³. O sentimento de ódio está integrado na experiência vivida pela dupla, o que dá maior profundidade à relação. Odiar é uma experiência fundamental na vida humana, pois possibilita, por exemplo, que o outro seja encontrado como outro e também abre a experiência de livrar-se do outro.

Este jogo era bastante excitante para Gabrielle que um dado momento sentiu dor entre as pernas e então saiu para urinar. Winnicott observou que o clímax do jogo estava relacionado à possibilidade de a menina entrar em contato com a necessidade que tem a mãe de se livrar do bebê quando ele fica grande demais. Havia, também relacionado a isto, um sentimento de tristeza por ela estar se tornando maior e mais velha, o que envolvia maior dificuldade em poder realizar este jogo de estar dentro da mãe e nascer. Durante toda essa consulta estava em processo a elaboração das reações à separação e a preparação para o término da análise.

4.15 – A Décima Quinta Consulta

Com quase cinco anos, Gabrielle chegou com o pai. Segundo Winnicott nos conta, o aspecto da menina era muito bom, ela se mostrava segura de si. Estava ávida e cheia de expectativas. Eles conversaram um pouco sobre as férias e sobre a casa de Winnicott que estava sob os cuidados dos bombeiros. Enquanto o pai ia para a sala de espera, ela foi logo para os brinquedos.

Ainda antes de Winnicott sentar em sua cadeira para fazer anotações, Gabrielle pegou uma parte da piorra velha e disse “*Cachorrinho bonito. Eu tenho quatro anos agora – em agosto (querendo dizer que estava na iminência de completar cinco anos)*”¹⁷⁴. Este comentário apresenta o estado da paciente na consulta, o que estava de acordo com os aspectos positivos que Winnicott observou no modo como ela chegou. Neste momento Winnicott assinala que ele não conseguia fazer uma descrição, pois havia vários detalhes um tanto quanto confusos. Este é um tipo de observação bastante presente nas consultas, onde nestes momentos estava presente um estado de não-integração da paciente. Aos poucos ia ganhando forma a comunicação significativa que eventualmente brotava da confusão. Aos poucos vamos caminhando ao lado de Winnicott e Gabrielle, do caos à integração.

¹⁷³ “*I hate you.*” (Idem, p. 182)

¹⁷⁴ “*Nice doggie’. I’m four now – in August (meaning that she was just coming up for five).*” (Idem, p. 185)

Gabrielle brincava e disse: “*Navios. Minha calcinha está aparecendo. Onde tá o rolo?*”¹⁷⁵. Nesta fala está presente uma das questões importantes da sessão, a possibilidade de Gabrielle exercer a sedução feminina.

Winnicott mostrou para ela a régua cilíndrica que usaram anteriormente e ela disse que aquilo era bom e que fariam novamente o jogo. O analista nos conta que fingiu não saber as regras, e esperou que ela mostrasse como eles deveriam jogar. Aqui Winnicott está abrindo campo de expressão para Gabrielle. Winnicott conta que quando o rolo encostrava em seu joelho, ele caía morto. Depois eles brincaram um pouco do jogo de se esconderem. Winnicott tomava notas do que estava ocorrendo e Gabrielle observou que ele sempre escrevia. Ele disse a ela que fazia anotações para se lembrar dos detalhes do que estava ocorrendo. Comentou com ela que ele se lembrava sem anotar, mas que não conseguia se lembrar de tudo para poder refletir sobre tudo. Mais uma vez, vemos que Winnicott não interpreta o que Gabrielle diz, ele explicita para ela os seus procedimentos. Surge aqui o tema da memória, por meio da qual Winnicott pode se recordar do que foi experienciado no encontro clínico. É interessante que esta mesma questão está sendo também abordada por Gabrielle por meio do jogo em que Winnicott morre e depois ressurgue, eis a questão da memória que preserva o outro vivo apesar da distância que surgia entre eles e apesar da destruição subjetiva do objeto.

Inicialmente, eles brincaram com o jogo de mandar o rolo de lado para o outro, depois do jogo de esconder e, Winnicott nos conta que este jogo se iniciava quando ela lhe matava. Em seguida, era ele quem matava Gabrielle e depois se escondia para que ela o encontrasse. O analista disse à paciente que ela estava lhe mostrando que ela se esquecia dele e ele se esquecia dela quando estavam em férias ou distantes um do outro, mas que sabiam que em algum momento poderiam se encontrar.

Se anteriormente vimos como a memória é fundamental como gesto que possibilita a preservação do outro, Winnicott também valoriza o esquecimento, questão que geralmente aparece nos textos psicanalíticos como mecanismo defensivo ou ligado à destrutividade. No entanto, aqui o esquecimento é valorizado pelo analista como uma possibilidade de manter o *self* vivo e em processo para além da presença do outro, movimento relacionado à importância dada por Winnicott à questão do uso do objeto. Neste sentido recordar e esquecer são conquistas fundamentais para o ser humano. Este assinalamento de Winnicott quanto à possibilidade de eles esquecerem um do outro estava relacionado também, por exemplo, ao pressentimento do fim da análise. Havia o fato de Gabrielle ter saído de férias e após a

¹⁷⁵ “*Ships. My knickers show. Where’s the roller*” (Idem, p. 185)

consulta quem sairia de férias seria o próprio Winnicott. Durante esta época também havia o fato de que Winnicott estava tendo problemas cardíacos já havia alguns anos e nesta época seu adoecimento estava mais intenso.

Gabrielle voltou aos brinquedos e fez algo que Winnicott observou que tinha um aspecto propositalmente sedutor. Ela pegou a lâmpada elétrica com o rosto desenhado e olhou para o terapeuta de um modo significativo e em seguida suspendeu a saia e colocou a lâmpada na calcinha. Vemos que Winnicott não interpreta as questões edípicas apesar de elas estarem presentes. Não é este o seu foco de trabalho. Ele está atento a qual é experiência que esta comunicação veicula. Trata-se de uma experiência importante para a menina, uma conquista de seu percurso maturacional relacionado ao processo de constituição de sua feminilidade. Interpretar seria romper o fluxo experiencial. Mais uma vez a experiência é fundamental em si mesma.

Winnicott disse que o jogo sedutor da paciente parecia um convite de teatro de revista e que este episódio estava permeado de excitação generalizada e o terapeuta desenhou um cachorro a fim de cooperar com ela. Havia uma ação fundamental: a menina queria lhe mostrar o desenho, ação que implicava em um salto na comunicação. Vimos como havia momentos em que a paciente ficava sentada ao chão, brincando ou desenhando, sem solicitar Winnicott, apesar conversando com ela mesma. Neste momento a paciente sente vontade de mostrar o desenho e isto é significativo. Diante disto, por meio do desenho que Winnicott faz, ele abre o campo transicional como possibilidade de comunicação para a paciente. Gabrielle desenhou uma cópia do rosto na lâmpada. E disse: *“Vou mostrar ao senhor o que eu sei desenhar. Raramente coloco orelhas; tem cabelo comprido, muito bonito – olha, eu derramei em cima do outro papel e em cima da mesa. É um pequeno rabisco...”*¹⁷⁶. Winnicott disse que explicou a ela que era como se ela estivesse desenhando um sonho para lhe mostrar. O que significa esta fala de Winnicott?

Até aqui, vimos como o terapeuta vai acompanhando a menina em diversas experiências até que ela decide mostrar-lhe um desenho. Trata-se de um desenho que é importante em si mesmo, pela comunicação que veicula. É por este motivo que a interpretação do possível conteúdo do desenho ou dos significados da ação não é o foco do analista neste momento. Neste gesto da paciente, o desenho atravessa sentidos de realidade. É isto que Winnicott procura assinalar quando poeticamente diz que o desenho era como um sonho que ela queria mostrar e que parte desse sonho tinha transbordado para a vida acordada.

¹⁷⁶ “I’ll show you what I can draw. I hardly do ears; it has long hair, beautiful hair – look I’ve split over on to the other paper, and on to the table. It’s a little scribble.” (Idem, p. 187)

Ou seja, o desenho atravessa sentidos de realidade diferentes. Com este gesto, Gabrielle atravessa o *entremundos*. Em outros momentos vimos que Gabrielle desenhava e brincava em um estado subjetivo, onde tudo era parte de si mesma. Neste momento, ela se surpreende, pois a experiência transborda o campo subjetivo e alcança a realidade compartilhada. Este fenômeno é semelhante ao que ocorria nas consultas terapêuticas, onde de repente algo no jogo ganhava contornos que surpreendiam a dupla e esta surpresa revelava que uma comunicação tinha sido alcançada, adentrando o espaço transicional.

Neste momento, podemos reconhecer que Winnicott está realizando um tipo bastante especial de função especular, onde ele se faz espelho para a menina, reconhecendo aquilo que ela está vivendo no momento, reconhece que ela estava vivendo um sonho e de repente acordou, o sonho derramou para a vida acordada.

Winnicott comenta que tinha a impressão de que era aquilo que Gabrielle desejava, pois logo em seguida ela contou um sonho e parecia que ela tinha vindo para contar-lhe aquele sonho. Eis o belíssimo sonho da paciente:

Eu tive um sonho com o senhor. Eu bati na porta de sua casa. Eu vi o Dr. Winnicott na piscina de sua casa. Então eu mergulhei. Papai me viu na piscina abraçando e beijando o Dr. Winnicott, então ele também mergulhou. Então, mamãe mergulhou, depois Susan e (aqui enumerou todos os outros membros da família, inclusive os quatro avós). Tinha peixes e tudo. Era uma água seca molhada. Nós todos saímos e caminhamos no jardim. Papai desembarcou na praia. Foi um sonho bom.¹⁷⁷

Winnicott conta que sentiu que por meio deste sonho ela tinha trazido tudo na transferência e tinha reorganizado toda sua vida em termos de um relacionamento positivo com a figura subjetiva do analista e seu interior. Trata-se de uma observação complexa que Winnicott faz e que apresenta as diversas características do trabalho realizado. Na piscina que surge no sonho, Gabrielle também pôde reunir os diversos aspectos de si mesma em seu *self*. Ao longo de nosso percurso, vimos que o analista ocupou diversos lugares que Gabrielle lhe dava na experiência de jogo. Ele foi o Winnicott bebê, o Winnicott papai, a mãe, Susan, os

¹⁷⁷ “I had a dream about you. I knocked on the door of your house. I saw Dr. Winnicott in the pool in his garden. So I dived in. daddy saw me in the pool hugging and kissing Dr. Winnicott, so he dived in too. Then mummy dived in, then Susa, and (here she enumerated the others of the family including the four grandparents). There were fishes and everything. It was a dry wet water. We all came out and walked in the garden. Daddy landed on the beach. It was a good dream.” (Idem, p. 187)

bebês que nasciam, Winnicott foi a própria Piggie e também ele mesmo. Por meio deste sonho, Gabrielle mostrava que estava podendo, além de superar as dissociações, reorganizar sua vida. Isto significa que através do uso que ela fez do analista e do *setting*, o que inclui diretamente o uso das materialidades disponíveis e a presença da corporeidade, Gabrielle pôde reorganizar todas as relações que tinha com as pessoas significativas de sua vida em um relacionamento positivo subordinado à criatividade da paciente.

Outro aspecto significativo é de Winnicott ter assinalado que um relacionamento positivo pôde ser alcançado com a figura subjetiva do analista e seu interior. Esta afirmação implica que Winnicott observou que ao longo do processo Gabrielle pôde conceber e usar a própria interioridade do analista como um lugar de experiência, questão que aparece apresentada no sonho quando Gabrielle narra que mergulhou *dentro* da piscina. Como nos mostra Safra (2005b), na perspectiva de Winnicott, falar em interioridade não é a mesma coisa que falar em realidade subjetiva. Quando Gabrielle diz que mergulha *dentro de*, ela está mostrando que pôde ter a experiência de conceber um lugar onde as coisas podem ocorrer, onde seus objetos podem existir dentro da interioridade de Winnicott. Esta experiência lhe ajuda a construir o seu próprio espaço dentro de si, onde sua própria história e experiências podem fluir. Este tipo de experiência é diferente daquela em que a menina dá ao analista um lugar subjetivo.

Winnicott disse para Gabrielle: “*A piscina é aqui nesta sala, onde tudo aconteceu e onde tudo pode acontecer na imaginação*”¹⁷⁸. O campo da imaginação é bastante caro a Winnicott e está relacionado ao espaço potencial onde tudo pode acontecer. A piscina surge como esse lugar onde tudo pode acontecer para Gabrielle. E este é fundamentalmente um lugar paradoxal entre a piscina onírica e a piscina-sala, entre Winnicott e Gabrielle, lugar do *entre*, onde o ser humano se faz poesia!

Winnicott comentou que as mãos de Gabrielle estavam molhadas porque ela estava nadando. Este comentário é belíssimo, pois com ele Winnicott mostra poeticamente que o sonho é corpo em ação abrindo novas experiências. Gabrielle entrou na piscina e se molhou, este é um modo poético de assinalar que uma experiência foi atravessada e vivida, de modo que houve um enriquecimento da experiência de *self* da paciente.

Gabrielle prosseguia dizendo que ia desenhar o que ela sabia na lâmpada. Segundo Winnicott observava, ela se mostrava bem feliz e calma. Tirou todos os brinquedos pequenos e pedaços de brinquedos, enquanto cantava o tema da música “*All Together*”. Todos juntos

¹⁷⁸ “*The pool is here in this room, where everything has happened and where everything imaginatively can happen.*” (Idem, p. 188)

era outro modo de a menina apresentar a mesma questão que surge no sonho, onde ela pôde reunir inúmeros aspectos de si mesma, do mesmo modo que ela estava também reunindo todos os brinquedos e estava integrando as relações que teve com pessoas significativas. A materialidade surge aqui como possibilidade de uma ação que constitui, reunir os brinquedos, reunir aspectos de si na piscina-sala é ação que, a partir da materialidade do mundo, amplia o campo experiencial da paciente. Não se trata de uma projeção do mundo psíquico na materialidade, mas de uma ação que funda o psíquico e que abre o espaço potencial.

A paciente prosseguiu dizendo que estava uma bagunça no chão. Winnicott teve de consertar um gancho e Gabrielle conversou muito enquanto ia usando os brinquedos pouco a pouco. Em seguida, ela pegou a figurinha do pai, e começou a maltratá-la. Winnicott conta que era uma figurinha de aproximadamente oito centímetros e tinha um aspecto muito real e tinha sido feita sobre a base de um limpador de cachimbo.

Gabrielle dizia: “*Eu estou torcendo as pernas dele (etc).*”

Winnicott: Ai! Ai! (como uma interpretação do papel atribuído a mim).

Gabrielle: Eu estou torcendo ele mais – sim – o braço dele agora.

Winnicott: Ai!

Gabrielle: Agora não sobrou nada – ele tá todo torcidinho. Eu vou torcer o senhor mais um pouco. O senhor chora mais.

Winnicott: Ai! Ai! Uiiiiii!

(Winnicott, 1987, p. 164)

Winnicott continua sustentando e jogando do lugar que Gabrielle necessita lhe dar no jogo e comenta que ela estava muito satisfeita. E, em seguida, ela disse: “*Agora não sobrou nada. Tá todo torcidinho, e a perna dele soltou, e agora a cabeça dele soltou, então o senhor não pode chorar. Ninguém gosta do senhor*”¹⁷⁹. Vemos como a questão do esquecimento mais uma vez está operando no jogo. Winnicott responde: “*Então eu nunca vou poder ser de Susan*”¹⁸⁰. Esta intervenção de Winnicott está relacionada ao fato de ele se recordar de que Gabrielle o queria só para ela, mas ao mesmo tempo ela tinha sentimentos ambivalentes pela irmã e se incomodava com o fato de Susan ser muito voraz. Com esta fala, Winnicott novamente assegura o lugar que Gabrielle tem nele.

¹⁷⁹ “*Now there’s nothing left. It’s all twisted up and his leg come off, and now his head has come off, so you can’t cry. I am throwing you right away. Nobody loves you.*” (Idem, p. 189)

¹⁸⁰ “*So Susan can never have me.*” (Idem, p. 189)

Na lateral do texto, Winnicott anota que a menina estava experienciando o ódio pelo ódio mesmo, e ele faz também referência às sessões anteriores, indicando que havia algo que continuava em processo. Trata-se daquela experiência de a menina passar pelo corpo de Winnicott e viver a experiência de nascer do corpo da mãe que lhe expulsa para fora através da experiência de odiar. Ou seja, havia algo em processo e agora o ódio podia ser experienciado pela própria paciente como uma possibilidade de si, condição fundamental para que Gabrielle pudesse livrar-se também do analista. Gabrielle disse em seguida: “*Todo mundo odeia o senhor*”¹⁸¹. Winnicott era um analista que ansiava profundamente ser morto! (*Oh God may I be alive when I die*).

Neste momento, ela pegou uma figurinha de um menino e repetiu a operação, dizendo que estava torcendo as pernas dele. Winnicott diz: “*Então o Winnicott que você inventou era todo seu, e agora ele está todo acabado, e ele nunca vai poder ser de mais ninguém*”¹⁸². Está é uma intervenção complexa que Winnicott faz, pois ela segue em várias direções do trabalho. A questão estava em processo naquele momento. Por isso Winnicott responde que tudo estava acabado e Gabrielle diz que ninguém ia ver o Winnicott de novo. Winnicott prossegue assinalando que ele podia ser o médico de Susan, mas que o Winnicott que Gabrielle tinha inventado estava acabado para sempre. Gabrielle poeticamente afirma: “*Eu fiz o senhor*”¹⁸³. Este é um dizer belíssimo que revela que Gabrielle viveu a experiência de ter criado Winnicott a partir de seu gesto criativo, experiência que lhe auxiliou na reorganização de si mesma. Há dois Winnicotts presentes, o Winnicott real e aquele que Gabrielle criou a partir de sua necessidade, ambos fundamentais para o processo de atravessamento das experiências da menina e com a fala anterior, ambos são reconhecidos e acolhidos como parte da experiência analítica.

Gabrielle prosseguia manuseando os brinquedos e disse que tudo estava azul (blue) que também serve para expressar um tom de tristeza. Ela pegou dois copinhos de loção e olhou o mundo através deles, o que dava-lhe a impressão de estar nadando ou de estar sob a água. Winnicott e Gabrielle franziram os olhos um para o outro e Winnicott ensinou a menina a prender os copinhos no rosto franzindo a face. Com um pouco de treino ela conseguiu. E disse que queria levá-los consigo. Em seguida, conversou sobre fragmentos de cerâmica que encontrou pelas estradas da França. Explorou a lata de *crayons* e achou um tubo de cola Seccotine. Era o que ela queria e era seu último jogo, apesar de ela ainda ter coisas a dizer.

¹⁸¹ “*Everybody hates you.*” (Idem, p. 189)

¹⁸² “*So the Winnicott you invented was all yours and he’s now finished with, and no one else can ever have him.*”

¹⁸³ “*I made you.*” (Idem, p. 190)

Colocou cola em um papel e fez uma moldura quadrangular com a cola e desejou saber quantos pacientes Winnicott ainda ia ver antes das férias. Sem interpretar, o analista apenas respondeu que Gabrielle era a última, antes das férias. Ela também disse que ia fazer cinco anos e que gostaria de ver Winnicott para fazer o tratamento, porém Winnicott observou que ele tinha acabado quando ela ainda tinha quatro anos, e disse: “*Eu gostaria de encerrar com você também, para que eu possa ser todos os outros Winnicotts e não ter de ser este Winnicott que você inventou especialmente para tratamentos*”¹⁸⁴. Com este assinalamento, temos um bom exemplo do ódio sendo usado na contratransferência como uma possibilidade de auxiliar a analisanda a também poder se livrar do analista através da experiência de odiar, o que por sua vez abre o campo de sua experiência de vida para além do analista, do mesmo modo que o ódio materno possibilita o nascimento da criança ou o crescimento geral dos filhos. Não se trata do ódio como sinônimo de destrutividade ou agressividade, é ódio que funda.

Winnicott observou que Gabrielle fazia uma espécie de túmulo ou monumento com a cola comemorando deste modo que Winnicott estava morto e acabado. Mais uma vez, Winnicott aceitou o jogo e pegou um pedaço de papel e nele desenhou uma Gabrielle. Torceu os braços, as pernas e a cabeça e perguntou a ela se doía. Ela disse para ele não fazer cócegas. O ódio permeava o espaço transicional como comunicação entre os dois, revelando a riqueza relacional que havia e a intimidade que foi sendo construída e aprofundada entre os dois. Winnicott observava que a menina ornamentava bastante ao redor da moldura de cola, incluindo a cor vermelha e aquilo era para levar para casa, o que, observou Winnicott, seria bom para Susan. Gabrielle acabou com a cola e o analista ajudou a menina a fazer um buraco no papel para que ela prendesse um barbante e, assim, surgiu uma pipa. Gabrielle disse que precisava ver o pai e deixou a pipa com Winnicott. Ela disse que ia pedir dois azulejos para o pai e em seguida trouxe dois azulejos antigos que o pai tinha comprado. Winnicott abriu o embrulho com os azulejos e admirou-os. Gabrielle prosseguiu explicando tudo o que tinha ocorrido ao pai. “*Ele acabou. Ninguém quer ver o Winnicott. Acabou todo. Eu rasguei ele. Eu fiz isso de presente para Susan. É fedorento, é horrível – eu acabei com o tubo todinho de cola Seccotine. Você vai ter que comprar mais, não sai mais nada*”¹⁸⁵.

¹⁸⁴ “*I’d like to get finished with you, too, so that I could be all the other Winnicotts and not have to be this special treatment Winnicott invented by you.*” (Idem, p. 191)

¹⁸⁵ “*He is used up. Nobody wants to see Winnicott. Used all up. I tore it up. I have made this as a present for Susan. It’s smelly, it’s horrible – I’ve used the Seccotine right up. You’ll have to buy some more. No more will come.*” (Idem, p. 192)

Winnicott compreendia que a paciente estava fazendo um gesto que tinha relação com a elaboração imaginativa da analidade, o que implicava em fazer de Winnicott um bolo de fezes. Neste momento, a destruição de Winnicott ocorre neste registro da elaboração imaginativa por meio das fezes. Winnicott estava atento a qual o registro em que a experiência estava ocorrendo, o que lhe permitia trabalhar adequadamente com a menina. É interessante que a própria construção de Gabrielle surge aparentada com um aspecto da corporeidade. A digestão é também este processo em que ela pode digerir e se apropriar da experiência vivida com o analista e agora este tinha virado um enorme e fedido bolo de fezes. Diante disto, Winnicott reconhece que a menina tinha vindo realmente para liquidar com ele em todos os sentidos. Neste momento, Gabrielle disse: “*Sim, para acabar com o senhor*”¹⁸⁶. Winnicott assinala para ela que se ele fosse visitar a casa dela e se visse Susan, ele seria um Winnicott diferente daquele que ela tinha inventado e que era todo seu, pois este Winnicott estava acabado agora. Gabrielle disse que a cola tinha acabado e que Winnicott estava em pedacinhos e que ela estava feliz de não ver o Winnicott se ele fedia e era grudento. Disse que se ele a visitasse, ela diria que o homem grudento tinha chegado e que eles fugiriam. E, foi assim que ela encerrou. Disse que ia se lavar e que voltaria para ver o analista. E assim ela saiu com o pai, arrastando a pipa pesada, molhada e pegajosa e, tentando fazê-la voar.

4.16 – A Décima Sexta Consulta

*A essência do brincar não é um ‘fazer como se’,
mas um ‘fazer sempre de novo’,
transformação da experiência mais comovente em hábito.*
Walter Benjamin

Winnicott inicia a narrativa desta última consulta assinalando que Gabrielle estava com cinco anos e dois meses e que tinha sido uma consulta diferente das demais, dando-lhe a impressão de que tinha sido uma visita de um amigo a outro amigo.

A hora que eles passaram juntos foi dividida em três partes, sendo a primeira a mais importante. A dupla permaneceu durante vinte e cinco minutos brincando com o conhecido jogo com a régua cilíndrica. Gabrielle brincou sem grande excitação, mas com a intensidade própria de uma menina de sua idade. Quando a régua atingia o joelho de Winnicott, ele

¹⁸⁶ “*Yes, to finish you off.*” (Idem, p. 192)

morria. E quando ele estava morto, ela se escondia. Às vezes, era ela quem morria. A essa altura, eles já conheciam muito bem o jogo. Eles prosseguiram jogando até que ficou satisfeita e então começou a segunda parte do encontro.

Winnicott permanecia em sua cadeira, fazendo anotações e ela sentada ao chão, sozinha na presença dele. Ela brincava e só eventualmente deixava claro que Winnicott precisava ouvir. Ela perguntou onde estava o cachorro e Winnicott encontrou o envelope. Ela contou tudo sobre o buraco que existia no cachorro e explorava-o com o dedo. Esvaziou o balde e tirou todos os brinquedos. Tirou um trenzinho enquanto conversava com ela mesma. Disse que tinha feito um trem comprido, mas estava apenas se lembrando das consultas anteriores. Eis aqui novamente a importância da memória que possibilita que as experiências significativas encontrem um lugar seguro. Este tipo de situação nos mostra que a materialidade do mundo também possibilita o resgate e a preservação da memória dos encontros significativos.

Neste momento, o jogo não tinha a finalidade de ser uma comunicação, observou Winnicott. E então ele disse a ela que ela estava se lembrando do que os trens significavam para ela quando ela era a pequena Piggie ao invés de uma Gabrielle grande. Winnicott reconhece aqui que Gabrielle agora estava crescida e já não era mais a pequena Piggie que ele tinha recebido anos atrás. Ela havia experienciado a transformação de si. Gabrielle pôde tornar-se ela mesma devir, passagem. As experiências vividas por ela puderam ser integradas e acolhidas criativamente. João Guimarães Rosa, provavelmente gostaria de encontrar Gabrielle assim, *sendo travessia!*

Eles continuaram brincando um pouco com rolo compressor e o jogo de esconder. Depois, encontraram livros e brincaram de contar estórias. Eles conversavam e a palavra “preto” apareceu em uma das estórias. Winnicott lembrou Gabrielle da mãe preta e disse que ela estava com vergonha de lhe dizer as coisas que pensava. Gabrielle concordou, mas sem muito entusiasmo. Winnicott prosseguiu, dizendo: “*Eu sei quando você está realmente com vergonha; é quando você quer me dizer que gosta de mim*”¹⁸⁷. E então ela foi bastante positiva em seu assentimento. Este diálogo é bastante bonito e emoldura o trabalho que foi realizado ao longo das consultas, de modo que Winnicott e Gabrielle puderam ter um encontro significativo assentado na amizade como esta possibilidade de acolher os desafios que atravessam o destino humano. Winnicott nos conta que já era hora de ela ir e que a paciente foi buscar o pai. Não havia nenhum sinal aparente de decepção por algo que não

¹⁸⁷ “*I know when you are really shy, and that is when you want to tell me that you love me.*” (Idem, p. 198)

tivesse feito e ela mostrava-se natural ao dizer adeus. Para Winnicott, ela parecia uma menina de cinco anos realmente normal e natural em termos psiquiátricos.

É bastante significativo o fato de que os pais de Gabrielle escreveram o posfácio do livro com as anotações do caso Piggie. Neste relato, eles afirmam o quão fundamental foi a experiência terem participado de todo o percurso, o que, segundo eles, ajudou-os a não se sentirem ignorados, o que algumas vezes poderia dar espaço para sentimentos de rivalidade e competição dos pais para com o analista ou uma possível atitude de retraimento para com a criança, o que poderia romper o relacionamento vivo entre os pais e Gabrielle.

Os pais reconheciam que havia algum risco de mistura não profissional com o analista, fato que não ocorreu pela longa experiência que Winnicott tinha e pelo seu profundo conhecimento enraizado em sua espontaneidade.

Para eles era surpreendente como Gabrielle retomava o fio condutor entre as consultas, dando continuidade ao processo como se o tempo não tivesse passado entre uma sessão e a outra. O fator tempo é fundamental no trabalho realizado por Winnicott. Ao falarmos da temporalidade, não se trata aqui daquele tempo do relógio onde tudo está de algum modo datado. Trata-se do tempo da ação humana criativa que constitui. É por meio deste gesto criativo que emerge da necessidade de comunicação de Gabrielle com o analista que ela podia solicitar a próxima sessão.

Os pais alertam também para o fato de que quando não há a possibilidade de o tratamento ser conduzido segundo a demanda as conseqüências podem ser bastante sérias, questão que ocorreu entre a décima primeira e a décima segunda consulta, quando Winnicott não teve condições de acolher a solicitação de Gabrielle.

Na época, quando o prefácio foi escrito pelos pais, em 1975, eles contam que Gabrielle era uma moça espontânea e se tornou membro ativo de um grupo de colegas na escola. Os pais tinham a impressão de que ela tinha recuperado o equilíbrio que havia perdido antes de ter iniciado o tratamento. Eles contam também que a menina teve problemas de aprendizagem aos oito anos, mostrava-se entediada na escola e teve dificuldades para aprender a ler. Gabrielle parecia, na visão dos pais, uma moça mais caseira e tinha inspirações de ser professora de biologia, sendo que um de seus *hobbies* era cultivar plantas de interiores.

Os pais consideravam que a experiência com Winnicott foi muito gratificante para Gabrielle e que os efeitos destes encontros continuavam atuando profundamente nela a partir de seus valores, independência de julgamento e a partir do modo como ela passou a ter contato com as pessoas em seu convívio, apesar de ela pouco comentar algo sobre a experiência analítica após o término da mesma.

Tempos depois Gabrielle recebeu de um visitante a triste notícia da morte de Winnicott. Os pais sublinham o fato de Winnicott ter preparado Gabrielle para a possibilidade de sua morte, movimento que ele também tinha com os seus próprios amigos.

Os pais relatam que chamava a atenção de Gabrielle a ação de Winnicott de tomar notas nas sessões. A paciente achava que ele estava escrevendo sua autobiografia e que ela tinha um lugar nele. Gabrielle dizia que Winnicott costumava escrever e ela costumava brincar. Este assinalamento nos mostra que a menina encontrou profunda interlocução com Winnicott. E, mais do que ter encontrado interlocução, ela viveu profundamente a **experiência de lugar com o analista**, condição fundamental para o estabelecimento de si e para o atravessamento das questões que ela portava.

EXISTE É HOMEM HUMANO. TRAVESSIA.

João Guimarães Rosa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Entrar na Academia já entrei
mas ninguém me explica por que essa torneira
aberta
neste silêncio da noite
parece poesia jorrando...*
Manoel de Barros

O poeta só tem lugar na guarda das nascentes. Na desmedida da amizade.
Juliano Garcia Pessanha

Chegamos à última etapa deste trabalho. Como afirmei no início, esta investigação nasceu de muitos encontros com pessoas, situações e autores. Meu interesse pelos fenômenos da materialidade nasceu em mim muito antes do interesse que tive de realizar uma pesquisa acadêmica. Começou com alguns encontros que me ofertaram a experiência de encanto diante da vida e das coisas e também de um certo incômodo com algumas características presentes no modo como a Psicologia e a Psicanálise estavam sendo apresentadas para mim.

O percurso realizado nesta dissertação, incluindo o fôlego necessário para atravessá-lo, me surpreendeu! Este trabalho me ajudou a reconhecer que há dificuldades próprias no processo de tentar construir um fazer clínico e um modo de viver enraizado em uma posição de reverência à materialidade do mundo. É difícil, pois implica em uma construção que desconstrói!

Reconhecer o valor fundamental da materialidade das coisas implica em podermos ocupar um lugar mais humilde diante dos fenômenos vividos, processo que por sua vez implica em uma desconstrução constante de si mesmo diante do reconhecimento de que o ser humano não é dono da materialidade do mundo. Ele é interpelado pelas coisas, mas não possui. É neste sentido que os fenômenos da materialidade se revelam como poesia para o Homem. Poesia é este evento que transborda as tentativas de domínio pela racionalidade.

A posição fundamental diante dos fenômenos da materialidade é do da **disponibilidade**, questão importantíssima diante das coisas e também no encontro com o outro.

Encontrei na obra de Winnicott uma interlocução fecunda para adentrar os fenômenos da materialidade a fim de investigá-los de um modo mais profundo e rigoroso. O percurso ao lado do psicanalista inglês e sua paciente Gabrielle (a pequena *Piggle*) ensinou-me muito sobre a situação humana e sobre o lugar da materialidade na situação clínica. O caso *Piggle* possibilitou adentrar a complexidade destes fenômenos reconhecendo-os como fundamentais para que a situação clínica e o cotidiano possam estar contemplados eticamente. Trata-se de um empenho para fundar uma clínica enraizada na presença viva do analista em disponibilidade para o paciente.

Aprecio muito um trecho onde Winnicott discute a experiência que o bebê humano eventualmente encontra de estar só na presença do outro. neste texto, ele nos diz o seguinte:

Agora, se estou certo no que concerne a este paradoxo, é interessante examinar a natureza do relacionamento da criança com a mãe, que para os propósitos deste estudo chamei de relacionamento com o ego. Ver-se-á que atribuo grande importância a esse relacionamento, porque considero que ele é o substrato de que a amizade é feita. Pode ser que venha a ser também a matriz da transferência. (Winnicott, 1958/1983, p. 35)

Este trecho chama a minha atenção pelo fato de Winnicott apontar o que ele denomina de *amizade* como matriz da transferência. Considero esta uma questão importantíssima de compreendermos. Winnicott está abordando a amizade como este estado de disponibilidade diante do outro, aspecto que ele considera fundamental na relação mãe-bebê. Todavia, penso que este aspecto não é fundamental apenas na relação mãe-bebê, mas é fundamental também diante das coisas. A partir das contribuições de Winnicott e dos poetas é fundamental uma posição de **amizade pelas coisas**. Esta é a posição fundamental diante dos fenômenos da materialidade, onde cada coisa possui uma dignidade pelo seu modo de ser, por sua forma constitutiva e pela experiência que abre para o ser humano em sua possibilidade de agir e em sua corporeidade. Neste sentido, podemos dizer, em diálogo com William Blake, que **tudo o que vive é sagrado!**

A postura clínica de Winnicott diante dos fenômenos da materialidade e do ser humano está enraizada no que denomino de *disponibilidade poética*, condição fundamental para que a materialidade possa ser acolhida como um evento que eclode na corporeidade humana. Trata-se, em meu modo de ver, também de uma postura de resistência às fraturas éticas presentes em nosso tempo. Entre elas, está o fato de que na atualidade, com frequência,

as coisas sem encontram reduzidas a um produto funcional ou são oferecidas como um objeto de consumo. Neste tipo de abordagem, a materialidade não mais emerge como um encontro poético entre as coisas e o homem, mas se torna capturada pela imanência do mundo, questão amplamente discutida também por Safra (2004, 2005b). Neste sentido, defendo a posição de que a materialidade não pode ser abordada como um conceito.

A materialidade, a partir do diálogo com Winnicott, é importante em si mesma, pela experiência que possibilita. Não se trata, portanto, de abordar estes fenômenos como se fossem secundários à experiência psíquica. Winnicott é um autor que compreende o ser humano sempre no mundo, de modo que a emergência do psíquico ocorre em meio à materialidade. Quando apresentei o jogo de espátulas, ressalttei que Winnicott assinalava que quando a criança podia através os três momentos da consulta, ela já não era mais a mesma a partir da experiência que viveu. Neste tipo de situação está presente a compreensão de que o ser humano é ação em meio às coisas, questão que dá à corporeidade um lugar primordial.

Vimos como em Winnicott as formas das coisas estão aparentadas com a corporeidade, de modo que de repente, uma vasilha surge poeticamente como um útero ou um estômago que possibilita a experiência de continente. O corpo é, portanto, lugar de poesia!

De modo que, a ação humana é compreendida não como uma representação do mundo psíquico, mas, ao agir em meio à materialidade do mundo, o ser humano abre novas possibilidades de ser em direção ao futuro.

Para finalizar deixo o leitor com o poema de Rabindrath Tagore, poeta que Winnicott apreciava profundamente:

NA PRAIA

Na praia dos mundos sem fim as crianças se reúnem. O céu infinito paira sobre suas cabeças, e a água inquieta marulha. Na praia dos mundos sem fim as crianças se reúnem, gritando e dançando.

Elas constroem suas casas com areia e brincam com as conchas vazias. Com folhas secas fazem seus barquinhos e, sorrindo, colocam-nos a flutuar na vastidão profunda. As crianças brincam na praia dos mundos.

Elas não sabem nadar nem lançar redes. Os pescadores de perolas mergulham em busca de perolas, os mercadores velejam em seus navios e,

enquanto isso, as crianças apanham pedrinhas e depois de novo as atiram. Não procuraram tesouros escondidos, nem sabem lançar redes.

O mar se encapela, gargalhando, e a praia brilha, pálida e sorridente. As ondas assassinas cantam baladas sem nexos para crianças, como a mãe que embala seu filhinho no berço. O mar brinca com as crianças, e a praia brilha, pálida e sorridente.

Na praia dos mundos sem fim as crianças se reúnem. A tempestade ronda pelo céu sem caminhos, os navios naufragam no mar sem rotas, a morte está à solta, e as crianças brincam. Na praia dos mundos sem fim as crianças sem reúnem para a grande festa.

(Poema 2 do livro *A Lua Crescente*. In: *Poesia Mística*, Paulus, 2003, p. 220.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, Jam. (1999). “**Squiggles, Clows and Catherine Wheels**”. In: *Natureza Humana: Revista internacional de filosofia e práticas clínicas*. V. 1, n. 1. São Paulo: EDUSC, 1999.

AIELLO-VAISBERG, T.M.J. “**O Ser e o Fazer**”, *Viver Mente & Cérebro: Coleção Memória da Psicanálise*, v. 5, II. São Paulo: Ediouro, 2005.

_____. **Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

_____. **O livro das ignoranças**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Poemas concebidos sem pecado**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. “**O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**”. In: *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BLAKE, William. **O matrimonio do céu e do inferno e O livro de Thel**. Tradução José Antonio Arantes. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

BLANCHOT, Maurice.

BLEICHER, Josef. (1980). **Hermenêutica Contemporânea**. Lisboa:Edições 70, 2002.

CAMPOS, Augusto de. **Poesia Russa Moderna**. Traduções de Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHAR, René. **O nu perdido e outros poemas**. Iluminuras: São Paulo, 1995.

CLARK. Lygia. **Lygia Clark**. Espanhã: Fundacion Taipies, 2008.

DAVIS, Madeleine. **Limite e Espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott**. Tradução de Eva Nick. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

FREUD, Sigmund. (1933). **Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis - la feminidad**. In *Obras completas de Sigmund Freud* (v. 3, 3ª ed.). Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

GADAMER, Hans-Georg. (1977). **Philosophical Hermeneutics**. 2. ed. Trans. and ed. by David Linge. Berkeley: University of California Press, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. (1960). **Verdade e Método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

GREEN, André. “O outro e a experiência de *self* (prefácio). In: KHAN, Masud. *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Tradução de Gloria Vaz. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

HEIDEGGER, Martin. (1951). “**A Coisa**”. In: *Ensaio e Conferencias*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Maria Sá Cavalcante Schuback. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2006

_____. (1954). **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

KHAN, Massud. “**Introdução**”. In: Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas. Uma introdução de Masud Khan. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

_____. **Quando a primavera chegar: despertares em psicanálise clínica**. Tradução de Claudia StarzynskiBacci. São Paulo: Escuta, 1991.

_____. “**O Segredo como Espaço Potencial**” In: Locura y Soledad: entre La teoria y La prática psicoanalítica. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1991.

_____. (1963). “**Silêncio como comunicação**”. In: Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos. Tradução de Gloria Vaz. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. Sob a direção de Daniel Lagache. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. (1988) **Ética e Infinito**, Edições 70, Lisboa.

MECCA, Renata C. Experiência estética na terapia ocupacional em saúde mental: gestos na matéria sensível e alojamento no mundo humano (dissertação). São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2008. 263 p.

MOOSBURGER, Laura de Borba. “**A Origem da Obra de Arte**” de **Martin Heidegger: Tradução, Comentário e Notas**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Paraná, 2007.

NOVALIS. **Fragments de Novalis**. Seleção, tradução e desenhos de Rui Chafes. Lisboa: Assírio e Alvim, 2. ed., 2000.

OLTEIRAL, José. **Viver Criativo e Fenômenos Curativos**. Rabisco Revista de Psicanálise, v. 02, p. 132-136, 2012.

PALMER, Richard. (1969). **Hermenêutica**. Lisboa, Edições 70, 1999.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Instabilidade Perpétua**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

RILKE, Rainer Maria. (1922). “Sonetos a Orfeu”. In: CAMPOS, Augusto de. **Coisas e anjos de Rilke**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke**. Organização Ulrich Baer; tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

SAFRA, Gilberto. **A Clínica em Winnicott**. In: Natureza Humana: Revista internacional de filosofia e práticas clínicas. V. 1, n. 1. São Paulo: EDUSC, 1999.

_____. **A Face estética do self: teoria e clínica**. Aparecida, SP: Ideias e Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2005a.

_____. **A Po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

_____. **Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006a.

_____. **Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006b.

_____. **O Imaginário na Situação Clínica.** São Paulo: Edições Sobornost, 2008. (curso disponível em DVD)

_____. **O Pensamento de Winnicott.** São Paulo: Edições Sobornost, 2008. (curso disponível em DVD)

_____. **Revisitando Piggle: Um caso de Psicanálise Segundo a Demanda.** São Paulo: Edições Sobornost, 2005b.

TAGORE, Rabindranath. **Poesia Mística,** Paulus, 2003

WEIL, Simone. **O Enraizamento.** Bauru, SP: EDUSC, 2001

WINNICOTT, Clare. (1978). **D.W.W.: Uma Reflexão por Clare Winnicott.** In: Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994.

WINNICOTT, Donald Woods. (1951). **“Objetos transicionais e fenômenos transicionais”.** In: Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas. Uma introdução de Masud Khan. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

(1958a). **“Psycho-Analysis and the Sense of Guilt”.** In: WINNICOTT, Donald Woods. The Maturational Process and the Facilitating Environment. London: Karnac Books, 1990.

_____. (1958b). **“The Capacity to Be Alone”.** In: WINNICOTT, Donald Woods. The Maturational Process and the Facilitating Environment. London: Karnac Books, 1990.

_____. (1970). **The Cure.** In: **Home is where we star from.** Great Britain, Penguin Books, 1986.

_____. (1971a). **Playing and Reality.** Londres: Tavistok.

_____. (1971b). **Therapeutic Consultations in Child Psychiatry.** London, Karnac Books, 1984.

_____. (1963). “**Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos**”. In: O Ambiente e os processos de maturação; estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Artmed, 1983.

_____. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.